INTRUSOS

INTRUDERS

UM ESTUDO SOBRE O RAPTO DE PESSOAS POR ALIENÍGENAS

BUDD HOPKINS

INCLUI FOTOS E DESENHOS

INTRUSOS

INTRUDERS

UM ESTUDO SOBRE O RAPTO DE PESSOAS POR ALIENÍGENAS

BUDD HOPKINS

TRADUÇÃO DE
REINALDO GUARANY

Sumário

Este livro é dedicado à memória de J. Allen Hynek

Contracapa

O caso de Kathie Davis, ocorrido em 30 de junho de 1983, deve ser visto como um dos mais importantes relatos de rapto da literatura OVNI, por uma razão bem concreta: as provas físicas desse caso, como as marcas da "trilha de aterrissagem" na propriedade dos Davis, são muito extensas, mais do que de qualquer outro relato de rapto por OVNI que Budd Hopkins - *um profundo pesquisador de OVNI* - conhece.

A aterrissagem do 30 de junho é, com certeza, o acontecimento mais "visível" até aqui da atual história de Copley Woods e, ao mesmo tempo, tão humano e tão sobrenatural que o leitor mal pode imaginar..., mas não é o mais significativo ou impressionante, como você saberá logo às primeiras páginas...

Prefácio

Cientistas do mundo todo acreditam na probabilidade de vida extraterrestre em algum lugar de nosso inimaginável universo. Também possuem um acentuado interesse em PIET — a pesquisa sobre inteligência extraterrestre. Mas quase nenhum desses cientistas teve tempo de olhar o fenômeno OVNI do modo incontestável como Budd Hopkins. *Intrusos* — que já foi seriado para a TV — apresenta experiências dolorosamente complexas de Kathie Davis, de sua família, de Susan Williams, Sandy Thomas, Pam, Andréa, Ed Duvall, Dan Seldin, Joyce Lloyd, Lucille Forman, Margaret Bruning e de tantos outros, cujos relatos aparecem nessas páginas com nomes trocados para manter a privacidade.

Tudo começou quando Budd Hopkins recebeu a carta de Kathie Davis, que mora com a família em Copley Woods. Imediatamente, o relato detonou uma imensa investigação pelo autor, envolvendo químicos, radiologistas, médicos, psicólogos e outros especialistas, inclusive a "detecção de mentira". O caso de Copley Woods, com informações perturbadoras sobre a natureza e o objetivo do fenômeno OVNI, estava começando a ser mais instigante do que qualquer outro já investigado nos últimos tempos.

Assim surgiu *Intrusos*, que trata dos relatos sobre raptos por alienígenas — um aspecto do fenômeno OVNI tão controverso e dramático, e que tem sido descrito por centenas de pessoas dignas de crédito, no decorrer dos anos, que impressiona pelos detalhes minuciosos. Com surpreendentes ilustrações, o leitor irá conhecer casos fidedignos que irão levantar questões importantes sobre como o rapto pode influenciar as pessoas, as marcando pelo resto de suas vidas. E examinar informações significativas, vindas por telefonemas ou cartas ao autor, que

irão efetivamente esclarecer os vários pontos desta experiência que só poucas pessoas no mundo têm a oportunidade de vivenciar.

Agradecimentos

É irônico compreender que este livro não existiria sem as experiências dolorosamente complexas de Kathie Davies, de sua família e de todos os outros — Susan Williams, Sandy Thomas, Pam, Andréa, Ed Duvall, Dan Seldin, Joyce Lloyd, Lucille Forman, Margaret Bruning e outros —, cujos relatos aparecem nestas páginas. Seus nomes podem ter sido mudados para proteger sua privacidade, mas eles sabem quem são, e eu gostaria de estender a cada um deles a minha profunda gratidão por sua cooperação e o meu respeito por sua coragem em permitir que fossem contadas essas penosas histórias. Existem muitos outros, cujos relatos também angustiantes não foram incluídos aqui, homens e mulheres que aos poucos se tornaram estimados amigos meus e aos quais eu também gostaria de estender minha gratidão.

A ajuda que recebi de consultores médicos e científicos foi essencial para esta obra, e quero reconhecer, em particular, as contribuições do Dr. John Burger, do Dr. Paul Cooper, do Dr. Don Klein, do Dr. Robert Naiman, da Dra. Christina Sekaer, das psicólogas Aphrodite Clamar e Elizabeth Slater, e a Cullen Hackler e Paul Lander por seu trabalho de análise de amostras do solo. Quero expressar meus agradecimentos a Joseph Santangelo, Travis Whitehurst e Lew Willis, pesquisadores cujos esforços me possibilitaram seguir certas linhas de investigação nestes casos. Dois colegas em particular — David Jacobs e Joseph Nyman — foram amigos inestimáveis, confidentes, críticos e leitores cuidadosos deste manuscrito; devo muito a eles. Eles me deram uma grande quantidade de conselhos, informações e cautela — embora não necessariamente nesta ordem — e, desse modo, ajudaram a tornar este livro mais forte. Enfim, eu gostaria de agradecer a April, minha mulher, e Grace, minha filha, por terem tolerado o roubo do tempo da família que este

projeto representou. Gostaria de dizer que isto jamais tornará a acontecer, mas sei que não acreditarão em mim. Apesar disto, gostaria que elas soubessem o quanto sua paciência e compreensão contribuíram para a criação de meu livro e o quão essencial foi para minha vida seu apoio expressado e não expressado.

Uma Nota para o Leitor

Seja você físico, dona de casa, pesquisador de OVNI ou um diletante do oculto, é quase certo que este livro forçará sua credulidade até o ponto de ruptura. Uma das muitas coisas que não gostamos de admitir sobre a mente humana é sua incapacidade básica de aceitar ou até mesmo imaginar de modo vívido uma verdade "fantasiosa" ou muito intragável. Embora "em teoria" consigamos acolher quase que qualquer ideia extravagante, pode ser quase impossível de se acreditar — de se acreditar de fato — em um conceito profundamente perturbador, apesar do peso da evidência e da pressão da lógica. Um exemplo histórico de nossa incapacidade de compreender e acreditar em uma verdade gritante é delineado no livro *The Terrible Secret* de Walter Laqueur, obra que trata do Holocausto.[1] A pesquisa de Laqueur demonstrou que, por volta do final de 1943, quando uma considerável parcela da população mundial havia lido ou escutado sobre a liquidação sistemática do povo judeu feita por Hitler, as pessoas não acreditavam no terror que estava acontecendo. Nós parecíamos estar dizendo que os nazistas eram maus e bárbaros de verdade, mas *isto* — o assassinato sistemático de crianças e velhos, de homens e mulheres — só isto não podia ser verdade. É óbvio que, nesse contexto, até mesmo os relatos de testemunhas oculares eram irrelevantes. Laqueur descreve um encontro entre Jan Karski, um polonês testemunha ocular da matança, e o juiz Felix Frankfurter, homem do qual não podemos duvidar de seu brilhantismo e elasticidade intelectual. Karski contou a Frankfurter o que tinha visto e ouvido, mas Frankfurter replicou que "não acreditava nele. Quando Karski protestou, Frankfurter explicou que ele não concluía que Karski não houvesse dito a verdade de algum modo, mas

1- Walter Laqueur, *The Terrible Secret* (Nova York: Penguin Books, 1982).

que apenas queria dizer que não podia acreditar nele — havia uma diferença”.[2]

Vem à mente uma certa analogia, quando passamos para o tema deste livro. (É óbvio que não quero comparar os indizíveis terrores do Holocausto com os acontecimentos aqui relatados. Existe uma analogia apenas nos métodos que usamos para nos esquivarmos desse testemunho muitíssimo perturbador.) É certo que a maioria dos cientistas do mundo acredita na probabilidade de vida extraterrestre existente em algum lugar de nosso universo de vastidão inimaginável e que seja possível que algumas dessas formas de vida sejam mais avançadas do que a nossa. De fato, muitos cientistas têm um ativo interesse em PIET — a pesquisa sobre inteligência extraterrestre. E, no entanto, quase nenhum desses cientistas teve tempo de olhar o fenômeno OVNI do modo incontestável como ele existe: um fenômeno que consiste em dezenas de milhares de relatos sobre evidentes aparições de naves, aterrissagens, provas de foto ou radar e relatos sobre raptos temporários e exames de seres humanos. É óbvio que os fenômenos OVNI, tais como descrevi, podem oferecer prova imediata de inteligência extraterrestre, aqui e agora. Mas a comunidade científica não investigou esses relatos e os rejeitou; pois a maior parte dos cientistas tem apenas a ideia mais vaga acerca do peso e condições da evidência.

Existe uma razão bem humana para essa falta de curiosidade. A ideia de uma inteligência extraterrestre que exista em algum lugar “lá fora”, mas que ainda não possua uma tecnologia que permita viajar entre sistemas solares, é um conceito fácil, lógico e confortante para se sustentar. De acordo com este modelo, nós continuamos na terra, separados e não afetados, procurando de modo passivo sinais inteligentes distantes, enviados a nós através da “vastidão intransponível” do espaço. A possibilidade de que uma inteligência extraterrestre já possa estar visitando nosso planeta, como significam as provas OVNI, e esteja ameaçando a espécie humana enquanto espécime de laboratório com algum objetivo indefinível e talvez insondável — aí está uma ideia verdadeiramente perturbadora. Todos nós conhecemos, é claro, uma verdade científica básica: não pode acontecer aqui. É apropriada a honesta observação de Frankfurter; apesar das descrições de testemunhas oculares e de todas as outras categorias de provas, “eu não consigo acreditar”.

2- *Id.*, p. 3.

Pouco depois da publicação de meu livro Missing Time, fui a uma entrevista de rádio para discutir o fenômeno OVNI. O apresentador do programa proclamou-se como sendo cético. “Sou muito, muito cético quanto a toda essa história de OVNI”, ele anunciou com orgulho. “Simplesmente não é possível viajar de um sistema solar para o outro. Você não consegue sair daqui e ir para ali, onde quer que seja. E mesmo que haja extraterrestres voando por aí, os ocupantes desses OVNI’s jamais fariam o que se imagina que estejam fazendo.” Após ouvir esse e outros itens de sua longa e complicada relação do que é e do que não é possível, disse-lhe que de nós dois eu era de longe o mais cético. “Sou tão cético”, eu disse, “que acho que está além de minha capacidade negar a possibilidade de qualquer coisa.”

E é este o pedido que faço a você, leitor. Não prejulgue. Compreenda que se é verdadeiro qualquer aspecto do fenômeno OVNI relatado, então qualquer parte do resto dos relatos sobre os fenômenos também pode ser verdade. Não tente impor limites antropomórficos no que pode ser uma inteligência e tecnologia totalmente alienígena. O verdadeiro cético não pode, a princípio, aceitar a impossibilidade de qualquer coisa.

CAPÍTULO 1

A Carta de Setembro

A princípio, quando você passa de carro, as lisas paredes de pedra da casa parecem neutras e prosaicas. Não passam, de fato, de cortinas de alvenaria para proteger e ocultar a vida familiar de dentro. Os frondosos bordos que cercam Copley Woods proporcionam uma segunda barreira contra a atenção indesejada. É fácil passar pela casa dos Davis sem notar nada de incomum, mas quando contam o que andou acontecendo dentro e fora daquelas paredes de pedra cinzenta, o próprio solo onde elas se situam começa a parecer carregado de uma estranha energia.

A própria vizinhança é, em geral, bastante pacífica e agradavelmente típica dos subúrbios de classe média do meio-oeste. As casas têm uma distância suficiente entre elas para permitir privacidade e isolamento naturais, e a região está apenas a uma distância razoável do centro da cidade de Indianapolis para sugerir um meio quase rural. A família Davis possui três acres de terra em Copley Woods e vive ali de modo bem confortável, com uma impressionante ostentação de automóveis, utensílios de cozinha, aparelhos de televisão e uma piscina no pátio dos fundos. Robert Davis é um bom chefe de família. Para cumprir o desejo de anonimato dos Davis, caracterizarei sua ocupação apenas como muito especializada, técnica e, é claro, bem remunerada.[3] Além de Robert, mais quatro pessoas vivem na casa dos Davis: sua

3- Uma concepção errônea comum supõe que aqueles que relatam experiências com OVNI's devem estar ansiosos por publicidade. O oposto é verdade. Quase todos aqueles cujos relatos estão incluídos neste livro, pediram e tiveram o anonimato. Os nomes foram mudados e, em alguns casos, até mesmo os locais foram um pouco alterados. A família "Davis" e "Copley Woods" são pseudônimos. Em todas as páginas deste livro, cada pseudônimo, quando aparece pela primeira vez, aparecerá entre aspas. Todos os outros nomes, datas e locais são literalmente precisos.

mulher Mary; a filha Kathie, uma mulher divorciada, e seus dois filhos, Robbie e Tommy. Em setembro de 1983, recebi uma carta de Kathie Davis, carta esta que deu início a uma investigação de dois anos e meio sobre certos acontecimentos extraordinários dentro e fora de Copley Woods.

Embora eu seja pintor e escultor profissional, more e trabalhe em Nova York, aos poucos fui ficando cada vez mais envolvido no exame dos relatos de OVNI's — Objetos Voadores Não Identificados. Em 1981, escrevi um livro sobre este assunto, *Missing Time*, um estudo documentado sobre sete relatos de rapto de OVNI, que investiguei junto com o pesquisador de OVNI Ted Bloecher e a psicóloga Dra. Aphrodite Clamar.[4] O final de meu livro, que Kathie Davis leu no verão de 1983, proporcionou o elo de ligação com a família Davis e o caso Copley Woods. No prólogo, pedi a todas as pessoas que achassem que tinham passado por uma experiência semelhante àquelas tratadas em *Missing Time* que escrevessem para o endereço de meu editor. Entre as centenas de cartas que chegaram em resposta, de lugares tão diferentes como a Austrália e a Noruega, o Líbano e o Canadá, estava o intrigante relato de Kathie. Mais tarde, ela contou-me que havia escrito uma carta anterior e, em seguida, rasgou, supondo que fosse provável que eu não me interessasse. Sua segunda carta, entretanto, a única que ela postou de fato, detonou uma investigação, cuja extensão ela não poderia ter previsto com clareza. Ela envolveu os ofícios de químicos, de radiologistas, de médicos, psicólogos e outros especialistas. Fiz quatro visitas a Indianapolis para entrevistar várias pessoas implicadas, e Kathie foi três vezes a Nova York. Detalhados testes psicológicos e entrevistas foram empregados, assim como a "detecção de mentira" na forma da análise de ênfase vocal foi realizada por um profissional desse campo. No final das contas, o caso Copley Woods rendeu mais informações novas — informações perturbadoras, é preciso que se diga — sobre a natureza e o objetivo do fenômeno OVNI do que qualquer outro caso já investigado. Esta é uma afirmação muito ampla, mas acredito que as provas a justificam por completo.

Nenhum aspecto desse fenômeno é tão controverso — ou tão dramático — como o chamado "relato sobre rapto" do tipo que tratarei neste livro. No decorrer dos anos, centenas de pessoas, em geral dignas

4- Budd Hopkins, *Missing Time: A Documented Study of UFO Abductions* (Nova York: Marek, 1981).

de crédito, descreveram ter sido imobilizadas de alguma forma em seus carros ou casas ou em qualquer outro lugar e depois terem sido levadas pelos ocupantes de OVNI para dentro de um OVNI aterrissado, para o que parece ser um tipo de exame físico realizado, enquanto o raptado está estendido sobre uma mesa. O que parece ser uma amnésia imposta do meio exterior impede que, de modo costumeiro, o raptado recorde o cenário completo de sua experiência, que, em geral, dura uma ou duas horas. (A hipnose tem sido o método mais útil usado pelos pesquisadores para ajudar a memória da vítima.) Bem, nós rejeitaríamos de boa vontade quaisquer desses relatos, vistos em separado, como nada mais sendo que uma aberração intrinsecamente inacreditável. Mas, como iremos ver, os padrões globais desses casos são de uma consistência tão notável, muitas vezes entrando em detalhes minuciosos, e as pessoas que relatam essas experiências são com frequência de uma credibilidade tão inerente, que o fenômeno não pode ser rejeitado de maneira nenhuma. Por mais que alguém deseje teorizar acerca desses relatos — que eles representam alguma estranha e nova ilusão psicológica em massa ou que representam descrições de experiências físicas reais —, alguma coisa importante está acontecendo, algo que requer mente aberta e investigação científica.

O primeiro rapto de OVNI que teve ampla divulgação, o caso Betty e Barney Hill, ocorreu em 1961, nas Montanhas Brancas de New Hampshire.[5] Andando de carro tarde da noite, os Hill viram uma luz que se movia e que aos poucos se aproximava de seu carro e, em um dado momento, eles pararam na estrada principal para dar uma olhada mais atenta. No final, o objeto baixou o suficiente para eles verem que se tratava de uma nave com uma estrutura de forma incomum. Barney Hill, usando binóculo, conseguiu distinguir os ocupantes da nave, que olhavam para ele através de uma fileira horizontal de janelas. A lembrança consciente deles acerca do acontecimento terminava alguns momentos depois, e a próxima coisa da qual se recordam é o fato de estarem andando de carro na estrada original e de, aos poucos, tomarem consciência de que, de alguma forma, "haviam perdido" duas horas desde o momento em que notaram a luz pela primeira vez. Nos dias e semanas que se seguiram, Barney Hill começou a sofrer de extrema ansiedade, insônia e pesadelos. Em um determinado momen-

5- John Fuller, *The Interrupted Journey* (Nova York: Dial Press, 1966).

to, ele desenvolveu uma úlcera e, como seu estado piorou, procurou ajuda médica e psiquiátrica. O psiquiatra dele, o Dr. Benjamin Simon, achou que Barney estava sofrendo de algum tipo de trauma esquecido e, por conseguinte, começou uma série de regressões hipnóticas para descobrir e ventilar o problema. Foi nesse contexto que Barney Hill recordou o que havia acontecido durante as duas horas perdidas: naquela noite, o OVNI aterrissou, ele foi paralisado e depois levado a bordo com sua mulher. Separados, os dois foram submetidos a algum tipo de exame físico. O Dr. Simon dava a Barney, com regularidade, a sugestão pós-hipnótica, para que ele não se lembrasse de modo consciente do material recuperado durante a hipnose, uma vez que o transe terminasse. Este artifício proporcionava um controle. Mais tarde, quando Betty Hill fez regressões, ela não sabia coisa alguma das recordações do marido, de modo que suas descrições congruentes da nave, de seu interior e dos ocupantes foram de uma importância extrema. Quando esse encontro foi tornado do conhecimento público, em 1966, ele foi logo ridicularizado e escarnecido por causa de seu conteúdo, embora nem a veracidade nem a estabilidade mental dos Hill jamais tivesse sido duvidada de modo convincente. Hoje em dia, o caso pode ser visto como um acontecimento divisório na investigação do fenômeno OVNI.[6]

A era moderna dos aparecimentos de OVNI — relatos acerca de estranhas naves silenciosas em forma de disco, que eram vistas no céu — havia começado anos antes, durante a Segunda Guerra Mundial, quando os pilotos aliados pensavam que esses objetos fossem armas secretas do inimigo.[7] Esta teoria foi destruída, quando pilotos alemães capturados informaram ter visto as mesmas coisas e achado que se tratassem de algum engenho secreto americano. Após a guerra, os OVNI's foram vistos nos países escandinavos, e então a Força Aérea supôs que se tratassem de foguetes experimentais dos *soviéticos*. Contudo, parecia que nenhum deles se espatifava, não se encontrava nenhum destroço, e, assim, essa explicação também foi abandonada em um dado momento. Somente no final da década de 1940, a teoria dos extraterrestres começou a ganhar base, embora ainda fosse difícil de acreditar que aquelas coisas pudessem ser pilotadas de verdade — que, de fato,

6- A história mais abrangente e abalizada do fenômeno OVNI em sua fase americana do pós-guerra pode ser encontrada no livro do Dr. David Jacobs, *The UFO Controversy in America* (Bloomington: Indiana University Press, 1975; Nova York: New American Library, 1976).
7- Jacobs, pp. 30, 31.

pudesse haver alguma coisa inteligente lá dentro, nos controles.

O caso Betty e Barney Hill foi a primeira alusão do que haveria de se tornar uma torrente de relatos semelhantes sobre raptos, forçando ainda mais a nossa credulidade. Eu avistara um OVNI durante o dia, em 1964 — acontecimento este que gerou meu interesse pelo assunto —, mas, mesmo assim, quando li os detalhes do encontro dos Hill, não consegui aceitar a ideia de que fosse possível uma coisa como um rapto feito por ocupantes de um OVNI.[8] Usando a distinção de Frankfurter, ministro do Supremo Tribunal dos Estados Unidos, o fato não era que eu pensasse que os Hill estivessem mentindo, mas, sim, que eu apenas não conseguia acreditar neles. Entretanto, as próprias investigações que fiz mais tarde sobre semelhantes avistamentos de OVNI me levaram, de modo lento e inexorável, a aceitar a possibilidade de que os encontros com rapto pudessem estar ocorrendo literalmente como eram descritos. À medida que se amontoavam as provas e um informe de caso seguia outro informe, fui ficando convencido da importância deste aspecto do fenômeno OVNI e, em 1977, concentrei meus esforços neste campo de pesquisa.[9] O resultado foi a publicação, em 1981, de meu livro sobre o assunto e, em um determinado momento, o reconhecimento de Kathie Davis, ao ler o livro, de certos padrões e detalhes que se aplicavam a ela e sua família.

Uma das ideias centrais existentes em *Missing Time* foi minha suposição de que muitas pessoas — talvez milhares — podiam ter tido experiências de rapto por OVNI e, entretanto, não se lembrar, a nível consciente, de quase nada que indicasse que elas haviam passado por esses encontros traumatizantes. O modelo de provas que descobrimos sugere que algum tipo de amnésia "impingida" pode apagar, com eficiência, da memória consciente até a mais leve lembrança dessas experiências. Em um dos sete casos semelhantes que investigamos, "Steven Kilburn" descreveu apenas um profundo medo de um certo trecho de estrada e a "sensação" de que lhe tinha acontecido alguma

---

8- Um relato detalhado sobre meu próprio avistamento aparece em *Missing Time*, pp. 25, 26.

9- Em 1976, eu escrevi um trabalho para The Village Voice sobre uma aterrissagem de OVNI no Parque North Hudson, em Nova Jersey. Esse artigo, republicado mais tarde nesse mesmo ano pelo Cosmopolitan e por vários jornais, rendeu uma série de cartas e telefonemas de leitores, que descreveram seus próprios avistamentos. Nessa época, eu também atuava como consultor de um documentário para a televisão que tratava dos OVNI's, e isso também fez surgir cartas e telefonemas de espectadores com experiências parecidas. A partir desses e de outros avistamentos, eu comecei a notar segmentos de "tempo desaparecido" inexplicável. E assim, tendo como dados esses primeiros casos, iniciei minha exploração dos relatos sobre rapto. (Veja *Missing Time*, capítulos 2 e 3.)

coisa que talvez se relacionasse com um OVNI. Ao contrário de Betty e Barney Hill, ele não se recordava de haver visto um OVNI, não tinha consciência de nenhum tempo perdido ou mesmo de ter visto algo estranho. Mas após haver investigado este caso com a ajuda de Ted Bloecher, de dois psicólogos e de um operador de polígrafo, concluí que suas lembranças iniciais, incompletas embora carregadas de emoções, ocultavam de fato uma completa experiência de rapto por OVNI. Sob hipnose, Steve reviveu um traumatizante encontro muito parecido em seus detalhes com o caso Hill.[10]

Um segundo padrão de extrema importância surgiu a partir dessas investigações iniciais, padrão este que o caso Copley Woods ilustra de modo bem amplo. Parece que a maioria dos sequestrados por OVNI's tiveram mais de uma dessas experiências, ocorrendo o primeiro rapto, em geral, na infância, por volta da idade de seis ou sete anos. Com muita frequência, eles foram apanhados e examinados várias vezes depois, embora esses encontros posteriores raramente sejam relatados após a idade dos quarenta anos mais ou menos. Uma analogia que logo vem à mente é o estudo humano dos animais ameaçados de extinção, nos quais os zoólogos tranquilizam e colocam etiquetas ou implantam transmissores em animais-amostras para seguir seu rastro. Em meu livro, apresentei provas que indicam um interesse semelhante de parte de "ocupantes" de OVNI por certos seres humanos, que parecem ser tratados como objetos de experiência e que precisam ser reexaminados em intervalos regulares no decorrer dos anos. E, como iremos ver, existem provas de que essas cobaias humanas também foram "etiquetadas" de alguma forma.

Um terceiro ponto tratava da questão das cicatrizes ainda visíveis, que pareciam ser o resultado dos exames sistemáticos e quase médicos feitos pelos ocupantes de OVNI em três pessoas, quando foram raptadas pela primeira vez na infância. Na seção de ilustrações, reproduzo três fotos dessas cicatrizes pequenas e retas, da forma como em geral aparecem, respectivamente, na panturrilha, em cima do joelho e nos quadris dos três diferentes raptados. *(De profissão eles são: um advogado de empresa, um microbiólogo e um empregado de um meio de comunicação.)* Como no caso Hill, foi usada a hipnose para romper os bloqueios de memória e para trazer à tona descrições sobre os procedi-

10- Hopkins, pp. 51-88.

mentos "cirúrgicos" que provocaram os cortes, assim como também as recordações detalhadas sobre a aparência física dos ocupantes e o interior dos próprios OVNls. Embora não tenhamos qualquer indicação do propósito dessas incisões, seu caráter físico sugere que seja algum tipo de operação para coleta de amostras de células. Durante os últimos cinco anos, encontrei mais 27 raptados, que ostentavam cicatrizes adquiridas de modo semelhante, embora um bom número dessas marcas seja de um tipo diferente. Em vez do corte pequeno e reto, sete são depressões circulares e rasas — marcas em forma de concha, pode-se dizer —, com um diâmetro de seis milímetros e meio a 2,54 centímetros. As fotos que reproduzi em *Missing Time* deram a Kathie Davis mais uma razão para me escrever. Ela, sua mãe, sua amiga mais íntima e a vizinha da casa ao lado, todas têm cicatrizes quase idênticas nas pernas, todas aparentemente resultantes de antigas experiências de rapto por OVNI.

Embora Kathie tenha postado a carta em agosto, meu editor só a enviou a mim em setembro. Mais tarde, ela contou-me que enquanto lia o livro, começou a compreender que ela própria havia tido muitas dessas mesmas lembranças parciais, sonhos de rapto de

OVNI e perturbadores *flashbacks* mentais iguais aos das pessoas que descrevi. O efeito disso tudo foi muitíssimo inquietante, embora em sua comunicação inicial ela tivesse decidido não mencionar o aprofundamento de sua ansiedade.[11] Por causa de uma discrição pessoal que logo reconheci como sendo uma das qualidades básicas de Kathie, ela preferia me contar primeiro outras coisas.

Quando abri sua carta, caíram cerca de quinze fotos coloridas. Reconheci, de imediato, uma conhecida imagem de investigações sobre "traços de aterrissagem" de OVNI — uma área circular do solo, na qual toda a grama parece estar morta, como se tivesse sido submetida ao calor ou a algum outro tipo de radiação. Ted Phillips, um pesquisador que tem interesse particular neste tipo de relato, catalogou mais de 1.200 casos, nos quais, ao que parecia, OVNI's haviam afetado fisicamente os arredores.[12] Muitas das fotografias de seus arquivos, como as tiradas do terreno pouco depois de um OVNI ter sido observado no solo ou um pouco acima dele em um lugar próximo a Delphos, no Kansas,

---

11- Há pouco tempo, Kathie confessou-me que nunca conseguiu ler o livro inteiro; ele sempre foi perturbador demais para ela folheá-lo, a não ser em doses pequenas.

12- Ted Phillips, *"Physical Trace Landing Reports"*, MUFON 1985 *UFO Symposium Proceedings* (Seguin, Texas, 1985).

assemelhavam-se demais com o terreno de Kathie. (veja: *ilustrações*) Porém, mais importante ainda é o fato de que análises posteriores do solo afetado mostraram, em ambos os casos, que o grau de calcificação, de desidratação do solo, era muito parecido — e apresentavam a mesma dificuldade de explicação.

Kathie começava sua carta explicando que havia duas coisas que ela queria me informar — o acontecimento documentado nas fotos e um incidente de "tempo desaparecido" ocorrido anos antes, em que sua irmã mais velha estava envolvida. Ela escreveu primeiro sobre o incidente mais recente.

> ...Mais ou menos na primeira semana de julho de 1983, entre 20h00 e 21h00, eu preparava-me para sair e ir costurar um pouco na casa de uma vizinha e, enquanto estava parada diante da janela da cozinha, notei uma luz no quarto da piscina e vi que a porta estava aberta. Lembrei que a tinha fechado mais cedo, de modo que sabia que ela não podia estar aberta e muito menos estar com a luz acesa, então mencionei isto para mamãe. Ela olhou e perguntou o que estava acontecendo, mas nenhuma de nós duas estava assustada. Quando fiquei pronta para sair, decidi dar uma volta para certificar-me de que não havia ninguém lá fora, já que mamãe ficaria sozinha com os garotos (meus filhos Rob, de quatro anos, e Tommy, de três.) Quando dei a volta, a luz estava apagada e a porta fechada, e a porta da garagem estava aberta (porta esta que sempre fica fechada.) Quando cheguei na casa de Dee Anne (uma rua acima.), liguei para mamãe e contei o que tinha visto e perguntei se ela não queria que eu fosse para casa a fim de dar uma examinada, e ela parecia estar muito nervosa (bem diferente de como é em geral.) Ela disse que havia visto uma luz enorme ao lado do quarto da piscina, que subiu até o alimentador de pássaros e aumentou de diâmetro até ficar com cerca de 60 centímetros. Mas ela não viu nenhum foco. Era como se fosse apenas um *spot* sobre o alimentador de pássaros, iluminando-o por cima, mas sem ter nada mais em volta... Quando cheguei em casa, a luz havia desaparecido, e eu dei uma olhada na propriedade inteira (com o 22 de meu pai, pois sou medrosa!). No final, encontrei minha cachorra Penny escondida debaixo da traseira de um carro. Em geral, ela ataca feroz quando alguém que não

> conhece está em nossa propriedade. Não é típico dela esconder-se e ter que ser persuadida a sair de algum lugar, especialmente por mim. Em geral, ela está sempre atrás de mim. Não vi coisa alguma e voltei para a costura. Mas tarde, nessa noite, eu, Dee e a filha dela voltamos mais ou menos à meia-noite e fomos nadar. Logo depois dessa noite, nosso pátio foi queimado por alguma coisa que não sabemos. Agora nada cresce lá, não importa a quantidade de água que joguemos, e os animais selvagens não entrarão ali. No princípio, até mesmo Penny dava a volta no pátio para evitar andar nele. Ela cheirava e corria na direção contrária. Os passarinhos também não se aproximam mais do alimentador de pássaros, e nós sempre tivemos centenas de passarinhos todos os dias, em especial os cardeais. Bem, essa é a história do mistério do nosso pátio dos fundos. Ainda está aqui para quem quiser ver, com muito pouca mudança.

Quando reunidas em uma só peça, as várias coisas que Kathie mencionou em seu relato sobre as estranhas luzes no pátio dos fundos e a área morta do gramado me sugeriram a possibilidade de ter ocorrido uma aterrissagem de OVNI, não obstante o fato de que nem ela nem a mãe se lembram de ter visto alguma coisa que pudesse ser chamada de nave. O estranho comportamento do cachorro é típico de muitos relatos de avistamento de OVNI, nos quais cães, cavalos e até mesmo o gado parecem ser afetados de modo dramático por OVNI's em baixa altitude ou aterrissados. Teorizou-se que o fenômeno pode ser uma reação a perturbadoras frequências de som fora do alcance da audição humana. Muitas vezes o animal continua, durante algum tempo, cauteloso com o lugar onde ocorreu a perturbação."[13] As pequenas luzes moventes descritas pela mãe de Kathie também já foram mencionadas muitas vezes antes em associação com aparecimentos de OVNI's em baixa altitude.[14]

Mas as fotografias, é claro, apresentam a prova mais gráfica em apoio à afirmação de Kathie de uma drástica mudança ocorrida quase que da noite para o dia no gramado dos Davis. A área principal era um círculo com 2,40m de diâmetro, no qual toda a grama ficara marrom e

---

13- Veja verbete de Richard Rasmussen "Reações de Animais aos OVNI's", na *The Encyclopedia of UFO's*, editada por Ronald D. Story (Nova York: Doubleday, 1980).
14- Veja, por exemplo, F. Lagarde, *"The Aveyron Enquiry"*, em *Flying Saucer Review*, vol. 16, nº 5 (1970).

agora desintegrava-se. Estendendo-se para fora desse círculo havia um sulco de 14,70m de comprimento, que corria em uma perfeita linha reta e tinha uma largura de quase 90 centímetros. Ali também a grama estava morta e desintegrada. Esse comprido sulco terminava em um arco quase perfeito e parecia ser totalmente artificial. Dois "entalhes" menores pareciam emergir do círculo principal, sendo que um deles continha uma fenda profunda, que, em sua superfície, parecia ter sido provocada por intenso calor. As fotos eram claras e mostravam de modo efetivo o misterioso dano, mas Kathie ainda tinha uma outra história para contar. A carta continuava:

> Agora sobre Laura. Minha irmã Laura tem 35 anos de idade. Ela sempre teve bom senso e não muita imaginação. Era sempre a realista. Em todo caso, no verão de 1965, ela saiu uma tarde por volta das 16h30 para levar mamãe ao bingo. No caminho de volta a casa, após ter deixado mamãe, ela estava passando pela igreja na Décima Avenida, quando de repente se sentiu compelida a entrar no estacionamento nos fundos da igreja. Ela notou que não havia nenhum carro por lá e achou a coisa muito estranha para uma tarde de domingo naquela região movimentada. Quando estacionou, olhou para cima e viu algo que ela jamais acreditaria antes. Era prateado, e acho que ela disse que as luzes eram vermelhas, verdes e brancas e reluziam um pouco (bruxuleavam talvez seja uma palavra melhor.) Flutuava no ar sem fazer nenhum barulho... sobre o estacionamento, perto do poste telefônico, bem acima de seu carro. A única coisa de que ela se lembra agora é de ter-se esticado para diminuir o rádio, a fim de ver se a coisa fazia algum barulho, e depois a outra coisa de que se lembra é de ter ficado escuro lá fora, ela olhou para cima e aquela coisa estava indo embora e ela estava descendo a rua. Quando foi pegar mamãe nessa noite, as duas ficaram dando voltas à procura daquilo, mas não viram mais nada.

Em seu breve relato sobre a experiência da irmã em 1965, Kathie inclui três detalhes intrigantes que aparecem com frequência em relatos sobre rapto. Primeiro, há a sugestão de um controle externo sobre o raptado. A pessoa simplesmente se sente compelida, como Kathie afirma, a dirigir-se a uma rua em particular, a entrar em um estacionamen-

to, abandonando a própria casa ou qualquer outra coisa, sem nenhuma razão aparente. A decisão é lembrada como sendo estranha — até mesmo irracional — e, com frequência, a testemunha quer dizer alguma coisa como "eu nem ao menos sabia que havia uma estrada por lá, mas me vi saindo da estrada principal para pegar essa outra. Parei perto daquele campo e havia um OVNI flutuando acima das árvores". Ninguém sabe como é impingido esse controle físico, mas ele é um componente básico em muitos relatos de rapto feito por OVNI. Ao que parece, o raptado em potencial é "colocado" em um lugar que permite que o OVNI e seus ocupantes operem de maneira eficiente, a salvo e abrigados. Até hoje, todos os casos de rapto por OVNI que investiguei têm esse tipo de plausibilidade tática, fato este que pesa ao lado de sua realidade física.

A segunda indicação ainda mais crucial de um possível rapto por OVNI foi o fato de Laura haver "perdido" um período de tempo. Primeiro o acontecimento foi por volta das cinco da tarde, e a outra coisa da qual se lembra ocorreu várias horas mais tarde, posto que já estava escuro. Uma característica comum de uma experiência de rapto é a fusão na memória de seu começo e da conclusão, uma costura do tempo tão sem emenda, que é como se fosse para deixar o raptado sem nenhuma *sensação* de ter perdido algum tempo de verdade, apesar do que um relógio ou a simples visão possa estabelecer sem deixar qualquer dúvida. Essa amnésia parcial e aparentemente imposta de fora pode ser de uma eficácia extrema. Laura lembra-se de ter estado sentada no carro, olhando para o OVNI, mas, depois disto, a outra lembrança que tem é o fato de estar descendo a rua e o OVNI já não estar mais à vista.[15] É significativo que ela tenha relatado essas estranhas recordações para a mãe nessa mesma noite — em 1965 —, um ano antes, pelo menos, de grande parte do público ficar consciente dos sintomas — ou mesmo da existência — desses acontecimentos fantásticos.[16]

A terceira indicação de um possível rapto foi, é claro, a presença do poste telefônico iluminando o próprio OVNI, parte central de sua lembrança. Mas havia mais. Em *Missing Time*, eu descrevi o uso da

---

15- Mais tarde, fiquei sabendo que a recordação de Kathie sobre esse ponto tem um leve erro. Veja p. 35 e Nota 18 abaixo.

16- Entrevistas subsequentes com Laura e sua mãe colocam o incidente como tendo ocorrido no final do verão ou início do outono de 1965. O caso Hill chegou ao conhecimento público através do estudo com extensão de livro de John Fuller, *The Interrupted Journey*, sendo que uma versão reduzida apareceu na revista Look.

hipnose para recuperar detalhes esquecidos em casos semelhantes e relatei alguns caprichos tanto dos métodos como dos resultados pelo modo como ela é empregada por vários psicanalistas e psicólogos, que ajudaram em nossas investigações. A carta de Kathie continuou trazendo à baila um acontecimento que, neste contexto, é de um interesse especial:

> Cerca de dez anos depois ou mais [por volta de 1975], Laura foi hipnotizada para perder peso e enquanto a amiga que foi com ela se deu muito bem, ela passou por algumas experiências bem terríveis. Na primeira noite em que voltou para casa [após a hipnose], pouco depois de ter ido para a cama, Laura despertou sem conseguir falar nem ouvir. [E também sofreu de uma distorção temporária da visão.] O marido a levou ao pronto-socorro, deram-lhe tranquilizantes e mandaram-na para casa. A coisa continuou... e foi melhorando aos poucos. Laura notou que estava fazendo exatamente o contrário do que o hipnotizador havia sugerido. Ele havia dito que as batatas fritas e doces eram alimentos gordurosos, acho que assim seu subconsciente se fortaleceria, e ela não iria comê-los. Mas, em vez disso, todas as vezes que ela comia batatas ou doces, se sentia muito melhor. E quando telefonou para o hipnotizador para perguntar que coisa era aquela que estava acontecendo com ela e se ele podia dar um jeito, no momento em que ouviu a voz dele ficou violenta e sentiu vontade de matá-lo. Você precisa conhecer Laura. O jeito dela *não* é nem um pouco assim, ela tem muito senso comum, os pés na terra e é fácil de se lidar. Ele sugeriu que ela devia estar com algum tipo de "bloqueio" e que talvez fosse melhor se ela não o visse mais, que fosse a algum outro hipnotizador... Os efeitos passaram aos poucos, porém ela ficou com um pensamento forte: que por volta do ano 2000 o mundo seria bem diferente do que é, mas só para os jovens e fortes.

Após haver terminado o relato sobre as misteriosas luzes no pátio dos fundos, as marcas no solo e a lembrança da irmã de sua experiência com um OVNI, Kathie acrescenta um enigmático parágrafo final:

> Eu e minha mãe tivemos algumas experiências estranhas, sen-

> do que a maioria das minhas foi na forma de sonhos vívidos, e tanto eu como mamãe temos a mesma cicatriz na perna direita. Ela disse que adquiriu a dela quando era criança e estava brincando do lado de fora da casa. Eu não me lembro quando adquiri a minha, mas parece que é como se eu a tivesse durante toda a minha vida. Elas estão localizadas no mesmo lugar e têm a mesma forma. Uma enfermeira disse-me um dia que ela parecia uma cicatriz deixada por um exame de medula óssea ou de um pino enxertado em minha tíbia após uma fratura. No princípio, eu só tinha uma cicatriz, mas agora tenho duas, na mesma perna, separadas por uma distância de cerca de 9 centímetros... Adquiri essa quando tinha treze anos, mas durante toda minha vida não consegui me lembrar como. Eu costumava brincar um bocado no bosque, perto de um açude e talvez tenha adquirido lá, mas não me lembro como.

Kathie encerrou a carta dando um endereço e um número de telefone. Embora, na ocasião, eu não tenha podido perceber, o relato sobre dois incidentes sugestivos expandiu-se, transformando-se no caso de OVNI mais complexo que já encontrei. Em geral, quando eu recebia cartas em resposta a *Missing Time*, elas eram lidas e depois empilhadas em uma caixa de papelão para serem respondidas quando o tempo permitisse, uma batelada de cartas de cada vez. Se o tom da carta parecesse urgente e a narrativa seguisse o modelo de sintomas que eu reconhecia como sugestivos de uma esquecida experiência de rapto, muitas vezes eu telefonava direto para o remetente. O "Caso Kathie" ajustava-se a essa categoria especial. A primeira vez que eu telefonei para ela foi a 15 de setembro de 1983. Seguiu-se uma série de telefonemas, que levou a que combinássemos que Kathie visitasse Nova York em meados de outubro, para uma intensa investigação sobre sua experiência e uma série de regressões hipnóticas.

Durante esses telefonemas, falei com Kathie, sua mãe, seu pai e a irmã Laura. Os quatro falam com o típico sotaque do Meio Oeste americano — eu nasci em Wheeling, Virgínia Ocidental, de modo que conheço bem — e com uma franqueza cândida e direta que comunica o hábito da honestidade. Uma de minhas primeiras conversas foi com Robert, o pai de Kathie. Perguntei sobre suas lembranças sobre o círculo e o pedaço de terra com grama morta, que apareciam no gramado

atrás da casa.

> Bem, andei trabalhando dez anos nesse maldito pátio lá fora, e o pátio dos fundos era a melhor parte de todo esse lugar. Não sei o que fez aquilo. Não foram fungos. Não sei que droga será, mas alguma coisa ou alguém, ou seja, lá o que for liquidou com um pedaço do meu maldito terreno. O círculo e a linha que sai dele ainda estão do jeito que eram, e já faz três meses que estão lá. A grama só nasce até lá e depois para.

Todos, Robert, Mary e Kathie, concordaram que talvez tenha levado três dias para a grama morrer por completo e depois desintegrar-se transformando-se em um pó marrom. As marcas ainda apresentavam uma clareza inconfundível no dia 4 de julho, quando Mary se lembrou de apontá-las para o neto. Também começou a morrer o mato próximo ao alimentador de pássaros, no lugar onde Mary viu a pequena bola de luz pela primeira vez. E, como veremos, houve outras estranhas mudanças orgânicas no pátio dos fundos dos Davis.

Também perguntei ao pai de Kathie a opinião dele sobre a veracidade básica das duas filhas. Robert e Mary criaram quatro filhos — três moças e um rapaz — e eu conheci os quatro. À medida que comecei a conhecê-los melhor, passei a achar que todos eram honestos e não nutriam a necessidade de florear ou inventar incidentes exóticos. Robert foi mais enfático: “Se alguma vez eles aprontassem alguma, eu daria palmadas na bunda, de modo que nunca aprontaram.”

De fato, após ter conversado com os outros membros da família, percebi que Kathie tinha uma tendência inclusive a atenuar a singularidade dos acontecimentos da família Davis. Ela era menos propensa a dar o alarme do que a tentar explicar as coisas e só me escreveu depois de ter as fotos que apoiavam os relatos dela e da mãe sobre as estranhas luzes no pátio dos fundos e as marcas do solo. No final da carta, ela referiu-se, de modo quase relutante, a alguns sonhos vívidos que havia tido. E, em uma de nossas primeiras conversas por telefone, perguntei-lhe sobre eles. O sonho mais recente e para ela mais inesquecível ocorreu no verão de 1978, quando ela estava com dezenove anos de idade, era recém casada e vivia com o marido em um pequeno apartamento de andar superior, em um subúrbio de Indianapolis.

O sonho foi extraordinariamente pavoroso e realista, Kathie lembrou-se, uma experiência tão vívida agora como tinha sido na ocasião. Ele começou no meio da noite com Kathie sentando-se, desperta, de frente para duas estranhas criaturas de rosto cinzento, que se encontravam ao lado da cama. Um deles segurava uma pequena caixa preta com uma luz vermelha brilhando na parte de cima. O "homem" que segurava a caixa, se aproximou e a entregou a Kathie, e quando ele se mexeu, a outra figura também se mexeu em uníssono. Em um relato que Kathie escreveu mais tarde, ela descreve da seguinte maneira: "Quando eles me entregaram a caixa, lembro-me de ter pensado *'oh, por favor, não se aproximem mais!'* Agora que estou escrevendo, sinto o terror, e tudo parece real *demais*. A sensação, o sonho! Em um lampejo, pensei que pudesse ser real, não sei. *O terror é real*."

Ela descreveu as figuras como tendo cabeças grandes e uma pele "branca suja, quase cinza". Os olhos eram "de cor negra como o azeviche, pareciam líquidos, cintilavam à luz fraca". Ela mencionou que não conseguia se lembrar de ter visto mãos quando a caixa foi entregue a ela e que as figuras estavam tão perto da cama que ela não pôde ver a parte inferior das pernas nem os pés.

> Não me lembro se havia boca e nariz ou orelhas. Só me lembro bem dos olhos e da forma geral. Acho que tinha 1,35 metros de altura e eram de compleição leve. Ele me chamou pelo nome e parecia falar comigo como se eu fosse uma criança. Não sei como acho isso, mas a coisa não me aborreceu.
>
> Ele disse "Kathie" e me entregou a caixa. Eu disse "posso ficar com ela?" Ele disse "não. Segure. Olhe para ela". E eu fiz o que ele disse. E, depois de um minuto, ele tirou a caixa com um movimento suave. Eu disse "o que é isto? Para que serve?" Ele disse "olhe para mim". Então eu pensei "será que eu preciso olhar?", mas olhei. Ele disse "você vai ver isto de novo no momento certo, você vai lembrar-se e saber como usar". E eu disse "está bem".
>
> Eu estava assustada, petrificada, mas, no momento em que ouvi meu nome e quando olhei para o rosto dele, para seus olhos, consegui ficar calma e me comunicar. Me senti mais relaxada fisicamente, quase que sonolenta outra vez e com a mente bem mais tranquila. Só fiquei pensando "não se aproxime mais e não me

> toque, e eu ficarei bem. Deus, por favor, não me toque, por favor!" Eles nunca me tocaram e se mexiam devagar, com movimentos cautelosos. Não vi quando foram embora, apenas acordei.

Kathie disse que esse "sonho" pareceu de um realismo extremo — ela estava em sua própria cama e tudo parecia estar do mesmo jeito em que sempre esteve, à exceção da presença de seus estranhos visitantes. O marido ficou dormindo ao lado dela durante toda a provação, no entanto ela não fez nenhum esforço para chamar a atenção dele. Ela despertou por volta das três da madrugada, devagar, como se estivesse saindo de uma anestesia, como ela afirmou, e acordou o marido para contar a estranha lembrança. No dia seguinte, Kathie contou para a mãe e a irmã Laura. Desde então tenho entrevistado as duas mulheres assim como o ex-marido de Kathie sobre esse ponto. Os três lembram-se de Kathie ter contado na ocasião — 1978 — sobre o "sonho" assustador. Todos os detalhes que ela descreveu são anteriores à data de publicação de *Missing Time*. (Ela também não viu o filme *Contatos Imediatos do Terceiro Grau*, a não ser depois que o pai levou a família inteira para ver, um ano após, na época do Natal.) Fico satisfeito com o fato de em 1978 ela quase não ter nenhum conhecimento da típica "visita ao quarto", nem do tipo de ocupante de OVNI que, em geral, é relatado. Suas imagens e lembranças não podem ser designadas como "contaminação", nem por ter lido a literatura sobre OVNI's, nem por ter assistido a versão de Hollywood criada pelo departamento de efeitos especiais de Steven Spielberg.

Nos últimos sete anos, andei investigando uma verdadeira pilha de relatos semelhantes à lembrança do sonho de Kathie. E sempre fico alerta para certos sintomas, que sugerem que o sonho não foi sonho, mas sim um acontecimento real — uma experiência de rapto por OVNI recordada parcialmente. Embora muitos raptos por OVNI sejam lembrados de modo normal e, ao que parece, em sua totalidade, pelo modo como a pessoa lembra de um acidente assustador ou opressivo, algum grau de amnésia acompanha a maioria dessas experiências. Nós apenas não sabemos se a amnésia é natural nessas ocasiões, se é uma defesa criada no íntimo da pessoa contra lembranças perturbadoras; se é um fenômeno imposto de fora, meio pelo qual os ocupantes de OVNI dissimulam suas operações e, de certo modo, ajudam o raptado a levar

uma vida o mais normal possível após uma experiência como essa; ou alguma combinação desses dois fatores. Mas se o sonho de Kathie foi um acontecimento real, como suspeito, suas lembranças conscientes foram, sem dúvida nenhuma, apenas parte de uma experiência mais longa e esquecida de uma maneira mais complexa. A primeira coisa de que Kathie se lembra foi não de haver acordado, mas sim de já estar desperta e sentada na cama. Ela tem apenas uma memória nebulosa de como o sonho acabou; do mesmo jeito que uma série de relatos sobre rapto por OVNI, a história de Kathie tem um meio, mas não começo ou fim reais. Guardei isso em mente e quando ela viesse a Nova York, este seria o primeiro incidente que exploraríamos através da hipnose, método com que contávamos para penetrar no véu da amnésia.

No tempo decorrido entre a data em que recebi a carta original de Kathie e o dia de sua chegada a Nova York em meados de outubro, eu falava pelo telefone com pelo menos um membro da família Davis quase que a cada duas noites. A pesquisa sobre OVNI pode ser frustrante em alguns pontos de vista, mas estou certo de que tem o pleno apoio da companhia telefônica. A chamada para Indianapolis é bem cara, mesmo fora do horário de maior movimento, e poucos de nossos telefonemas eram breves. As rememorações de cada um dos membros da família Davis pareciam gerar mais relatos ainda sobre outros incidentes aparentemente não relacionados e que não tinham sido relatados. Era como se cada pessoa tivesse abrigado uma ou duas lembranças estranhas durante anos e ninguém supusesse que essas memórias pudessem ter um significado — ou, no que diz respeito ao assunto, fizessem parte de um modelo maior dentro do fenômeno OVNI —, até o momento em que, através do telefone, comecei a fazer perguntas que, pela experiência anterior, eu sabia que podiam ser fecundas.

Quando, por exemplo, eu comecei a perguntar aos membros da família Davis por seus sonhos, em especial os sonhos assustadores e periódicos, surgiu de modo dramático um outro padrão antes oculto. Kathie havia escrito a mim uma segunda vez, anexando fotos das misteriosas cicatrizes parecidas que ela e a mãe tinham nas pernas. Nessa carta, ela satisfez meu pedido para descrever um outro sonho de vaga lembrança da época da infância:

> Eu e mamãe estávamos escondidas no armário, porque hav-

> ia uma coisa enorme no céu, e mamãe estava mesmo assustada. Então, de repente, ela foi tirada do armário, e eu fiquei aterrorizada porque *nunca mais a veria de novo*. Não compreendo por que devíamos ter ficado assustadas com aquela coisa no céu. Na época, morávamos na rua Michigan. Nós estávamos em meu armário. É isso. Isso é tudo de que consigo me lembrar e é muito obscuro.

Em uma entrevista que fiz mais tarde com a mãe de Kathie sozinha, perguntei a Mary se ela já havia tido sonhos perturbadores que se repetissem e que continuassem vívidos em sua mente, anos depois. Ela respondeu dizendo que havia um sonho intrigante, que ela tinha com frequência quando era jovem, que tanto era assustador como de um realismo extremo e que envolvia a filha mais velha. Nesse sonho, ela escondia-se no armário do quarto de Laura porque havia "duas pessoas" na casa que "queriam levar minha filha". Esse armário — com o qual sonhava da mesma maneira como era na realidade — tinha um alçapão no teto que levava a um espaço baixo do ático. Em pânico, ela abriu-o e levantou Laura até o ático para escondê-la da desconhecida ameaça do exterior. O sonho em si terminava nesse ponto, depois Mary acordaria aterrorizada. A semelhança entre os sonhos de Kathie e da mãe é notável, a não ser por um detalhe estranho, porém central — Kathie se coloca no sonho, ao passo que Mary se lembra de ter sido Laura que ela escondeu no ático. Esta contradição aparente, que ainda não foi resolvida, pode ser explicada de várias maneiras. Primeiro, há a possibilidade de "contaminação", que quando criança Kathie tenha ouvido o vívido relato da mãe e aplicado a si mesma e não a Laura e mais tarde se recordasse do sonho como se fosse seu. Mas também é possível que Mary não se tivesse lembrado direito de seu próprio sonho. Mas há uma terceira possibilidade ainda mais perturbadora. Quando entrevistei a família Davis em Indianapolis e perguntei sobre quaisquer medos ou fobias estranhas de que pudessem lembrar, Laura contou-me que sempre tinha tido um medo intenso daqueles espaços do ático como os de que se recordava de seu velho lar na rua Michigan. O terror que sentia era tanto, que ela insistiu para o marido pregar os alçapões do teto que levavam aos espaços baixos do ático nas duas casas em que tinham morado desde que casaram. Apesar desse medo incomum e bem enraizado, Laura afirma não se recordar de coisa alguma a res-

peito de alguma experiência de infância no ático, ao passo que Kathie lembra do "sonho" em que se escondeu com a mãe no mesmo armário. E, assim, levando em consideração as rememorações das três, a terceira possibilidade sugere: poderia ter havido duas invasões da casa, com um intervalo de anos, com Mary reagindo da mesma maneira nas duas vezes e escondendo a filha menor no armário?

Só em nosso terceiro telefonema foi que perguntei a Kathie se alguma vez ela havia visto algo que pudesse interpretar como sendo um OVNI, um objeto *voador* não-identificado diferente das estranhas luzes no abrigo da piscina ou das duas figuras estranhas de seu "sonho". Ela respondeu um tanto ou quanto hesitante, dizendo que ela e outras duas meninas — adolescentes — haviam visto várias vezes estranhas luzes moventes, tarde da noite, quando estavam dando voltas de carro, com as palavras de Kathie, "em farrinhas". Pedi detalhes. "Às vezes, eu e minha amiga Dorothy íamos ver o namorado dela. Parece que sempre nos divertimos, mas não me lembro o que fazíamos. Mas recordo que uma vez nós vimos essa luz esquisita. Estava brilhando como um estroboscópio. Eu disse: 'ei, olhe aquela luz lá em cima'. E então alguém disse: 'é um OVNI'. E todos caímos na gargalhada. Depois a luz aproximou-se e começou a cintilar. Todos nós sentimos um arrepio. Eu fiquei mais fascinada do que assustada. Lembro que paramos o carro para olhar". As lembranças de Kathie tornam-se vagas nesse ponto, de modo que anotei para depois fazer mais perguntas sobre esse incidente. Pedi que ela visitasse a amiga Dorothy e descobrisse o que ela se recordava daquela noite. No dia seguinte, Kathie ligou para mim. "Fiquei realmente surpresa", ela disse. "Quando telefonei para Dorothy, disse a ela que você queria saber o que ela se lembrava sobre a ocasião em que vimos a luz cintilante e paramos o carro. Ela disse: 'você quer saber sobre a luz no céu ou aquela luz que saímos para ver no terreno?' Bem, o estranho é que não me lembro de ter visto luz nenhuma no terreno. Eu mal me recordo de ter saído do carro. Não me lembro de mais nada, a não ser que Roberta estava escondida no chão do assento traseiro, morta de susto e querendo ir embora para casa. Tudo isso foi muito singular. Lembro que passei a noite na casa de Dorothy e que mal tínhamos ido para a cama, quando tocou o despertador dos pais dela e já era a hora de eles irem para o trabalho. Sei que o dia já estava quase amanhecendo quando chegamos na casa, mas durante toda a vida não consegui me

lembrar o que fizemos naquele tempo todo. Dorothy também não sabe o que fizemos, mas recorda-se que era bem tarde." E então, ao perceber a ironia da situação, Kathie deu uma risada e disse: "lembro que um de nós disse: 'o tempo realmente voa quando a gente está se divertindo!'"

Como o leitor irá perceber, as lembranças conscientes de Kathie sobre essa noite ocultam uma experiência muito cruciante de rapto por OVNI, um acontecimento de importância crucial para a nossa compreensão do fenômeno OVNI.

Um dos pedidos que fiz a Kathie e a sua família foi que eles andassem com cuidado no terreno atrás da casa, próximo à área queimada, e procurassem quaisquer marcas ou perturbações, que talvez não tivessem notado antes. Também pedi amostras do solo dentro do círculo danificado e amostras para controle do terreno não danificado bem ao lado do outro. Lançando mão de seu livro de anotações, Kathie foi capaz de fixar a data dos acontecimentos no pátio dos fundos — as luzes, a busca armada, o relato da mãe sobre o alimentador de pássaros iluminado, etc. — como tendo sido em 30 de junho de 1983. De modo que meu pedido de amostras do solo, que se seguiu à chegada da primeira carta de Kathie, foi feito dois meses e meio depois do acontecimento. Por conseguinte, eu sabia que qualquer peso testemunhal que as amostras pudessem ter tido antes, talvez já estivesse comprometido agora.[17] Mas a busca de Kathie no círculo queimado rendeu uma outra importante descoberta: cerca de 60 centímetros fora do círculo de 2,40m, equidistantes do centro e de cada um, havia quatro buracos pequenos, da grossura de um dedo e com uma profundidade de cerca de sete centímetros e meio. Esses buracos pequenos, que facilmente poderiam ter sido feitos por alguma espécie de trem de aterrissagem fixo e simétrico, têm precedentes em outros casos semelhantes de OVNI, como veremos.

Durante um telefonema em setembro, uma das séries mais perturbadoras de acontecimentos do caso Copley Woods chamou minha atenção através de Mary Davis. Eu estava conversando com Kathie numa noite, quando ela disse, acho que de um modo quase relutante, que a mãe tinha pedido para que ela me contasse sobre os estranhos telefone-

17- É óbvio que amostras do solo levadas a estudo químico dois meses e meio depois, como foi o caso, podem ter sido afetadas nesse meio tempo por uma grande variedade de condições, tais como o tempo, fertilizantes químicos e assim por diante.

mas. Parece que em 1980, quando Kathie estava grávida do segundo filho, Tommy, ela recebeu um telefonema indecifrável. Com um barulho de fundo que parecia o estrondo de uma fábrica trabalhando a todo vapor, ela ouviu uma voz gemendo e resmungando, mas sem usar sílabas que ela pudesse compreender.

A princípio, Kathie supôs que fosse algum amigo fazendo uma brincadeira com ela, então ela interrompeu e perguntou bem-humorada o que estava acontecendo. A voz continuou sem fazer nenhuma pausa nem mesmo para escutar a pergunta. Kathie tornou a perguntar e desligou, após fazer várias vezes a pergunta sem receber nenhum tipo de resposta. Isto ocorreu em uma tarde de quarta-feira. Na quarta-feira seguinte, mais ou menos à mesma hora — às três da tarde —, ela recebeu um outro telefonema quase idêntico. E também na quarta seguinte e na outra depois desta. Não se escutavam palavras e não havia nenhuma nuance sexual aparente. O próprio sexo da voz era indecifrável.

Os telefonemas continuaram durante meses, ocorrendo nas tardes de quarta-feira e por volta da mesma hora. Às vezes, Kathie ficava escutando durante vários minutos, fascinada por aqueles sons fantásticos. Em outras ocasiões, ela desligava rápido. Em um determinado momento do início dessa história, Kathie decidiu que o mais provável seria ela informar à companhia telefônica e à polícia acerca daqueles incidentes, mas como a voz, fosse ela o que fosse, parecia bastante inofensiva, Kathie tomou a decisão de não tentar qualquer medida legal. Entretanto, ela decidiu mudar o número do telefone para uma relação de números não publicados. A companhia telefônica ligou em uma tarde de segunda-feira para informar que a mudança tinha sido feita e para dar-lhe o novo número que não apareceria no catálogo. Alguns minutos depois, a voz misteriosa telefonou outra vez e, segundo Kathie, parecendo furiosa, mas deixando claro o fato de que adquirir um número não relacionado nada significava. Ela estava tão acessível quanto antes. Foi a única vez em que ela recebeu um desses telefonemas em um dia que não fosse a quarta-feira.

Uma das razões pelas quais a mãe de Kathie pediu que ela contasse sobre esses telefonemas, foi que a própria Mary atendeu o telefone em uma quarta-feira em que Kathie tinha saído. Mary disse que a voz era muito estranha de se ouvir. Ela me deu suas impressões sobre os sons guturais, os gemidos, o barulho ao fundo e os sons tilintantes. Tanto

Kathie como a mãe achavam que às vezes a voz parecia furiosa, às vezes triste e em outras ocasiões emocionalmente neutra. Em uma ou duas ocasiões, Kathie sentiu que os sons estavam ameaçando de fato, mas jamais houve a sensação de interação, de conversa. Fosse o que fosse a voz, ela fazia um monólogo sem permitir qualquer resposta.

Por sorte, Dorothy, a amiga de Kathie, apareceu de visita em uma outra tarde de quarta-feira durante esse período. A pedido de Kathie, ela atendeu o telefone, de modo que Dorothy também ouviu os resmungos, os barulhos guturais e tudo mais. Hoje, há três testemunhas desse estranho fenômeno, e suas descrições são de uma congruência notável. Os telefonemas continuaram durante os nove meses de gravidez de Kathie, mas cessaram de modo abrupto uma semana após o nascimento de Tommy, a 26 de setembro de 1980.

O que se deve concluir dessa história? Está relacionada de alguma maneira com o fenômeno OVNI? Existem, de fato, precedentes na literatura, que documentam esse tipo de acontecimento incomum em outras situações envolvendo OVNI's.[18] Algum fato periférico pode estar envolvido nisso e é perturbador pensar nele. Quando Kathie chegou a Nova York em meados de outubro de 1983, eu tinha muitas perguntas a fazer. Como, por rotina, eu tentava informar-me sobre a saúde física e mental de cada uma das testemunhas de OVNI, algumas de minhas perguntas tinham a ver com o histórico médico de Kathie. Ela havia tido uma longa luta com várias enfermidades crônicas, possivelmente psicossomáticas — colite, batimento cardíaco irregular, ansiedade aguda, insônia e assim por diante. Na terapia de grupo, seu analista achava que havia alguma causa de seus problemas ainda não descoberta, como algum trauma esquecido, um acontecimento especial não recordado. Quando ela me respondeu às perguntas sobre o histórico médico, perguntei pela saúde de seus dois garotos. Estão bem, ela disse. Depois fez uma pausa. "Tommy, meu filho mais novo, tem um problema de fala. Já tem três anos, mas ainda não fala. Só faz um tipo de som gemido. Já fiz todos os exames nele. Fizeram eletro e analisaram as ondas cerebrais e assim por diante. Ele é normal. É muito inteligente, só que ainda não fala." Mais tarde, quando Kathie estava a sós com uma colega minha,

18- "Lucille Forman", uma mulher cujas experiências com OVNI's são tratadas no *capítulo 10*, relata um acontecimento semelhante, que ocorreu em 1973. Um relato telefônico muitíssimo vívido aparece em *The Andreasson Affair* de Raymond Fowler (Nova York: Bantam, 1980), pp. 195-199.

ela contou, com uma emoção mal dissimulada, que aquela situação a deixava um bocado preocupada. Disse que os sons de Tommy se pareciam muito com os da voz misteriosa, que telefonou várias vezes durante sua gravidez.[19]

Uma das primeiras conversas que tive com a família Davis, relacionava-se com o episódio do OVNI de "tempo desaparecido", ocorrido em 1965 e relatado pela irmã de Kathie. Conversei em detalhes com Laura sobre o avistamento que, como o leitor há de se lembrar, ocorreu em um estacionamento de igreja. Com uma diferença cronológica, o relato de Laura corroborou por completo a versão que Kathie havia delineado na carta.[20] Laura tinha levado a mãe para um bingo em uma tarde de domingo, no início do outono. O jogo começou às 17h00, de modo que suponho que tenha sido por volta dessa hora que ela passou pela igreja a caminho de casa. (A igreja situava-se cerca de 16km do lugar onde ela havia deixado a mãe, em algum momento antes do início do jogo.) Ela não sabe por que se sentiu compelida a parar na entrada e depois fazer a volta e entrar no estacionamento da igreja, mas foi o que ela fez. Laura simplesmente parou o carro e suas lembranças sobre a parte do dia terminam nesse ponto. No instante seguinte, estava escuro lá fora, e ela pôde ver acima um enorme OVNI flutuando, com luzes coloridas brilhando em torno de sua parte inferior. Laura pôde ouvir o objeto "zumbindo ou chiando, fazendo um barulho como deve ser o de um pião... um som parecido com o do ar". Ela abriu a janela e inclinou-se para a frente a fim de diminuir o rádio, com a esperança de ouvir o OVNI de modo mais claro, mas ele começou a acelerar de repente e em poucos segundos saiu do campo de visão. Enquanto dirigia de volta a casa, ela compreendeu que havia alguma coisa muito errada. Havia desaparecido uma parte dessa intrigante sequência de acontecimentos, era um mistério perturbador que, no decorrer dos anos, a incomodava sempre que ela pensava no caso.

Durante a entrevista, veio à tona uma outra informação fascinante e sugestiva. Laura contou que quando Kathie a questionou, pergun-

19- Nos anos decorridos desde 1983, quando Kathie narrou essas sensações para a amiga, Tommy fez consideráveis avanços no controle de sua fala. Tem sido necessário um treinamento especial e embora a causa de seu problema ainda não seja conhecida, ele vem melhorando constantemente.

20- Kathie disse que Laura entrou no estacionamento, estacionou o carro e, à luz do dia, olhou para cima e avistou o OVNI. Na verdade, Laura entrou no estacionamento e parou — mas, só mais tarde, depois que "de repente" ficou escuro, foi que ela viu o OVNI acima dela, ao que parece, distanciando-se. Parece-me que se trata de uma discrepância de somenos importância e compreensível entre as duas recordações do incidente.

tou se ela ficara assustada enquanto olhava para o OVNI. "Eu disse que não, não tinha ficado nem um pouco assustada, nunca. Só fiquei assombrada com aquela coisa gigantesca no céu, apenas 300 metros mais ou menos acima de mim." Kathie disse: "Você nunca sentiu medo, nem por um segundo?" "Eu respondi que não, nunca. Nem mesmo na primeira vez em que vi, nem quando ouvi o zumbido e fiquei olhando as luzes e nem mesmo..." Laura disse que se refreou nesse ponto; que estava prestes a dizer: "nem mesmo quando voltei para o carro". E eu pensei: "ah, então em algum momento eu estive fora do carro, já que não me lembro de ter saído do carro".

Foi uma súbita meia lembrança, um vislumbre talvez, mas faz alusão à parte esquecida da experiência. Talvez durante o período de tempo desaparecido, ela tenha estado *fora* do carro. Era uma ideia que abria uma caixa de Pandora de possibilidades.

Mais tarde, perguntei a Laura se ela havia lido meu livro *Missing Time*, que trata dessas situações de lapso de tempo. Ela respondeu que Kathie tinha emprestado o livro a ela, mas que ela só tinha lido partes. "Fiquei muito intranquila lendo seu livro e não consegui terminar." Laura contou-me que tinha assistido *Contatos Imediatos do Terceiro Grau* — um filme sobre OVNI, que não trata de modo direto dos raptos — e disse que não tinha ficado nem um pouco incomodada. "Mas quando vi o filme sobre o casal de New Hampshire [*The Ufo Incident*, filme que relata o rapto de Betty e Barney Hill][21], fiquei morta de medo. Tive que desligar a tevê. Quando fui para a cama, não consegui dormir. Meus olhos estavam arregalados. Tentei dormir e, no final, fiquei debatendo-me para que meu marido acordasse, mas ele não acordou. Nessa noite quase não dormi."

Eu já havia investigado um número suficiente de casos semelhantes para reconhecer no relato de Laura e no comportamento posterior muitos dos sintomas de uma traumática — embora esquecida — experiência de rapto por OVNI. Tudo que eu estava aprendendo sobre o caso Copley Woods realçava meu desejo de ir a Indianapolis para ver com meus próprios olhos.

Sete anos antes, eu havia investigado o primeiro da série de rela-

---

21- Uma ideia errônea é a de que existem muitos filmes que tratam dos raptos por OVNI. Na realidade, esse filme — um filme para a tevê baseado no rapto dos Hill — ainda é a única narrativa cinematográfica que descreve o fenômeno. *The UFO Incident*, estrelado por James Earl Jones e Estelle Parsons, foi feito em 1975 e é reprisado com frequência no horário da madrugada das tevês.

tos sobre OVNI, que redundaram em um rapto e que estabeleceram o padrão que hoje é conhecido. Nesse primeiro caso, um jovem, Steven Kilburn, foi imobilizado após seu carro ter sido tirado da estrada como se fosse por alguma poderosa força externa.[22] A seguir, ele foi abordado por cinco figuras humanoides, baixas, acinzentadas e de cabeça grande. Assim como Kathie e muitos outros raptados, a atenção de Kilburn foi atraída de um modo quase hipnótico para os olhos de seus captores, que ele descreveu como "lustrosos de verdade... negros. Não vi nenhuma pupila ou algo pelo estilo... e eram enormes... eram negros e infinitos. Como se fossem líquidos ou algo parecido... Fiquei olhando para aqueles olhos que olhavam para mim. Deus! Me senti como se estivesse em um microscópio".[23] Vale a pena ressaltar que no "sonho" de Kathie de 1978, ela também descreve os olhos da pequena figura de pele cinza como "olhos de cor negra como o azeviche, parecendo líquidos, reluzindo à luz fraca... Quando olhei para o rosto dele, para seus olhos, consegui acalmar-me o bastante para me comunicar". Kilburn foi levado para dentro do OVNI e colocado em cima de uma mesa, onde passou por um exame físico intermitentemente doloroso, que incluiu a retirada de amostras de esperma. Foi levado para o carro mais tarde e, de alguma maneira, foi bloqueada durante algum tempo a lembrança que ele tinha desse encontro traumatizante.

Desde o caso Kilburn, tenho feito um trabalho direto com mais de cem pessoas, que, ao que parece, tiveram o mesmo tipo de experiência de rapto por OVNI. Essas pessoas, deve-se assinalar, são oriundas de vários níveis educacionais, sociais e econômicos da sociedade. Investiguei o caso de três raptados diferentes, que tinham diploma de Ph.D. Outros raptados com quem andei trabalhando incluem um psicoterapeuta, um oficial de polícia, um advogado do governo dos Estados Unidos, um fazendeiro, um oficial do exército, um executivo de empresa, um escritor famoso, um artista, uma enfermeira registrada e assim por diante — um belo grupo representativo da comunidade. Agora, depois de investigar esse tipo de relato de rapto, o pesquisador precisa assumir, enfim, uma das três posturas básicas. Primeiro, pode decidir que a testemunha é mentirosa, é um embusteiro deliberado. Segundo, pode concluir que a testemunha está de alguma forma iludida, que a

22- Hopkins, pp. 51-88.
23- Id., p. 70.

experiência não ocorreu ao nível físico, mas que em vez disso trata-se de algum tipo de aberração psicológica. A terceira e única outra opção é que o relato da testemunha é uma tentativa honesta de lembrar um acontecimento verdadeiro.

Quanto à primeira opção, estou convencido de que nenhum dos raptados aparentes com quem trabalhei estava tentando de modo deliberado pregar uma peça. A publicidade não pode ser considerada um motivo. Apenas dois deles me deram permissão para usar seus nomes verdadeiros em qualquer relato que eu venha a publicar. Nenhum deles jamais pediu alguma recompensa financeira ou de outro tipo por seus relatos. Em minha opinião, nenhum tinha um motivo visível para inventar tal história bizarra e, nos poucos casos em que foram usados testes com o detector de mentiras, as testemunhas passaram.

A segunda explanação possível para esses relatos de rapto — a explicação psicológica — é de longe a mais plausível e é aqui que tenho feito os maiores esforços para descobrir uma alternativa para sua verdade literal. Em 1981, a Dra. Aphrodite Clamar, Ted Bloecher e eu recebemos apoio financeiro do *Fundo para a Pesquisa sobre OVNI* para realizar um estudo dessa questão central.[24]

Contratamos uma psicóloga muito recomendada e qualificada, a Dra. Elizabeth Slater de Nova York, para aplicar uma bateria de testes psicológicos em nove pessoas, cujas experiências de rapto tínhamos investigado antes e cuja veracidade parecia fora de dúvida. Nada se disse, em absoluto, à Dra. Slater acerca da conexão com os OVNI's. Ela sabia apenas que tínhamos um projeto de pesquisa, que requeria o teste "cego" de nove pesquisados, que estávamos interessados em quaisquer padrões psicológicos que pudessem surgir entre eles e que tínhamos interesse, é claro, em qualquer psicopatologia que pudesse estar presente.

Em junho de 1983, a Dra. Slater concluiu seus testes, que incluíam o Inventário Multifásico de Personalidade de Minnesota, o Rorschach, a Escala de Inteligência Adulta de Wechsler, o Teste de Percepção Temática e um teste de desenho projetado. Ela não descobriu nenhum grande problema mental entre os nove; nenhum deles era paranoico, esquizofrênico ou apresentava algum outro tipo de deficiência emocional. Entretanto, havia um certo padrão. Embora todos estivessem

24- Esses documentos, que incluem *The Final Report on the Psichological Testing of UFO* "Abductees", estão à disposição no Fund for UFO Research, P.O. Box 277, Mount Rainier, Md. 20712.

acima da média em termos de inteligência, todos compartilhavam de um certo "déficit", para usar o jargão psicológico. Pelas palavras da Dra. Slater, cada um dos nove revelava "um certo grau de perturbação de identidade, alguns déficits na esfera interpessoal e, em geral, um leve fenômeno paranoico".[25] Pedi à Dra. Slater que traduzisse algumas dessas frases para a linguagem do leigo. Em termos gerais, embora vários dos nove pesquisados tivessem um extremo sucesso na vida — na carreira, na posição social e econômica e assim por diante —, todos sofriam de carência de autoestima. Nenhum deles parecia muito à vontade do ponto de vista físico, "à vontade com seus corpos e confortáveis com sua sexualidade", nas palavras da Dra. Slater, e todos sofriam de algum grau de desconfiança e cautela, embora nenhum pudesse ser chamado de paranoico. "Eles só são mais cuidadosos, mais hesitantes com a confiança, do que a média das pessoas", ela disse.

Depois que a Dra. Slater nos entregou um relatório, nós lhe contamos sobre a relação com os OVNI's. Eu expliquei um pouco sobre os relatos de rapto por OVNI. Como se pode imaginar, ela ficou perplexa ao descobrir que era essa a experiência compartilhada pelos nove pesquisados. Em resposta a nosso pedido final, ela dedicou-se a escrever um prólogo a seu relatório, uma reavaliação dos resultados dos testes à luz dessa informação nova. Leu meu livro *Missing Time*, fez hipóteses acerca dos efeitos psicológicos que se podiam esperar dessas experiências e depois escreveu um resumo final. Suas conclusões são de extrema importância para qualquer tentativa de uma "teoria psicológica" dos relatos de rapto de OVNI, de modo que as citarei com detalhes:

> A primeira e mais crítica questão é saber se as experiências relatadas por nossos pesquisados podiam ser respondidas estritamente em base à psicopatologia, isto é, à perturbação mental. A resposta é um firme não. Em termos amplos, se os raptos relatados fossem produções fantasiosas confabuladas, baseadas no que conhecemos a respeito das perturbações psicológicas, elas só poderiam ser originárias de mentirosos patológicos, esquizofrênicos paranoicos e personalidades muito perturbadas e de rara e extraordinária histeria, sujeitas a estados de fuga e/ou múltiplas mudanças de personalidade... É importante notar que nenhum dos

25- Elizabeth Slater, *"Conclusions on Nine Psychologicals"*, p. 14 do *Final Report*.

pesquisados, em base aos dados dos testes, se encaixa em alguma dessas categorias... Em outras palavras, não existe nenhuma explicação psicológica aparente para seus relatos.

...De um outro ponto de vista mais especulativo, pode-se considerar a maneira como o rapto por OVNI, da forma como é relatado em *Missing Time* do Sr. Hopkins, pode afetar a vítima... Decerto que tal experiência inesperada, casual e literalmente extraterrestre... durante a qual a pessoa não tem nenhum controle em absoluto sobre o resultado, constitui um trauma de grandes proporções. Do ponto de vista hipotético, o impacto psicológico pode ser análogo ao que se vê nas vítimas de crimes ou vítimas de desgraças naturais, que constituem um acontecimento durante o qual o indivíduo é subjugado por circunstâncias externas de uma maneira extrema... [e de alguma forma] é despojado de qualquer capacidade mental de resistência física.

...Traços psicológicos, que aparecem de modo consistente nos pesquisados, incluem primeiro um surpreendente grau de agitação interior, assim como também um alto grau de cautela e desconfiança. É lógico que tal sublevação emocional e cautela que a acompanha com relação ao mundo certamente podem seguir a esteira de uma experiência como a que foi descrita acima.

Ademais, caso se considere o ceticismo e má reputação que são tipicamente encontrados com relatos sobre avistamentos de OVNI, então não apenas caracterizamos o rapto por OVNI como traumático em si, mas devemos acrescentar que também é provável que provoque a estigmatização social... Supondo, em prol da argumentação, que o rapto ocorreu de fato e que, como é de se presumir, esta seja uma ocorrência muito rara, ela torna-se então algo que não pode ser fácil de se compartilhar com outros como meio de se obter apoio emocional. Em consequência disto, é provável encontrar-se uma profunda sensação de vergonha, disposição de ocultar o fato e alienação social entre as vítimas que teriam passado por uma profunda experiência, que poderiam não ser compreendidas ou aceitas por outros. A analogia mais próxima pode ser a alienação interpessoal das vítimas de estupro, que foram violentadas da forma mais brutal, mas que de alguma forma ficam manchadas pela virtude do crime contra elas.

Como a Dra. Slater assinalou em seu adendo, é óbvio que os resultados das baterias de testes psicológicos dos nove não podem provar que os nossos pesquisados foram de fato raptados. Entretanto, o projeto estabelece dois pontos importantes: que uma psicóloga experiente, ao testar "de modo cego" nove pessoas, não encontrou em absoluto nenhuma explicação psicológica para seus relatos de rapto e também que cada uma delas exibia o tipo de "cicatriz psíquica", que é provável que um trauma como esse iria deixar.

Em meu esforço para explorar qualquer possível explicação psicológica para os relatos de rapto por OVNI, lidei com um grande número de outros psicólogos e psiquiatras, que em sua maioria foi útil e generosa com seu tempo, embora o assunto ainda seja tão controverso, que vários deles não estão ansiosos para ser identificados de público com o empreendimento. Três psiquiatras e dois psicólogos realizaram sessões de regressão hipnótica durante anos com uma série de possíveis raptados por OVNI. Dois outros psiquiatras entrevistaram nossos pesquisados e, em uma ocasião, fizeram um tipo de terapia de grupo com seis raptados. Nenhum desses profissionais do campo da psicologia me apresentou, nem mesmo à guisa de tentativa, uma teoria psicológica que pudesse explicar esses estranhos relatos. E mesmo se tal teoria existir, ainda restaria o problema de se explicar a evidência física — as cicatrizes, marcas, desaparecimentos temporários, etc. Talvez também seja significativo que nenhum deles jamais tenha encontrado em sua prática clínica algum paciente com nítida psicose, que descrevesse esse tipo de experiência de rapto por OVNI. É óbvio que não se trata de uma ilusão comum. Parece que Deus, o demônio e a CIA ainda são populares, mas os raptos por OVNI não são um grande item com o genuíno ornamento lunático.

E assim nós somos deixados com a terceira explicação, até aqui intacta, para os relatos de rapto por OVNI. Ela é ao mesmo tempo a teoria mais incrível e, no entanto, a mais simples de todas: essas pessoas honestas e visivelmente assustadas estão apenas contando a verdade sobre o que aconteceu com elas.

Quando terminei *Missing Time*, pensei que continuariam a vir à luz mais relatos de raptos, mas eu não estava preparado para a verdadeira vastidão de números que, ao que parece, existem. E em vez de se tornar de alguma forma mais vago em seus contornos, o fenômeno do

rapto parece hoje em dia mais preciso, mais enfocado e mais *real* do que eu jamais poderia ter imaginado. Eu havia resolvido não escrever um outro livro, a não ser que viesse a conhecer alguma verdade nova e importante sobre o fenômeno. Essa condição foi encontrada, de modo claro e dramático, no decorrer desses cinco anos. O ímpeto para este atual estudo é minha crescente consciência do que parece ser um específico propósito experimental de longo prazo, atrás do qual, eu penso, estão as incursões um tanto ou quanto casuais dos OVNI's, em busca de informação.

Neste ponto, devo prevenir o leitor mais uma vez: as afirmações que estou prestes a fazer são "inacreditáveis", inconcebíveis" — no entanto, estou certo de que as provas existentes amparam sua verdade. Quase todos que um dia relataram uma experiência de rapto por OVNI descreveram o comportamento dos raptores como sendo de uma neutralidade peculiar e objetiva, sem demonstrar maldade nem calor humano. A imagem geral usada pelos raptados é a de um ambiente de laboratório, no qual eles são o espécime tranquilizado. Muitos relatórios descrevem a retirada de amostras, que às vezes incluem amostras de esperma e óvulo. Em treze dos casos que investiguei, membros familiares de diferentes gerações da mesma família parecem ter sido raptados de modo sistemático, em tempos e lugares variados, levando-nos a deduzir que esses raptos representam um estudo com fins genéticos de linhagens específicas. No caso Copley Woods, parece que Mary Davis foi raptada quando criança e outra vez quando jovem mãe. Suas filhas Kathie e Laura — mas não, ao que parece, seus dois outros filhos — foram raptadas mais tarde, em diferentes tempos e lugares. Pelo menos dois dos *netos* de Mary relataram encontros perturbadores com figuras humanoides descritas de modo semelhante. Tanto mãe como filha têm cicatrizes bem idênticas nas pernas, provocadas por possíveis raptos na infância, e existem evidências de que tanto Kathie como seu filho Tommy tiveram implantes próximos ao cérebro, um através da cavidade nasal e o outro através do ouvido. Esses aparentes implantes — uma ideia ultrajante e geradora de paranoia, se é que algum dia houve mesmo um implante — foram recordados tanto com como sem a ajuda da hipnose, em onze dos casos de rapto que investiguei.[26] O objeto descrito com

26- Implantes duvidosos foram relatados por outros pesquisadores de OVNI, como Raymond Fowler (*The Andreasson Affair*, pp. 51 e 57-58). Até hoje, nenhum desses minúsculos objetos foi localizado e removido

mais frequência é uma bola minúscula, com apenas 2 ou 3 milímetros de diâmetro, que é colocada no lugar por meio de uma agulha comprida. (Lembremo-nos da analogia com os zoólogos humanos, que metodicamente instalam minúsculos transmissores em animais-amostras para facilitar o seu rastreamento.)

É evidente o modelo de interesse dos OVNI's por gerações de determinadas famílias. Em um caso canadense, um pai foi raptado quando era jovem, e, décadas mais tarde, seu filho viveu uma série de tais encontros. Em uma família de Erie, Pennsylvania, tanto a mãe quanto a filha passaram, ao que parece, pelas mesmas experiências de rapto durante anos; ao passo que em casos de Connecticut, Vermont e Florida, mães e filhos foram apanhados em separado e "examinados" por ocupantes de OVNI's. Mas o mais perturbador é o motivo aparente que está por trás dessa concentração do fenômeno OVNI sobre várias linhagens familiares. Neste livro apresentarei provas novas e cabais de que está ocorrendo um estudo genético contínuo — e de que a própria espécie humana é objeto de uma experiência de procriação. Estou plenamente consciente de que esta ideia é tão ultrajante, que a resposta natural daqueles que estiverem lendo será ecoar a observação do magistrado Frankfurter sobre o Holocausto, anunciando

apenas que não dá para acreditar nisso, nessa era, sem atentar para a prova. Mas peço que vocês me ouçam. Se o que relato nestas páginas for verdade, como acredito que seja, nossa visão do cosmos e nosso lugar dentro dele serão mudados para sempre. Sendo que se deve prestar atenção aos suportes que elevam as provas.

CAPÍTULO 2

A Hora Desaparecida

Foi só em outubro — quase um mês depois de eu ter recebido sua carta inicial — que me encontrei com Kathie Davis pessoalmente. Foi um momento estranho, doce e emocional, que será contado em um outro capítulo, mas, entretanto, eu gostaria de descrevê-la aqui. Embora ela seja de estatura mediana, é uma mulher grande, de ombros largos, ossos grandes e, apesar das várias doenças que sofreu, tem um corpo forte. Seu rosto suave e inteligente é emoldurado por cabelos louros escuros, curtos e ondulados. Após ter estado com ela algum tempo, notei que seus olhos castanhos tinham uma leve diferença de tonalidade um do outro, traço este que ajuda a explicar o motivo pelo qual seu olhar atrai de modo tão sutil. Kathie é uma observadora cuidadosa, mas sua atitude para com os estranhos acontecimentos que vivenciou tem um sabor de ironia e um senso de resignação.

Durante o período de três anos de nossa observação, vi Kathie passar por mudanças bem pronunciadas. Quando nos conhecemos, ela era uma mulher desempregada e recém divorciada, com dois filhos pequenos, vivendo na casa dos pais. À medida que a investigação avançava e ela começava a compreender mais sobre a causa de sua profunda ansiedade, Kathie começou a ganhar autoconfiança. Em um dado momento, ela voltou à escola e estudou para uma nova carreira; hoje em dia, ela tem seu próprio apartamento e se autossustenta. Sua velha ansiedade ainda está presente, mas seus efeitos já não são mais incapacitantes.

Embora a educação de Kathie, é óbvio, não tenha passado do segundo grau, são evidentes sua inteligência e grau de informação. Seu estilo de conversa pode ser picante e irregular do ponto de vista gra-

matical, mas descobrimos que ela é muito sofisticada de várias e surpreendentes maneiras. (Sempre pensei que os autodidatas, como é o caso, sabem tudo sobre a coisa, mas não sabem como pronunciá-la, ao passo que os formados muitas vezes têm a situação ao contrário. Kathie é um bom exemplo para minha teoria.) Ela tem um talento considerável como artista plástico, como demonstram várias ilustrações deste livro, mas descobri que ela tem uma outra qualidade, que respeito sempre que percebo sua presença: um modo especial de perceber o outro, uma capacidade de interpretar e compreender as pessoas, não de uma maneira mística, mas sim com uma simples e prática consciência intuitiva. A palavra alemã vem a calhar, Kathie é uma verdadeira *Menschenkenner*, uma conhecedora dos homens. Se eu tivesse que ir a uma festa para conhecer novas pessoas ou visitar velhos conhecidos, eu a incluiria em uma curta relação de amigos, cujas opiniões eu solicitaria tão logo fosse embora. O que você acha dele? Como você a vê? É possível que ele seja mais inteligente do que parece? Seus dons nesse campo são mais raros do que se supõe, a ponto de serem estimados.

A carta inicial de Kathie em setembro havia apresentado apenas um esboço geral dos acontecimentos, levando ao aparecimento das estranhas luzes e do solo ressecado no pátio dos fundos dos Davis. A primeira vez em que li, eu não tinha nenhuma razão para pensar que esse aparente incidente com OVNI pudesse ter envolvido um rapto, e, assim, nossa investigação centrou-se em outras questões. Mas após duas visitas a Indianapolis e muitas extensas entrevistas com Kathie, sua família e os vizinhos, fui compreendendo pouco a pouco que a sequência dos acontecimentos recordados não tinha coerência. Não importa como olhamos a coisa, falta pelo menos uma hora na lembrança de Kathie daquela noite. O que surgiu no final após uma intensa investigação é, em base apenas à constrangedora prova física, um dos mais importantes casos de rapto por OVNI que se tem registro.[27]

Tudo começou de modo bem casual em um dia de verão como qualquer outro. O dia 30 de junho de 1983 foi quente e úmido nos arredores de Indianapolis. A temperatura chegou a 30°, embora o céu estivesse um pouco nublado. Pouco antes da hora da janta, Kathie saiu

---

27- Alguns casos de rapto incluem extensos traços de OVNI's tendo aterrissado e afetado o solo. Nenhum dos que conheço tem esse tipo de prova física e extenso testemunho corroborador de outros indivíduos e testemunhas envolvidas nele.

para ir à terapia de grupo das quintas-feiras, programa este ao qual ela se juntou para ajudar a lutar contra anos de insônia e ansiedade paralisante. Voltou para casa na hora habitual, por volta das 19h15, tomou sua sopa e depois pôs os garotos, Robbie e Tommy, na cama. Depois da janta, Kathie telefonou para a amiga Dee Anne a fim de combinar uma noite de costura na casa de Dee Anne. (As duas amigas compartilhavam de um modesto negócio de risco, fazendo roupas a pedido de amigas.) A primeira observação peculiar foi feita pouco antes das 9h00, quando Kathie contava para a mãe os planos para a noite. Ela olhou pela janela da cozinha e notou uma luz brilhando na pequena casa das bombas próxima à piscina. Embora eu já estivesse ciente de alguns desses detalhes através da primeira carta, as entrevistas pessoais posteriores proporcionaram um grande número de novas informações. Fiquei sabendo, por exemplo, que havia alguma coisa estranha com relação à cor da iluminação na casa da piscina.

> A porta estava aberta e havia uma luz de cor engraçada brilhando lá dentro... uma luz branca, mais parecida com uma luz fluorescente do que com a habitual lâmpada amarelada que tínhamos lá. Pedi a mamãe para ir dar uma olhada. Contei para ela que havia acabado de estar lá fora e que me lembrava que a porta estava fechada. Mamãe disse que eu não me preocupasse, que não era nada, que eu parasse com aquilo, mas eu tive uma sensação bem estranha quando vi a coisa pela primeira vez. Foi uma espécie de medo supersticioso.

Alguns minutos depois, quando Kathie saiu para visitar Dee Anne, as coisas começaram a mudar. Agora a casa das bombas estava escura e a porta fechada, mas a porta da garagem — que estava fechada — estava aberta. A viagem até a casa da amiga dura apenas cinco minutos de carro, de modo que quando Kathie chegou, por volta das 9h15, ela telefonou para a mãe no mesmo instante e falou sobre a porta da garagem, perguntando se a mãe não queria que ela fosse para casa a fim de fazer uma busca na propriedade atrás de possíveis invasores. Kathie sabia que o pai só voltaria do trabalho pelo menos duas horas depois e que, nesse meio tempo, a mãe ficaria sozinha com os dois filhos pequenos de Kathie. No entanto, Mary recusou a oferta da filha, dizendo

que a noite parecia boa em casa e que ela não se aborreceria. Alguns momentos depois, entretanto, quando Mary estava na pia da cozinha, ela notou uma estranha bola redonda de luz em volta do alimentador de pássaros do pátio dos fundos. Esse pequeno alimentador, no topo de um poste de 1,20m, está situado a cerca de 3,60m de distância da janela da cozinha. Mary descreveu o que viu dessa maneira:

> Era uma pálida luz branca. Não era brilhante de verdade. Eu podia ver o alimentador de pássaros através dela e pensei "Jesus, de onde vem essa luz?" Inclinei-me para fora a fim de ver se vinha algum carro e depois pensei, você sabe, era impossível, nenhum carro poderia fazer brilhar seus faróis para cima, nos fundos da casa. E não havia nenhum feixe de luz. Ela estava só lá. Era redonda e mais ou menos tão grande quanto uma bola de basquete, mas eu podia ver o alimentador de pássaros através dela. Depois, ela como que desapareceu de uma só vez.

E assim, apenas alguns momentos após ter falado com Kathie, ela voltou a telefonar e disse que, afinal de contas, talvez fosse bom ela voltar para casa a fim de dar uma olhada por lá.[28] Kathie, sentindo uma leve intranquilidade no tom de voz da mãe, que em geral era tranquilizador, saiu de imediato. Agora a sequência de tempo assume uma importância particular. O mais crucial são a hora em que Kathie chega em casa e a hora aproximada em que ela saiu para voltar à casa de Dee Anne. Por sorte, podemos calcular ambas com uma certeza aproximada.

Tammy, a filha de onze anos de idade de Dee Anne, saiu para fazer compras com a avó nessa noite. A loja fechou às 21h00, e Tammy lembra-se que as duas chegaram de volta à casa da mãe um pouco antes das 21h30 e que Kathie já havia saído. Tanto Kathie como a mãe lembram-se que Kathie chegou em casa por volta das 21h30. Ela foi direto ao armário e tirou o rifle do pai para prover-se de um pouco de vantagem espiritual sobre algum possível invasor. A mãe a lembrou de que o rifle estava descarregado, mas Kathie replicou que estava tudo bem,

---

28- Kathie, em sua carta original, lembra-se apenas de um telefonema nessa noite. Na verdade, houve dois — um deles para a mãe, no qual Mary recusou qualquer ajuda, e um outro de sua mãe, alguns momentos depois. Penso, mais uma vez, que se trata de uma discrepância compreensível e de pouca importância em seus relatos.

que levaria assim mesmo. Mary deu uma risada e disse: “o que você vai fazer com isso... bater até matar?” Intrépida, mas nervosa, Kathie saiu para procurar os vagabundos. Tanto ela como Mary lembram-se que parecia que ela tinha estado lá fora menos de dez minutos. Quando Kathie retornou à cozinha, disse para a mãe que tudo parecia estar normal e que naquele instante ela iria voltar à casa de Dee Anne, não para costurar, mas para trazer Dee Anne para “nadar ao luar”, posto que a noite estava muito quente. Se ela esteve do lado de fora apenas dez minutos, como ela se recorda, Kathie deveria ter chegado à casa de Dee Anne entre 21h45 e 22h00. Na verdade, ela chegou por volta de 23h00 e talvez um pouco depois. Há um período de cerca de uma hora de tempo desaparecido.

Tanto Tammy quanto Dee Anne recordam-se que Kathie chegou muito tarde e sugeriu que todas saíssem para nadar. Parecia uma boa ideia, de modo que elas vestiram rápido os trajes de banho. Kathie pegou um emprestado de Dee Anne, mas Tammy, por alguma razão, decidiu trocar de roupa quando estivessem na piscina.[29] Ficaram na casa de Dee Anne não mais que quinze ou vinte minutos antes de retornar aos Davis, onde descobriram que o pai de Kathie havia acabado de chegar do trabalho. Robert Davis trabalhava no turno da noite e nunca chegava em casa antes das 23h30 e, aquela noite, todos se lembram, não foi nenhuma exceção. Kathie, Dee Anne e Tammy chegaram, então, em algum momento após as 23h30 tendo levado, por todos os cálculos, não mais do que 25 minutos trocando de roupa na casa de Dee Anne e no trajeto até a piscina. De alguma maneira, Kathie perdeu a hora entre 22h00 e 23h00, mas coisas mais estranhas estavam prestes a acontecer.

Quando se dirigiam para a piscina, Tammy, descalça, decidiu andar na grama à esquerda da mãe e de Kathie, ambas as quais se mantiveram no caminho de cascalho. Em algum ponto do pátio, ela “pisou em um lugar onde não havia nenhuma grama e que estava quente, parecia cimento quente”, como ela me contou depois. *(Veja ilustrações)* “Eu senti meu pé formigar e ficar um pouco dormente.” Tendo levado consigo o traje de banho, Tammy foi até a pequena casa das bombas

---

29- Sendo quase do mesmo tamanho, Kathie e Dee Anne podiam usar as roupas uma da outra, coisa que faziam com frequência. Em virtude de sua apertada situação financeira, o guarda-roupa de Kathie era pouco extenso, de modo que ela aceitou a repentina oferta da amiga, que lhe ofereceu um traje de banho. Ao que parece, Tammy não tinha certeza se ia nadar, então protelou a troca de roupa até chegar à casa dos Davis, onde tomou a decisão.

para trocar de roupa. Quando estava trocando, sentiu-se enjoada e tonta. Quando saiu e juntou-se aos outros na piscina "sentia que alguma coisa não estava bem". Dee Anne disse que a partir do momento em que chegou no pátio dos fundos, passou a sentir-se intranquila, "como se alguém estivesse observando-nos". Foi uma sensação bem distinta, embora quando ela mencionou o fato, Kathie tentou minimizar a coisa. "Fico o tempo todo aqui fora nadando sozinha", disse Kathie. "Não me incomoda." Mas ela descreveu outros problemas que surgiram.

> Então ficamos nadando, e eu joguei a cabeça para trás e molhei meus cabelos, embora não tivesse colocado o rosto debaixo d'água. E Dee Anne olhou para mim, eu olhei para ela, e, de repente, todas ficamos geladas, embora lá fora fizesse cerca de 30°. Era uma noite realmente quente. Ela perguntou a Tammy se sentia frio, e a menina respondeu que sim, de modo que decidimos sair. Também só ficamos dentro da piscina alguns minutos, mas eu estava tendo problemas com meus olhos. Tudo estava começando a ficar realmente nebuloso. Fui a primeira a me secar, porque não conseguia enxergar direito, e quanto mais eu ficava por lá, menos conseguia enxergar. Tudo parecia branco, e eu não havia colocado os olhos debaixo d'água, sabe, para que o cloro tivesse provocado aquilo. Tudo estava branco com auréolas em volta das luzes. Era esquisito, e fiquei esfregando os olhos, que começaram a arder. Dois dias depois, fui ao oftalmologista, e ele disse que eu estava com uma espécie de conjuntivite em ambos os olhos. Tive um bocado de problemas com eles. Saiu até um pouco de pus. Foi nojento.

As três nadadoras ainda tiveram um outro problema. Elas começaram, quase que ao mesmo tempo, a se sentir enjoadas. (No caso de Tammy, foi um aprofundamento do estado que havia começado assim que ela entrou na casa da piscina.) Embora possa parecer uma reação estranha a esse tipo de enfermidade, as três decidiram que o que precisavam era comer alguma coisa. Vestiram camisetas e *shorts* ou *jeans* por cima dos trajes de banho úmidos, pediram dinheiro emprestado ao pai de Kathie e se dirigiram a um restaurante *fast food*, que elas sabiam ficar aberto até tarde. Quando chegaram, as náuseas estavam piores, de forma que em vez de pedirem qualquer comida, simplesmente fizeram

meia-volta e se dirigiram para casa. Todas elas consideraram peculiar que a coisa tivesse acontecido com tanta rapidez e semelhança com as três, e também que o problema dos olhos de Kathie tivesse surgido de modo tão repentino. Tanto Tammy como a mãe haviam colocado a cabeça debaixo d'água, mas nenhuma das duas teve alguma dificuldade com a visão. Como Kathie disse, "foi muito esquisito. Lembro-me que senti muito frio. Nós estávamos tremendo, e os lábios de Tammy estavam azulados. Estava muito nebuloso, nós estávamos geladas e era alto verão. E depois todas começamos a nos sentir realmente mal".

Joyce e Bernie Lloyd — como irei chamá-los — são os vizinhos mais próximos ao norte da casa dos Davis. Nessa mesma noite, 30 de junho, Bernie saiu depois da janta para fazer um passeio com o filho.[30] Joyce estava espanando e arrumando a sala de jantar e lançando olhares ocasionais para a tevê da sala de estar. Houve um súbito clarão do lado de fora, na direção do pátio dos fundos dos Davis, atrás das árvores que separam as duas casas, e depois um som baixo e vibrante. Joyce sentiu que a casa começou a tremer. O candelabro da sala de jantar mexeu-se um pouco e, à medida que o barulho aumentava, a imagem da tevê foi ficando completamente vermelha, e todas as luzes da casa escureceram e bruxulearam. Depois tudo voltou ao normal — o som cessou de modo tão misterioso como havia começado. Joyce sentou-se em uma cadeira, atordoada, confusa, pensando no mesmo instante que tinha havido um pequeno terremoto. Seu pensamento seguinte foi que ela devia telefonar para os Davis e verificar se eles estavam bem. Talvez a casa deles tivesse sido atingida por um raio. Talvez tivesse sido isso o clarão que ela vira entre as árvores. Mas muito depois, ela contou-me que quando pensou em telefonar para eles, foi como se simplesmente não conseguisse. Alguma coisa a impedia de um ato tão simples e normal como esse. Ela notou que eram 22h45.

Bernie chegou em casa pouco depois. Trata-se de um homem muito cético quando se menciona o tema OVNI e, na ocasião em que o entrevistei, havia passado alguns meses desde o incidente no pátio dos fundos dos Davis. Ele sabia, é claro, o que suspeitávamos e tinha visto o círculo queimado e a fileira no gramado. Nesse contexto, eu lhe perguntei o que estava acontecendo em sua casa, quando ele voltou naque-

30- O filho de Bernie era fruto de um ex-casamento; ele estava levando o garoto de volta para a mãe após uma visita de alguns dias.

la noite. Ele admitiu no mesmo instante que sua mulher estava muito agitada. Formulei minha pergunta seguinte dessa maneira: “em uma escala de um a dez — um é sua mulher dizendo para você que encontrou uma amiga no supermercado e dez é ela telefonar para você dizendo que está trancada no quarto e três homens estão tentando chegar até ela — nessa escala de emoções, como você a descreveria naquela noite, quando entrou em casa?” “Ela era um bom e sólido oito”, ele replicou. “Ela estava mesmo muito assustada.”

Ele acrescentou que quando chegou ao pórtico, ela já estava na porta, contando sobre o estranho clarão próximo à casa dos Davis e o barulho e a vibração e o medo de que tivesse havido um terremoto. Ele tentou pensar em uma explicação e sugeriu que talvez um carro se tivesse chocado contra um poste e que isto teria feito com que as luzes bruxuleassem e a casa tremesse. Bernie também me contou que quando chegou em casa nessa noite, pouco depois das 23h00 todos os relógios digitais da casa estavam piscando e tiveram que ser ajustados. Alguma coisa havia afetado o fornecimento de energia, pelo menos durante alguns momentos.

Quando se soma o relato de Lloyd com os outros, a mistura do tempo e o incidente tornam-se muito significativos. Agora, qualquer teoria sobre o que aconteceu nessa noite precisa explicar uma série de incidentes anômalos, desde os efeitos físicos no pátio dos Davis e as perturbações elétricas e as outras na casa de Lloyd, até a inexplicável hora desaparecida de Kathie e as estranhas luzes que ela e a mãe tinham visto antes. O fenômeno de rapto por OVNI, como assinalei, tem traços muito específicos e recorrentes. A fim de testar a possibilidade de Kathie ter sido sequestrada nessa noite, tentei ver se a evidência sustentava até esse ponto esses padrões conhecidos. Os raptos por OVNI são, em geral, relatados como tendo uma duração que varia de uma a duas horas.[31] Por conseguinte, se Kathie foi agarrada pouco depois de ter saído com o rifle, por volta das 21h30 ou 21h40, o rapto pode ter terminado facilmente uma hora depois, às 22h45, e com este cálculo, o clarão, os sons e os estranhos efeitos elétricos que Joyce Lloyd relatou nessa hora, poderiam ter coincidido com a partida do OVNI.

31- Embora a ampla maioria — é provável que sejam mais de 90% — de todos os raptos não dure mais do que duas horas, existem algumas dramáticas exceções. Travis Walton, por exemplo, esteve desaparecido por um período de cindo dias. Veja *Abducted!* de Coral e Jim Lorenzen (Nova York: Berkley, 1977), pp. 80-113.

Um outro padrão em muitos raptos por OVNI demonstra sua natureza seletiva. Se os alvos são pessoas especiais dentro de um grupo e, por exemplo, estão andando de carro com outros que não são desejados, muitas vezes esses outros são "desligados", colocados em um estado de animação suspensa, até que as pessoas-alvo retornem. No caso David Oldham, um rapto que discuti em *Missing Time*, Oldham viajava no assento traseiro de um carro de duas portas.[32] Quando o carro foi parado e o rapto começou, seus dois amigos da frente foram desligados de alguma maneira. Oldham empurrou o assento — e seus companheiros — para a frente e saiu, só que com muita dificuldade. Caminhou, compelido como estava, em direção a uma gigantesca luz e, mais tarde, depois que terminou o rapto, fez força para meter-se no assento traseiro, passando por seus amigos "suspensos". No momento em que a animação retorna, dissipam-se as lembranças de David sobre sua experiência com o OVNI, e elas só foram recuperadas depois que ele fez regressões hipnóticas, anos mais tarde. Quando Kathie e a mãe ouviram o estranho relato de Joyce Lloyd, ambas ficaram surpresas pelo fato de não terem ouvido nem visto nada de incomum naquela noite, à exceção das estranhas luzes que descreveram antes. Mas se Kathie foi raptada e a mãe "desligada", então pode-se deduzir que nenhuma das duas teria consciência do clarão e sons, que Joyce descreve como tendo emanado de seu pátio dos fundos.

As marcas no pátio dos fundos eram, é claro, um vestígio crucial do mistério. A grama no círculo e na linha reta começou a murchar e morrer logo depois do 30 de junho, e no dia 4 de julho o padrão estava muitíssimo visível. Mas logo se multiplicariam os estranhos efeitos físicos do acontecimento. A sebe na área próxima ao alimentador de pássaros também começou a murchar, e, no final, Robert Davis teve que cortar as plantas quase que na raiz, para forçá-las a crescer outra vez. O nível do dano em partes da sebe estava em proporção direta com sua proximidade do alimentador de pássaros. Na primavera, a família Davis havia plantado alguns tomateiros nas vizinhanças do que depois se tornou o círculo queimado. Os frutos que essas plantas produziram em um determinado momento, eram anormalmente grandes e tão farinhentos que não podiam ser comidos.

Os problemas oculares e a náusea de Kathie não foram os únic-

32- Hopkins, pp. 107-110.

os sintomas de sua experiência nessa noite. Ela começou a sofrer um certo grau de perda de cabelo e sentiu-se indisposta no geral durante dias depois. Ela também ficou preocupada com uma pequena dor no ouvido direito e com a audição levemente desigual, que durou algumas semanas. Pode-se formular a hipótese que o que quer que tenha afetado o pátio dos Davis, foi a fonte de uma poderosa e destrutiva forma de energia, uma força intensa o bastante para queimar o solo, de modo que este ainda estava quente 45 minutos depois, quando a pequena Tammy andou pela área "assada" de pés descalços. A náusea e a tontura das três nadadoras parecem sugerir a presença de algum efeito residual parecido com a radiação, assim como a queda de cabelo de Kathie.[33] Os estranhos efeitos elétricos que ocorreram na casa dos Lloyd dão uma outra dimensão ao poder dessas emissões, talvez uma indefinível mistura de micro-ondas e outras formas de radiação.

Pouco depois que recebi a primeira carta de Kathie em setembro, pedi que ela me enviasse amostras do solo dentro do círculo queimado, assim como amostras de controle das áreas não afetadas a alguns centímetros de distância. Alguns dias depois recebi essas amostras, muito bem embaladas em bolsas de plástico. Kathie explicou que não tinha sido fácil retirar as amostras de dentro da área queimada. O solo dentro do círculo estava tão duro, que ela precisou bater com uma pá para quebrar a terra comprimida. A primeira coisa que notei foi que a cor dessa amostra era marrom claro e acinzentado, em contraste com o vivo marrom-preto do solo das áreas próximas não afetadas. A textura era dura e seca, apresentando mais a aparência de cascalho do que terra macia e flexível. As amostras do solo foram tiradas em meados de setembro, infelizmente mais de dez semanas depois do incidente, de modo que várias possíveis e diferentes vias de teste já estavam comprometidas de alguma maneira. *(Veja ilustrações)* As análises cristalográficas e espectrográficas não mostraram nenhuma diferença aparente entre as duas amostras. Entretanto, foi necessário aquecer a amostra não afetada a mais de 430°C, durante seis horas, para se obter a mesma cor apresentada pelo solo afetado, embora sem se conseguir imitar sua

33- No avistamento de OVNI de Cash-Landrum, em dezembro de 1980, que ocorreu próximo a Houston, Texas, houve consequências físicas semelhantes, embora bem mais sérias do que no incidente de Kathie Davis. Todas as três testemunhas, Betty Cash, Vickie Landrum e Colby Landrum sofreram algum grau de perda de cabelo, dermatite provocada por radiação, dores de estômago, anorexia e danos na visão na forma de fotoftalmia — olhos inchados, lacrimejantes e doídos. Esses efeitos físicos são discutidos em um artigo de John Schuessler, *"The Medicai Evidence in UFO Cases"* MUFON 1985 UFO *Symposium Proceedings* (Seguin, Texas, 1985).

aparência solidificada. É claro que o montante de energia emitida por *alguma coisa* no pátio dos fundos dos Davis naquela noite foi enorme, embora não tenhamos nenhuma ideia sobre sua natureza.[34]

Também é interessante a história posterior do círculo "assado" e da linha reta. Como não havia nenhuma grama em nenhum desses lugares, quando veio a primeira neve de inverno, ela cobriu por igual o solo descoberto, deixando mais claros ainda os modelos das marcas. E quando a temperatura subiu e a neve começou a derreter, ela derreteu primeiro em cima das áreas afetadas, mais uma vez deixando as marcas bem visíveis. (Veja ilustrações) Fotografei a área no final de maio de 1985, quase dois anos depois do acontecimento original, e a maior parte do círculo ainda estava quase despida de vegetação, apesar das tentativas de Robert Davis de plantar grama nova. Também notei uma ausência geral de vida de inseto — formigueiros, tocas, etc. —, embora a grama tivesse começado a brotar a partir do perímetro do círculo, encolhendo um pouco a sua circunferência. Pode-se especular que se um OVNI aterrissou nesse lugar, então a linha comprida e nua relacionada com o círculo pode indicar a direção de sua decolagem, posto que ela leva para longe de um emaranhado de galhos de árvores e fios, em direção ao céu aberto. Ali, a vegetação cresceu com muito maior densidade, embora sua forma ainda estivesse bem visível dois anos depois. Se um OVNI aterrissou e repousou na área circular por talvez uma hora, e depois decolou pela linha reta, pode-se formular a hipótese de que o atalho reto teria recebido uma dose mais baixa de qualquer radiação que estivesse presente.

Uma observação final deve ser feita acerca das áreas "assadas" da propriedade dos Davis. A primeira vez em que Kathie me enviou fotos do pátio dos fundos depois do incidente de 30 de junho de 1983, perguntei a seu pai por qualquer tubulação que pudesse correr naquela área. A fotografia da linha reta com a extensão de 14,70m desperta a possibilidade de algum tipo de vazamento, ou de alguma tubulação recém instalada, embora estivesse claro que o solo não tinha sido escavado nos últimos tempos; a grama morta apresentava um crescimento contínuo, igual ao da grama viva próxima a ela. Contudo, esta era uma questão que tinha que ser explorada. Robert Davis explicou que, dez

34- Paul Brodeur, especialista em emissão de micro-ondas, informou-me que o efeito de aquecimento era apenas uma das várias indicações da possível presença de radiação por micro-ondas.

anos antes, ele havia instalado debaixo do pátio dos fundos um sistema séptico, que consistia em um modelo geométrico de "dedos" de drenagem, que se estendiam em ângulos retos a partir de uma linha central. Esses tubos eram os únicos que havia no pátio dos fundos. Mas a linha de 14,70m de solo morto que havia aparecido de modo tão súbito e misterioso corria *em um ângulo* com esse sistema, cruzando seus tubos de drenagem apenas em três pontos, eliminando desse modo qualquer possível relação entre as duas linhas. E pelo que sei de minha propriedade em Cape Cod, os sistemas sépticos *encorajam* o crescimento da vegetação em vez de inibir, o que invalida de início qualquer "teoria de tubulação de esgoto". Nas palavras de Erma Bombeck, "a grama está sempre mais verde em cima do tanque séptico".

Em outubro de 1983, Kathie foi a Nova York, e nós nos encontramos pela primeira vez. Nossa investigação inicial centrou-se em sua experiência de "sonho" de 1979 e, mais tarde, em encontros semelhantes. Posto que a memória consciente de Kathie acerca de ambos os incidentes era claramente incompleta, decidimos empregar a hipnose para ajudar sua memória e superar quaisquer bloqueios que pudessem existir. A Dra. Aphrodite Clamar realizou as duas primeiras sessões de hipnose, e eu assumi duas outras. *(Essas explorações iniciais serão tratadas em outros capítulos.)* Kathie provou ser um belo sujeito hipnótico, mas foi só em minha primeira viagem a Indianapolis, em janeiro de 1984, que sugeri que tentássemos a regressão à noite de 30 de junho de 1983, quando ocorreu o dano físico peculiar na propriedade dos Davis. Ela nunca foi ansiosa para falar sobre esse acontecimento, de modo que estava menos inclinada ainda a pensar em explorá-lo através da hipnose.

Em minha última noite em Indianapolis, nós fomos até a casa de Dee Anne, onde fiz uma entrevista sobre os acontecimentos daquela noite. O relato de Dee Anne apoiou minha suspeita crescente de que havia um período de tempo faltando nas lembranças conscientes de Kathie. Nós batemos um papo sobre a estranheza da sequência inteira de acontecimentos, e então, de repente, Kathie me disse: "Por que não fazemos a hipnose agora? Se temos que fazê-la em relação àquela noite, vamos liquidar isso de uma vez. E Dee Anne vai poder ver como a hipnose pode ser gostosa e relaxante." (Kathie sempre tinha sido relutante em fazer a hipnose em sua própria casa, condição esta interessante em si.)

E assim começamos da maneira habitual. (Para mais informações a respeito de hipnose, veja o *Apêndice B*.) Kathie pôs-se à vontade no sofá, e eu comecei o processo de indução à calma, parte do qual implica na imaginação de uma linda e plácida praia de oceano. Ela já havia passado por este procedimento em oito ocasiões anteriores, mas em um dado momento ela começou a tremer. "Quero acordar", ela disse com voz premente. "Acorde-me. Agora." Contei rápido de trás para a frente, de cinco até um, depois de lhe ter dado as instruções costumeiras, e quando cheguei em "um", ela abriu os olhos e se sentou. Era óbvio que Kathie estava muitíssimo assustada. Ela contou-nos que quando começou a entrar no conhecido estado de transe relaxado, de repente viu-se parada na janela, olhando para a luz no quarto da piscina.

> Eu simplesmente não poderia continuar. Minha cabeça começaria a doer, e eu pensaria que não podia seguir em frente ou que estava morrendo. Eu só... meu corpo... meu corpo parecia que estava morrendo. Eu nem mesmo sei do que estava com medo. Eu só estava com uma sensação de que meu corpo ia morrer, se eu me lembrasse de mais coisas, de forma que tinha que acordar.

Tomei as mãos de Kathie, e elas estavam muito frias. Sua respiração ainda estava agitada, mas aos poucos ela recuperava a calma. Eu disse que seu pedido de ser retirada do transe demonstrava o controle que o hipnotizado tinha durante o processo hipnótico e que isto deveria ser um fato tranquilizador. Eu queria acalmá-la de qualquer maneira que pudesse, mas não foi fácil, Kathie havia tido um choque de verdade:

> Nunca senti esse tipo de medo quando estava com a Dra. Clamar, ou quando fizemos isto antes. Mas aquela voz, aquela voz na minha cabeça ficava dizendo-me que se eu me lembrasse de mais coisas, iria morrer. "Sinta seu corpo. Sinta. Você vai morrer se se lembrar de mais coisas. Sinta sua cabeça, ela vai explodir, seu peito vai desmoronar, e você vai morrer caso se lembre de mais coisas." Alguma coisa em minha mente ficava dizendo isso para mim, e eu comecei a sentir um frio de verdade em todo o corpo, como se eu estivesse morta. Eu só queria acordar. Era ruim... Eu havia começado a me ver parada diante da janela, olhando aquela

luz engraçada...

Eu observei que nós ainda não havíamos completado o processo de indução, quando ela começou a reagir com um imenso medo. Eu ainda não havia mencionado a noite de 30 de junho ou qualquer outro detalhe, que tencionasse levá-la de volta àquela experiência.

> Mas eu sabia para que ponto do passado nós nos dirigíamos. Nós havíamos conversado recentemente sobre isso com Dee Anne. A coisa ficou em minha cabeça o dia inteiro. Mas estava com medo de voltar à coisa. Eu não queria. Cara, eu pensei mesmo que fosse morrer.

Eu perguntei a ela se a voz era dela mesma, dizendo-lhe que ela iria morrer, ou se a voz parecia externa — uma outra voz dizendo-lhe a frase.

> Não era a minha. Eu estava dizendo para eu mesma relaxar e aproveitar a sensação e que iria me sentir ótima quando acordasse. Eu estava ouvindo o que você dizia e estava relaxando. Esse outro pensamento ficou lutando para intrometer-se. Mas o tempo inteiro eu ficava dizendo para eu relaxar, respirar fundo e não pensar que estava parada diante da janela. Trate apenas de pensar em uma praia e relaxar. Eu tentava imaginar uma praia e a via, mas depois ela se dissipava. Eu estava de pé, parada diante da janela e ouvia "você vai morrer se se lembrar de mais coisas". Era como se fosse uma voz enfiando-se no meio. Estou assustada.

Tentei tranquilizá-la da melhor maneira que podia, tentei acalmar seus medos, explicando que parecia não haver nenhuma maldade, nenhum castigo presente nesse tipo de experiência com OVNI, apesar das ameaças aparentes. Não obstante, é óbvio que não houve outra escolha a não ser deixar o incidente de 30 de junho de 1983 em banho-maria, para ser visto mais tarde. A narrativa total do que aconteceu com Kathie naquela noite só surgiria em minha segunda visita a Indianapolis, em novembro de 1984. Mas, nesse meio tempo, Kathie teve vários, vívidos e importantes *flashbacks* de memória. Ao que parece, a hipnose abre, em geral,

as portas da rememoração normal; com muita frequência, após uma sessão de regressão, o hipnotizado passa a lembrar-se cada vez mais de peças do quebra-cabeça em separado, sonhos desconectados e súbitos lampejos de memória. Pouco depois da primeira tentativa abortada de rememoração hipnótica, Kathie fez uma ruptura dramática e espontânea. Ela lembrou-se de que havia ficado parada no vão da porta da garagem, olhando para uma nave em forma de ovo, apoiada em quatro pernas articuláveis, que estava no pátio. Também se recordou de uma bola de luz com menos de 60 centímetros de diâmetro, que parecia estar subindo e descendo pelo seu corpo, lançando nela uma dolorosa radiação de luz, enquanto ela ficava paralisada, incapaz de reagir. Foi uma lembrança especialmente perturbadora e muitíssimo vívida. O rápido esboço que ela fez do OVNI, mostrando a parte dele visível do ponto em que ela se encontrava no vão da porta, lembra em muito a nave em forma de ovo de um caso de rapto pouco conhecido, que ocorreu na África do Sul, do qual eu não tinha conhecimento à época.[35] *(Veja ilustrações)* E mais importante ainda, o OVNI, pelo que ela se recorda, estava situado bem em cima do círculo queimado do pátio.

Quando retornei a Indianapolis, estava ansioso para explorar esse incidente de 30 de junho, e a sessão de hipnose enfim ocorreu a 11 de novembro. Passei uma quantidade maior de tempo induzindo o transe, acalmando Kathie, a tranquilizando e afirmando que não haveria nenhum problema se ela se lembrasse agora. Começamos com o telefonema da mãe para a casa de Dee Anne e com sua viagem de volta a casa. Ela descreveu que havia chegado em casa e decidiu pegar o rifle do pai.

KATHIE DAVIS: Sinto-me mesmo muito estranha. Alguma coisa não está direito, e eu quero algo para me proteger. Os cabelos de meus braços estão em pé, e eu me sinto toda formigando. *(Ela se mexe intranquila)*

HUDD HOPKINS: O que está acontecendo, Kathie?

35- A nave também se assemelha a um objeto testemunhado em plena luz do dia pelo oficial de polícia Lonnie Zamora, em Socorro, Novo México. Esse encontro imediato de 1964, que também incluiu o avistamento de dois ocupantes baixos do OVNI, está descrito em *The UFO Experience de Allen Hynek* (Nova York: Ballantine, 1974), pp. 165-167.

KATHIE DAVIS: Não sei. Só não me sinto bem. Passo pela calçada, desço os degraus e atravesso o pátio. Cheguei à casa da piscina e estiquei o braço para abrir o trinco, que estava muito enferrujado e difícil de abrir. Estava fixo, mas consegui abrir. Eu estava com medo de abrir a porta. Pensei em meu cachorro. Me perguntava onde ela estaria. Abri a porta, botei a arma para dentro e gritei "vocês têm três segundos para se render", ou alguma coisa pelo estilo. Dei três segundos a eles, depois entrei e acendi a luz, e não havia ninguém por lá. Tudo parecia estar bem, e eu fiquei aliviada. *(Nesse momento, Kathie descreve que estava andando em direção aos fundos da propriedade, para um barracão grande, onde encontrou a cachorra Penny. Nesse ponto de sua narrativa, ela muda para o tempo presente, indicando um aprofundamento do estado de transe)* Ela não vem comigo. Só fica se afastando. Eu ainda me sinto arrepiada de verdade... como se alguém estivesse observando-me das árvores..., mas ela não quer brincar comigo porque está vendo a arma. Que sorte eu estar com ela. Acho que vou à garagem dar uma olhada. *(Kathie se mexe e dá um leve salto)* Você está tocando-me? Tem alguém tocando meu braço...

BUDD HOPKINS Eu não estou tocando você. O que você sente?

KATHIE DAVIS: Sinto como se alguém estivesse tocando-me de leve, apesar de ter parado agora. *(Kathie descreve estar dirigindo-se à garagem para dar uma olhada. A garagem é contígua à casa, e a porta traseira de "pedestre" dá para o pátio dos fundos)* Alguma coisa estava tocando meu braço, e sinto como se estivessem correndo os dedos em mim. Não doía. Era arrepiante e não parava. *(Ela retoma a narrativa)* Acendo a luz da garagem, estico a arma e grito a mesma coisa — tenho uma arma e vocês têm três segundos — depois entro, a garagem está quieta e tudo parece bem... Caminho, dou uma olhada atrás de um armário, olho atrás de uma pilha de colchões e está tudo bem... Agora estou começando a me sentir estranha de verdade. Minha cabeça dói de verdade, e agora estou começando a me sentir mesmo formigando e quente. Tenho que sair da garagem... *(Ela se estica e se mexe agitada)*

HUDD HOPKINS: O que está acontecendo, Kathie?

KATHIE DAVIS: Não consigo enxergar. Tudo está branco demais... muito perturbador.

HUDD HOPKINS: Está tudo bem, Kathie. Você está bem. Conte para nós o que você está vendo e sentindo.

KATHIE DAVIS: *(Muito agitada)* minha cabeça está doendo demais... Não consigo me mexer... sinto como se um... Não consigo ver coisa alguma... mesmo quando fecho os olhos, tudo está branco demais... sinto como se estivesse ardendo, como se houvesse pequenas coisas andando lentamente sobre toda a minha pele. Não posso, não posso fazer coisa alguma contra isso...

HUDD HOPKINS: Onde você está, Kathie? Você está na garagem?

KATHIE DAVIS: Não sei. Não consigo enxergar... Agora tem alguma coisa picando meu braço... o músculo... o mesmo braço que foi tocado... *(solta um suspiro profundo)* Me sinto bem agora. Meu ouvido dói e sinto o braço como se alguém estivesse me segurando. Mas me sinto bem...

HUDD HOPKINS: Tem alguém segurando seu braço? Você sente dedos?

KATHIE DAVIS: Não, só que... em torno de meu braço... Não sei. Mas meu ouvido dói.

HUDD HOPKINS: Você ainda está segurando a arma?

KATHIE DAVIS: Não. Não estou segurando nada. Só estou parada... e tem alguma coisa segurando meu braço e sinto como se alguém estivesse mexendo em meu ouvido com um lápis ou alguma coisa parecida. É como se eu estivesse com uma infecção de ouvido, e meu ouvido dói muito mesmo. Quero mexer meu braço para cima a fim de tocar meu ouvido, mas tem alguém segurando-o, e não consigo andar e ainda não posso enxergar, porque está tudo muito branco, e meus olhos estão fechados. Acho que não quero ver.

HUDD HOPKINS: *(A acalmo)* Kathie, o que você viu pouco antes de isso acontecer?

KATHIE DAVIS: Vi o vão da porta. Acho que ainda estou na garagem, parada no vão da porta, olhando para fora. Vi uma bola redonda de luz branca olhando direto para mim... tem mais ou menos o tamanho de... é um pouco maior do que uma bola de basquete.

HUDD HOPKINS: Na altura de sua cabeça?

KATHIE DAVIS: Sim. Perto. Estou bem atrás do concreto. *(A laje de concreto atrás da garagem está a uma distância de cerca de um metro e meio do círculo queimado, onde, ao que parece, o OVNI repousou)* Não estou assustada. Me sinto melhor.

HUDD HOPKINS: Agora você consegue mexer-se de alguma maneira?

KATHIE DAVIS: Não. Só estou parada aqui, olhando para a luz, que está olhando para mim. Acho que deve ter apagado, porque não consigo enxergar. Agora ela está descendo em direção ao chão com um movimento muito lento, agora está voltando para cima de novo e para onde estava antes. Não sei o que fazer. Não está me machucando, a não ser no meu ouvido. Só está parada aí, e eu quero saber o que é.

HUDD HOPKINS: Você consegue ver alguma outra coisa em volta daí, no pátio?

KATHIE DAVIS: *(Após uma pausa)* tem um bocado de coisas escuras no pátio... Realmente não consigo ver o que são... só estão ali. Acho que são seis. Seis coisas escuras. Não são muito grandes, mas não consigo ver o que são. Acho que não quero chegar mais perto... São uma espécie de forma parecida com balas grandes. Acho que são apenas um contorno. Não estão se mexendo. *(Kathie descreve as coisas como sendo mais ou menos de sua altura, lisas e sem feições. Tudo está quieto, e então ela solta um profundo suspiro nervoso)*

HUDD HOPKINS: Que aconteceu, Kathie?

KATHIE DAVIS: As coisas estão começando a mexer-se. Estão formando uma fila... Estão vindo na minha direção, mas não diretamente para mim. *(Uma longa pausa)* Agora foram embora, menos um.

HUDD HOPKINS: A que distância você estava da fila?

KATHIE DAVIS: Grande! *(Ela suspira com medo óbvio)* Ouço meu nome... Disse *(sussurrando)* "Kathie!" Alguma coisa me tocou! Esticou o braço e me tocou, mas acho que não estava próximo o bastante para me tocar. Em minha nuca. Fez com que eu me encolhesse... *(uma longa pausa)* estou cansada. A coisa bala foi embora. Agora só tem a luz. *(agitada, de repente)* Não consigo enxergar. Sinto como se ela estivesse passando por todo meu corpo...

A tranquilizei mais uma vez e, após alguns momentos, ficou claro que o episódio havia terminado e que Kathie já não estava mais lembrando-se do que havia acontecido perto da nave aterrissada. Sua observação seguinte foi com voz normal, como se retomasse sua recordação consciente anterior: "Acho que em vez de costurar, vou nadar..." Perguntei onde estava sua arma agora. "Está no chão... na ga-

ragem. Acho que a deixei cair. Virei-me para apagar a luz e vi a arma no chão, próxima do vão da porta." Perguntei como ela se sentia nesse ponto. "Gozada, com o estômago enjoado. E meu ouvido dói. Mal consigo escutar."

Perguntei onde estava sua mãe quando ela entrou na casa. "Está parada no vão da porta, olhando pela porta de tela. Está muito pálida e sonolenta. Eu disse a ela que estava tudo bem. Mas acho que não estava e acho que ela já sabia que se ela estava parada na porta..., mas não sei, não sei, não sei. Não quero pensar. Não quero costurar, não quero pensar. Minha cabeça dói..." a tranquilizei e depois a tirei do transe.

Observar Kathie rememorar aquela noite foi duro para mim, pois sabia o quão perturbador devia ter sido para ela. O conteúdo geral da experiência tinha sido físico — os perturbadores toques em seu braço, a dolorosa intrusão em seu ouvido, a luz ofuscante que subia e descia por seu corpo, aparentemente provocando o formigamento e o calor. Houve mais recordações específicas no físico do que visuais, embora depois Kathie tenha contado que havia visto de modo obscuro o OVNI em forma de ovo à sua esquerda, enquanto estava parada na porta da garagem. "Eu sabia que ele estava ali, mas eu não queria olhar para ele. Eu estava mais preocupada com as coisas escuras e sempre que pudesse ver alguma coisa, eu tentava manter meus olhos nelas."

O relato de Kathie diferenciava-se de várias maneiras do relato padrão sobre rapto. Primeiro, ela não descreveu o habitual tipo de ocupante de OVNI, baixo e de pele cinza, embora sua rememoração sugira uma presença "humanoide", segurando seu braço e enfiando o objeto em forma de lápis em seu ouvido. "O toque", ela disse, "era suave, como o de uma pessoa que fosse me tocar." As estranhas coisas em forma de bala que formaram uma fila e se aproximaram dela de maneira bem indireta, parecem mais robôs, em sua descrição, do que humanoides. Mais tarde, Kathie contou-me que eles se moviam como se sentissem seu medo, e agiam, de alguma forma, de modo a evitar que ela se assustasse ainda mais — mas isto, é claro, é uma interpretação assumidamente subjetiva da situação. A maior parte do tempo, Kathie não conseguiu enxergar por causa da intensa luz que a inundou. Ela disse que foi como se ela própria estivesse iluminada por dentro, brilhando com tanta intensidade quanto as bolas de luz branca. Ela descreveu o choque inicial e a dor como sendo parecidos com um raio

atingindo o centro de seu peito e depois fluindo por todo seu corpo.[36] Ela não lembra de modo específico de ter estado *dentro* da nave, de ter sido deitada em uma mesa de exame, embora suas recordações não excluam essa possibilidade.

Esses globos de luz peculiares, um pouco maiores do que bolas de basquete, parece que estavam em toda a propriedade dos Davis naquela noite. Kathie recordou-se que eles pareciam estar relacionados com a estrutura externa do OVNI, mas que eram capazes de se afastar de maneira independente, como se pudessem tornar-se engenhos "de exploração" separados. *(Veja ilustrações)* Pode-se formular a teoria, então, que o OVNI aterrissou, escuro e apagado, por entre as árvores da propriedade dos Davis, *antes* de Kathie sair para ir à casa da amiga. O que ela viu, brilhando dentro da casa da piscina, foi um desses globos de luz branca, e, mais tarde, sua mãe viu um segundo globo iluminando o alimentador de pássaros. Quando Kathie retornou e saiu à procura de invasores, ela própria tornou-se objeto da atenção das luzes brancas. A literatura OVNI está cheia de relatos de casos, nos quais são descritas luzes brancas mexendo-se para a frente e para trás, sobre os corpos dos raptados e, pelo que se supõe, esquadrinhando-os ou examinando-os — para usarmos uma imagem antropomórfica à mão.[37] Mas, infelizmente, como na maioria das questões acerca do fenômeno OVNI, nós não sabemos o que essas luzes são ou porque fazem o que fazem. Nessa ocasião particular, entretanto, pode ser significativo que o máximo de irradiação ofuscante ocorreu no início da experiência de Kathie e depois, outra vez, em seu final.

Algo de interesse mais imediato para mim foi o relato de Kathie sobre a inserção de um objeto parecido com um lápis em seu ouvido, o seu posterior mal-estar e a deficiência auditiva. Das 58 pessoas com quem andei trabalhando e que se lembram de quase toda a experiência de rapto, 11 relataram a inserção do que parecem ser minúsculos implantes em seus corpos. (Há indicações de que essa operação pode ter ocorrido em mais do que nesses específicos 19%.)[38] Seis recordaram-se

36- A descrição de Kathie sobre o efeito físico é semelhante ao relato de Travis Walton sobre ele ter sido atingido no peito por algo parecido com "um choque elétrico", que percorreu todo seu corpo. Veja Lorenzen, p. 81.

37- Às vezes, esse "explorador" é descrito como sendo mais parecido com um imenso olho do que com uma luz, mas ele aparece na maioria dos relatos de rapto. Veja Hopkins, p. 171.

38- Uma série de outros raptados relata que tiveram hemorragias nasais ou fortes dores no nariz associadas com suas experiências, embora não tenham a recordação direta de terem visto ou sentido agulhas penetrando em sua cavidade nasal.

de ter sido inserida em uma narina uma fina sonda de algum tipo com uma minúscula bola na extremidade, e eles sentiram dor, quando, ao que parece, a sonda ultrapassou o topo da cavidade nasal. Dois relataram o mesmo tipo de sonda entrando na região da órbita ocular, e três recordam que a sonda penetrou através ou atrás do ouvido. *(Neste ponto, Kathie é relacionada duas vezes, posto que ela também se lembra de um implante nasal.)* Mais tarde, entraremos nas razões hipotéticas específicas para esses prováveis implantes — assim como as provas médicas de sua existência; agora é necessário apenas assinalar que em cada caso o destino da sonda se situa na região do cérebro.

Como eu disse antes, os relatos de rapto por OVNI têm que ser levados a sério por causa do padrão repetitivo dos detalhes descritos em vários casos separados. Em novembro de 1984, eu conhecia apenas um caso de "implante auditivo" — o de Kathie —, mas três meses depois eu me vi envolvido em um segundo. Em fevereiro de 1985, fui contactado através de um programa de rádio com a participação de ouvintes através do telefone, no qual eu estava participando, por uma mulher, que chamarei de Sandy Thomas, da área de Miami, Florida. Sandy disse que não falaria no ar; simplesmente deixou o número do telefone com a estação e pediu que eu ligasse. Mais tarde, ela disse-me que estava agitada demais para falar durante a transmissão. Queria relatar um sonho que havia tido pouco tempo antes — a 23 de dezembro de 1983, para ser exato — que ela achava que tinha sido real demais para ser mesmo um sonho. O essencial de sua recordação é que ela estava acordada à noite, paralisada, e depois foi tirada de casa por três figuras indistintas, de cabeça grande. Ela foi transportada para uma espécie de sala circular, colocada em cima de uma mesa, e uma espécie de tubo fino foi então inserido em seu ouvido esquerdo. Há muito mais detalhes em sua história, mas ela recordou-se de ter sido levada de volta a casa e colocada na cama, onde acordou com muito medo, sentindo-se muito mal. "Também devo ter transpirado um bocado", ela disse mais tarde, "porque meu cabelo e nuca estavam totalmente molhados. Até o travesseiro estava úmido." Ela acordou o marido no mesmo instante e lhe contou em detalhes o que se lembrava da experiência. Disse que apesar de estar sentindo indisposição física, ainda estava tão assustada, que insistiu para que o marido ficasse de guarda, enquanto ela ia ao banheiro. Quando lhe fiz mais perguntas sobre suas recordações, ficou claro para

mim que ela não havia telefonado para a estação do rádio apenas para narrar um pesadelo; embora ela não dissesse, era óbvio que achava que a coisa era algo mais do que apenas um típico sonho ruim. Uma série de coisas que ela e o marido me contaram durante vários telefonemas, levaram-me a acreditar que podia muito bem haver outras experiências semelhantes em sua família, e assim, como eu ficaria nas vizinhanças deles durante alguns dias, tomei a decisão de entrevistá-los em pessoa.

Os Thomas moram em um modesto bangalô ensolarado próximo a Saint Augustine, com o filho de dez anos e vários animais domésticos. A princípio, Sandy ficou muito nervosa quanto a tentar a hipnose como ajuda à memória, mas afinal decidiu que seria melhor explorar sua situação do que continuar com medo e dúvida, sem saber se tinha sonhado ou se de fato tinha sido tirada do quarto naquela noite. Eu lhe assegurei que não havia como esclarecer a questão para ela, mas que revivendo a experiência através da hipnose, ela seria capaz, com mais facilidade, de responder à questão por si mesma. Suas lembranças em estado de transe seguiram o "sonho" bem de perto, mas com muito mais nitidez e detalhes. Apresentarei aqui apenas a parte da transcrição que trata do aparente implante auditivo. Sandy foi levada para uma enorme sala redonda e está deitada em uma mesa plana. Nesse ponto, seu medo diminuiu — tinha sido intenso no início do relato — e ela afirma que um dos "homens" está dizendo que ela vai dormir algum tempo.

SANDY THOMAS: Estou com raiva.
BUDD HOPKINS: Por quê?
SANDY THOMAS: Porque estou aqui e não queria estar.
BUDD HOPKINS: Eles disseram que você vai dormir um pouquinho, é verdade?
SANDY THOMAS: É, e estou contente. Eu preferiria estar dormindo. *(Pausa e suspiros)* Ele vai colocar um pouco de água em meu ouvido.
BUDD HOPKINS: O que tem dentro da água?
SANDY THOMAS: Não é uma agulha... parece um tubo... *(Longa pausa)* Eu só quero dormir o mais rápido possível.
BUDD HOPKINS: Como você se sente?
SANDY THOMAS: Terrível. Bem mole e muito mal, e esse tubo está furando meu ouvido... Meu pescoço está virado.
BUDD HOPKINS: Esse tubo é fino ou grosso... vamos começar com a ideia

da grossura de um lápis. Ele é maior, menor, ou o quê?

SANDY THOMAS: Menor. E agora saiu.

BUDD HOPKINS: Saiu como?

SANDY THOMAS: O homem alto tirou, e meu cabelo está molhado. *(Longa pausa)* Agora tem uma coisa pequena, minúscula... parece uma luz. Há uma luz.

BUDD HOPKINS: Você quer dizer um tubo pequeno, minúsculo?

SANDY THOMAS: Sim. Muito pequeno, com uma minúscula luz nele. Está iluminado na extremidade. E está em meu ouvido. E eles fazem com que eu mexa minha mandíbula. *(Pausa. Fala em tom alegre, rápido)* É isso.

BUDD HOPKINS: É isso... eles disseram "é isso"?

SANDY THOMAS: Foi o que eles disseram, "é isso. Não foi tão mal assim". *(Longa pausa)* Agora eles querem ver se consigo andar. *(Pausa)* Eles são tão estúpidos. Fazem a mesa descer até mais ou menos a altura de uma cadeira, e eu devo sair e... andar. Mas estou fria outra vez e assustada... Meu cabelo molhado está grudado no pescoço, e a sensação é terrível...

BUDD HOPKINS: Seu ouvido está doendo, Sandy? *(Uma pergunta indutora de minha parte, que tornou mais interessante ainda a formulação de sua resposta)*

SANDY THOMAS: Sinto uma coceira entre o ouvido e a garganta.

BUDD HOPKINS: É na pele ou dentro da pele, ou onde é?

SANDY THOMAS: Acho que é dentro. A sensação é parecida com a que se sente, às vezes, quando se tem cócegas e não se consegue chegar até ela.

Surgiram muito mais coisas durante essa longa sessão de hipnose, e quando tirei Sandy do estado de transe, ela estava com extrema agitação. Chorou no ombro do marido e, alguns minutos depois, tentei confortá-la também, mas estava claro para mim que ela não queria admitir que essas lembranças eram alguma coisa mais do que um mero sonho ruim. Havia uma prova para apoiar a realidade física de seu relato. *Alguma coisa* havia molhado seu cabelo e pescoço, condição esta que seu marido também observou nessa noite. Os Thomas e eu sabíamos que era uma explicação inaceitável essa transpiração tão forte e tão localizada — ela estava seca por completo, à exceção desses

lugares. Sandy contou-me, e seu marido concordou, que durante vários dias depois ela se queixou de uma "coceira" perturbadora no ouvido esquerdo, e que quando ele olhou, o ouvido parecia estar avermelhado e irritado. Mas houve um último momento emocional antes de eu sair. Eu e Sandy ficamos sentados à mesa da cozinha, enquanto ela elaborava um esboço das figuras de pele cinza e olhos grandes, dos quais se lembrava em seu "sonho". *(Veja ilustrações)* Quando terminou, fiz algo do qual me arrependi na mesma hora. Do material que tinha levado comigo, entreguei a Sandy uma página de desenhos de ocupantes de OVNI muito parecidos, feitos por testemunhas de outros casos de rapto por OVNI. Ela deu uma olhada naqueles esboços, durante o que pareceu ser apenas uma fração de segundo. Depois caiu em prantos, levantou-se de um salto e saiu correndo da cozinha. Foi como se ela fosse vítima de um estupro, que tivesse visto fotos do rosto de seus torturadores.

A principal semelhança entre os relatos de Sandy e Kathie sobre os raptos é, claro, a penetração do ouvido descrita de modo igual, mas também existem outros paralelos. As duas relatam ter sentido náuseas após a experiência, as duas sofreram, durante vários dias, de desconforto na região próxima ao ouvido afetado. Como o leitor ficará sabendo, ainda há outras semelhanças mais profundas. Ambas as mulheres têm filhos novos, que também parecem ter sofrido rapto por OVNI, e assim como Kathie, parece que Sandy foi raptada pelo menos duas vezes antes de sua experiência em dezembro de 1984. O mais perturbador de tudo é que há provas de que Sandy e Kathie foram "utilizadas" de modo semelhante em algum tipo de experiência genética, assunto este que iremos explorar em outros capítulos.

Por causa das extensões de terra relativamente grandes em Copley Woods e do hábito enraizado de se respeitar a privacidade mútua, os Davis não têm relações íntimas com seus vizinhos. Por conseguinte, quando visitei Kathie e sua família, fiz questão de perguntar aos mais próximos se eles tinham visto ou ouvido alguma coisa incomum naquela noite de junho de 1983. As pessoas que vivem ao sul dos Davis estavam viajando de férias na ocasião, de modo que nada tinham a relatar. Mas ocorreu um incidente muito interessante com a vizinha que vive bem do outro lado da rua, a oeste da casa. O problema com seu relato é que a testemunha está insegura quanto à data; apesar de seus detalhes fascinantes, não podemos relacioná-lo, com alguma certeza, com o

rapto de Kathie Davis a 30 de junho.

Em algum momento do verão de 1983, essa vizinha, “Martha Elkins”, foi acordada por um barulho alto e trovejante, que fez sua casa vibrar e a deixou tão aterrorizada, que ela teve certeza de que um avião a jato estava prestes a se chocar contra sua casa. *(Essa descrição atual, como o leitor há de lembrar, é muito parecida com a relatada pelos Lloyd, os vizinhos que vivem ao norte dos Davis.)* Martha pulou para fora da cama e correu à janela. Uma luz próxima bruxuleou e seu relógio digital começou a piscar, indicando uma interrupção no fornecimento de energia. Embora não pudesse ver nada, Martha supôs que alguma queda fosse iminente. Por estranho que pareça, os trovões e a vibração continuaram parecendo permanecer mais ou menos no mesmo lugar, em vez de passar rápido por cima da casa. Após alguns momentos, a fonte do som, ao que parece, mudou de direção, afastando-se devagar para um curso mais ao norte e pouco depois desapareceu.

Martha disse que os três relógios digitais situados no mesmo lado da casa que o seu quarto de dormir, estavam piscando e precisaram ser ajustados, embora os relógios digitais da cozinha, sala de estar e quarto de hóspedes — no lado oposto da casa — não tivessem sido afetados. A casa de seus vizinhos mais conhecidos era próxima à área não afetada, e quando Martha perguntou no dia seguinte o que eles tinham visto ou ouvido, eles não tinham coisa alguma a informar. Não tinham sido acordados e não tiveram nenhum corte temporário de energia em parte alguma da casa. Entrevistei-os depois, e todos os membros das três famílias confirmaram essa aparente ausência de efeito, situação esta que Martha acha quase impossível de acreditar. Ela disse-me que nunca antes se sentiu tão perto da morte. Os trovões eram tão intensos e a vibração tão assustadora enquanto as luzes piscavam e tremeluziam, que ela acha inconcebível que a vizinhança inteira não tenha acordado e se aterrorizado. Joyce Lloyd, que consegue fixar a data de seu relato semelhante na noite de 30 de junho e que pensou que toda a região em volta estivesse sofrendo um terremoto, também ficou assombrada com o fato de ninguém mais, ao que parecia, ter relatado esses efeitos. Somos levados a especular, baseados na zona aparentemente estreita da interferência elétrica, que os sons e vibrações também eram de localização estrita. A maneira como essa ideia pode enquadrar-se com nosso atual conhecimento de física é apenas mais um dos mistérios dos

OVNI's.

O caso de Kathie Davis ocorrido em 30 de junho de 1983 deve ser visto como um dos mais importantes relatos de rapto da literatura OVNI, por uma razão bem concreta: as provas físicas desse caso, como as marcas da "trilha de aterrissagem" na propriedade dos Davis, são muito extensas, mais do que de qualquer outro relato de rapto por OVNI que conheço. Não apenas Kathie, a figura principal desse encontro, mas sua amiga Dee Anne e a filha desta, Tammy, todas sofreram semelhantes efeitos secundários físicos, que se presume se deu pelo fato de estarem próximas ao lugar de aterrissagem, somente alguns minutos depois da partida do OVNI.[39] O relato de Kathie sobre ter sofrido uma "operação do ouvido" durante o rapto — procedimento este que eu não conhecia antes — recebeu amparo alguns meses depois, quando Sandy Thomas, na Florida, descreveu virtualmente a mesma experiência e os mesmos efeitos secundários físicos. A interferência elétrica, a vibração e os sons descritos pelos Lloyd e sua vizinha — se, de fato, os dois acontecimentos ocorreram na mesma noite — proporcionam mais dados ainda para análise. A aterrissagem do 30 de junho é, com certeza, o acontecimento mais "visível" até aqui da atual história de Copley Woods. Não é, entretanto, o mais significativo ou impressionante, como o leitor logo saberá.

39- Devemos assinalar, mais uma vez, que efeitos físicos subsequentes sofridos por "observadores" de um rapto por OVNI são muitíssimo raros na literatura sobre OVNI.

CAPÍTULO 3

Kathie em Nova York

Agora parece que passou um tempo muito longo desde aquele dia, em setembro de 1983, quando recebi a primeira carta de Kathie sobre os acontecimentos no pátio dos fundos de sua casa e a informação acerca da experiência de sua irmã de tempo desaparecido. Nos meses que se seguiram, o caso assumiu uma qualidade cada vez mais expansiva e quase épica e, hoje em dia, envolve de modo direto mais de vinte pessoas, quatro das quais, em estado hipnótico, recordaram-se de encontros de rapto por OVNI. Outros dois hipnotizados lembram-se do que suponho serem peças de um cenário de rapto, mas por uma razão qualquer continuam com bloqueio parcial de memória. Sete descreveram em detalhes consideráveis avistamentos à baixa altitude de aparentes OVNI's nessa área. E existem provas que variam desde as muito fortes até as apenas circunstanciais de que outras sete pessoas também podem estar abrigando "esquecidos" raptos por OVNI.

Essa estranha saga é tão complexa que apenas partes dela podem ser recontadas nestas páginas. Assim, em uma tentativa de ser abrangente, eu anexei ao final deste livro curtos relatos na forma de esboços da maioria desses outros incidentes. A história não pode ser contada de uma maneira estritamente linear e cronológica. A ordem pela qual fiquei sabendo de incidentes particulares não é necessariamente a ordem pela qual foram investigados. Alguns desses relatos são marginais e alguns têm relação íntima com as experiências de Kathie Davis. Nove pessoas passaram por hipnose regressiva, e eu realizei entrevistas pessoais com outras dezenove. *(Outras três foram entrevista-*

das por telefone.)[40] Mas apesar da complexidade do caso e do número de pessoas nele envolvido, Kathie Davis é, sem dúvida nenhuma, a figura central dessa história complexa.

Até aqui, eu não descrevi com detalhes a maneira como nos encontramos na verdade, acontecimento este que ocorreu em meados de outubro, quando Kathie fez sua primeira visita a Nova York. Fiz referência aos vários telefonemas que trocamos antes dessa visita e às informações novas que vários membros da família Davis me proporcionavam quase todos os dias. Quando Kathie e eu concordamos em uma data de conveniência mútua para a viagem dela, comecei a me preparar a sério. Organizei um programa de interrogatório e sessões de regressão hipnótica para explorar essas informações novas da forma mais completa possível e marquei uma noite quase social, em que pudesse apresentar Kathie para outros pesquisadores desse campo. Mas, antes de mais nada, eu esperava esse momento com grande curiosidade, o momento em que a conheceria de fato. Como quase todos os outros que encontrei em sua situação — pessoas que estavam começando a suspeitar que haviam passado por experiências com OVNI's *não recordadas* ao nível da consciência —, Kathie estava ficando muito perturbada em relação ao que nossa investigação podia deslindar. Por telefone, tentei aplacar sua ansiedade, estado este que, segundo ela me assegurou, tinha sentido durante quase toda a vida. Além da ansiedade crônica, Kathie sofre do tipo de insônia que é sinônimo de medo da noite, medo do escuro, da solidão e isolamento peculiares que o insone sente em uma casa de dorminhocos. Ela contou-me que sempre dorme melhor durante o dia e que, com frequência, conserva uma luz acesa e a televisão ligada a fim de acalmar seu nervosismo e ajudá-la a se sentir menos vulnerável.

No decorrer dos anos, observei essa espécie de medo suspenso e sem razão aparente em muitas pessoas que passaram por experiências de rapto por OVNI, não lembradas ao nível da consciência, porém traumatizantes. Isto me levou a mudar a ênfase de minhas investigações da simples coleta de informações para a atual posição que garante um espaço bem maior para as considerações terapêuticas — ajudando o

---

40- Por uma questão de princípio, eu encaro sendo apenas marginalmente confiáveis as entrevistas que não são realizadas em pessoa, face a face. Sem todos os indícios visuais do comportamento, da linguagem corpórea e assim por diante, há uma acentuada diminuição de nossa capacidade em decifrar o que é verdade e o que é fingimento ou, o mais comum, o que é apenas uma acomodação para "agradar o entrevistador". Não existe, de fato, nenhum substituto da presença, de se falar direto com a testemunha.

raptado a lidar com o medo e a incerteza e o inevitável senso de isolamento daqueles que não tiveram que sofrer com uma experiência verdadeiramente extraterrestre.[41] Como no caso das vítimas de estupro — e em algum nível o rapto por OVNI é uma espécie de estupro —, pode ser de muita ajuda a participação em um grupo de apoio formado por vítimas semelhantes. Com frequência, eu emprego um tipo de sistema de dois a dois em tais situações, técnica esta que tem dado uma ajuda verdadeira e um conforto às pessoas que estão começando a explorar, através da hipnose e de outros meios, seus traumáticos encontros esquecidos. Desse modo, um raptado que já passou por essa extensa e profunda investigação pode ser contactado, quando for necessário, por um indivíduo que esteja começando sua procura pessoal. Mas existe uma regra básica crucial: o raptado, cujo caso já foi investigado, não tem permissão para dar qualquer informação quanto ao *conteúdo* de sua experiência de rapto — descrições do OVNI, de seus ocupantes, dos procedimentos técnicos, da sequência dos acontecimentos, etc. O único campo de discussão permitido é, entretanto, vasto e emocional: como a pessoa lida com o conhecimento de que esses acontecimentos literalmente inacreditáveis podem de fato ter acontecido. Como a pessoa tenta integrar esse tipo de experiência inimaginável à própria vida. Como ela lida com o medo e a incerteza que esse conhecimento engendra.

Dei a Kathie o número de telefone em Nova York de "Sue", uma mulher parecida com Kathie em termos de idade, inteligente e de profunda sensibilidade para com as feridas psicológicas, que, de modo inevitável, qualquer pessoa que tenha passado por esse tipo de experiência sofre. De acordo com o padrão que passei a achar quase invariável, Sue foi raptada a primeira vez quando criança pequena, em seu caso aos cinco anos de idade. Depois dessa vez, ela teve uma série de experiências, que culminaram em um rapto muitíssimo traumático, que ocorreu quando ela estava com dezesseis anos, em uma região suburbana distante cerca de cinquenta quilômetros da cidade de Nova York. Ela e um amigo, um rapaz de dezesseis anos que morava em sua vizinhança, viram uma enorme luz laranja descer em um morro próximo. Os dois

41- Foi montado em Nova York um grupo de apoio com esse propósito, com psiquiatras e psicólogos, de alta qualificação, prestando assistência de tempos em tempos. Esses encontros mensais são em parte sociais e em parte terapia e, como vários dos raptados são terapeutas, essas noites têm sido muito benéficas.

foram ver o que era e, duas horas depois, encontraram-se, de maneira inexplicável, a 500 metros distante do topo do morro, sentindo-se estranhos e sem nenhuma lembrança do que tinha acontecido naquele meio-tempo. Depois disso, Sue queixou-se de uma dor no umbigo e da sensação de que o rosto tinha sido, de alguma maneira, "queimado pelo sol", mas os efeitos secundários psicológicos foram mais perturbadores. Sue vem de uma confortável família judia de classe média alta e seu comportamento até essa época era exemplar. Logo começou a manifestar-se uma profunda intranquilidade, e, mais ou menos um ano depois de sua experiência, ela começou a usar drogas como meio de manter trancada a ansiedade que, ao que parecia, não tinha causas. Conhecendo-se Sue como ela é hoje em dia, uma eficiente e bem paga mulher de negócios, envolvida em um relacionamento estável e amoroso com um homem interessante, é difícil imaginá-la na condição de viciada em heroína, impelida pelo medo, em que ela se tornou durante os muitos meses que passou na faculdade. O apoio emocional de sua família, anos de psicoterapia e sua própria força de vontade desempenharam, sem sombra de dúvida, um papel importante em sua saída gradual desses problemas. Em um dado momento, Sue sentiu-se forte o bastante e determinada para explorar o que pode ter sido a causa central de sua ansiedade, as traumatizantes experiências com OVNI, que se situam logo abaixo da superfície de suas memórias conscientes.[42]

Sue era a confidente ideal e generosa para Kathie. Após uma conversa inicial pelo telefone de seu escritório, Sue deu a Kathie o número do telefone de sua casa, que não constava no catálogo, para o caso de Kathie necessitar conversar a qualquer hora do dia e da noite. Em separado, tanto Sue como eu asseguramos a Kathie que nada jamais havia acontecido com alguém, uma vez que tivesse começado uma investigação sobre seus encontros com OVNI. Nós insistimos que, a partir daquele momento, ela seria deixada em paz por "eles", por quem quer que tivesse feito aqueles raptos perturbadores no passado. O começo de uma investigação séria, eu disse a Kathie, marcaria o fim de suas experiências com OVNI's. Eu estava errado, muito, muito errado.

Kathie fez planos para partir de Indianapolis de ônibus, na quin-

42- Sue é um dos vários raptados que me disse que apesar dos anos de tratamento convencional, eles nunca informaram ao terapeuta sobre suas suspeitas de terem tido um encontro com OVNI. "Eu não queria que ele/ela pensasse que eu estava louca", era sua explicação triste, porém compreensível.

ta-feira, 13 de outubro, e chegaria em Nova York no dia seguinte. Tudo parecia muito bem. Entretanto, por volta de duas horas da madrugada de 3 de outubro, Sue foi acordada por um telefonema de longa distância, por uma Kathie muito assustada. Kathie estava deitada na cama, lendo e assistindo tevê sem prestar atenção, quando ouviu seu nome ser chamado em um tom firme e preciso. Era algo mais "em sua cabeça" do que pronunciado em voz alta, mas era como se duas vozes estivessem falando em uníssono. "Kathie!" Ela sentiu um medo frio e paralisante e, após alguns momentos, levantou-se de repente e fugiu do quarto. Desceu a escada correndo e no mesmo instante ligou para Sue em Nova York, dizendo que sabia que algo terrível estava prestes a acontecer com ela. Sonolenta, Sue tentou acalmá-la. Sugeriu que Kathie tomasse um tranquilizante ou uma bebida, que aumentasse a vitrola e a tevê e voltasse para a cama. O conselho de Sue não ajudou muito, Kathie admitiu mais tarde. Elas bateram papo durante algum tempo e, depois de terminar a conversa, Kathie voltou a seu estado de medo.

Tomou um tranquilizante, mas amaldiçoou o fato de que o comprimido levaria vários minutos para fazer efeito. Estava aterrorizada demais para voltar à cama, de modo que em vez disso foi ao quarto dos pais e acordou a mãe — seu pai era um dorminhoco sólido e determinado —, dizendo-lhe apenas que sua cabeça estava martelando e que ela se sentia mal. "Tome umas aspirinas", sua mãe respondeu com preguiça, "e tente dormir." Mas quando Kathie se virou para sair do quarto, uma pequena bola de luz passou por ela zumbindo no corredor. "Que foi isso?", ela perguntou, e a mãe respondeu: "deve ter sido um relâmpago". Mas era claro que a bola de luz havia estado no corredor, a apenas alguns centímetros de distância de Kathie. Do lado de fora da casa não havia, em absoluto, o menor sinal de tempestade.

Nesse ponto, Kathie ficou mais assustada do que antes e mais decidida a não voltar sozinha para seu quarto. Foi para o quarto dos filhos, pegou o pequeno Tommy, o filho de três anos de idade, e levou-o para sua cama. Agora que tinha alguma companhia, não sentia tanto medo assim, de modo que aumentou a tevê e começou a ler. De maneira surpreendente, Kathie passou a sentir-se sonolenta e logo caiu no sono. Em algum momento mais tarde, ela foi acordada pela mãe que estava parada no vão da porta. "O que você quer?", perguntou a mãe. "Por que chamou?" Kathie disse que estava dormindo e que não

havia dito coisa alguma, mas Mary insistiu que tinha ouvido alguém a chamando e que pensou que fosse Kathie. Nesse momento, as duas mulheres notaram um zumbido baixo vindo de algum lugar fora da casa. Agora Kathie estava assustada demais, até mesmo para olhar pela janela. Mary disse que talvez houvesse um caminhão estacionando em frente, com o motor em baixa rotação, de forma que desceu a escada para investigar. Olhou para fora pelas janelas da frente e não viu coisa alguma na rua perto de casa, mas, como me contou mais tarde, ela própria estava assustada demais para sair e dar uma olhada de verdade pelos arredores — e olhar para cima, de onde, de fato, o som parecia situar-se. Retornou ao andar de cima, e, em um dado momento, mãe e filha voltaram a dormir.

Quando acordou de manhã, Kathie sentiu uma rigidez extrema no pescoço, e os braços e ombros estavam exaustos, como se, ela explicou, "tivesse passado a noite levantando peso". Quando a mãe desceu para o desjejum, também disse estar sentindo o pescoço rígido e uma leve dor nos braços e ombros. As queixas das duas eram idênticas. Kathie ligou para mim nessa manhã e me contou os acontecimentos da noite anterior. Perguntei se ela podia ver marcas estranhas em seu corpo e na mãe, mas ela respondeu dizendo que não havia notado coisa alguma. Perguntei sobre o estado de suas roupas de cama e da camisola. Ela deixou o telefone para ir olhar e depois voltou para informar que havia algumas minúsculas manchas de sangue no lençol, concentradas no lugar onde seu pescoço deve ter repousado. Mais tarde, descobriu mais algumas pequenas gotas de sangue coagulado no lençol de baixo, na parte superior de um dos lados, mas próximas à região da parte inferior das costas. Eu vi essas manchas depois. São gotas pequenas e discretas, com um diâmetro de cerca de 3 milímetros. Nenhuma delas é manchada ou borrada. São bem nítidas, como se Kathie estivesse bem quieta quando as gotas marcaram as roupas de cama.

Esse novo acontecimento estava deixando-me muito desconcertado. Eu havia acreditado de fato que uma vez que nossa investigação tivesse começado, cessariam os encontros de Kathie com os OVNI's. Embora este parecesse ter sido o caso em investigações anteriores, eu estava consciente de que minha crença se baseava muito mais na esperança do que na experiência. Eu *queria* que a coisa acabasse. Kathie já tinha sofrido o bastante. Contudo, era óbvio que algo perturbador hav-

ia acontecido com ela a 3 de outubro, algo do qual ela só se lembrava em parte, mas que estava claro que possuía uma dimensão física. Era bem provável que sua mãe tivesse passado pela mesma experiência. A tentativa de Sue de ajudar pelo telefone e minhas garantias anteriores não tinham feito a menor diferença. O fenômeno OVNI simplesmente faz o que quer e quando quer.

Na sexta-feira, 14 de outubro, tomei o metrô para ir ao encontro de Kathie no terminal rodoviário de Port Authorithy. O desconforto inevitável de sua viagem noturna desde Indianapolis levou cerca de dezessete horas. Kathie havia deixado os filhos com a mãe e estava indo a Nova York pela primeira vez na vida, à sua custa, para hospedar-se no estúdio de um estranho — eu próprio — e explorar algumas experiências mais perturbadoras que uma pessoa pode conhecer. Ela havia-me dito que eu a reconheceria com facilidade; ela era gorda, viajava sozinha e estaria vestida com um casaco de determinada cor. O ônibus parou e lá estava ela, ostentando um sorriso tímido e sonolento e, como era óbvio, perguntando-se se ela ou eu — ou ambos — éramos loucos sem cura para estar fazendo o que fazíamos.

Kathie estava cansada, com sede e fome e precisando fumar um cigarro e ir ao banheiro. Depois de saciarmos algumas dessas necessidades, nos dirigimos ao meu estúdio em Chelsea, em sua primeira viagem de metrô em Nova York. Kathie ficou surpresa por ter passado incólume pela experiência. Sabendo o que havia ouvido a respeito do metrô de Nova York, era natural que ela esperasse que fôssemos assaltados ou pelo menos alvejados. Curioso quanto à fonte de sua informação, perguntei se ela já havia estado em Nova York antes. Kathie piscou o olhou e respondeu que não, mas que tinha assistido a um bocado de filmes de Charles Bronson. Gostei dela no mesmo instante.

Uma das primeiras coisas que discuti com Kathie em nossa primeira tarde juntos foi seu histórico médico. Puxar esse assunto foi o mesmo que abrir a caixa de Pandora. Desde o seu nascimento, em 1959, Kathie tinha sofrido quase todas as anomalias médicas que já ouvi falar. Seu estado de peso elevado parecia ser o resultado de desequilíbrio hormonal. Ela começou a ter menstruações regulares à idade de sete anos, o começo de sua puberdade. Na idade de dez anos, ela havia atingido a altura atual de 1,60m e estava em tratamento para a pressão alta. Foi operada de cálculo biliar aos quatorze anos e teve a vesícula bil-

iar retirada. Ela teve hepatite e quase morreu de pneumonia durante um ataque que apresentou todos os sintomas do que hoje é conhecido como doença de legionário. Teve seu apêndice retirado e uma vez passou duas semanas fazendo tração porque as duas vértebras *extras* de sua espinha fundiram-se de alguma forma. Foi hospitalizada bem no início de 1983 com o que parecia ser um ataque de asma. Um dos pulmões entrou em colapso, e ela foi tratada com um dilatador bronquial intravenoso; sofreu de uma aparente reação alérgica a um medicamento e passou as duas semanas seguintes no hospital. Após os traumatizantes acontecimentos do verão de 1983, Kathie começou a apresentar sintomas de arritmia cardíaca, e, em uma ocasião, os batimentos cardíacos irregulares foram tão preocupantes, que tiveram que ser convocadas equipes médicas.

A história dos problemas de saúde de Kathie é longa e deprimente, o que torna mais notável sua coragem e resistência física. Em 1983, os médicos estavam certos de que ela havia pego a doença de Cushing, posto que apresentava todos os sintomas, mas, por sorte, o resultado dos testes foi negativo. Hipoglicemia, hiperadrenalismo e pressão alta têm sido problemas crônicos e somam-se às dificuldades de Kathie as reações alérgicas a determinadas medicações. Kathie não foi poupada de sua quota do que costuma ser chamado de "problemas femininos". Quando teve a apendicectomia, o cirurgião também retirou alguns quistos de seu ovário e embora se tivesse pensado em fazer uma histerectomia, no final a operação não foi feita. O nascimento do filho mais novo de Kathie, Tommy, foi tranquilo e sem nenhum acontecimento extraordinário, mas o primeiro filho, Robbie, esteve perto de não sobreviver. Ele nasceu dois meses antes, através de uma cesariana, depois de Kathie ter tido súbitos problemas renais. O coração de Robbie parou duas vezes durante a cesariana, mas ele sobreviveu na unidade de tratamento intensivo e hoje, anos depois, está florescendo.

Alguns desses detalhes médicos podem ser significativos à luz das experiências com OVNI que Kathie e sua família tiveram, e aqui apresento-os apenas como matéria-prima para especulações. Quando adolescente, Kathie notou uma pequena inchação na frente da canela, como se houvesse um objeto redondo e móvel bem debaixo da pele. Não havia nenhuma dor relacionada com o inchaço, apenas uma espécie de leve desconforto. Kathie conseguia mover com os dedos esse

objeto, cerca de um centímetro e meio da leve denteação subcutânea onde ele em geral repousava. Durante uma de suas consultas médicas, ela apontou-o para o médico, e ele decidiu dissolver o quisto injetando um medicamento. No entanto, o objeto mostrou-se impenetrável, e a agulha acabou quebrando. Mais tarde, quando Kathie foi para o hospital fazer a operação na vesícula biliar, o médico anunciou que o retiraria com uma cirurgia, enquanto ela estivesse sob anestesia. Quando ela recuperou a consciência e saiu da sala de recuperação, ele foi até a ala e mostrou-lhe um pequeno objeto calcificado. O médico disse a Kathie que a coisa era notável. Quando ele pressionou de leve com o bisturi, a pele abriu-se e o quisto foi atirado vários centímetros para cima, atingindo com um assovio o refletor metálico da lâmpada de cirurgia. Quando caiu, o médico pegou com a mão. A coisa tinha assustado todos os que se encontravam na sala de operações. "Você tem um corpo forte", o médico disse a ela. Tinha-se formado um pequeno enchimento gorduroso entre a tíbia e esse quisto flutuante — e que em um determinado momento tornou-se voador —, protegendo o osso com uma espécie de processo de "isolamento natural". Kathie jamais perguntou de fato, e desse modo não sabe, o que se encontrava no centro dessa massa calcificada.

É irônico que o que deveria ser uma das coisas mais fáceis e naturais para um pesquisador de OVNI, muitas vezes é uma das mais difíceis: ouvir com atenção a *testemunha* e fazer anotações particulares sobre o que a testemunha acha que tem significado especial. Temos a tendência de deixar que o nosso conhecimento de outros casos e modelos ditem o que "vamos selecionar" como tendo significado particular no relato dos pesquisados. Isto, sinto dizer, foi o que aconteceu durante minha primeira entrevista com Kathie, no contexto de seu histórico médico. Quase que a primeira coisa que me contou foi um acontecimento que sempre a incomodou e que não fazia nenhum sentido nem para ela nem para seu médico. De todas as dificuldades por que passou, essa era a mais dolorosa do ponto de vista emocional. Possuidora de apetites normais e saudáveis, Kathie tinha sido ativa sexualmente, embora fossem quase nulos seus conhecimentos sobre o contracepção. De fato, Kathie teve muita sorte e jamais teve uma gravidez acidental. No final de 1977, ela conheceu e logo se apaixonou pelo homem que depois seria seu marido; os dois fizeram planos para se casar na primavera de 1978.

No início de 1978, entretanto, Kathie percebeu que estava grávida.[43] O resultado positivo dos exames de sangue e urina confirmaram o fato. Kathie ficou alegre, assim como também seu noivo, e a data do casamento foi antecipada em alguns meses. As coisas estavam acontecendo de maneira alegre, e o corpo de Kathie estava começando a passar por mudanças sutis — até um dia, em março, quando ela acordou com o que parecia ser um fluxo menstrual normal. A mãe assegurou-lhe que essas coisas aconteciam às vezes e que ela não devia se assustar, mas uma consulta com seu médico confirmou seu medo: ela já não estava mais grávida. No entanto, não tinha havido nenhum aborto aparente, nenhum sinal físico que atestasse um aborto natural. Ela simplesmente não estava mais grávida. O médico ficou perplexo, mas para Kathie a experiência foi muito perturbadora.

Kathie casou em abril, de acordo com os planos feitos por ela e o noivo. Veio a ter dois filhos, Robbie, nascido em julho de 1979, e Tommie, nascido em setembro de 1980, mas a perda do primeiro filho sempre foi uma particular lembrança trágica para ela. Ela deixou tudo isso muito claro para mim naquela tarde de outubro, quando conversamos em meu estúdio pela primeira vez. Na ocasião, contudo, eu imaginei que era apenas um acontecimento pessoal triste, sem nenhuma relação com as experiências que Kathie vinha tendo com OVNI's. Mais uma vez, eu estava muito, muito enganado.

A primeira sessão de hipnose de Kathie ocorreu mais tarde, nesse mesmo dia de outubro, no consultório da Dra. Aphrodite Clamar, com Martin Jackson, um amigo meu, na condição de observador adicional. *(As sessões de hipnose que trataram da aterrissagem no pátio dos fundos, relatada no capítulo anterior, ocorreram em uma data posterior.)* Havia dois campos importantes que eu estava ansioso por explorar: o "sonho" de Kathie em 1978 sobre as figuras em seu quarto e os acontecimentos mais recentes que provocaram seu telefonema de madrugada para Sue. Decidimos começar pela experiência do "sonho" anterior. Kathie estava muito nervosa em relação à hipnose, de modo que a Dra. Clamar teve cuidados extras ao induzir o transe e assegurar-se de que ela estava à vontade. Kathie disse muito pouca coisa. Viu as

43- Kathie disse-me que ela e o namorado só haviam feito amor uma vez antes de ela descobrir que estava grávida. Ela ficou surpresa com essa gravidez de primeira vez, a qual, vista em retrospectiva, tem um significado diferente do que ela imaginara.

duas pequenas figuras de rosto cinzento paradas ao lado da cama, da mesma forma como tinha visto no "sonho". Seu medo era agudo, e ela pediu para ser colocada em um transe mais profundo, mas, no final dessa primeira sessão, muito poucas imagens adicionais tinham vindo à mente. Ficou claro para todos nós que teríamos que fazer uma segunda tentativa para explorar essa experiência em um outro dia, quando Kathie estivesse menos cansada e ansiosa. Entretanto, houve um interessante desenrolar físico dos acontecimentos. Kathie queixou-se, mais do que antes, durante a hipnose, que sentia a garganta estranha e desconfortável, como se ela contivesse vestígios de um líquido que pingava; com frequência ela engolia e pigarreava. Durante a sessão seguinte, a razão para seu desconforto assumiu vívida nitidez.

Quando voltávamos para casa, Kathie fez uma afirmação que exemplificava sua sinceridade. "Quero descobrir o que aconteceu", ela disse. "Sei que isso vai ser assustador. Foi assustador na primeira vez, quando eu sonhei. Talvez não seja nada. Pode ser que sejam sonhos. Não sei. Se for, vai ser bom saber que são apenas sonhos. Se não for, pelo menos saberei com que tenho que aprender a viver".

Nossa segunda sessão ocorreu na tarde de domingo. Mais uma vez, a Dra. Clamar fez uma longa e cuidadosa indução, e, mais uma vez, voltamos ao "sonho" de Kathie em 1978 sobre as duas pequenas figuras em seu quarto do andar de cima, mas dessa vez a sequência dos acontecimentos estendeu-se de maneira dramática. Kathie recordou-se de ter acordado ao lado do marido que dormia e de ter saído da cama por alguma razão qualquer. Dessa vez, ela não descreveu ter visto as pequenas figuras, de forma que imaginei que o momento que ela estava vivenciando havia ocorrido antes ou depois dessa confrontação. Ela descreveu ter ido à cozinha do pequeno apartamento e ter ficado ao lado da pia, como se esperasse alguma coisa. Após uma longa pausa, ela sentiu-se flutuando de uma maneira confortável, de olhos fechados, sem ver nada. Parecia estar deitada e depois disse que estava sendo tocada e examinada. A seguir, ela contorceu-se em óbvio desconforto, enquanto descrevia duas sondas finas, que estavam sendo enfiadas em suas narinas. Doeu no momento em que pareceu que elas haviam rompido a região dos seios nasais. Kathie pigarreou, engolindo intranquila, como se sentisse que alguma coisa estava pingando no fundo de sua garganta. Mais tarde, ela disse-nos que tinha um gosto amargo e metálico, "pare-

cendo sangue".

Seguiram-se várias outras rememorações físicas — pressão no abdome e no pescoço, por exemplo. No final, Kathie abriu os olhos e viu a pequena figura de pele cinza parada ao lado da mesa em que ela estava deitada. (É óbvio que ela já não se encontrava mais em seu quarto.) Os enormes olhos negros do "homem" fitaram-na; ela sentiu-se assustada e depois, de modo estranho e quase simultâneo, sentiu-se tranquilizada. Não houve nenhuma comunicação, a não ser a sensação que ela teve de que não seria machucada. Fora as dificuldades que a faziam engolir em seco e pigarrear, Kathie pareceu ficar calma durante vários minutos. Depois assustou-se mais uma vez, quando revivenciou o "sonho" do acordar na cama com as duas figuras paradas ao lado, segurando a caixa que emitia uma luz fraca. Nesse momento, ficou claro para mim que na manhã seguinte a essa experiência, Kathie recordou-se *(como sendo um sonho)* apenas do final de sua experiência de rapto e não do início ou do meio. A figura cinzenta entregou-lhe a caixa, dizendo para ela olhá-la e depois retiraram-na fazendo a observação — comunicada através de telepatia — de que quando Kathie visse a caixa outra vez, ela compreenderia seu objetivo. Pouco depois, ela voltou a dormir e, tendo chegado a esse conveniente ponto de parada, a Dra. Clamar a tirou do sonho. Tínhamos mais razões do que antes para continuar a exploração da recente experiência de Kathie e sua mãe.

Essa descrição de agulhas finas pressionando o alto da cavidade nasal é bem conhecida nos relatos de rapto por OVNI e, em algumas ocasiões, o raptado foi capaz de ver uma bola muito pequena em forma de bateria na extremidade da sonda. Em vários relatórios, esse minúsculo objeto — de 2 ou 3 milímetros de diâmetro — já não está mais presente quando a sonda é retirada. E existem algumas descrições sobre uma sonda ser inserida *sem* nada em sua extremidade, mas que apresenta uma minúscula bola quando é retirada.[44] Como é natural, somos levados a deduzir que implantes de algum tipo são colocados e, às vezes, retirados. Um incidente que ocorreu em Truman, Kentucky, em meados da década de 1940, proporciona uma vívida ilustração desse tipo de

44- Fowler, p. 48.

operação.[45] Sob hipnose, a pesquisada reviveu sua experiência quando tinha cinco anos de idade. Ela tinha sido levada por vários "homenzinhos" para uma imensa nave fria e muito iluminada, onde foi colocada em cima de uma mesa. Não conseguia se mexer e, após várias operações intermitentemente dolorosas, ficou assustada de novo:

PESQUISADA: Ele está... ele está... pegando alguma coisa e enfiando no meu nariz. E eu não quero que ele faça isto; Não, dói. Não, não faça, não faça, dói. Não, não posso. Não! Não! Não!
BUDD HOPKINS: *(A acalmo e depois pergunto com que a coisa se parece)*
PESQUISADA: É comprida. É uma coisinha comprida. E ele está enfiando em meu nariz, e dói, e eu não quero essa coisa aí. Não. Não o deixe fazer isto. Não, por favor, não, não, dói...
BUDD HOPKINS: Que parte de seu nariz está doendo?
PESQUISADA: Está doendo na minha cabeça. Bem na minha cabeça, em cima do nariz. Distante do meu nariz. E não quero que ele faça isto porque dói.

Em um caso de rapto de setembro de 1981, que envolveu "Megan Elliott" e sua filha pequena "Renee", Megan descreveu esse tipo de sonda nasal sendo introduzida no nariz de Renee. Esse incidente em Wood County, Texas, foi investigado a fundo por Lew Willis, e seu relatório inclui essa passagem:

HIPNOTIZADOR: Você consegue ver alguma coisa na extremidade da sonda?
MEGAN: Sim... só uma bola pequena.
HIPNOTIZADOR: De que tamanho você diria que é?
MEGAN: Oh... pequena.
HIPNOTIZADOR: Pequena como uma bola de beisebol, ou uma bateria,

45- Nesse antigo rapto dramático, a raptada, uma menina de cinco anos na ocasião, acordou com o barulho de um tiro; sua mãe estava na janela da casa da fazenda, dando tiros em uma série de pequenos "homens" brancos que se tinham reunido do lado de fora, em ameaça ostensiva à sua família. Os tiros pararam em seguida (pelo que ela se lembra, foi a única vez em que viu a mãe dando tiros), e pouco depois a criança saiu de seu quarto, flutuando entre duas figuras pequenas. Ela descreveu de modo vívido o medo que sentiu ao passar pela mãe que, ao que parecia, estava "desligada", ainda ajoelhada à janela, com a arma na mão e as longas tranças negras caídas nas costas inertes. Na manhã seguinte, a mãe tinha apenas uma vaga lembrança de ter atirado em algumas "crianças de rosto branco", que ela pensou estavam "tentando nos roubar" — a causa mais improvável para a violenta reação da pacífica mulher.

ou...

MEGAN: Menor que uma bateria.

HIPNOTIZADOR: Menor do que uma bateria? Só mais uma última pergunta. Quando a sonda foi retirada, a bateria ainda estava na extremidade?

MEGAN: *(Demonstrando aflição)* Não a vi sair.[46]

Em *Missing Time*, tratei de três casos separados de aparentes implantes na cavidade nasal e, nas investigações que fiz desde essa época, encontrei vários outros casos. Contudo, pelo que sei, ninguém estabeleceu de modo inequívoco que qualquer raptado ainda apresente um implante nesse lugar. É claro que a radiografia requer que um objeto seja radiopaco para ser visto, e um objeto de 2 milímetros está *muito* próximo do limite de resolução para o exame. Estou certo, entretanto, que em um dado momento algum desses objetos será localizado, e então teremos o artefato físico que procuramos há tanto tempo, nosso "revólver fumegante". As especulações sobre o propósito desses possíveis implantes giram em torno de alguma ou de todas as três péssimas possibilidades: eles poderiam funcionar como "localizadores", ao modo dos pequenos transmissores de rádio que os zoólogos prendem nas orelhas de infelizes alces anestesiados, a fim de seguir sua perambulação. Ou talvez sejam algum tipo de monitor, que transmitem os pensamentos, emoções ou até mesmo impressões visuais e sensoriais do hospedeiro. Ou — e talvez seja esta a possibilidade menos agradável — eles poderiam exercer uma função de receptor, sugerindo a possibilidade de que, de tempos em tempos, os raptados possam ser induzidos a agir como delegados de seus raptores. Não desejo me estender sobre essas teorias que induzem à paranoia. Talvez esses objetos parecidos com baterias tenham algum outro ou outros propósitos ainda não imaginados. Quando pensamos acerca dessas imensas questões teóricas sobre a natureza última, a fonte e a intenção do fenômeno OVNI, somos obrigados a admitir que ainda não temos respostas derradeiras.

Um outro estranho detalhe do qual Kathie se lembrou, foi sua sensação de que as duas figuras cinzentas se moviam em absoluto uníssono. "Quando um deles se inclinava para a frente, o outro também

46- O excelente relatório de Lew Willis sobre o caso "Elliott" merece publicação. Apareceu uma versão muito resumida no *MUFON UFO Journal*, em janeiro de 1982.

fazia isso exatamente da mesma maneira. Eles se mexiam juntos, como se fossem um só." Essa observação é compatível com o fato de Kathie ter ouvido seu nome, no incidente de outubro, como se fosse chamado por duas vozes falando em uníssono. David Oldham, ao descrever as pequenas figuras com que se viu face a face na experiência de rapto em 1966, ficou espantado, porque todas piscavam os olhos ao mesmo tempo, em perfeito uníssono.[47] Em um caso que investiguei há pouco tempo, um homem de Minnesota que estava andando de carro em uma estrada deserta próxima ao Plate River, foi parado por cinco figuras altas, que se encontravam perto de uma enorme luz flutuante. Quando começaram a se mover em sua direção, ele notou que todas começaram a andar de modo simultâneo com o pé esquerdo. Seu primeiro pensamento foi que eles deviam ser soldados em manobras, embora quase no mesmo instante ele tenha tido razões para rechaçar essa ideia.[48] Não sei o que significam essa aparência e comportamento típicos de clone, mas não se trata de uma constante nos relatos de rapto. A testemunha recorda-se, com mais frequência, de diferenças tanto na aparência como no comportamento dos vários ocupantes de uma mesma nave. Mais uma vez não sabemos como interpretar esses padrões aparentemente contraditórios.

O próximo item de nossa agenda de investigação foi a noite de início de outubro, na qual Kathie ligou para Sue às 2h00 da madrugada para dizer que tinha ouvido seu nome ser chamado e que "sabia" que algo de terrível estava prestes a acontecer. Ao discutir suas recordações, ela mencionou uma parte dos acontecimentos dessa noite, que não havia discutido comigo antes. Pouco antes de ela ir para a cama e ouvir as vozes simultâneas chamando "Kathie!", ela havia ido de carro até uma loja de comida próxima, que ficava aberta a noite inteira, a fim de comprar algo para beber. *(Kathie consome uma grande quantidade de Diet Pepsi.)* O primeiro detalhe estranho de que se lembra, foi o fato de ela ter recentemente retornado dessa loja, situada a uma distância de

47- Esse detalhe surgiu em uma sessão de hipnose realizada em Nova York pela Dra. Aphrodite Clamar, a 6 de outubro de 1979.

48- Essa observação caracterizou o início do rapto. O raptado foi cercado por cinco figuras que o tiraram do carro e levaram para um OVNI aterrissado, onde ele encontrou mais dois raptados — um homem e sua mulher. Sua memória sobre a experiência ficou bloqueada durante vários anos, mas aos poucos, sem o uso da hipnose, ele começou a se lembrar de tudo que aconteceu, desde o momento em que as figuras com aparência militar se aproximaram de seu carro, até o momento em que, duas horas depois, ele "apareceu" dirigindo em uma estrada diferente, a milhas de distância de sua localização original.

dez minutos de carro de sua casa, com alguns artigos, quando percebeu que estava com sede e que não havia comprado nada para beber. Foi durante a *segunda* viagem que Kathie viu no céu um enorme objeto muito iluminado, que ela imaginou fosse o dirigível da Goodyear. Alguma coisa dessa segunda viagem à loja permaneceu em sua memória como sendo peculiar e indefinível. Ela chegou em casa e foi para a cama, e depois as vozes chamaram, houve o zumbido do lado de fora, o seu medo e o telefonema para Sue.

Por infelicidade, a Dra. Clamar não tinha mais tempo para sessões de hipnose nessa semana. O Dr. Robert Naiman, um psiquiatra que também realizou para mim sessões de hipnose em casos de rapto por OVNI, não tinha nenhum tempo para nós, e eu não pude encontrar nenhum outro hipnotizador com hora disponível no tempo que restava antes da data marcada para a volta de Kathie a Indianapolis. Por conseguinte, tomei a decisão, com a aprovação imediata de Kathie, de que eu mesmo faria a hipnose. Preparei o cenário da maneira habitual. Começamos no ponto em que Kathie retornou da primeira viagem à loja para comprar mantimentos.

KATHIE DAVIS: Entro em casa e estou mesmo com muito frio. Papai está sentado à mesa da cozinha. Estou carregando essas coisas e pergunto a ele se quer comer algo. Ele diz que não. Subo ao meu quarto, pego o livro, a revista e as guloseimas e me preparo para ler. Comecei a sentir frio. Estou sentindo uma espécie de formigamento em todo o corpo. Sinto a pele dos braços irritada. E... o relógio *(agitada)* diz que são 11h45. E eu esqueci de comprar alguma coisa para beber, porque estou com muita sede... Isso mesmo, vou à cozinha para ver se temos alguma Pepsi. Não temos, então disse, eu disse a papai que estava saindo para comprar alguma coisa para beber. Estou me sentindo mais irritada ou fria do que antes, e estou com tanta sede... E fui até meu carro... e a luz do interior não acendia, mas depois acendeu. Um segundo depois, a chave da ignição pifou. E isso é meio esquisito, sabe, estou pensando que tem alguma coisa me puxando. Me sinto meio gozada, meio arrepiada..., mas... e fico tentando dar a partida e depois testo os faróis, e eles acendem quando ligo... ela dá a partida com as luzes acesas. De modo que espero que esse estúpido carro não enguice em algum lugar e eu...

saio pela entrada de carro. Descendo a rua... vejo alguma coisa no céu. Estou bem em *X (essa localização e outras foram apagadas.)* e dou uma olhada na coisa, com o canto do olho, e estou pensando que é bem esquisita. E passo pelo sinal [*de trânsito*] e não tem nenhum carro, de forma que passo pelo sinal e estou indo... estou diante do estacionamento em *Y*, e torno a olhar para cima e a coisa ainda está lá. Não parei! Diminuí a velocidade. Agora estou em, ainda vejo... não está se mexendo muito e estou em... estou em *Z*... estou olhando por entre duas árvores enormes... Estou pensando que deve ser o dirigível da Goodyear, porque Wilma viu o dirigível da Goodyear bem baixo hoje de manhã. Aposto como é isso, porque parece que está com as luzes do anúncio acesas na parte de baixo, bem grandes também. Parei o carro e fiquei olhando alguns minutos para a coisa e... bem, nunca vi o dirigível da Goodyear rolar daquele jeito quando se virou. Está terrivelmente baixo. Vou ficar observando essa coisa, porque ela não está indo a parte alguma. Só está... andando em círculos, ou rolando ou algo pelo estilo, e quando rola, ela está... rolando para cima. Em vez de virar, ela rola para o... Não sei, é muito estranho. Hum. Hum. Vou continuar andando. Vou à loja e vou até a Seven-Eleven e agora não consigo, não vai... Não consigo ver a coisa agora. *(Kathie salta de repente, erguendo-se 2 ou 5 centímetros da cama, assustando-me tanto quanto a si própria)* MAS QUE DROGA!

BUDD HOPKINS: *(A acalmando, assegurando que ela está a salvo)* Está tudo bem, Kathie. Continue contando o que você está vendo.

KATHIE DAVIS: Bem, droga, pensei que estivesse na loja, mas vejo as janelas e as luzes nas janelas da loja, mas aquele sujeito... *(nervosa)* não era o vendedor. Juro que pensei que estivesse na loja, mas depois eu o vi olhando para mim. Eu o conheço. Não estou com medo dele, mas fiquei chocada ao vê-lo. Não estava esperando vê-lo... e ele está sorrindo para mim. Acho que ele não iria me machucar. Tenho uma contração no polegar. Cara, ele simplesmente evapora-se lá... onde estava. Ele me *chocou*! Não faça isso comigo, esconder-se atrás de mim e me assustar desse jeito! (*sua voz está assustada e insegura)* Quer que eu tenha um ataque do coração? E meu polegar não para de se contrair. *(Longa pausa)* Sinto muito frio.

Há muitos detalhes no relato de Kathie, que até aqui são um paralelo exato com outros casos de rapto por OVNI que investiguei no passado. Por alguma razão qualquer, muitos raptados descrevem ter sentido frio físico durante a experiência. A Dra. Clamar emprega, com frequência, a hipnose em sua prática terapêutica regular não relacionada com os OVNI's, mas poucas vezes alguém informa estar sentindo frio durante o estado de transe em seu consultório. No entanto, essa situação ocorreu com tanta frequência quando os pesquisados eram raptados por OVNI, que ela começou a ter um cobertor à mão para usar nessas ocasiões. Sugerem-se duas possíveis explicações para essa reação comum. O medo existente no limiar de um choque traumático pode fazer com que o pesquisado sinta um frio incomum, mas também existem testemunhos para o fato de que o próprio interior de um OVNI pode ser de fato frio. A hipnose, como a conhecemos, pode proporcionar a ilusão da experiência verdadeira, representada de modo vívido.

No centro do relato de Kathie está a sugestão de que seu comportamento é controlado, de alguma maneira, a partir do exterior. Ela havia acabado de visitar a loja, mas mesmo assim sentiu a súbita necessidade de voltar. Ela descreve o fato de ter subido ao seu quarto e se preparado para ler. Mas depois começa a sentir frio e "um formigar em todo o corpo". Depois desses estranhos sintomas, ela percebe que está com sede e que precisa voltar à loja. Sua sede proporciona uma razão conveniente para uma outra viagem, embora seja óbvio que havia na casa outras coisas para ela beber. Ocorrem estranhos problemas elétricos quando ela tenta dar a partida no carro, todos os quais parecem aprofundar sua sensação de medo, mas ainda assim nada a detém em sua missão. Depois ela nota e começa a observar com toda a atenção um estranho objeto iluminado no céu.

Enquanto o objeto rola e manobra, talvez seu comportamento hipnotize literalmente, Kathie se vê no que ela supõe ser a loja. Tem janelas enormes e luzes, mas o "vendedor" que se aproxima dela, podemos imaginar, jamais fez uso de uma caixa registradora. Seu relato continua:

BUDD HOPKINS: Você está com seu carro, Kathie?

KATHIE DAVIS: *(Em tom suave)* Não, agora não. Não sei como saí do carro e fui parar onde estou. Eu simplesmente cheguei... Não posso ficar muito tempo. Tenho que ir para casa.

BUDD HOPKINS: Agora você falou com ele. Ele respondeu alguma coisa?

KATHIE DAVIS: Isso mesmo. *(pausa)* Ele me perguntou como estou me sentindo. Não consigo lembrar o que ele perguntou. Ele me perguntou alguma coisa, alguma outra coisa. Ele me disse algo. Não consigo lembrar. *(Muito assustada)* Não quero me lembrar.

BUDD HOPKINS: *(A acalmo dizendo que as lembranças podem voltar quando ela estiver preparada para lidar com elas, etc)*. Você é capaz de nos dar uma ideia do lugar em que se encontra enquanto isso acontece?

KATHIE DAVIS: Não sei. Estou parada em frente à loja, mas não é a loja. Quero dizer, é grande, as janelas são grandes, janelas compridas, e toda essa luz vindo das janelas, e as coisas nas janelas, mas ele entrou lá e saiu. Não me lembro de ter visto quando ele saiu. Eu o vi lá dentro e depois lá fora e eu estava parada com ele... Parei o carro para olhar aquela coisa no céu e depois estou na loja e tem esse sujeito. Não sei... *(Nesse ponto da narrativa termina a lembrança do encontro com a pequena figura e o OVNI supostamente aterrissado e começa a "amnésia". O que se segue concorda mais ou menos com suas posteriores memórias conscientes sobre a viagem à loja)* Saí e comprei coisas, de modo que estou indo para casa. Olhei para o céu durante todo o trajeto de volta. Cheguei a tomar o outro caminho...

Kathie descreve a rota que ela toma para a casa como sendo peculiar, como se tivesse estado um pouco fora do caminho de viagem que, em geral, fazia. Quando chega em casa, ela nota que o pai foi para a cama.

BUDD HOPKINS: Você percebe que horas são?

KATHIE DAVIS: *(Suspira)* São, bem... eu... não pode ser isso. Não levou... *(em tom firme)* Eu saí às 23h45 e olhei o meu relógio, e ele dizia que eram 12h40, e o Seven-Eleven deve ficar a uns dez minutos de distância, e eu me sinto toda arrepiada de novo.

BUDD HOPKINS: Você bebeu algo? Está com sede?

Acho... que não bebi nada e não estou com sede. *(Parecendo surpresa)* Assisti tevê durante algum tempo. *(Assustada)* Telefonei para Sue.

Nesse ponto, tranquilizei Kathie e pouco depois a tirei do transe. Decidimos que a segunda parte da experiência de outubro seria transferida para uma outra sessão de hipnose. Ao que parecia, essa primeira parte do encontro era apenas um prelúdio do que aconteceria mais tarde. Kathie foi "atraída" para fora de casa, de modo que pudesse ser abordada e escutasse alguma coisa — algo que a deixou assustada e do qual não quer se lembrar. Talvez alguma coisa sobre o que ocorreria mais tarde, na casa, quando todos estivessem dormindo? Esse rapto em duas etapas é, pelo que sei, um caso único na literatura OVNI. Ele ilustra uma situação perturbadora, que — infelizmente — acho que seja muito comum: muitos raptados por OVNI parecem ter "rédeas mais curtas" do que qualquer um de nós teria imaginado antes. Parecem estar muito à disposição sempre que são necessitados e por qualquer razão que seja.

A viagem de Kathie à loja nessa noite deveria ter demorado entre vinte e vinte e cinco minutos, permitindo-lhe uma viagem de volta um tanto ou quanto indireta, mas de acordo com suas lembranças durou quase uma hora. Há um período de tempo desaparecido de cerca de trinta minutos; contudo, as recordações de Kathie sobre o encontro com a diminuta figura de rosto cinzento não representam esse tempo decorrido. É claro que nesse incidente aconteceram mais coisas do que ela se lembra. Alguns dias depois, Kathie lembrou-se de mais uma ideia. Alguns momentos depois que a figura apareceu pela primeira vez a assustando, ela acalmou-se o suficiente para pensar "é uma loucura, estou prestes a ir para Nova York a fim de explorar esse negócio e isso acontece de novo". O "homenzinho" respondeu seu pensamento, por assim dizer, da maneira mais fácil.

A sensação que Kathie teve de sua resposta foi mais ou menos assim: "que bom que você está indo para Nova York. Que bom que você vai ver seus amigos [*é de se supor que fôssemos eu e Sue*]. É muito bom". Como se nada fizesse nenhuma diferença — a viagem, a hipnose que haveria, a investigação e assim por diante. Não havia nenhum senso de ameaça, de proibição, de advertência — apenas o senso mais casual de reconhecimento de um fato. Na opinião de Kathie, foi quase da maneira como se fala com uma criança: "que bonito, essa é uma boneca muito bonita, você tem sorte de ter uma boneca tão bonita assim". Eu não disse a Kathie, mas essa troca de ideias me deu um pouco de paz de

espírito — algo que nos últimos tempos parecia estar rareando.

Nossa próxima sessão de hipnose começou no ponto em que Kathie retornou da "loja", sem ter comprado nenhuma Diet Pepsi. Ela descreve estar assistindo tevê no quarto de dormir:

BUDD HOPKINS: Você está gostando?

KATHIE DAVIS: Está tudo bem. Eu não estou mesmo assistindo. Só estou ouvindo. Meus olhos estão fechados, e eu estou mesmo muito cansada. *(Suspira)* Oh, não, está começando a doer. Parece que está latejando um pouquinho.

BUDD HOPKINS: Essa dor vai desaparecer aos poucos...

KATHIE DAVIS: Ainda posso sentir, mas já não machuca mais. Parece que tem alguma coisa latejando dentro de minha cabeça, no alto, bem no alto, debaixo do nariz... Oh, bem, é provável que seja apenas minha sinusite. Se piorar, vou tomar uma aspirina. Posso ouvir alguma coisa parecida com um fio elétrico. Tem um som de zumbido agudo, mas na verdade não estou ouvindo, é como se o barulho estivesse em minha cabeça, sabe. Oh, meus braços estão esquisitos. *(Se mexe nervosa)*

BUDD HOPKINS: Qual é o problema, Kathie?

KATHIE DAVIS: Não sei. Sinto um arrastar perto da janela. Fico olhando para a cortina. É bem ao lado de minha cama... uma fileira de janelas. Não sei por que fico olhando para lá. Tenho uma sensação de arrepio. É provável que seja apenas minha imaginação...

BUDD HOPKINS: Você ainda está assistindo tevê?

KATHIE DAVIS: Hum, hum. Estou ouvindo. E amanhã irei até a casa de Jimmie e só estou pensando nisso. Espero que ele esteja de bom humor. *(Assustada de repente)* O que foi isso?

BUDD HOPKINS: Que está acontecendo, Kathie? Você ouviu algum barulho?

KATHIE DAVIS: *(Começa a respirar rápido, é óbvio que está muito assustada)*

BUDD HOPKINS: Você está segura aqui, Kathie. Já acabou. Você só está recordando-se de uma coisa que aconteceu há algum tempo. Você está em completa segurança. Conte-me o que você está vendo.

KATHIE DAVIS: Eu só ouvi meu nome. Oh, cara, isso me deixou mesmo muito assustada. Eu não estava esperando.

BUDD HOPKINS: O som se pareceu com o quê, Kathie?

KATHIE DAVIS: Duas vozes falando ao mesmo tempo. Elas só disseram "Kathie!" E foi alto de verdade. Não fui eu. Talvez tenha sido mamãe. Não, não foi ela. Fico olhando para a janela. Não tem nada ali. Agora estou ficando realmente assustada. Não sei por que fico pensando que alguma coisa vai acontecer...

BUDD HOPKINS: *(A tranquilizei e a acalmei)* O que está acontecendo agora, Kathie?

KATHIE DAVIS: Estou com uma baita duma dor de cabeça. Vou descer ao andar de baixo e telefonar para Sue porque estou com medo. Não quero descer, mas tenho que ligar para Sue. Não quero passar pela janela da cozinha outra vez e não quero passar pela janela da sala de estar. De forma que vou descer e ligar para Sue, depois não sentirei medo. É provável que mamãe me mate por fazer uma chamada de longa distância, mas eu mesma pagarei o telefonema. Vou ligar para ela. Sinto como se alguma coisa fosse acontecer mesmo.

BUDD HOPKINS: Você vai descer para ligar para ela?

KATHIE DAVIS: Vou. Estou sentada em uma cadeira perto do forno de micro-ondas. Estou ligando para ela e continuo ouvindo esse barulho... E pensei ter visto uma luz do lado de fora do quarto, através da cortina... Olhei e vi as luzes do lustre refletindo-se na janela, mas tem uma outra luz além da luz do lustre, e eu olhei de novo, e ela havia desaparecido. Não quero passar pela janela de novo... por qualquer janela. Eu nem quero olhar para elas.

BUDD HOPKINS: Bem, Kathie, vamos dar só um pulinho para a frente. Você ligou para Sue e contou o que estava vendo. Agradeceu a Sue e depois desligou. Agora você se sente melhor. O que você vai fazer agora? O que acontece agora?

KATHIE DAVIS: Não me sinto tão melhor assim... ainda estou com medo e ainda penso que alguma coisa vai acontecer, mesmo depois que Sue disse-me que não aconteceria. Ainda penso que alguma coisa vai acontecer, de modo que tomo um tranquilizante. Sei que vai passar uma hora antes que esse docinho comece a fazer efeito. O que vou fazer até lá? Vou subir de volta ao meu quarto... as luzes ainda estão acesas... eu não cheguei a apagá-las. Ligo meu rádio, pego uma revista e ainda me sinto esquisita, como se alguma coisa fosse acontecer. E meu coração está latejando um pouquinho e isso

me deixa com mais medo ainda. Eu não poderia ficar perto da janela de meu quarto, de forma que me levanto e vou até o quarto de mamãe. Bato na porta do quarto e ela diz "o que você quer?" Ando até os pés de sua cama e digo "meu coração está latejando", e ela diz "tome o remédio para o coração e um pouco de Pepto Bismol e vá para a cama. Você vai ficar bem". Ainda estou pensando que alguma coisa vai acontecer. De modo que saio no corredor e fico parada ali durante alguns momentos, decidindo o que fazer. Não vou voltar para o meu quarto e não quero voltar para o banheiro e não quero voltar ao andar de baixo. Só quero esconder-me. Acho que me viro... eu estava indo para o meu quarto, depois mudo de ideia e decido ir ao quarto de Robbie e Tommy, e no exato momento em que estava me virando para ir ao quarto deles, vi um clarão de luz no corredor. Era como se fosse uma bola pequena, que se mexia com muita rapidez e piscava ao mesmo tempo. Deixava uma coisa parecida com um risco. Ela me fez dar um salto, e eu entrei de novo no quarto de mamãe e disse "mamãe, você viu aquele relâmpago?" E ela respondeu "vi sim". Mas como poderia estar relampejando no corredor?... Tem alguma coisa engraçada... não está certo. Vai acontecer alguma coisa, eu sei. Vai acontecer alguma coisa de ruim. De modo que vou até o quarto dos garotos e pego Tommy. Ele dorme um sono profundo. De modo que o pego e levo de volta ao meu quarto comigo. E me sinto culpada por acordá-lo, mas não consigo ficar nesse quarto sozinha. Estou tão assustada. De forma que coloco Tommy ao meu lado e ele desperta por um minuto, mas adormece de novo na mesma hora, e eu desejo poder dormir. Cubro-o com meu cobertor. Deito e leio mais um pouco a *Rolling Stone*. E esse barulho que continua, e o garoto que não acorda. Liguei a tevê, acendi as luzes e liguei o som e estou lendo, e esse garoto que voltou a dormir logo. Meus braços formigam. Estou começando a dormir. Meu corpo formiga... todo o meu corpo formiga... a sensação é muito boa mesmo. Eu só estou começando a dormir. Minha cabeça parece estar flutuando. Está parecendo leve de verdade. Todo o meu corpo formiga, especialmente meus antebraços, e meus joelhos estão arrepiados de frio. É gostoso. Eu me sinto mesmo muito bem. Sinto-me como se estivesse flutuando. Parece que minhas mãos estão nas costas...

e os polegares estão apontando na outra direção. É meio esquisito, mas é gostoso... é uma sensação meio gostosa. Vou dormir. Estou ouvindo esse barulho engraçado... Soa como se alguém estivesse respirando muito rápido e curto. Do tipo *puf! puf!* só que bem de leve. Só que não sou eu. Sinto que me cutucam, batem em meu peito, debaixo de meu seio esquerdo. É como se alguém estivesse cutucando você. Hum. Estou com sono, mas consigo pensar. Penso que estou sonolenta... me sinto muito bem. Está formigando de verdade. Você me cutucou debaixo do braço?

BUDD HOPKINS: Não, Kathie, não cutuquei. Que braço?

KATHIE DAVIS: Meu braço direito.

BUDD HOPKINS: Você sabe o que lhe cutucou?

KATHIE DAVIS: Não sei. Não consigo enxergar. Não posso abrir os olhos. Talvez tenha sido Tommy que eu ouvi respirar, mas...

BUDD HOPKINS: Você consegue ouvir o estéreo?

KATHIE DAVIS: Não.

BUDD HOPKINS: A tevê?

KATHIE DAVIS: Não. Está silenciosa. Agora alguém me cutucou debaixo do seio esquerdo. *(Nervosa)* Agora no meu seio direito e nas costelas, perto do coração.

BUDD HOPKINS: *(Eu a acalmo)*

KATHIE DAVIS: Posso sentir de novo o cheiro de fósforos queimando... Cheira como se fossem fósforos queimando e fede.

BUDD HOPKINS: Você pode abrir os olhos?

KATHIE DAVIS: Não. Não consigo abrir os olhos.

BUDD HOPKINS: Eles cutucaram você por cima da camisola?

KATHIE DAVIS: Acho que não estou usando nenhuma roupa. Não sei. Não sinto nenhuma roupa. Sinto frio. Eles estão fazendo alguma coisa com meu peito.

BUDD HOPKINS: Quem são "eles"?

KATHIE DAVIS: Não sei, não consigo enxergar. Seja quem for, está tocando meu corpo... sinto que estão tocando... sinto toques frios em ambos os lados de meu peito, abaixo de meus seios e ao lado deles, e dedos ou alguma coisa fria me tocando.

BUDD HOPKINS: Como eles se parecem? Parecem com dedos?

KATHIE DAVIS: Isso mesmo, um tipo de, mas são frios.

BUDD HOPKINS: São suaves?

KATHIE DAVIS: Não são lá muito suaves...

BUDD HOPKINS: Você ainda está ouvindo aquele barulho?

KATHIE DAVIS: Só que muito, mas muito de leve... um tipo de... eu nem ao menos sei se é um barulho... apenas a vibração de alguma coisa... é algo de pouca intensidade ou alguma outra coisa...

BUDD HOPKINS: O que está acontecendo agora, Kathie?

KATHIE DAVIS: Sinto como se meu nariz estivesse escorrendo por minha garganta, sabe, meus seios nasais estão drenando... Não me lembro...

BUDD HOPKINS: Você disse que não se lembra. Não se lembra de quê?

KATHIE DAVIS: Minha camisola. Não me lembro...

BUDD HOPKINS: Nós vamos voltar a isto, Kathie. Mas agora vamos retroceder ao ponto em que você está deitada lá, sentindo-se confortável e parou o exame ou seja o que for. O que aconteceu depois que ele parou?

KATHIE DAVIS: Estou adormecida e me sinto bem e aquecida, e uma espécie de torrente quente me percorre do peito até os braços e pernas, eu me sinto bem e só estou dormindo.

BUDD HOPKINS: Você sente Tommy aí?

KATHIE DAVIS: Não. Sinto de novo um beliscão em meu rosto, entre meus olhos. Não sinto dor... só sinto a pressão... Tem alguma coisa me cutucando. Sinto o estômago e tem alguma coisa em meu pescoço... É como se houvesse um colar em meu pescoço, mas ainda estou dormindo na cama... Vai sumir. *(Está mais nervosa)*

BUDD HOPKINS: O que está acontecendo, Kathie?

KATHIE DAVIS: Estou tendo aquele sonho... Devo ter tido aquele sonho sobre os sujeitos em meu quarto, porque os estou vendo outra vez. Eu devo ter tido aquele sonho.

BUDD HOPKINS: É o quarto de dormir do andar de cima?

KATHIE DAVIS: Não estou em meu quarto do andar de cima. Estou dormindo na cama e vejo esse sujeito. Vejo com que ele se parece. Ele se parece com o mesmo sujeito que estava em meu outro sonho, só isto. Esse sujeito ri um bocado para mim, não é tão mal assim.

BUDD HOPKINS: Ele está em seu quarto com você?

KATHIE DAVIS: Não sei... Ele está na minha cabeça, acho que ele está em meu sonho... Não sei onde ele está... Acho que estou na cama.

BUDD HOPKINS: Em seu sonho sobre ele, você vê alguma coisa em volta

dele, onde ele está?

KATHIE DAVIS: Está tudo vazio, tudo vazio, branco. Seja o que for... ele está sorrindo. A primeira vez em que eu o vi, fiquei com medo, mas ele está sorrindo e já não estou mais com medo. Por que eu deveria ter medo de um sonho? Sinto-me bem. Sinto-me realmente relaxada e aliviada. Nesse ponto, parecem ter chegado ao fim as lembranças de Kathie de seu "exame" e do encontro com o homem pequeno. Houve, entretanto, uma surpresa final.

KATHIE DAVIS: Isso não pode ser verdade. Devo estar imaginando isso.

BUDD HOPKINS: O que é isso, Kathie?

KATHIE DAVIS: Não, não *poderia* estar do lado de fora. Eu nem me aproximei da janela quando liguei para Sue.

BUDD HOPKINS: Onde você está do lado de fora?

KATHIE DAVIS: No pátio dos fundos, acho.

BUDD HOPKINS: Não tente entender a coisa, porque os sonhos são engraçados e não fazem sentido. Diga-me apenas o que você está vendo. Você está sozinha do lado de fora da casa?

KATHIE DAVIS: Isto mesmo.

BUDD HOPKINS: Você está de camisola?

KATHIE DAVIS: Estou.

BUDD HOPKINS: Quando você olha em volta, o que vê?

KATHIE DAVIS: Só o pátio dos fundos. Está escuro aqui fora.

BUDD HOPKINS: Você está de pé do lado de fora, Kathie?

KATHIE DAVIS: Estou. Acho que vou entrar. Não sei por que estou de pé aqui fora. Vou tratar de entrar pela porta dos fundos e irei para a cama.

BUDD HOPKINS: Como você se sente agora?

KATHIE DAVIS: Ótima. Vou dormir. Eu devo ter tido... essa parte deve ter sido um sonho que eu estava tendo, ou alguma coisa pelo estilo, porque eu não poderia estar do lado de fora da casa... estou na cama.

BUDD HOPKINS: A tevê e o aparelho de som estão ligados?

KATHIE DAVIS: Não.

BUDD HOPKINS: Você tinha desligado?

KATHIE DAVIS: Acho que sim.

BUDD HOPKINS: Tommy ainda está aí?

KATHIE DAVIS: Está, sim.

Pouco depois disso, tirei Kathie do transe. Embora houvesse algumas diferenças de somenos importância entre os detalhes dos quais ela se havia recordado antes e aqueles dos quais se lembrou sob a hipnose, os dois relatos concordam em seus detalhes de maneira quase perfeita. Agora era fácil imaginar toda a sequência dos acontecimentos. Após ter retornado da loja na primeira vez, Kathie começa a sentir frio e o "formigar". Quando nota o relógio, começa a ficar agitada — quase que como se soubesse que está atrasada para um encontro — e no mesmo instante retorna à loja. De alguma maneira qualquer, ela e o carro acabam no estacionamento do Seven-Eleven, mas, em vez disso, próximos a um objeto muito iluminado, que ela *vê* como sendo a loja.[49] O "vendedor", agora fica óbvio para ela, é a figura pequena e de pele cinza de suas recordações anteriores, e, de fato, mais tarde ela contou-me que o "conhecia", que ele era seu conhecido desde a experiência no andar de cima de 1979 (Assim como os agentes da CIA, os raptados também parecem ter seus "manipuladores" regulares.)

Kathie volta para casa, assustada, ao que parece inconsciente de que haveria mais coisas. Com a esperança de evitar o inevitável, ela telefona para Sue em Nova York, em vão. Em um determinado momento, ela sossega e começa o rapto. Enquanto ela dorme em um possível estado de quase-transe pré-preparado (sua descrição é muito parecida com a de um transe hipnótico normal), ela é retirada da casa de alguma maneira qualquer e levada para o OVNI. Ela é cutucada e examinada, virada de um lado para o outro, em um típico "exame" que ocorre em rapto por OVNI. Algo parecido com um colar é colocado em seu pescoço, provocando-lhe um demorado desconforto e deixando minúsculas manchas de sangue em seu travesseiro. Em um determinado ponto, ela abre os olhos e vê mais uma vez a pequena figura cinza, mas, dessa feita, em contraste com a brancura vazia que, com frequência, caracteriza o interior de um OVNI. Ele sorri para ela — com seus olhos, como mais tarde Kathie me informou; sua diminuta fenda bucal jamais se mexe — e ela torna a cair em um sono relaxado. Kathie desperta, é claro, espantada por se encontrar de pé do lado de fora da casa, no pátio dos fundos, de camisola.

49- Andando de carro à noite pelos arredores, Kathie descobriu o lugar que "confundiu" com a loja do Seven-Eleven. Trata-se de um complexo de prédios com um enorme estacionamento próximo a um campo retirado — um lugar onde seria plausível a aterrissagem de um OVNI sem que ninguém visse. Estive lá à noite e estou convencido de que é, de fato, o lugar de seu encontro.

Fora essa rara imposição em dois estágios, esse rapto parece ser típico de muitas experiências chamadas de "visita ao quarto de dormir", conhecidas dos pesquisadores de OVNI."[50] Após essas duas sessões de hipnose em Nova York, eu não tinha nenhuma razão para suspeitar do profundo significado daquele encontro de outubro. Contudo, meses mais tarde, Kathie pôde lembrar-se de modo espontâneo de um acontecimento anterior não recordado, que ocorreu naquela noite no interior do OVNI. Suas recentes lembranças dessa ocasião são talvez as mais importantes na história da pesquisa sobre os OVNI's.

50- Esse tipo de encontro no quarto de dormir — que é muito comum — envolve o aparecimento de uma estranha figura (ou duas ou três) parada junto à cama, onde está deitada a vítima, paralisada fisicamente e com invariável medo. Esse aparecimento dos ocupantes de OVNI recordado ao nível da consciência pode caracterizar o início de um rapto, ou seu final, como na experiência de Kathie no ático.

CAPÍTULO 4

Robbie, Tommy e o Duende

Kathie ficou conosco em Manhattan durante seis dias, mas seu tempo não foi todo ocupado com as regressões hipnóticas e a pesquisa sobre OVNI. Ela encontrou-se com Sue e o namorado dela, comeu chinês, como nós os nova-iorquinos gostamos de dizer, e fez alguns passeios pela cidade. Sem contrariar os filmes de Charles Bronson, ela gostou muito da visita à Big Apple. De coração, Kathie é bem conservadora. Zelou com cuidado de seu dinheiro e voltou a Indianapolis com cerca de 43 centavos, que sobraram do dinheiro que ela havia destinado à viagem, mas com uma sacola de presentes para os dois filhos pequenos.

Nos dias e semanas que seguiram a seu retorno, eu e Kathie falamos com frequência pelo telefone. Novos — e recém recordados — acontecimentos da saga em Copley Woods continuavam a revelar-se no lento e inexorável padrão, que eu tinha aprendido a esperar. Mas o acontecimento mais perturbador ocorreu alguns dias antes do Dia de Ação de Graças e pouco mais de um mês após a visita de Kathie a Nova York. Ela ligou no dia 27 para me dar os detalhes desconcertantes. Disse que tinha andado nervosa o dia inteiro, sentindo-se "um pouco arrepiada, como se houvesse alguma coisa na casa e ontem à noite eu estava sozinha com as crianças em casa. Fiquei pensando que de vez em quando via alguma coisa, pelo canto do olho, mas depois eu me virava, olhava e não havia coisa alguma ali. Foi realmente estranho, como se me estivesse assombrando". Entretanto, apesar, da intranquilidade de Kathie, a noitinha passou sem nenhum acontecimento.

> Pus as crianças na cama e, pouco depois, fui para a cama.

Bem, às cinco da manhã fui acordada por um grito horripilante e quase tive um choque quando voei para fora da cama e corri para o quarto dos garotos. Foi meu filho Robbie... A coisa realmente me balançou por causa da sensação de arrepio que eu tinha sentido durante toda a noite... Ele estava deitado na cama rígido como uma tábua e pálido, e seus olhos estavam arregalados como luas. Pensei que ele fosse morrer de medo. Tirei-o da cama e perguntei qual era o problema, qual o problema, você deve ter tido um pesadelo. Ele disse, a primeira coisa que ele fez foi olhar bem em meus olhos e disse: "mamãe, não foi sonho nenhum". Eu disse "tudo bem, venha para meu quarto". Levei-o para minha cama e perguntei o que havia acontecido. Ele disse: "mamãe, um homem de cabeça grande chegou na minha parede e foi até o meu armário e ficou andando para a frente e para trás e ele não deixava que eu me mexesse. Ele tinha luzes em volta da cabeça". E eu disse "querido, só foi um sonho ruim", você sabe. Ele disse: "o homem queria Tommy, mamãe. Ele não deixava que eu me mexesse". Perguntei por que ele queria Tommy, e ele respondeu que não sabia. Fiquei falando para ele que tinha sido apenas um sonho ruim, acalmando-o. Sabe, ele gritou tão alto que me acordou de um sono profundo, com duas portas fechadas, mas Tommy nem sequer despertou e estava dormindo no mesmo quarto do irmão. E olha que Tommy tem o sono leve. Em geral, se você respira em cima dele, ele acorda logo. De modo que pensei que era melhor ir até lá para pegá-lo também e trazê-lo para meu quarto, só para o caso de alguma necessidade.

Deixei Rob em meu quarto, fui até lá e peguei Tommy, acendi a luz e tirei-o da cama. Eu juro — é provável que nessa hora minha imaginação estivesse dopada —, mas eu seria capaz de jurar que vi um clarão de luz no armário, com o canto do olho, porém quando olhei para lá, não havia coisa alguma, parecia apenas uma sombra, como um tipo de desvanecimento, sabe, como se tivesse estado lá, mas já tivesse desaparecido. Como se tivesse deixado uma mancha ou algo pelo estilo, ou qualquer outra coisa, mas não havia coisa alguma lá. De modo que tirei Tommy da cama e ele nem acordou. Levei-o para meu quarto, coloquei-o na minha cama, e ele nem ao menos acordou e, em geral, basta que você toque nele para ele acordar com os olhos arregalados... de forma que isso também foi

estranho.

Esquecendo naquele momento que o instinto maternal de Kathie era mais forte do que sua curiosidade investigadora, perguntei se ela havia pedido a Robbie uma descrição maior do homem de cabeça grande.

> Não, na verdade não pedi. Eu estava tentando ajudá-lo a esquecer. Budd, a coisa deixou-o tão petrificado, que ele passaria o dia seguinte inteiro sem ir ao andar de cima, e urinou nas calças duas vezes porque não queria subir para usar o banheiro. E foi um inferno tentar fazê-lo ir para a cama naquele quarto, nessa noite. Só no último dia ou nos dois últimos dias que ele dormiu de novo em seu quarto, e mesmo assim só porque prometi deixar a porta aberta.

Conversas posteriores forneceram mais detalhes a esse desconcertante relato. Vários dias depois, Robbie mencionou que aquele homem de cabeça grande "tinha uma boca invisível". Quando Kathie perguntou como ele sabia disso, Robbie respondeu que a boca do homem era invisível "porque sempre que falava comigo nada se mexia" — trata-se de uma visão maravilhosamente apropriada de um garoto de quatro anos sobre a comunicação telepática, com que em geral nos deparamos nesse tipo de encontro. A afirmação que Robbie repetiu com frequência, que "o homem não deixava que eu me mexesse", é, eu imagino, a descrição que ele faz sobre a paralisia física, um outro elemento desses relatos.

Fiquei curioso em saber se Kathie e sua família já haviam conversado sobre OVNI's na presença das crianças, posto que era concebível que Robbie pudesse estar tentando capitalizar o potencial de chamar a atenção da história. Ela assegurou-me que, por razões óbvias, os adultos jamais tentaram tocar no assunto quando um dos dois garotos estivesse presente na sala. Mas um incidente que ocorreu alguns meses depois, durante minha primeira viagem a Indianapolis, convenceu-me de que Robbie tinha sentido muito medo naquela noite e que não estava tentando se meter em um "charmoso" assunto de adultos. Eu, Kathie, o namorado dela e as crianças tínhamos acabado de sair da casa da irmã

de Kathie e enquanto andávamos de carro, fui fazendo algumas perguntas sobre as experiências de Kathie com OVNI's. Falei sem pensar, mas logo Robbie me fez compreender o erro. "Mamãe", ele disse com uma vozinha bem tímida, "não podemos conversar sobre outra coisa? Meu estômago dói quando a gente conversa sobre isso." Percebi que durante vários dias eu tinha estado violando a regra familiar, que proibia conversas sobre OVNI's na presença das crianças — e o pequeno Robbie era um garotinho muitíssimo assustado.

Cerca de uma semana depois do encontro de Robbie no quarto de dormir com a figura baixa e de cabeça grande, Kathie me ligou com uma outra notícia desconcertante. Ela havia posto as crianças na cama como de praxe, e a noite transcorrera sem nenhum acontecimento — mas, pela manhã, quando entrou para pegá-los para o café da manhã, encontrou Tommy coberto de sangue. Ele dormia um sono sereno; no entanto, havia sangue na parede, nas roupas de cama, no rosto dele, parecia haver sangue em toda parte. Kathie tirou-o da cama e correu para a sala de emergência do hospital. O médico examinou-o e descobriu que o garoto tinha sofrido uma violenta hemorragia nasal, sem acordar, ao que parecia. Uma outra coisa mais perturbadora ainda, o médico descobriu um pequeno buraco na parte de cima da narina de Tommy. Ele disse a Kathie que o filho de três anos devia ter-se furado com um lápis ou com algum outro instrumento semelhante, comprido e pontudo. Kathie insistiu que Tommy não faria uma coisa como aquela, e que se fizesse, ele teria gritado de dor e por causa da hemorragia. Mais tarde, Kathie revistou o quarto do filho à procura de algum possível instrumento, lápis ou coisa parecida, e não conseguiu descobrir nada. Quando contou isso para o médico, ele insistiu que, como havia um ferimento nítido no nariz, Tommy devia ter feito com o dedo. Kathie observou que os dedos de Tommy eram curtos e grossos e que suas narinas eram pequenas e delicadas; que parecia fisicamente impossível. A explicação não fazia sentido por mais uma outra razão: mesmo que de alguma maneira ele tivesse conseguido se machucar daquele jeito e sangrar de modo tão profuso, ele teria ficado assustado demais e

agitado para cair no sono.[51]

Minha mente registrou no mesmo instante um pensamento diferente. Robbie mencionou que o homem de cabeça grande havia dito que tinha vindo "para pegar Tommy". Quando se curvou sobre ele, Robbie não conseguia se mexer e não pôde ver o que estava acontecendo. Seria possível que um desses minúsculos implantes em forma de bateria tivesse sido instalado no topo da cavidade nasal de Tommy e que, por alguma razão qualquer, "não tivesse sido tirado"? Seria possível que ele tivesse sido expelido alguns dias depois, quando Tommy estava dormindo, provocando a hemorragia nasal no meio da noite? O comportamento de Tommy foi incomum na noite em que a estranha figura apareceu em seu quarto: ele não acordou com o grito de terror do irmão, nem se mexeu quando a mãe o tirou da cama e o levou para o quarto dela. E se o diminuto objeto tivesse deslizado para fora de algum modo qualquer, seria muito fácil ele não ter sido notado por Kathie, quando ela foi limpar as roupas de cama manchadas.

Uma das muitas cartas que recebi em resposta a *Missing Time* foi de "Margaret Bruning", residente em Ohio central.[52] Ela tinha várias perturbadoras experiências parecidas com sonhos para me contar, mas uma em particular era relevante para a situação de Tommy. Ela estava com cinco anos de idade na ocasião, dormia um sono sereno no quarto que dividia com a irmã mais nova. Acordou quando ouviu seu nome ser chamado. Disseram a ela que fosse à cozinha, onde viu três homens parados do lado de fora da porta dos fundos. "Estão usando uniformes, mas não são policiais", ela se lembrou mais tarde, sob hipnose profunda. Entraram na casa quando o trinco se abriu, levantando-se de modo mágico sem que ninguém tocasse nele. Os homens têm "olhos maus", ela disse, mas "não têm boca. Nada de lábios..." As palavras

51- A explicação médica oficial teve seu reaparecimento perturbador no outono de 1986. Kathie havia levado Tommy a um médico para a remoção recomendada de suas amígdalas e adenoides. Esse segundo médico informou a Kathie que a operação tinha sido boa, fora o fato de ele haver descoberto um pequeno buraco na parte superior da cavidade nasal de Tommy, e disse que quando o tocou com um instrumento, começou uma hemorragia. No final, ele foi obrigado a fazer uma cauterização e o médico disse a Kathie que isso tinha sido mais difícil do que as operações que fizera em Tommy. Kathie perguntou qual a causa do buraco, e ele explicou que era "óbvio" que Tommy tinha enfiado no nariz alguma coisa pontuda como um lápis. Kathie disse que não podia acreditar que ele fizesse uma coisa como essa. A resposta do médico, que ela achou perturbadora, foi a seguinte: "Não é tão raro assim. Já tratei de várias crianças com esses buraquinhos na parte superior da cavidade nasal. Deve haver uma grande quantidade de crianças que pega instrumentos pontudos e enfiam dentro do nariz."

52- No outono de 1985, quando eu visitava um amigo na Universidade de Denison, encontrei-me com Margaret, que morava por perto. Algumas das informações aqui apresentadas estavam incluídas em suas cartas e telefonemas, ao passo que o resto surgiu durante uma sessão hipnótica que fizemos.

seguintes foram tensas, do jeito que só mesmo uma criança de cinco anos as pronunciaria em tom assustado, em circunstâncias como aquela: "Me... ponha no chão!" E depois mais subjugada: "Papai não vai gostar disso."

Margaret é levada para fora de casa, em direção a um enorme objeto metálico, situado em parte na terra de sua família e em parte na propriedade vizinha. Seu tom é de perplexidade: "O que é isso? Se a Sra. Hartman vir isso aí, ela vai chamar a polícia!" No final, ela é levada para dentro da nave e submetida ao "típico" exame físico. Mais tarde, é levada de volta para a cama e torna a cair em sono sereno. Sua carta inicial documenta seu estado na manhã seguinte.

> Quando acordei pela manhã, meu pijama curto estava cheio de sangue coagulado. Eu havia tido um acesso de hemorragia nasal durante o sono — tinha sangue coagulado nas tranças e um pouco nos ouvidos... Minha mãe ficou assustada com o barulho do meu vômito... eu tinha engolido uma grande quantidade de sangue durante o sono... Na noite seguinte ao meu pesadelo, acordei mamãe e os vizinhos do outro lado da rua, gritando por socorro durante o sono.

O fenômeno OVNI parece ser capaz de exercer um controle quase completo sobre o comportamento dos sequestrados. Neste contexto, pode-se compreender que uma criança sofra de uma grave hemorragia nasal — inclusive engolindo grande quantidade de sangue — sem despertar, como, ao que parece, foi o caso tanto de Margaret como de Tommy. Minha sensação é de que Robbie foi apenas um inocente espectador nessa noite de novembro e que Tommy era o verdadeiro objeto da atenção da estranha figura. Como o leitor há de compreender através de relatos anteriores, há uma grande possibilidade de que as lembranças conscientes de Robbie combinem com o início e o final do rapto de Tommy. A figura entra no quarto, imobiliza Robbie e lhe diz que está "ali para pegar Tommy". Em seguida, Robbie é "apagado", é colocado em um estado de animação suspensa, e Tommy ou é retirado do quarto para o exame/implantação, ou então a operação é realizada fora da casa. Se ele foi levado para um OVNI, ele é trazido de volta um pouco mais tarde, é colocado na cama e Robbie é "ligado de novo" no

seu estado normal de consciência; em consequência disso, ele vê a figura curvada sobre a cama de Tommy e grita chamando a mãe. Kathie corre para o quarto dos garotos a tempo de ver o último brilho de luz, o último vestígio da presença da figura, e, em seguida, as coisas vão voltando ao normal pouco a pouco.

Em *Missing Time* descrevi o caso de "Mary", uma artista amiga minha.[53] Embora jamais tenhamos desvendado os detalhes de uma experiência de rapto a bordo de um OVNI — ao que parece seu bloqueio amnésico era poderoso — nem ela nem eu, por várias boas razões, jamais duvidamos que ela teve um encontro desse. Alguns anos atrás, quando eu estava visitando seu estúdio, ela relatou uma estranha recordação de meados dos anos de 60. Mary e o marido dormiam um sono profundo, quando foram acordados pelos gritos de seus dois filhos, que, à ocasião, tinham a idade de Robbie e de Tommy, quatro e três anos. O marido de Mary correu para o quarto dos garotos e encontrou-os agachados na cama; um "duende" de cabeça grande tinha entrado no quarto deles e ficou andando para a frente e para trás, do armário até suas camas, quase matando-os de susto. O pai, como é natural, subestimou a coisa como sendo o pesadelo de uma das crianças que, de alguma maneira qualquer, contaminou a outra, embora ambos os garotos dissessem que o homem era de verdade e que havia estado no quarto de fato. Vinte anos depois, quando entrevistei o garoto mais velho, que hoje em dia já é formado na universidade, ele conseguiu lembrar da figura com toda nitidez. "Era baixo e tinha olhos grandes... também parecia ter uma auréola ou algo pelo estilo brilhando em volta dele. Acho que não consegui me mexer enquanto ele estava lá. Ele parecia estar falando com meu irmão, mas não sei o que disse. Parecia ter saído da parede atrás do guarda-roupa e acho que foi dessa maneira que ele foi embora." Enquanto descrevia a experiência, ele fez uma pausa e contou-me que ainda ficava agitado quando se lembrava. "Sabe, Budd, minhas mãos estão ficando suadas nesse exato momento em que estou falando sobre isso. Foi muito assustador." Infelizmente, o irmão dele, que esteve doente durante vários anos, morreu em 1984. Ele e os pais são as únicas testemunhas existentes desse estranho caso.

Está claro o padrão desses encontros de geração. Sandy Thomas, a raptada da Florida que foi discutida de passagem no *capítulo 2*, tem um

53- Hopkins, pp. 226-228.

filho novo chamado John. Quando a visitei no início de 1985, perguntei se ele alguma vez havia mencionado quaisquer ocorrências estranhas, que ela pudesse interpretar como estando relacionadas ao fenômeno OVNI. Ela disse que um dia, no outono de 1984, o garoto havia entrado em seu quarto no meio da noite, chorando e se queixando de que um homem de cabeça grande e olhos gozados tinha saído do armário e lhe dado um susto. Alguma coisa imobilizou-o e “mordeu” suas costas; de fato, as costas dele ainda doíam. Sandy deixou-o ficar na cama com ela e o marido e após reconfortá-lo durante algum tempo, todos voltaram a dormir. Alguns dias depois, Sandy pediu que ele mostrasse em que lugar ele tinha sentido dores nas costas. Ele levantou a camisa e apontou para um lugar acima do quadril esquerdo. Durante minha entrevista com os Thomas vários meses após o incidente, Sandy chamou o filho até o local onde estávamos sentados, de modo que eu pudesse ver com meus próprios olhos o que ela havia descoberto. Ela levantou a camisa do filho e apontou para uma pequena, porém nítida cicatriz circular, do mesmo tipo que Kathie e sua mãe têm nas pernas. Olhei para ela e pude ver que seus olhos estavam cheios de lágrimas, enquanto ela olhava para a marca. Assim como tantos outros que tiveram esses encontros, ela não quer acreditar que ele tenha ocorrido na realidade — consigo própria ou com seus entes queridos. A prova visível e física apenas confirmava seus piores receios.

Existe uma concordância considerável nesses vários relatos de crianças — dos quais apresentei apenas uma amostragem — quanto ao aparecimento de um “duende”, o nome que ocorreu a Tommy para ele. *(Veja Ilustrações)* Um incidente recente demonstra esse ponto. Em fevereiro de 1986, dois anos e três meses após o terror de Robbie e a hemorragia nasal de Tommy, Kathie me ligou para narrar uma experiência assustadora da noite anterior. Pouco depois de ter colocado os garotos na cama, Robbie acordou e entrou no quarto dela. Ele disse para a mãe que havia uma “tarântula vermelha” descendo bem devagar na parede do seu quarto, que ele estava com medo e queria dormir na cama de Kathie. Ela perguntou sobre a tarântula, e ele explicou que era “uma luz vermelha e redonda com coisas [raios] salientes, que pareciam pernas” e que quando se mexia, parecia uma aranha, e ele estava com medo. Kathie supôs que ele tivesse sonhado, de modo que pôs o cobertor em cima do filho, e em seguida ele adormeceu no quarto dela.

Pouco depois, quando estava deitada na cama, assistindo um programa de tevê de madrugada e tomando Diet Pepsi, Kathie levantou a vista e, para seu horror, viu uma figura baixa de pele cinza passar pela porta aberta. "Eu não o vi pelo canto do olho", ela me contou. "Eu olhei *direto para ele*. Minha tevê fica bem ao lado da porta. Foi o mesmo sujeito baixote. Ele não olhou para mim ou algo parecido. Ele só passou andando, como se eu não estivesse ali. Budd, pensei que fosse ter um ataque do coração. Comecei a ter taquicardia e saltei da cama e quando eu começava a sair do quarto para ir até o quarto de minha mãe no mesmo corredor, houve um clarão forte do lado de fora de minha janela, que pude ver com o canto do olho. Budd, aquele sujeito *estava lá!* Ele era mesmo bem pequeno, parecia não estar vestindo coisa alguma e tinha a mesma aparência de quando eu o vi antes. Mas dessa vez não houve nenhuma amnésia. Eu não esqueci nem nada. Eu só o vi do mesmo jeito que você veria uma pessoa de verdade. Acordei minha mãe, e nós fomos olhar em volta da casa, mas não havia nada por lá. Fiquei com tanto medo que pedi à mamãe para me emprestar algum dinheiro a fim de que eu pudesse passar a noite em um motel, mas ela não me emprestou. Eu não queria dormir naquela casa."

Perguntei a Kathie de onde a pequena figura parecia estar vindo. "Estava vindo do quarto dos meus garotos, que fica bem perto do meu. No entanto, só Tommy estava lá dentro. Eu estava com Robbie dormindo em minha cama." De repente, lembrei-me da pequena luz vermelha que tinha feito com que Robbie saísse do quarto, deixando Tommy sozinho. A situação começava a parecer mais orquestrada talvez do que mera coincidência. Eu disse a Kathie que, quando Tommy voltasse da escola, ela deveria perguntar, como quem não quer nada, se ele havia tido algum sonho na noite anterior. Ela me telefonou perto das quatro horas. A maneira como Tommy fala ainda é muito difícil de ser compreendida, mas Kathie compreendeu que ele havia sonhado que "o duende" havia entrado em seu quarto. Meu último pedido foi para Kathie fazer um desenho simples, um esboço esquemático da figura que ela tinha visto e depois fazer, na mesma página, três outros desenhos da figura com diferença bem distinta. Ela devia mostrá-los a Tommy, e ele deveria dizer qual deles mais se parecia com o duende de seu "sonho". Como se pode adivinhar, ele escolheu o desenho da figura que Kathie havia visto, e, mais tarde, Robbie também selecionou essa figura como

sendo aquela da qual se lembrava de dois anos antes — o homem de boca invisível que não o deixava se mexer.

Aquela semana de novembro de 1983, quando Robbie contou pela primeira vez sobre o homem de cabeça grande em seu quarto e Tommy sofreu a abundante hemorragia nasal, foi a ocasião de mais um outro acontecimento anômalo. Como o leitor deve lembrar-se, a principal razão pela qual Kathie telefonou para mim foi o relato dos detalhes da experiência de Robbie no quarto, com o homem de boca invisível. Mas, na mesma noite, ela própria tinha tido um "sonho" peculiar, sobre o qual também queria contar para mim. No mesmo instante, minha atenção foi atraída pela maneira como ela disse que essa lembrança tinha ido à sua mente pela primeira vez. Ela não acordou e se lembrou logo e em cores vívidas, maneira esta pela qual a maioria de nós se recorda dos sonhos — isto se nos lembramos. Quando Kathie despertou pela manhã, após seu calvário com Robbie e Tommy, ela nem sequer se lembrou de ter sonhado. Depois, nessa tarde, ela aumentou a tevê e se deitou para descansar, com a esperança de recuperar parte do sono perdido na noite anterior. Foi no estado de modorra e quase sono, semiconsciência que ela se lembrou — em cores vívidas — do que ela supôs ser um sonho da noite anterior. "Eu lembrei-me que havia tido esse sonho e era como se eu o sonhasse outra vez, só que dessa vez era diferente. Acontecia a mesma coisa, mas parecia diferente. Eu estava deitada em uma mesa..." Eu interrompi. "Em uma mesa?" Kathie fez um momento de pausa.

> Bem, em alguma coisa. Não era uma cama. Eu estava deitada em uma mesa ou em alguma outra coisa. E estava vestida com minha camisola e era como se ela tivesse sido puxada para baixo de meus seios. No entanto, meus olhos estavam fechados, e eu estava bem relaxada e sabia que estava em cima de uma mesa... Eu me sentia como se estivesse deitada em um plano horizontal, e não estava na minha cama. Era como se eu começasse a acordar. Abri meus olhos e fiquei olhando para baixo porque estava deitada... e esse sujeito olhou para mim, o mesmo sujeito que eu havia visto antes, com os olhos enormes. No instante em que olhei para ele, ele olhou para mim. E estava com a mão em minha barriga. Ele disse para mim: "como está se sentindo?" E eu disse: "realmente cansa-

> da e com cólicas", acho que foi isso, e ele dá leves pancadinhas em meu estômago, sabe, em volta do lugar onde fica o umbigo, ele me dera pancadinhas muito suaves mesmo e disse "está bem". Ele era mesmo gentil, muito, muito agradável, sabe, e ficou olhando para mim. E depois eu senti alguém esfregando minhas têmporas, mas muito, muito suave, era como se fosse uma massagem. Eu fechei meus olhos e voltei a dormir. E foi assim.

Perguntei a Kathie se ela havia ficado com medo quando viu o homem de olhos grandes.

> Não. Não fiquei com nenhum medo. Ele só me perguntou como eu me sentia, e eu disse "muito, muito sonolenta, muito cansada e como que com cólicas". Não estava com o menor medo. Eu me sentia bem, acho, não sei. Estava mesmo muito relaxada... Fechei meus olhos e voltei a dormir. Quando levantei de manhã, havia uma coisa gozada. Minha roupa de baixo estava na cama, do lado de fora, em cima das cobertas. Eu estava dormindo com minha camisola e calcinha e quando acordei, a calcinha estava na cama, ao lado do meu quadril, bem perto de mim. Acho que posso tê-la tirado em sono, mas eu nunca fiz isso antes. Ela não estava no chão. Estava bem em cima da cama, ao lado das cobertas.

Kathie disse que no dia seguinte sentiu muita "cólica", como se estivesse tendo um período menstrual estranhamente difícil. Teve fortes dores localizadas no baixo-ventre, na região do ovário esquerdo. De fato, ela sentia-se tão mal, inclusive a ponto de ter dificuldade para andar, que quando telefonou para Sue, em Nova York, a fim de contar sobre o encontro de Robbie, pediu conselho quanto à questão. Sue sugeriu que Kathie examinasse seu calendário, e ela descobriu que aquele era o dia em que ela deveria ovular. Quando ouvi esses detalhes, pude visualizar dois cenários bem diferentes. Em um, Kathie estava apenas tendo uma ovulação com dores incomuns, coisa que acontece com frequência, me disseram, e consegue administrar essa situação, a transformando em um sonho, gerado de modo espontâneo, sobre OVNI. Essa possibilidade era de probabilidade especial se seu sonho ocorresse depois de ela ter sido acordada pelos gritos de Robbie. Nesse cenário,

seu desconforto físico a levou a tirar a roupa de baixo durante o sono, sem lembrar-se de ter feito isso.

O segundo cenário é mais desconcertante. Nessa interpretação dos acontecimentos, os ocupantes do OVNI entraram na casa dos Davis e pegaram *tanto* Kathie *como* Tommy, enquanto deixavam Robbie em um estado de "desligado" até que sua missão fosse completada e mãe e filho retornassem às camas. Esse encontro — que inclui a colocação de um pequeno implante no pequeno Tommy — foi planejado para coincidir com o momento ideal do mês para a remoção de um óvulo de Kathie, operação esta que, entretanto, lhe provoca uma certa dor e o desconforto posterior. Ela é mantida em um estado de quase-anestesia durante esse procedimento e, quando é acordada, a atenta figura de pele cinza a tranquiliza. Ao ver que ela se encontra em uma condição satisfatória, ele a põe para dormir mais uma vez e a leva de volta ao quarto. A camisola foi puxada para baixo, a calcinha é deixada em cima das cobertas, e Robbie pode retornar à consciência normal.

Embora esta seja uma questão muitíssimo desconfortável de se encarar, resta o fato de que, desde o começo, os relatos publicados sobre rapto por OVNI contêm detalhes que, de maneira indiscutível, apontam para o interesse dos "ocupantes de OVNI's" no processo da reprodução humana. Quando Betty e Barney Hill foram raptados em 1961 e contaram suas histórias em separado, sob hipnose, para o Dr. Simon, Barney Hill lembrou-se de que seus captores haviam tirado uma amostra de seu esperma. (Esse detalhe importante foi omitido no livro de John Fuller sobre o caso Hill, *The Interrupted Jouney*; é provável que isso tenha sido considerado sensacional demais para ser incluído no que já era um relato "inacreditável".) Betty descreveu a dolorosa experiência de ter tido uma agulha comprida enfiada em seu umbigo, no que seus captores disseram se tratar de um teste de gravidez.[54] Na ocasião, psicólogos contrários à ilusão, amadores e outros atacaram essas lembranças desagradáveis e de nítido conteúdo não erótico como sendo "óbvias" fantasias sexuais. Entretanto, uma década depois, mais ou menos, a medicina ocidental usa com frequência um instrumento parecido com a agulha descrita por Betty. O laparoscópio é um tubo longo e flexível, que contém fibras óticas, que fazem ampliações para exames internos. O instrumento é inserido diretamente no umbigo do

54- Fuller, pp. 195-196.

paciente, não para fazer testes de gravidez em sim, mas sim por uma grande variedade de razões relacionadas — inclusive a remoção de óvulo. Os chamados bebês de proveta são produzidos com o uso do laparoscópio para localizar e remover o óvulo da mulher, a fim de que, mais tarde, ele seja fertilizado fora do útero com "o esperma de escolha de cada um''. Em certos casos, o óvulo fertilizado é "plantado" de novo no interior do útero. Se tudo der certo, o embrião tem um desenvolvimento normal e nasce um bebê normal e saudável.

Um relato de rapto que precedeu o encontro dos Hill e que, por contraste, só se tornou muito conhecido entre os pesquisadores de OVNI, foi o caso Villas-Boas, em 1957.[55] No incidente brasileiro, Antônio Villas-Boas, um fazendeiro de 23 anos, estava arando um campo uma noite, ao luar, quando um objeto em forma de bola de futebol passou voando por cima dele e aterrissou perto de seu trator, vindo a descansar em três pernas de suporte. Segundo seu relato, o sistema elétrico do trator falhou, e ele foi agarrado por três dos ocupantes do OVNI. Foi levado para dentro da nave, tiraram sua roupa, esfregaram-no um líquido claro e depois tiraram uma amostra de sangue de seu queixo. Ele foi colocado sozinho em uma sala pequena, que logo começou a se encher de um vapor cinzento ou algo parecido. Villas-Boas disse que a princípio pensou que fosse sufocar, mas alguns momentos depois sentiu náuseas tão intensas que vomitou.

Pouco depois disso, uma "mulher" pequena com enormes olhos oblíquos entrou na sala — nua. Ele a descreve como tendo uma pele muito branca e cabelos quase brancos, maçãs do rosto pronunciadas e lábios quase invisíveis. Mas de repente — e de maneira inexplicável naquelas circunstâncias — ele se sentiu excitado sexualmente e seguiu-se um ato de relação sexual. Pouco antes de a "mulher" sair da sala, ela apontou para a barriga e depois apontou para o céu, olhando bem em seus olhos. Para Villas-Boas, o significado disso era que ela tinha sido engravidada.

O pesquisador brasileiro que trabalhou nesse estranho caso, o Dr. Olavo Fontes, afirmou que havia extensas provas médicas apoiando o relato de Villas-Boas e que ele não tinha conseguido abalar a história do homem de nenhuma maneira. (A experiência do jovem agricultor foi lembrada de maneira natural; não foi empregada a hipnose.) A primei-

55- Jim e Coral Lorenzen, *Encounters with UFO Occupants* (Nova York: Berkley, 1976), pp. 61-87.

ra vez em que li sobre esse caso, em algum momento do final da década de 1960, meu impulso foi de rejeitar a história como sendo fantasia sexual pura e simples, a não ser por um detalhe importuno. A descrição de Villas-Boas sobre o vômito copioso pouco antes do aparecimento da mulher não parece ter coerência com a aventura sexual que qualquer pessoa inventasse de livre e espontânea vontade — mais ainda em se tratando de um suposto jovem machista. Villas-Boas representa-se na história como tendo sido subjugado por três homens pequenos, que lhe arrancaram as roupas, e, depois, ter sido induzido a vomitar de alguma maneira qualquer, antes do aparecimento de uma mulher de aparência estranha que, como é evidente, fez o que quis com ele. Não se tratava de uma fantasia machista comum, do gênero rural, e muitos de seus detalhes singulares têm uma inconfundível auréola de verdade — fora o fato de que suas lembranças acerca da nave e de seus ocupantes apresentarem padrões que viríamos a reconhecer em muitos outros casos posteriores.

Em minhas primeiras investigações, em algumas ocasiões, me deparei com detalhes que sugeriam que amostras de esperma tinham sido retiradas de certos raptados. Contudo, algo dentro de mim queria ignorar ou pelo menos dar a volta por essas intimações. Um grande número de raptadas com que eu vinha trabalhando lembrava-se de operações semelhantes à de Betty Hill, que sugeria um procedimento parecido a uma laparoscopia, e mais uma vez pus essas descrições em alguma parte do fundo de minha mente. Mas à medida que se acumulavam esses casos aparentemente "centralizados na reprodução", eu percebi que a questão não podia ser evitada. O caso Copley Woods foi crucial para minha tomada de consciência do que agora acredito que seja o propósito central, que está por trás do fenômeno de rapto por OVNI.

À medida que os casos se acumulavam aos poucos, os padrões foram se tornando mais claros. Durante os últimos seis anos, trabalhei com quatro raptados, que descreveram encontros muito parecidos com o rapto de Villas-Boas, e com três outros, cujos relatos incompletos sugerem de modo bem forte tal acontecimento. (A hesitação pessoal e o embaraço agem aqui com tanta força, ao que parece, como os efeitos de amnésia.) O lado feminino dessa equação, que examinaremos mais tarde, é mais complexo. Entretanto, deve ser assinalado que eu não conheço nenhum caso em que a raptada tenha descrito um ato de relação

sexual. Acima de tudo, em *nenhum* desses casos que envolveram tanto homens quanto mulheres, nós temos o que pode ser chamado de uma básica experiência *erótica*. Em vez disso, as descrições são invariavelmente de um procedimento clínico desinteressado, mesmo quando alguns deles acabam em uma ejaculação mais ou menos involuntária.

Agora, tudo isso leva à indesejada dedução especulativa de que em algum lugar, de alguma maneira qualquer, seres humanos — ou talvez híbridos de algum tipo — estão sendo produzidos por uma tecnologia que, é óbvio — embora não seja inimaginável —, é superior à nossa. E se essa possibilidade ainda não basta para induzir à paranoia em seu sentido mais profundo, considere isso: com a nossa atual tecnologia de engenharia genética evoluindo dia após dia, não é concebível que uma avançada tecnologia alienígena já possa ter a capacidade de remover óvulo e esperma de seres humanos, alterar sua estrutura genética à guisa de experiência e depois *reimplantar* o óvulo fertilizado e alterado em inocentes fêmeas hospedeiras, para serem carregados até o final? Os óvulos que podem ser removidos também podem ser recolocados, até mesmo pela tecnologia médica dos dias de hoje.

No parágrafo especulativo acima, eu usei a palavra "alienígena" para descrever o fenômeno OVNI por uma razão muito precisa. A palavra alienígena define de modo negativo; ela diz o que alguma coisa não é, e não o que é. Ela significa basicamente "diferente de", estranho, diferente. Seja qual for a natureza e origem dos ocupantes de pele cinza dos OVNI's — e existem muitas teorias exóticas —, eles não são nós. Não são humanos baixos como os pigmeus, anões ou os membros de certas tribos africanas. Eles têm uma diferença física, cultural e tecnológica em relação a nós, são *alienígenas*. Eles têm sido chamados de anjos, demônios, robôs, viajantes espaciais de um outro sistema solar, "ultra dimensionais", "viajantes do tempo" e assim por diante, mas existe um fato essencial... eles não são nós. São alienígenas. E como tal, seus propósitos e objetivos — inclusive seu processo mental — são possivelmente irreconhecíveis para nós humanos. Entretanto, pelo que sei de *nossa* composição física, de *nossa* anatomia, posso deduzir que, se foram retirados espermas e óvulo humanos, como as provas indicam, então é possível que seres humanos estejam sendo produzidos em um contexto alienígena. Mas a especulação "segura" deve parar nesse ponto; nós simplesmente não podemos adivinhar os propósitos de um

programa como esse dentro de uma cultura alienígena. E tendo dito tudo isso, eu também admito que nada disso vai permitir que eu durma melhor hoje à noite.

A descrição de Kathie sobre seu "sonho" de novembro me pareceu mais semelhante aos fragmentos de memória, sonolentos e meio drogados, que se tem na sala de recuperação após uma cirurgia, do que a lembrança de imagens convencionais de sonhos desconectados. E no contexto do relato de Robbie sobre o visitante de seu quarto, a hemorragia nasal de Tommy e os problemas físicos de Kathie — inclusive o mistério de sua roupa de baixo ter terminado fora de seu corpo, em cima da cama —, tenho quase certeza de que ela foi raptada mais uma vez. Se assim for, o rapto de Kathie logo depois de sua visita a Nova York me deixa com uma sensação de impotência mais profunda do que eu tinha antes.

Com a temporada de Natal se aproximando, a viagem mais próxima que eu poderia planejar para Indianapolis era no final de janeiro. Eu estava muito ansioso para ir lá, para encontrar a família de Kathie e ver as coisas com meus próprios olhos. Nesse meio tempo, eu e Kathie nos comunicamos por telefone, e, para nossa surpresa, vieram à tona mais detalhes estranhos. Quero oferecer um exemplo, um incidente que não foi investigado, fora algumas entrevistas pessoais. O homem em questão, o cunhado de Kathie, simplesmente não quer passar por uma sessão de hipnose, nem quer explorar o assunto de maneira mais profunda. A carta original de Kathie descreveu uma experiência com OVNI de tempo desaparecido, que ocorreu quando a irmã mais velha, Laura, era adolescente. Laura veio a casar-se com um ótimo homem, que chamarei de Johnny, e hoje eles são pais de quatro crianças. No decorrer dos anos, Johnny ouviu a mulher falar sobre seu avistamento do OVNI e, no outono de 1983, tomou conhecimento das marcas no pátio dos fundos dos Davis e de minha investigação sobre o caso. Johnny é o tipo de "bom garotão", um sulista, que tem para com o mundo a postura calma do eu-vou-ver-a-coisa-para-acreditar. Ele parece ser a última pessoa do mundo capaz de tolerar uma estranha experiência com OVNI, de modo que sua reação foi compreensível; quando aconteceu com ele, Johnny ficou tão confuso quanto assustado.

Em novembro de 1983 — no mesmo mês agitado —, Johnny e dois amigos foram a uma caçada próximo a Spencer, Indiana. Instalaram-se

em uma pequena cabana que possuíam juntos. Johnny acordou bem cedo, antes de amanhecer e foi até a sala de estar. Pôde ver, pela janela, um brilhante feixe de luz reluzindo em um bosque próximo, mas não conseguiu distinguir a fonte da luz. Ela se movia de um lado para o outro, sem fazer nenhum barulho, como se estivesse à procura de alguma coisa. Alguns instantes depois, ele notou duas figuras paradas próximas à cabana e supôs que fossem seus dois companheiros de caçada. Tomou a decisão de chamá-los, de dirigir a atenção deles para a estranha luz, mas aqui termina sua memória sobre o período antes do alvorecer. A próxima coisa da qual se lembra é de estar parado na sala de estar depois que o sol já havia nascido, observando os amigos prepararem o café da manhã. Mais tarde, ele contou-me que, por alguma razão qualquer, achou que não devia mencionar a luz singular para os dois, nem sua confusão quanto a uma ou duas horas desaparecidas, mas como é óbvio a experiência deixou-o muitíssimo enervado.

Um mês depois, ele teve uma segunda experiência incomum, esta, muito mais perturbadora ainda. Johnny é proprietário de uma *picape* de cabine dupla; o assento traseiro assemelha-se ao de um *sedan*. A *picape*, segundo Laura e Kathie, era seu orgulho e alegria. Em dezembro, a caminho do trabalho, por volta das 5h30, diminuiu a marcha para parar antes de pegar a estrada principal. De um modo quase automático, ele deu uma olhada no espelho retrovisor — e viu um homem sentado no assento traseiro. Sem acreditar no que via, Johnny virou a cabeça e olhou por cima do ombro direito. A figura, com a aparência de um homem normal, estava usando o que mais tarde Johnny descreveu como sendo algo que parecia um enorme chapéu do oeste. Ele parecia sólido, um pouco escuro, mais nítido na silhueta do que nos detalhes exteriores. Johnny entrou em pânico, puxou o freio e pulou para fora da *picape*. Correu cerca de 6 metros e depois virou-se. Como se pode adivinhar, a *picape* estava vazia, e o ambiente em torno dela não proporcionava nenhum esconderijo para alguém que quisesse fugir. No dia seguinte, Johnny vendeu a picape já não mais amada. Quando eu o entrevistei, ele contou-me que achava que os acontecimentos no bosque e o súbito aparecimento do homem na *picape* tinham alguma relação entre si. Seja qual for a realidade objetiva da figura do assento traseiro, a reação de Johnny é um sinal do efeito do primeiro acontecimento sobre seu estado tradicional de calma cética. E ele se recusa de modo

imperturbável a explorar esses acontecimentos sob hipnose.

Mas o fenômeno OVNI, seja o que for, reservava mais terror ainda para esse homem bom e gentil. Não quero discutir esse acontecimento posterior com maiores detalhes, mas, na primavera de 1984, após um misterioso problema com sua nova *picape*, Johnny viu-se confrontado, em uma estrada escura, por dois homens bem pequenos que pareceram "simplesmente ter aparecido lá". Ele lembra que os dois falaram com ele, sem fazer nenhum som e que, em seguida, ele perdeu um período de mais de *seis horas*. Essa experiência deixou-o tão assustado e confuso, sua mulher me contou, que, ao que parece, ele tem dificuldade para ficar sozinho em qualquer lugar. Pois alguns dias depois, quando Laura saiu do aposento em que esteve sentada ao seu lado, Johnny levantou-se e a seguiu. Ela disse que Johnny agiu como se estivesse com medo de ficar sozinho em sua própria casa, mesmo que fosse apenas por alguns momentos.

Quando enfim eu voei para Indianapolis, a 22 de janeiro de 1984, foi quase sete meses depois do incidente original no pátio dos fundos dos Davis, e três meses depois da primeira visita de Kathie a Nova York. Ela estava lá para me receber no aeroporto, sorrindo seu já conhecido sorriso zombeteiro. Era um sorriso que parecia dizer "você sabe que droga estamos fazendo aqui, pois eu tenho certeza que não sei". Enquanto Kathie me levava de carro para casa, ela me contou as últimas novidades da família e a informação sobre o "caso", do qual talvez eu não tivesse ouvido falar. Robbie e Tommy estavam doidos para me conhecer, ela disse. Estavam excitados havia vários dias.

Os dois garotos confirmaram essa notícia. Tommy, que nessa época quase não falava, era um garoto de três anos, gordinho, enérgico e amável. Era muito difícil de se mantê-lo fora do colo. Eu me sentava à mesa da cozinha, com o bloco de anotações à mão, para entrevistar a Sra. Davis. De um modo quase subliminar, eu tomava consciência de um ziguezague que estava acontecendo e quando olhava para baixo, lá estava o rosto sorridente de Tommy a 30 centímetros do meu. De repente, eu compreendia por que havia um peso extra em meu colo. Ele era irresistível, e eu comecei a vê-lo, com seu silêncio e sua presença bem física, como uma espécie de Harpo Marx em criança. Eu queria uma corneta pequena para ele tocar.

Robbie, um ano mais velho, era mais pensativo e menos físico.

Ele tem uma imaginação maravilhosa e um estranho senso de humor próprio. A fim de entrevistá-lo sobre o encontro no quarto e qualquer possível resíduo emocional que isso pudesse ter causado, optei por uma rota sinuosa e perguntei sobre seus sonhos. Ele contou-me que na noite anterior tinha tido um sonho muito gozado. "Foi com esses bebês", ele disse, "e entrou um outro bebê e disse 'Gu Gu Dá Dá, e todos nós ficamos rindo muito." "O que tinha de tão engraçado nisso?", perguntei. Ele disse, ficando sério de repente: "você não sabe? É uma brincadeira de bebê".

No decorrer dos anos, eu desenvolvi um método especial de entrevista para usar com crianças nos casos de OVNI, e o maravilhoso sonho de Robbie me ajudou a formular essa técnica. Por um lado, o pesquisador deve ter muito cuidado para não acionar de modo repentino a meia esquecida memória traumática de uma criança e, por outro lado, ele precisa encontrar uma maneira de separar as experiências reais dos sonhos e fantasias. Ambos esses problemas são bastante difíceis com os adultos, mas quando os pesquisados são crianças de quatro ou cinco anos, o problema aumenta. Em um caso recente, o pai, um raptado, informou que o filho de sete anos descreveu um "sonho", no qual ele disse que "homenzinhos" entraram em seu quarto, tiraram-no da cama e saíram flutuando com ele pela porta que dava para a sala de estar. Ficaram dizendo para ele não se preocupar, "vai dar tudo certo, você não será machucado". Ele saiu flutuando pela porta da frente que dava para o pátio, onde de repente ele subiu ao céu. Mais tarde, acordou na cama, muitíssimo assustado. O pai queria que eu o entrevistasse, mas da maneira mais circunspecta possível. Conversei com o garoto durante algum tempo e depois disse para ele que gostava de escutar sonhos.

"Qual o sonho mais engraçado que você já teve?", perguntei. Ele pensou durante algum tempo e depois inventou um, algo engraçado que ele tinha visto na tevê, talvez, que permitia um bocado de alteração criativa. Depois eu contei para ele um sonho *(inventado)* meu. Depois de algum tempo passamos para os sonhos assustadores, e eu contei um sonho não muito assustador de minha própria invenção. Ele seguiu com um sonho assustador convencional, que parecia ter um certo grau de conhecido conteúdo cinematográfico. Depois eu perguntei se alguma vez ele havia tido um sonho em que aparecesse flutuando. "Ah, sim", ele respondeu com entusiasmo e repetiu quase que palavra por palavra o

"sonho" que havia contado ao pai acerca dos homenzinhos que o tiraram flutuando de casa. "Os sonhos conseguem ser bem embaralhados", eu disse. "Aposto que você sonhou que estava em um lugar diferente e confuso quando o sonho começou." "Ah, não", ele disse. "Era no meu quarto mesmo, assim como estou aqui." Eu repliquei que alguns sonhos parecem malucos e outros reais e perguntei sobre esse sonho em que ele flutuava. "Eu sonhei de verdade", ele respondeu. "Como se eu estivesse saindo do meu quarto, flutuando de verdade."

Desde essa tarde em que conversamos sobre os nossos sonhos, o caso tem sido investigado a fundo, com entrevistas extensas, hipnose e o envolvimento de psiquiatras e médicos. Assim como no caso Copley Woods, este acabou sendo um exemplo de um aparente "estudo de família" feita por OVNI em pelo menos três gerações. O garoto, o pai e a mãe, a tia e o avô, todos parecem ter sido raptados e existem muitas razões para se acreditar que o pai, assim como Kathie, teve muitas dessas experiências desde a mais tenra infância.

Durante uma conversa posterior com o filho de Kathie, Robbie, talvez um ano depois que ele me contou o sonho sobre a brincadeira de bebês, ele trouxe à baila um outro mais recente. Ele tinha visto o filme *ET*, e queria contar-me que havia sonhado que o *ET* tinha entrado em seu quarto. Eu não estava certo se ele queria dizer que havia tido uma outra experiência com OVNI ou se era apenas um sonho normal sobre o que se pode considerar a versão de Walt Disney de um extraterrestre. (O charme do *ET* de Spielberg reside no fato de ele parecer com uma tartaruga sem a carapaça. Todas as crianças adoram tartarugas, que parecem ser — ao contrário dos *"ET's"* dos atuais informes sobre OVNI's — lentas, graciosas e Inofensivas.) Perguntei a Robbie se o ET era o homem de cabeça grande e boca invisível, sobre o qual ele me havia contado antes. "Não.

É diferente. Eu sonhei que o *ET* tinha entrado em meu quarto. Ele não se parecia com aquele homem. Ele se parecia com o *ET*." E fez um desenho para me mostrar a diferença (veja: *ilustrações*), que mostra *tanto* o *ET* quanto o homenzinho de cabeça grande em seu quarto, ao mesmo tempo. Robbie tentou explicar que um era um sonho, mas que o outro aconteceu de fato. Ele inclusive me mostrou o lugar do quarto, por onde achou que o "homem" tinha saído da parede. Perguntei-me se ele não havia inventado, pouco tempo antes, o agradável sonho com

o *ET* para, de alguma maneira, dissipar o medo que tinha do homem de boca invisível, que "entrou em meu quarto e não deixava que eu me mexesse".

Minha primeira viagem a Indianapolis, em janeiro de 1984, foi de longe a mais crucial das quatro visitas. Ela levou à revelação de uma série de outras recordações da família Davis e de vários de seus amigos e vizinhos, que, ao que parece, se relacionam com OVNI's. Qualquer pesquisador sabe que a memória e a percepção podem iludir com a maior facilidade, mas eu retornei a Nova York com a certeza de uma coisa: que podia confiar na veracidade, na honestidade inerente, de Kathie e de sua família. Durante os seis dias que passei com os Davis, entrevistei Kathie e sua mãe e pai, em separado e juntos, sobre várias ocasiões e com referência a muitos acontecimentos diferentes. Entrevistei Robbie e Laura, a irmã de Kathie, assim como o marido de Laura e dois de seus filhos. Entrevistei três dos vizinhos dos Davis e sete amigos de Kathie, que foram, de uma maneira ou de outra, testemunhas de algum aspecto dessa complicada série de acontecimentos. Em nenhum ponto, eu descobri a menor razão para duvidar de qualquer parte dos vários relatos dos Davis. Pelo contrário, ouvi muitos detalhes que Kathie jamais tinha relatado para mim antes (afinal de contas, ninguém se lembra de tudo.) — detalhes esses que apenas corroboraram seu relato.

No final de minha visita de janeiro, quatro meses depois de eu ter recebido a primeira carta de Kathie, eu sabia que o caso Copley Woods era o mais forte e mais complexo caso de OVNI que eu já havia encontrado. Mas, na noite anterior a minha partida, ele tomou uma outra dimensão. Eu e Kathie estávamos conversando sobre sua família. Estava escuro, e nós tínhamos acabado de entrar no caminho de carro. Eu lhe dizia que achava seus filhos maravilhosos, que ela tinha muita sorte por ter Tommy e Robbie. Quando ela parou o carro e olhou bem nos meus olhos. "Budd, você sabe que também tenho uma filha?" Fiquei sentado em silêncio, sem saber o que ela estava tentando me dizer. "Nós não sabemos onde ela está", Kathie prosseguiu, "e eu jamais dei luz a ela, mas sei que tenho uma filha." Depois de alguns momentos, juntei meus pensamentos e fiz a pergunta óbvia. "Como você sabe disso, Kathie? O que lhe faz pensar isso?" Ela me lançou um olhar firme e sério, mais sério do que em qualquer outro momento desde que nos encontramos

pela primeira vez. “Sei que tenho uma filha. Acho que até já a vi. Sei como é a aparência dela.”

Eu ainda estava em silêncio, ainda perturbado. Não tinha a menor ideia de como replicar, mas sabia que Kathie estava contando seu segredo mais recôndito para mim. Quando caminhamos em direção à casa, seus olhos estavam cheios de lágrimas. Ela falou mais uma vez, pouco antes de abrirmos a porta da frente. “E sei de mais uma outra coisa. Vou vê-la mais uma vez. Eu sei.”

CAPÍTULO 5

A Viagem ao Acampamento e Outras Aventuras

Quando voei de volta a Nova York, minha mente estava cheia de informações novas, algumas delas cristalinas e outras opacas. Minha primeira visita a Copley Woods abriu mais questões do que resolveu, e as enigmáticas observações sinceras de Kathie sobre uma filha desaparecida eram apenas um exemplo do território que esperava exploração. Mas enquanto estive por lá, examinei outros relatos, entrevistei outras testemunhas e explorei certos outros acontecimentos de recordação recente, de modo que eu tinha uma vívida sensação da crescente complexidade de tudo. Uma das histórias mais interessantes de se explorar era o relato da viagem de Kathie com a amiga Nan, em 1975, ao Parque Nacional de Rough River, em Kentucky.

Foi no quarto fim de semana de julho. Kathie, com dezesseis anos na ocasião, viajou com a família de Nan — seus pais, o irmão mais novo e Sam, o namorado de Nan — para uma cabana em uma área remota do parque. Havia um lago, e eles andaram de barco, pescaram e tiveram outras amenidades naturais comuns a lugares assim. Na primeira vez em que eu e Kathie conversamos sobre suas experiências relacionadas com OVNI's, ela nada disse sobre essa viagem. Foi a própria Nan quem lembrou Kathie de que ali tinha acontecido algo muito estranho.

Durante uma de minhas primeiras conversas telefônicas com Kathie, eu indaguei acerca de quaisquer sonhos repetidos de que ela podia se lembrar. Um sonho que permanecia vívido em sua mente, era um sonho em que ela estava sentada em uma caminhonete à noite, conversando com alguém através de um rádio de faixa do cidadão. De repente, as luzes da camionete piscam, e o rádio fica mudo. Kathie

olha para cima e vê quatro luzes descendo, girando como um cataven-to. Aterrorizada, ela se agacha debaixo do painel. Na última imagem de seu sonho, ela está agarrando o microfone e perguntando "quem é você... o que está acontecendo?", e aí termina o sonho. Perguntei se ela conseguia lembrar-se de ter estado em uma caminhonete assim, de estar falando em um rádio na faixa do cidadão e então ela se recordou vagamente da *picape* Chevrolet do pai de Nan, que, de fato, tinha um rádio de faixa do cidadão. A própria viagem ao parque de Rough River aparecia de modo menos nítido em sua memória.

Pouco antes de eu examinar esse incidente, Kathie conversou com Nan sobre a caminhonete de seu pai, a Nan lhe refrescou a memória com muitos detalhes que Kathie tinha esquecido. "Você não se lembra dos rapazes que apareceram naquela noite, com quem tínhamos con-versado pelo rádio... em especial, o rapaz louro que gostou muito de você? Eles apareceram, e nós fizemos uma festa." Kathie contou-me que ficou perplexa quando se lembrou em um dado momento; ela se havia apaixonado de fato pelo rapaz louro. Tinha sido muito estranho. "Os rapazes disseram que estavam acampados em um lugar especial, e quando fomos lá no dia seguinte à procura deles, não havia nenhum acampamento por lá. A coisa não fazia sentido... Para começar, ja-mais poderíamos imaginar como eles nos haviam encontrado, porque quando estávamos conversando pelo rádio, nós não dissemos como se chegava ao lugar onde nos encontrávamos. Aliás, as estradas de lá nem sequer tinham nomes, de modo que eu não poderia ter explicado, mes-mo se quisesse. Eles simplesmente apareceram, pelo que me lembro, em uma espécie de calhambeque barulhento, que quase não tinha nenhu-ma luz acesa."

No segundo dia de minha visita aos Davis, eu e Kathie repassamos a experiência em detalhes. Nesse dia de 1975, ela estava sentada na ca-mionete junto com Nan, o irmão de Nan e Sam, o namorado dela. Eles estavam conversando com "aqueles quatro sujeitos". Eles queriam ir lá nos ver, e eu disse a eles que se pudessem achar-nos, seriam bem-vindos. Disse que nós faríamos uma festa. Nós só estávamos conversando e nos divertindo com o rádio na faixa do cidadão, e, no final, o irmão de Nan e Sam ficaram cansados e voltaram para a cabana. Pouco depois, Nan também entrou, e então eu fiquei sozinha lá fora. Eu estava me divertindo muito. Lembro-me de ter visto aquelas luzes descendo até a

estrada em um movimento bem lento e que o rapaz disse no rádio 'verei você', depois eles saíram, e eu saí da camionete, e nós nos encontramos na metade do caminho. E nós entramos na cabana. Eram três. O sujeito louro disse que havia quatro, mas que um deles não quis ir. O louro era mesmo muito atraente, e tive a sensação de que ele gostava de mim.

"Quando entramos na cabana, já era bem tarde, talvez fosse meia-noite mais ou menos, e eu pensei que os pais de Nan estivessem dormindo, mas estavam acordados. Todo mundo estava acordado, inclusive o irmão mais novo dela. Cheguei a pensar que eles fossem ficar com raiva, mas o louro começou a falar e tudo ficou bem. Pegamos algumas cervejas e conversamos. Acho que inclusive fomos para fora da cabana e fizemos uma fogueira. Foi divertido, e eles ficaram um longo tempo."

Perguntei quais eram os nomes deles. "Sabe", disse Kathie, "acho que eles não chegaram a dizer seus nomes. Todos estavam vestindo camisas azuis e nos disseram que faziam parte de um conjunto. Eu disse que adorava música, e ele me perguntou que tipo de música. Respondi que era o *rock*, e ele disse que o conjunto tocava esse tipo de música. Perguntou-me quais eram os meus favoritos, e eu disse o nome de alguns grupos, e ele disse que eles tocavam músicas parecidas com as desses grupos." Kathie descreveu o louro, mas não mencionou os outros dois, de modo que perguntei sobre eles. "Olha, eu realmente não me lembro deles. Acho que eram altos e magros e penso que se pareciam. Mas não chegaram a dizer coisa alguma. Era o rapaz louro que falava o tempo todo."

Fiquei curioso em saber o que havia acontecido quando eles entraram na cabana. "Bem, a mãe de Nan perguntou se eles queriam beber, e eles perguntaram o que havia. Ela respondeu que havia cerveja, Coca e café. Eles perguntaram sobre o que ela mais gostava, e a mãe de Nan respondeu que era a cerveja. E assim eles disseram que queriam cerveja." Eu quis saber sobre o que mais eles conversaram. "Sabe, não me lembro sobre o que conversamos. No entanto, nós estávamos nos divertindo, disso eu me lembro. Eles ficaram algumas horas por lá." Perguntei se todos sentaram na cabana quando entraram. "Acho que não. Penso que os outros dois sujeitos só ficaram de pé. Um ficou ao lado da porta. Não me lembro de eles terem falado qualquer coisa que fosse." "Nem mesmo seus nomes?", perguntei. "O rapaz louro não chegou a dizer, em nenhum momento, esses são meus amigos, George e Bill, ou qualquer

coisa pelo estilo?" Kathie respondeu, deixando-nos os dois um tanto ou quanto intrigados: "Acho que não. Não me lembro de eles sequer terem falado."

Antes eu havia pedido a Kathie a oportunidade de conhecer Nan e Sam — hoje marido e mulher —, e, na noite dessa entrevista, eles foram à casa dos Davis. Sam é um jovem quieto, pai de dois filhos e mais para o conservador em termos de comportamento. Nan é uma mulher delgada e bonita, que parece inteligente e um pouco retraída. Na ocasião dessa entrevista, seu pai estava muito doente, e o humor deles não estava nem um pouco frívolo. Perguntei aos dois sobre o incidente, e eles descreveram de um modo bem parecido com o de Kathie. A coisa mais interessante em suas lembranças foi o que eles *não* se lembravam. Nem Nan nem o marido podiam recordar-se de qualquer coisa em relação aos outros dois homens, fora o fato de eles serem altos, magros e que estavam usando roupas bem parecidas; nenhum dos dois pôde se lembrar de tê-los ouvido falar. Entretanto, os dois puderam descrever o louro com toda facilidade. Sam disse que ele era "um tipo baixo e forte, que usava *jeans* e uma jaqueta de *jean*s por cima de uma camisa amarelada".

Perguntei a Sam e a sua mulher o que eles se lembravam da conversa noturna; cada qual recordou-se do que Kathie já havia contado, que os rapazes eram de um conjunto que estava acampado nas proximidades e assim por diante, mas não se lembravam de nenhuma palavra, ideia ou simples convívio social fora isso. Contudo, eles tinham certeza de que os visitantes tinham estado horas por lá. Sam tinha uma interessante observação a fazer. Ele disse que os dois homens (que nunca falavam, que em nenhum momento foram apresentados pelo nome e cujo aparecimento ninguém conseguia se lembrar) ficaram "como que de guarda, enquanto o sujeito louro fazia as coisas".

Kathie, Nan e Sam compartilhavam, no essencial, das mesmas lembranças sobre a noite — e dos mesmos vazios peculiares de suas recordações. Quando mais tarde entrevistei a mãe de Nan e seu irmão mais novo, a situação ficou mais complexa. A mãe de Nan lembrou-se de que "o garoto louro era muito bonito e educado. Quando perguntei a ele o que ele e os amigos queriam beber, o louro perguntou o que eu tinha. Eu disse que tinha Coca, café e cerveja. Ele me perguntou sobre o que eu gostava mais. Eu disse que gostava mais de cerveja do

que qualquer outra coisa. E ele disse 'é isso que vamos beber'". Fiquei curioso em saber se em algum momento ele perguntou aos dois amigos o que *eles* gostariam de beber, mas a mãe de Nan disse que não se lembrava se algum deles havia falado algo. Eu também queria saber se, para começar, ela tinha alguma ideia do motivo pelo qual os três haviam entrado na cabana. "Acho que eles queriam conhecer Kathie, já que ela havia conversado com eles pela faixa do cidadão, e acho que eles só estavam procurando uma festa. Sei que ficaram até muito tarde mesmo, mas não me lembro muito do que eles disseram, a não ser que faziam parte de um conjunto."

No dia seguinte à conversa com Nan e seu marido, eu e Kathie decidimos tentar a regressão hipnótica para explorar ainda mais esse acontecimento estranhamente sugestivo. No começo, Kathie descreve que está sentada com os amigos, na camionete estacionada, "conversando com uns sujeitos através do rádio". Os amigos foram entrando um por um, até que ela ficou sozinha. "Joe [o irmão de Nan] quer entrar... não está muito entusiasmado com esses sujeitos... está ficando entediado porque não tem nenhuma garota no rádio. Nan e Sam já entraram, mas eu quero ficar." Depois de uma pausa, Kathie continua:

KATHIE DAVIS: Não estou nem um pouco cansada. Vou brincar no rádio. *(Pausa)* Esse sujeito quer que eu converse um pouco mais com ele. *(Longa pausa e, depois, um tanto ou quanto perturbada)* ...Não me lembrava disso... desse jeito... Estou tendo aquele sonho...

BUDD HOPKINS: Descreva para nós, Kathie.

KATHIE DAVIS: *(Um pouco alarmada)* Está ficando muito claro lá fora, como se fosse de dia. E o... rádio ainda está ligado, mas não tem nenhuma voz nele, só estática... e tem alguma coisa brilhando no capô dessa camionete, e está em cima de todo o carro... de modo que olhei pelo espelho retrovisor e vi a coisa... brilha muito e dói nos olhos... Fecho meus olhos e ainda consigo ver através de minhas pálpebras. Parecem cataventos e são quatro e tem alguma coisa cintilante na luz, como se fossem lampejos ou algo parecido... *(Assustada)* ...e eu estou ficando assustada mesmo... *(Pausa)* Me joguei para baixo e escondi o rosto debaixo do painel e depois já não estava mais assustada. Tornei a olhar para ver se a coisa ainda estava lá e ainda estava dia lá fora... Peguei o rádio e pergun-

tei quem eram eles e o que queriam comigo. E os sujeitos ainda estavam lá e disseram que queriam nos ver. Quando eu os ouvi falando, no momento em que começaram a falar comigo, tudo ficou normal. *(Pausa)* Eles disseram que eu devia estar muito perto, e eu disse a eles que poderiam me ver, mas que eu não iria dizer onde me encontrava, eles tinham que me achar... Esse sujeito com quem falei mais, ele era muito simpático. Ele disse "dê uma olhada na estrada", eu dei, e ele disse "acho que estou vendo você". E lá estava um carro subindo a estrada bem devagar, e eles chegaram e apagaram as luzes do carro antes de parar na entrada. Quando chegaram na frente da casa, eles saíram do carro, e eu também saí e andei até a metade do caminho para encontrá-los. O louro estava na frente e os outros dois estavam atrás dele, cada qual a um lado. Eles andavam bem devagar...

A seguir, perguntei a Kathie sobre o carro deles. Sua descrição contém detalhes que sugerem, de maneira sutil, que o veículo não era um carro compacto comum. A estrada de barro até a cabana era muito esburacada e cheia de crateras, mas Kathie disse que o carro "deslizou por ela, sem pular... seus faróis estavam muito firmes e iguais e não subiam e desciam quando o carro passava em cima dos buracos". Havia mais uma coisa extraordinária em relação às luzes do carro. "Acho que um dos faróis está apagado, é por isso que eu vi uma pequena luz parecida com a lanterna, sabe, mas acho que só vi uma luz branca, como se eles tivessem uma luz brilhante acesa, mas acho que um dos faróis estava apagado..." Mais adiante, nessa sessão, Kathie descreveu como o carro foi embora: "Eles começaram a descer a rua... eu podia ver uma luz na frente e nos lados, mas eles não tinham luzes traseiras... eu pensei 'uh, oh, eles não têm nenhuma lanterna traseira. As lanternas traseiras do carro estão queimadas'."

Kathie continua descrevendo o encontro deles:

KATHIE DAVIS: Ele só está sorrindo para mim. Não diz coisa alguma. Eu disse "oi" ... e ele respondeu com um "oi". Achei que ele era atraente. Não se parecia com sua voz no rádio, entretanto... parecia mais atraente... Ele me disse... era ele que queria me ver. Perguntou onde estava Nan, e eu disse que ela estava na cabana. Ele

disse: “podemos ir vê-la?” Eu respondi: “claro, siga-me”. De modo que fomos para a cabana e entramos. Os outros sujeitos nem sequer disseram “oi”. Então entramos, e todos estavam acordados. Pensei que todos estivessem na cama, dormindo, porque era muito tarde, mas não estavam. O pai de Nan está sentado no sofá. A mãe está na cozinha, parada junto ao vão da porta, observando. Comecei a sentir a cabeça esquisita, em volta de meus olhos e entre os meus olhos. Lembro-me disso porque estava ficando tonta... O irmão dela estava lá, ele e Sam estavam sentados no sofá, mas a tevê estava desligada. Não sei por que todos estavam lá dentro. *(Pausa)* O louro sentou-se, mas os outros dois não se sentaram em nenhum momento. Um deles ficou de pé ao lado da porta, e o outro ficou do outro lado da mãe de Nan. Não consigo lembrar como era a aparência deles... eram mais altos do que o outro sujeito... Não olhei muito para eles, e eles não disseram coisa alguma.

BUDD HOPKINS: Eles se apresentaram com seus nomes?

KATHIE DAVIS: Não... não, não se apresentaram. Em nenhum momento fizeram isso. Eu... eu pensei que sabia o nome do louro, mas não, em nenhum momento eles nos disseram seus nomes.

BUDD HOPKINS: Eles disseram para vocês como se chamava o conjunto ou contaram alguma coisa sobre si próprios?

KATHIE DAVIS: Não. Eles já conheciam nossos nomes através do rádio.

Bem, parece-me que uma das primeiras coisas que um conjunto de *rock* faria, seria dizer para seus anfitriões adolescentes o nome do grupo e o local onde tocava — inclusive embelezando um pouco os próprios dotes, é possível —, mas, a cada segundo que passava, estava ficando cada vez mais claro que não se tratava de um simples grupo de músicos. As outras lembranças de Kathie apenas sublinharam a natureza de mão única da conversa.

BUDD HOPKINS: Você consegue lembrar-se sobre o que falaram?

KATHIE DAVIS: Sobre o rádio da faixa do cidadão e o motivo pelo qual estávamos ali, o Quatro de Julho, os fogos de artifício e, hum... sobre as músicas de que gostávamos, de onde éramos e o que fazíamos ali.

BUDD HOPKINS: Eles falaram sobre sua música e o que *eles* estavam fa-

zendo?

KATHIE DAVIS: Não. Realmente não. Perguntaram-me que tipo de música eu gostava. Eu disse que gostava de *rock* e disse o nome de algumas das bandas. Eles disseram que tocavam algumas músicas desses grupos que eu havia mencionado e foi só isso, sabe, só isso que falaram. Isso. Ele estava vestido com uma jaqueta *jeans*, disso eu me lembro, porque quando voltei de Kentucky, fui comprar uma jaqueta *jeans* igual àquela.

BUDD HOPKINS: Como era a aparência dele?

KATHIE DAVIS: Tinha mais ou menos a minha altura e o corpo parecido com o meu, nessa época eu era bem mais magra, rechonchudo, mas não gordo, gordo. Tinha o rosto redondo e olhos azuis e cabelo castanho, muito, muito claro, quase louro... não era louro amarelo, mas era louro. Ondulados até o pescoço, não ondas grossas, apenas uma grande quantidade de cachos, bem atraente.

Após essa observadora descrição do líder, fiquei curioso em saber como eram os outros dois. “Eram mais altos e magros. Não consigo lembrar o rosto deles. Não consigo mesmo... acho... que os dois estavam vestidos com camisas azuis, mas não consigo lembrar do rosto deles. Contudo, os dois não eram como ele.” Várias coisas das descrições de Kathie — sua exata escolha de palavras — despertaram meu interesse pelo passado. Ela disse que os dois companheiros silenciosos “não eram como ele”, e não que não se *pareciam* com ele, essa escolha de palavras que sugere — talvez ao nível do inconsciente — mais do que diferenças na aparência exterior. Essa sugestão assume um peso maior quando se considera a nitidez e consistência com que todos se recordam do líder louro, e a consistência com que todos desenham um vazio em relação a seus companheiros. Mas percebi um outro aspecto estranho na descrição de Kathie sobre o líder louro: ela descreve alguém que poderia ser seu irmão, inclusive um gêmeo: “minha altura, meu corpo, o rosto redondo, olhos azuis, cabelo louro escuro e enrolado que ia até os ombros”. Outras observações que ela fez tanto antes como depois dessa sessão de hipnose sustentam essa sensação de proximidade: “Tive sentimentos para com esse homem que pareciam uma obsessão. Levei mais de uma semana para superar.” “Pouco antes de ir embora, ele me deu um beijo no rosto, e eu achei muito engraçado, gostoso,

mas engraçado." "Eu não conseguia parar de pensar naquele sujeito. Ele me olhava um bocado, talvez porque eu não tirava os olhos dele o tempo todo. Ele sorria... estava sempre sorrindo para todo mundo... e eu achei que, sabe, ele gostava mesmo de nós e que gostava de mim..." Perguntei a Kathie se ela achava que já o havia visto antes ou então depois disso. "Sim, alguém parecido com ele, depois disso. Não sei. Acho que vi. Acho que pensei que já o conhecia, mas não sei de onde. Acho que nós fazemos isso com algumas pessoas. Mas acho que encontrei alguém parecido com ele desde essa ocasião. Os olhos eram os mesmos e a maneira como eles sorriam com eles." Eu perguntei: "sorriam com os olhos?" "Sim. Fazendo você sentir-se bem e aquecido." Era uma frase que eu já havia escutado antes, em outros casos de OVNI: "Suas bocas nunca se mexiam. Eles sorriam com os olhos."

Depois que tirei Kathie do transe, ela mencionou a aparência estranha que todos tinham na primeira vez em que entrou na cabana com os três visitantes. "Eu tinha certeza de que alguns deles tinham estado na cama, já que era tarde, mas todos estavam de pé, sentados ali ou de pé, e a tevê nem sequer estava ligada. Mas, Budd, eles só estavam *quietos*, sabe, sem se mexer, como se mal estivessem acordados, e não diziam coisa alguma. E comecei a sentir a cabeça gozada, entre meus olhos. Depois o rapaz louro falou e foi como se todos voltassem à vida e começaram a andar e falar. Foi muito esquisito mesmo, como se eles tivessem estado dormindo com algo parecido." No caso Betty Andreasson, documentado pelo pesquisador Raymond Fowler em seu livro de mesmo nome, há uma cena semelhante. Betty foi tirada de casa e levada para um OVNI aterrissado. Após uma extensa série de acontecimentos, os captores levam-na de volta e a colocam na sala de estar. Ela se assusta por encontrar toda a família, sentada ou de pé na sala, completamente muda, como se fossem estátuas, sem tomar o menor conhecimento de sua presença. Em um transe hipnótico, Betty descreve a cena: "Todos estão quietos ali, sentados sem se mexer. [Minha filha] Becky está... ali e está sorrindo com malícia. Parece estar acordada! Parece que está de pé, parada de pé, só sorrindo para mim... Apenas parada ali... Sua expressão não está mudando agora. Ela parece estar com esse sorriso congelado..."[56] Esse quadro perturbador — tão parecido com o que Kathie viu quando entrou na sala de estar da cabana — termina de

56- Fowler, pp. 118, 119.

modo pacífico, quando os captores de Betty levam cada um dos membros da família "adormecida" de volta para a cama e, depois que saem, restauram a memória consciente de Betty.

Como vimos, um dos padrões básicos dos raptos por OVNI, parte do *modus operandi*, é a capacidade que os raptores têm de "desligar as pessoas", por assim dizer, durante o tempo que durar cada operação. Esse procedimento pode ser visto como um meio de eliminar testemunhas em potencial, menos drástico em suas consequências do que o método básico da Máfia. Esse estado de "animação suspensa" tem sido relatado por pesquisadores sobre OVNI's em situações bem diferentes e com uma variação no número de raptados envolvidos no caso. Em um caso da Florida, por exemplo, duas pessoas foram raptadas de um automóvel, enquanto, ao que parece, três outros passageiros foram "desligados". Em um caso de 1975, em Dakota do Norte, dois foram raptados, ao passo que o terceiro foi mantido em um estado de suspensão. Os detalhes podem mudar, mas o método continua o mesmo.[57]

Assim, qual foi o verdadeiro propósito dessa visita à cabana do Parque Nacional em Rough River? Mesmo sob hipnose, Kathie não se recordou de coisa alguma que sugerisse uma experiência convencional de rapto por OVNI. O foco desse estranho acontecimento pareceu ser o relacionamento com o louro de aparência normal, que se assemelhava muito com ela, e a "conversa" que os dois tiveram. Mas há uma espécie de sequela desse encontro, deixada não em Kathie, mas sim na amiga Nan.

Numa noite durante o inverno de 1982, Nan e Sam, hoje casados e pais de dois filhos pequenos, estavam em casa assistindo tevê. Durante um comercial, Nan foi à cozinha para beber água. Ela puxou a corda da luz fluorescente do teto, mas esta não acendeu de imediato. Ela estava parada junto à pia, de frente para a janela da cozinha, e de repente gelou de medo. A uma distância de apenas alguns centímetros do lado de fora, havia uma figura alta, olhando para ela. Estava vestida com um tipo de casaco longo e apertado, e os pés calçavam o que Nan aludiu como sendo "botas lunares" — eram calçados de plástico, pesados e redondos. Ele simplesmente a encarava, sem piscar. Após alguns segundos, a lâmpada do teto acendeu, e ela não conseguiu mais ver o homem. Nan correu até a sala de estar, em um estado próximo ao pâni-

57- Veja Jim e Coral Lorenzen, Abducted!, pp. 56-57.

co. Ela contou-me que levou alguns momentos até proferir as palavras para informar Sam sobre o homem parado do lado de fora da janela da cozinha. Nessa época, Nan e o marido eram donos de um *beagle*, que, era sabido e notório, latia para qualquer barulho ou movimento, por mais suaves que fossem. O pátio dos fundos era todo cercado por um muro alto, rompido apenas por dois portões que, como é convencional, rangiam. O cachorro não latiu em nenhum momento. Sam correu para fora acompanhado do *beagle*. Havia neve recente no solo, mas nenhum sinal nem do invasor nem de pegadas. Mais tarde, Nan contou-me que o homem parecia estar olhando para ela de perto, à altura dos olhos, o que significaria que ou ele era de uma altura fenomenal ou então no momento não estava no chão. Como é natural, não se sabe o que fazer com um relato estranho como esse; aconteceu de modo tão rápido, que suponho que os olhos de Nan possam ter pregado uma peça nela, como se diz. Não sei o que pensar, a não ser que acredito que ela estava aterrorizada de fato. "Budd, eu estava tão assustada que telefonei para a polícia. E em toda a minha vida, eu nunca antes tinha chamado a polícia." Quando visitei sua casa para a representação do incidente, pareceu-me que aquela figura estava talvez apenas a 2,10 ou 2,40m de distância dela, quando ela ficou paralisada de medo na pia da cozinha. Outras coisas que Nan disse a mim, sugerem que talvez tenha havido mais experiências como essa em sua vida, experiências essas das quais até hoje ela só tem as lembranças mais vagas. Surge então uma pergunta: seriam Kathie e sua melhor amiga Nan os objetivos centrais, sejam quais forem, da visita de 1975 no Parque Nacional de Rough River?

Uma das principais razões das minhas várias viagens a Indianapolis foi entrevistar todos aqueles que pudessem ter sido testemunhas da aterrissagem original do OVNI na propriedade dos Davis, a 30 de junho de 1983, incidente esse que, para começar, fez com que Kathie me contactasse. Joyce Lloyd, a vizinha da casa ao lado que descreveu o clarão de luz na direção do pátio dos fundos dos Davis e a subsequente falta de energia e outros acontecimentos posteriores na casa, era uma pessoa que eu estava muito ansioso para conhecer. Deu-se que Joyce era uma mulher jovem e muito atraente, que parecia calada e reservada, com um leve jeito um tanto ou quanto ansioso em relação a seu comportamento geral. Eu pude entrevistá-la em várias ocasiões. Algumas das experiências das quais ela se recorda, foram exploradas em sessões

de regressão hipnótica profunda, mas várias delas não foram. O ponto essencial, entretanto, é que Joyce parece estar metida nesses estranhos acontecimentos quase tão fundo quanto a própria família Davis.

Joyce tem na perna uma cicatriz redonda, do tipo cavidade, muitíssimo parecida com as das pernas de Kathie e de sua mãe. É desconhecida a origem dessa cicatriz, que data da infância de Joyce.

Em 1981, ela estava voltando de carro de uma visita à casa da mãe e embora a rota fosse conhecida, ela se viu ficando confusa e desorientada. Joyce se lembra de ter saído da estrada, mas aí termina sua memória. Ela sabe que quando enfim chegou em casa, o telefone estava tocando. Era sua mãe freneticamente preocupada com ela. Sempre que Joyce ia embora após uma visita, era rotina sua mãe telefonar por volta da hora que a filha devia chegar em casa. Dessa vez, Joyce estava com mais de uma hora de atraso, sem nenhuma explicação para a demora. Ainda há outras experiências muito estranhas na vida de Joyce, mas uma em especial é de interesse, no contexto do encontro de Kathie na viagem ao acampamento.[58]

Nessa experiência de 1975, em Kentucky, Kathie descreveu que seus três visitantes chegaram em um veículo que, sem sombra de dúvida, tinha luzes bem incomuns. Quando entrevistei Joyce em uma de minhas visitas posteriores a Copley Woods, ela me contou acerca de uma estranha experiência, que havia tido no verão de 1984. Ela tinha acordado no meio da noite, de cabeça para baixo na cama, ao lado do marido que dormia sereno e na posição normal. Seus pés descalços, repousados no travesseiro, estavam molhados, e as roupas que ela estava usando também estavam úmidas. Ela estava com frio e se sentia muito estranha. Pensou ter sonhado, posto que se recordava que, alguns momentos atrás, ela estava deitada em um campo perto de um automóvel. Lembrou-se que tinha acabado de ver uma luz erguer-se em linha reta, no canto desse campo, e, "um segundo depois", acordou de volta na cama. A experiência tinha sido confusa e perturbadora; parecia bem real, no entanto, ela sabia que devia ter sido um sonho. Mas havia um outro problema: ela não se lembrava de ter ido para a cama nessa noite. E assim, em um dado momento, começamos uma sessão de regressão

58- Joyce informou-me que quando era adolescente, o irmão mais novo entrou correndo em casa aterrorizado, com a história de que havia se deparado com uma enorme nave prateada no bosque onde estava brincando. Ele narrou que havia sido perseguido, e, ao que parece, há um período de tempo desaparecido em seu relato.

hipnótica a fim de tentar descobrir o que era aquele sonho exatamente e — se é que — se era uma verdade ao pé da letra. Joyce demonstrou ser um excelente objeto de hipnose. Kathie e a irmã de Joyce, que estava de visita, testemunharam a regressão, que poderia ser chamada, entre outras coisas, de a metamorfose de um automóvel.

JOYCE LLOYD: Eu quero lembrar... por que eu estava de cabeça para baixo na cama. Era estranho.

BUDD HOPKINS: Então vamos voltar ao momento em que você acorda de cabeça para baixo. Conte-me com exatidão como você se sente quando acorda de cabeça para baixo na cama. Que roupa você está usando, se faz frio, como sente seu corpo. Como você se sente?

JOYCE LLOYD: Eu me sinto excitada... e muito ansiosa. *(Pausa)* Estou de bermuda e de camiseta... Meu corpo está úmido e frio. Meus pés estão molhados. Como... o que estou fazendo aqui? Não me lembro de ter ido dormir e não sei por que acordei, exceto que... o sonho... tem que ser um sonho...

BUDD HOPKINS: Conte-nos esse sonho.

JOYCE LLOYD: A única coisa de que me lembro é... Não me lembro de ter ido dormir, mas eu estava deitada em um campo... e tem um carro... tem um carro... e ele é prateado. Tem umas marcas engraçadas nele. Não sei se é um carro... Acho que é um carro. Eu me sinto pregada no solo. Deitada no solo.

BUDD HOPKINS: O que você está vestindo?

JOYCE LLOYD: Bermuda e camiseta. Não sinto medo.

BUDD HOPKINS: Que marcas são essas no carro?

JOYCE LLOYD: Não consigo enxergar... Preto. Prateado? Ele é muito redondo e comprido. Acho que é um carro.

BUDD HOPKINS: Esse carro tem algum motorista?

JOYCE LLOYD: Não vejo nenhuma pessoa. *(Pausa)* Não sei por que estou aqui. Não estou com medo. Sei que estou sonhando.

BUDD HOPKINS: Quero que você dê uma olhada nesse campo. O que você vê? Grama alta, ervas, o quê?

JOYCE LLOYD: Está borrado no meio, como se houvesse muito tráfego. A grama parece queimada... pelo sol. Tem plantas altas nos dois lados. Tem árvores altas, mas que estão muito longe. Há uma clareira e um morro. E eu vejo uma luz. A única coisa de que me lembro é

que eu estava olhando para essa luz. Vejo a luz ir embora. E depois acordo na cama, de cabeça para baixo. Não sei sobre o carro. *(Suspira)* Esse carro tem umas marcas engraçadas e não compreendo por que só estamos eu e o carro...

BUDD HOPKINS: Ou como você chegou aí...

JOYCE LLOYD: Não me preocupei com isso, porque acho que estou sonhando. É por isso que não estou com medo. Sei que tem que ser um sonho.

BUDD HOPKINS: Bem, talvez o sonho tenha mais coisas...

JOYCE LLOYD: Não sei... não consigo lembrar...

BUDD HOPKINS: Vamos tentar uma pequena experiência aqui. É provável que o sonho tenha mais coisas que aconteceram antes dessa parte com o carro. Você vai ver essa outra parte.

Nesse ponto da hipnose, eu suspeitei que havia outras imagens e acontecimentos que Joyce relutava em descrever. Essa relutância em ver é algo que encontro com frequência em sessões de regressão hipnótica, de modo que fui obrigado a desenvolver um meio para resolver o problema. Peço aos hipnotizados que imaginem uma cortina grossa e preta, uma cortina de um teatro de duas sessões, bem diante deles. Essa cortina lhes dá segurança, ocultando-os do que existe do outro lado. Peço que eles sintam esse veludo negro de dupla espessura, que experimentem seu peso e textura. A seguir, eu digo a eles que contarei até três e, quando chegar em três, eles abrirão uma fenda na cortina e espiarão bem rápido, fechando a cortina logo depois. Esse artifício tem dado certo em quase todas as ocasiões. Em um, o hipnotizado estica a mão e agarra o veludo; em dois, ele agarra com firmeza e se prepara; e em três, a cortina é aberta e fechada em um movimento rápido. Usei o método da cortina quando chegamos nesse ponto e quando contei três, Joyce abriu a cortina e deu uma espiada. Perguntei o que ela viu.

JOYCE LLOYD: Hum. *(Um suspiro nervoso)* Não sei sobre o carro. Acho que quero ver o carro.

BUDD HOPKINS: O que você realmente vê?

JOYCE LLOYD: *(Longa pausa)* Não acho que seja um carro. Nunca vi um carro desse jeito...

BUDD HOPKINS: É do mesmo tamanho de um carro?

JOYCE LLOYD: Só que maior que um carro. Não tão maior que um carro.

BUDD HOPKINS: Prateado, como os carros são prateados?

JOYCE LLOYD: Não, é mais ou menos turvo. Não brilha de verdade.

BUDD HOPKINS: Mais alto que um carro ou mais ou menos da mesma altura ou mais baixo?

JOYCE LLOYD: É mais comprido. É mais redondo. Não vi a porta.

BUDD HOPKINS: *(Que não é nada se não perseverar)* Esse carro tem um motorista?

JOYCE LLOYD: *(Que não é nada se não é manipulável de modo obstinado)* Não vi nenhum motorista.

BUDD HOPKINS: Esse carro está em alguma espécie de estrada?

JOYCE LLOYD: Está no barro, onde não há nenhuma planta nem grama.

BUDD HOPKINS: Esse lugar fica perto de onde você se encontra agora *(em Copley Woods)* ou fica muito distante ou onde?

JOYCE LLOYD: Não sei onde fica esse lugar. Eu nunca vi esse lugar antes. Não estou com medo e não quero saber nada do carro.

BUDD HOPKINS: Você disse que ele tinha marcas...

JOYCE LLOYD: Acho que é por isso que penso que o carro era pintado com uma rede preta. Ele tem um... é difícil de ver...

BUDD HOPKINS: Ele tem janelas, do mesmo jeito que um carro tem janelas?

JOYCE LLOYD: Não. As janelas ficam no alto.

BUDD HOPKINS: Qual o tamanho dele em relação a um carro? Você disse que ele era maior. Ele é duas vezes o tamanho de um carro ou uma vez e meia?

JOYCE LLOYD: Talvez seja quatro vezes maior.

BUDD HOPKINS: E quanto a altura.

JOYCE LLOYD: Mais ou menos três vezes...

BUDD HOPKINS: Três vezes mais alto. Como você acha que foi a esse campo ao lado dessa coisa?

JOYCE LLOYD: Quero pensar que sonhei com isso...

BUDD HOPKINS: Bem, nesse sonho como você chegou aí? O sonho começa aí, ou você se lembra de ter sonhado que saía?

JOYCE LLOYD: Bem, o que não compreendo no sonho é que não me lembro de ter ido dormir...

BUDD HOPKINS: Em seu sonho... você apenas aparece aí fora de repente?

JOYCE LLOYD: Isso mesmo. *(Surpresa)* Eu não me lembro de ter ido para

a cama!

BUDD HOPKINS: Vamos tomar um outro curso. Você está deitada perto desse objeto... como você sente o corpo?

JOYCE LLOYD: Sinto um pouco de frio.

BUDD HOPKINS: Você sente alguma parte do corpo diferente? Estranha?

JOYCE LLOYD: Meu pescoço dói.

BUDD HOPKINS: A parte de trás ou da frente do pescoço?

JOYCE LLOYD: Ao longo da coluna vertebral.

BUDD HOPKINS: Uma dor aguda, uma pontada ou o quê?

JOYCE LLOYD: Só dói. Meus olhos doem. É uma dorzinha penetrante, como quando você olha para a luz.

BUDD HOPKINS: E quanto ao resto de seu corpo... seu rosto?

JOYCE LLOYD: Não. Está tudo bem.

BUDD HOPKINS: Quanto ao seu peito?

JOYCE LLOYD: Sinto pesado. Sinto-me como se estivesse grudada no solo... como se eu não pudesse me mexer se quisesse.

BUDD HOPKINS: Você consegue sentir a grama áspera debaixo de seu corpo... o solo está bem debaixo de você?

JOYCE LLOYD: Acho que é só barro. Só sinto uma superfície dura debaixo de mim. Só duro debaixo de mim. Está escuro. Lembro-me de ter visto uma luz. No entanto, eu tinha que vir aqui. Acho que não quero me lembrar disso. Acho que não quero lembrar como cheguei aqui... me sinto ansiosa quando quero me lembrar disso. Não é lógico. Não faz o menor sentido.

BUDD HOPKINS: *(A tranquilizei: você está segura, etc. Você pode lembrar-se do que for fácil se lembrar e não precisa se lembrar de nada que não queira)* Sobre a maneira como você chegou aí, ou você foi levada ou chegou aí por sua própria conta?

JOYCE LLOYD: Eu me lembro de antes... Lembro que estava andando no corredor... isso foi antes... em um tempo diferente. Lembro de ter visto uma luz fluorescente. Lembro que estava pensando ter visto alguma coisa no quarto de George (seu enteado). Lembro ter visto um rosto. Mas não era de uma pessoa pequena... Não tinha feições como uma pessoa. Havia olhos e um rosto... Era muito brilhante mesmo. O corpo era luminoso... a cabeça tinha uma forma engraçada, mas não era desproporcional... um tanto quadrada na parte de cima e o nariz era como... havia pedaços de sombra no

rosto, mas o traje era luminoso. E ele era alto, como uma pessoa, e eu tinha visto aquele rosto antes.

BUDD HOPKINS: Você tinha visto o rosto antes?

JOYCE LLOYD: Acho que tinha... e... você nunca sentiu que alguma coisa está observando você? Tenho essa sensação. Foi como um sonho. Eu não queria acreditar... eu disse para mim mesma "não".

BUDD HOPKINS: Por que você relaciona esse rosto com o carro?

JOYCE LLOYD: Não sei.

BUDD HOPKINS: Você acha que esse rosto estava relacionado com a coisa grande no campo?

JOYCE LLOYD: Não sei. Não tenho certeza. Sei que tenho medo disso. Não compreendo...

BUDD HOPKINS: *(Prepara-se para tirá-la do transe, a tranquilizando, etc.)*

JOYCE LLOYD: Mas realmente não existem pessoas desse jeito... Não compreendo... Não existem mesmo pessoas assim...

BUDD HOPKINS: Iguais à figura que você viu no corredor?

JOYCE LLOYD: Pessoas como essa... será que existem mesmo pessoas desse jeito? Não faz nenhum sentido...

BUDD HOPKINS: *(Torno a tranquilizá-la)*

JOYCE LLOYD: Não estou com medo deles..., mas não consigo compreender... não consigo compreender...

BUDD HOPKINS: *(Você está segura, está com seus amigos, você é uma pessoa forte que vai superar isso, etc. As peças desse quebra-cabeça se encaixarão e aos poucos você compreenderá, etc.)*

Tirei ela do estado de transe, com esses e outros reforços pós-hipnóticos e depois perguntei como ela se sentia. "Estou bem", ela disse, parecendo tanto aliviada como intrigada. "Agora sei o que me incomodava por não compreender. A coisa não faz um sentido lógico para mim, de modo que não consigo aceitar..." Trata-se de um ponto de vista, que eu ouvi dezenas e dezenas de vezes de pessoas que haviam passado pelo mesmo tipo de experiência: embora pareça que aconteceu de fato, não faz nenhum sentido. Como posso acreditar? E, ainda assim, como posso negar que aconteceu?

Tracy Tormé é um jovem que esteve envolvido comigo na investigação de vários casos de rapto por OVNI, inclusive no caso Copley Woods. Tracy — cujo pai, o cantor Mel Tormé, me contou um dia so-

bre um avistamento de OVNI muito interessante feito por ele próprio — tem várias perguntas que ele faz como rotina nessas situações. Primeiro, ele pergunta ao raptado se ele ou ela acha que foi selecionado — escolhido a dedo, por assim dizer — para o rapto. Todos os raptados com quem ele conversou, responderam essa pergunta com um "não" definitivo. "Só acho que estava no lugar errado e na hora errada", ou coisa assim, são as respostas típicas, embora a maioria dos raptados pense que todas as experiências, que ocorreram depois, foram deliberadas, como se eles tivessem sido, de alguma forma, "etiquetados". Em seguida, Tracy pergunta se o raptado, após haver explorado sua experiência, compreende o propósito da operação — se tem alguma ideia do motivo pelo qual esses raptos estão ocorrendo. Mais uma vez, a resposta é um "não" unânime. Indiferente às imagens específicas e procedimentos quase médicos, dos quais se recordaram com ou sem a ajuda da hipnose, nenhum deles parece compreender o significado de tudo. Raptados como Joyce e Kathie quase sempre nos pedem, aos pesquisadores, para lhes dizer qual o significado de tudo, o motivo pelo qual está acontecendo. E sempre sou obrigado a confessar a verdade — que não tenho a menor ideia do propósito de tudo isso. A terceira pergunta de Tracy é a pergunta-chave: ele pergunta ao raptado se ele ou ela está, de alguma forma, contente em seu íntimo com a experiência ocorrida, se sente orgulho do *status* incomum que esse encontro lega. Todos os raptados respondem mais ou menos da mesma maneira: "eu daria tudo para que nada disso jamais tivesse acontecido comigo. Tem me causado muito medo, ansiedade e insegurança. E eu realmente não sei o que isso significa". A última pergunta de Tracy é a mais nefasta. Ele pergunta se o raptado acha que, agora que o caso já foi explorado até um certo limite, a experiência acabou, que ele ou ela não será mais objeto de um rapto. A resposta aqui é um "não" unânime. Cada raptado, com quem tenho trabalhado, tem certeza de que pode acontecer outra vez. "Se eles me querem, eles têm como me pegar", é o sentimento geral. Um jovem disse a mim que se seu pai fosse presidente dos Estados Unidos e ele vivesse na Casa Branca, vigiado pelo serviço secreto, ainda assim ele achava que "se eles quisessem me pegar de novo, eles conseguiriam".

A verdade que surge através dessas respostas é bem simples: os raptados não são "crentes" de alguma religião do espaço exterior, não estão atrás de publicidade ou alguma outra gratificação e, em seu ín-

timo, estão confusos e amedrontados com suas experiências, que eles veem mais como um problema profundamente perturbador em suas vidas do que como algum tipo de vantagem. Esses raptados não são paranoicos nem sofrem de complexo de superioridade; são pessoas honestas, que sofreram experiências traumáticas que não compreendem. Um cético que não saiba de quase nada acerca das provas (as duas condições parecem andar de mãos dadas.) disse uma vez a um amigo meu que "as pessoas que levam a sério os raptos por OVNI são cultistas. Isso não passa, de fato, de um culto". Pensei a esse respeito e avaliei essa observação porque ela aponta para um fato muitíssimo interessante: os cultos, como por exemplo o do reverendo Moon ou o do Divino Pai ou qualquer outro, são todos crenças e não milagres. A situação OVNI está no polo oposto: muitos milagres e nenhuma crença. Os acontecimentos ocorrem, têm lugar as aterrissagens, o solo é alterado, pessoas são agarradas, flutuam para fora de suas casas ou carros, são feitas incisões, amostras são retiradas. Os OVNI's têm sido fotografados e captados em radar; pilotos e astrônomos os têm visto, e vários órgãos do governo já investigaram esses acontecimentos "milagrosos". Mas onde estão as crenças, as doutrinas desse "culto OVNI"? Qual é a fé de um típico raptado? Cito aqui Joyce Lloyd, após ela ter descrito sua experiência: "não consigo compreender... não faz nenhum sentido lógico para mim, de modo que não posso aceitar... Quero pensar que sonhei isso". Nesse estranho mundo de cabeça para baixo, os céticos, com suas ideias de ideologia rígida acerca do que é e do que não é possível, são os "verdadeiros crentes". Os raptados, as pessoas que de fato passaram por essas experiências assustadoras, parecem os verdadeiros céticos iludidos.

As lembranças de Joyce Lloyd, nas quais ela está deitada e paralisada ao lado do imenso objeto em forma de nave, no meio do campo, suas lembranças sobre a luz que subia e a estranha figura que viu no quarto do filho — todas essas recordações têm ecos em outros relatos sobre rapto por OVNI. Quando ela acordou e se viu com os pés no travesseiro e a cabeça aos pés da cama, ela despertou o marido e perguntou o que estava acontecendo. Ele não tinha nenhuma explicação a dar, como podemos imaginar, e pediu que ela se virasse e voltasse a dormir. Mas essa situação lembra um dos outros casos, no qual aconteceu esse tipo de coisa. A 16 de outubro de 1973, "Patty Price" e, ao que parece, quatro

de seus sete filhos foram raptados em sua casa e levados para um OVNI aterrissado. No relato de Coral e de Jim Lorenzen sobre esse acontecimento, recordações hipnóticas e normais de três dos principais raptados detalham o que aconteceu naquela noite.[59] Entretanto, o relevante para a situação de Joyce Lloyd é um detalhe particular: três dos filhos de Patty acordaram pela manhã e se viram em locais diferentes de onde estavam quando foram para a cama na noite anterior. Nenhum deles estava literalmente de cabeça para baixo, mas está claro que, quando os filhos de Price foram levados de volta para seus raptores, houve um certo grau de descuido quanto a quem deveria ser colocado em tal ou qual cama.

O estado de umidade da bermuda e da camiseta de Joyce, que sugere que ela de fato esteve deitada do lado de fora da casa, na grama molhada pelo orvalho, e seus pés molhados, que sugerem que ela andou caminhando nessa grama, têm seu paralelo no rapto de Sandy Thomas que descrevi no *capítulo 2*. Sandy recordou-se de algo que ela — assim como Joyce —, na ocasião, esperava que fosse apenas um sonho realista. Ela lembrou-se de que um tubo de líquido tinha sido inserido em seu ouvido como parte do que parece ter sido uma operação de implante e quando acordou, descobriu que o cabelo e o pescoço estavam molhados sem nenhuma explicação — molhados a ponto de terem umedecido o travesseiro. Seu marido, assim como o de Joyce, confirmou esses estranhos detalhes físicos. A esse respeito, a experiência de "sonho" com OVNI de Kathie, envolvendo, ao que parece, um exame ginecológico, apresenta uma estranha consequência física — ela havia ido para a cama vestida com sua calcinha, mas pela manhã descobriu que esta estava em cima da cama, arrumada ao lado das cobertas.

Nesse ponto, talvez o leitor se sinta um tanto ou quanto subjugado pelos diferentes casos aos quais fiz alusão, pelos diferentes nomes e lugares que mencionei, reação esta que tanto é compreensível quanto inevitável. Mas o padrão com que lidei neste capítulo é bem simples. Além de Kathie, duas pessoas são as figuras centrais — sua melhor amiga Nan e Joyce, a vizinha da casa ao lado. Como foi detalhado no *capítulo 2*, Joyce esteve envolvida na condição de testemunha, na experiência original de Kathie, a 30 de junho de 1983, no pátio dos fundos dos Davis. Ela viu o clarão de luz no pátio da família Davis, quando,

59- Lorenzen, pp. 22, 23.

ao que parece, o OVNI decolou, ela ouviu os sons, sofreu uma falta de energia em sua casa e, como é compreensível, foi impedida de alguma maneira de ligar para os Davis para ver se eles estavam bem. (Sua lembrança hipnótica dessa experiência é apresentada no *Apêndice C*.) Dessa forma, Joyce tanto esteve envolvida nos limites de um dos raptos de Kathie, como ela própria também já foi raptada. Nan, a melhor amiga de Kathie, compartilhou com Kathie do incidente de 1975, na cabana de Kentucky, com os três misteriosos visitantes. Contudo, com a figura que a fitou em seu pátio dos fundos, parece que Nan também teve seu próprio envolvimento pessoal com o fenômeno. Kathie Davis talvez seja o centro dessa complexa série de acontecimentos, mas mesmo distantes dela, seus amigos e vizinhos nem de longe estão imunes ao seu contágio.

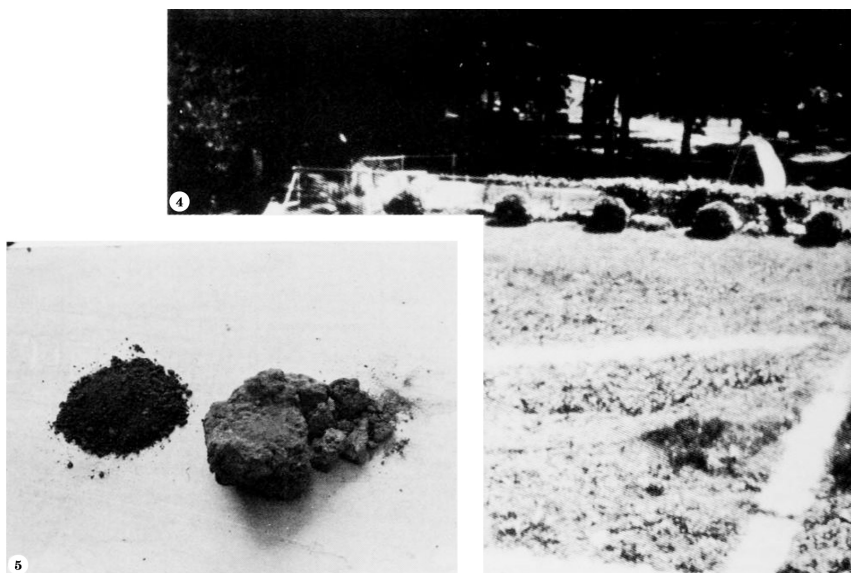
Uma das muitas variantes nos relatos de rapto por OVNI é o grau de amnésia que se descobre entre as testemunhas. O espectro é tão vasto como se pode imaginar, variando de pessoas que se recordam de quase tudo no mesmo instante, à maneira como conseguimos lembrar de um assalto ou de um acidente, até aquelas que quase não se lembram de coisa alguma. A hipnose, nossa técnica mais útil para romper esses bloqueios de memória, também varia em sua força e eficácia de caso para caso e de indivíduo para indivíduo. Os psicólogos têm notado a frequência com que a mente humana parece ser capaz de trazer à tona as lembranças traumáticas um pouco de cada vez, de modo que a consciência não fique assoberbada de repente com muitas recordações perturbadoras. Essa autoproteção embutida é algo que temos notado com frequência nos casos de rapto por OVNI. Minha sensação é de que as lembranças de Joyce Lloyd, obviamente fragmentadas, sobre sua experiência no campo com o imenso objeto em forma de nave, são um caso pertinente. Ela sentia-se mais à vontade não se lembrando de qualquer pessoa — figura —, que fosse "motorista" daquele "carro", nem de nenhum outro acontecimento daquela noite, nem, no que diz respeito a isso, queria compreender o motivo pelo qual ela associava o rosto de estranha iluminação que viu na casa com a experiência. Nos últimos tempos, a saúde geral de Joyce tem sido bem precária e, nessas circunstâncias, não tenho o menor desejo de pressioná-la para ela se lembrar de mais coisas. O bem-estar do raptado é, de longe, uma preocupação maior de minha parte do que a acumulação de mais in-

formações. Além disso, acredito que seja provável que Joyce tenha tido uma série de encontros com OVNI's no decorrer dos anos e quando ela se sentir forte e curiosa o bastante, eles poderão ser examinados com todo cuidado. E, enquanto isso, uma coisa é certa: suas recordações não irão desaparecer.

Fotos e Ilustrações

Fotografias de sinal no solo. **1.** Vista do gramado de Kathie Davis, tirada cerca de seis semanas após a aterrissagem do OVNI, a 30 de junho de 1983.

2. Janeiro de 1984, sete meses após a aterrissagem. A neve derretida desaparece primeiro em cima do solo afetado, que em seu estado desidratado e "assado" não segura a umidade.

3. Junho de 1984, um ano após o acontecimento.

4. Agosto de 1983. Tomada mostrando a linha comprida da suposta decolagem. Na noite da aterrissagem, Kathie e a amiga Dee Anne percorreram o caminho de cascalho da direita em direção à piscina. Tammy, a filha de Dee Anne, andou à esquerda delas, pisando na linha afetada. Ela relatou que o solo ainda estava quente e que sentiu formigamento nos pés descalços (veja: *capítulo* 5). **5.** Contraste entre o solo para controle, à esquerda, retirado de uma área distante vários centímetros do lugar onde a aterrissagem foi avistada, e o solo afetado, à direita. Observe a cor mais clara e a aparência dura e ressecada do solo afetado.

PHYSICAL LABORATORY REPORT

Mobay Chemical Corporation
Inorganic Chemicals Division
Pemco Products
5601 Eastern Avenue
Baltimore MD 21224

P– 2387

Material: Two soil samples
sample A affected area
sample B unaffected area

Analysis No. 6869

Date 6/5/85

Type of Analysis XRD + SPEC

Submitted to Mr. Cullen Hackler

Project

Two soil samples were submitted for evaluation: one was from the affected area (A) and the other was soil from an adjacent unaffected area (B).

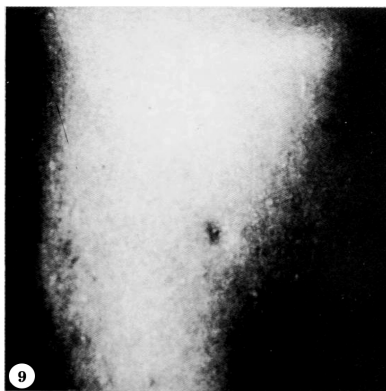
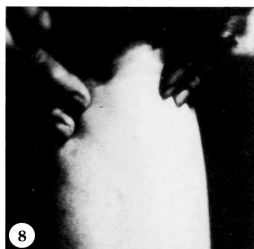
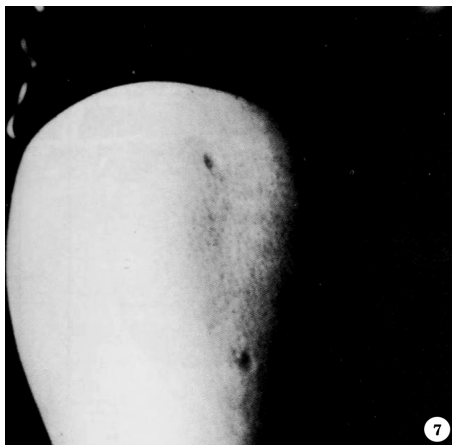
X-Ray Diffraction analysis showed no significa[nt] differences in the crystalline structures of samples A and B.

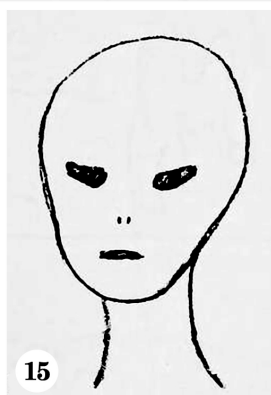
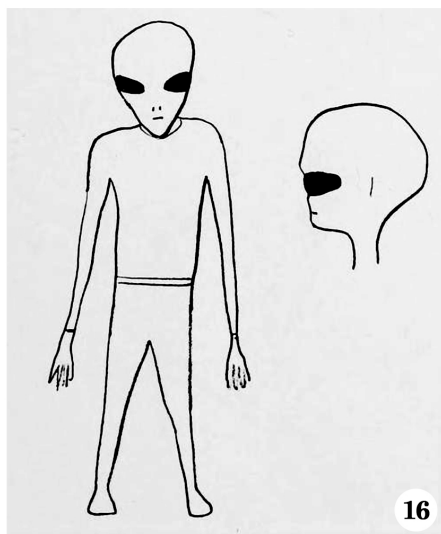
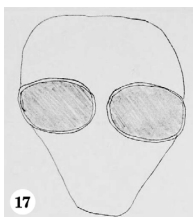
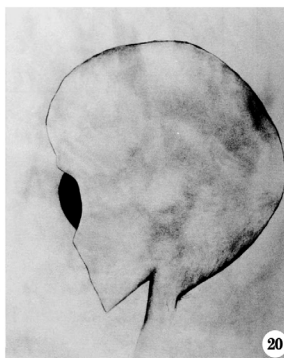
The visual color of sample A was lighter than sample B. Additionally sample A was more dense/less fluffy than sample B. Heat treating a portion of sample B for 6 hours at 800°F produced a visual color similar to sample A but did not duplicate the density of sample A.

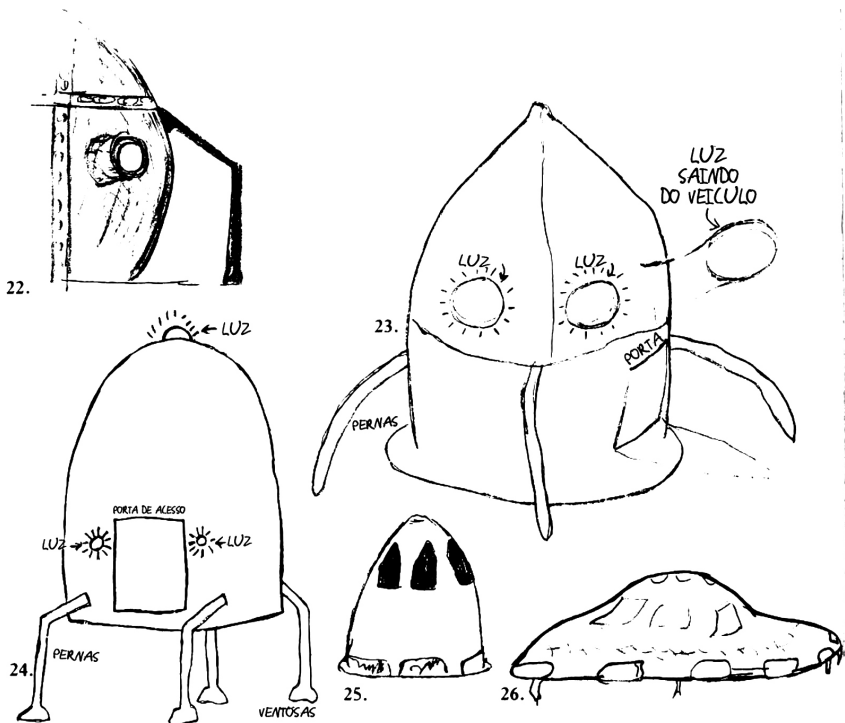
Spectrographic chemical analysis (see attached report) showed no significant differences. Further and larger sample quantities of the soil samples would be required for additional analysis.

Vernon L. Grebe

6

6. O relatório do laboratório sobre a amostra do solo mostra a dificuldade que os técnicos tiveram ao tentar transformar a amostra de controle nos pedaços duros e ressecados do solo da área da aterrissagem. Ambas as amostras são a mesma coisa do ponto de vista químico, comprovando o fato de que se originaram na mesma área geral. Desse modo, a mudança na cor e na textura do solo afetado foi causada, ao que parece pela aplicação de algum tipo de calor ou de outra energia e não pela ação química. Para copiar o solo afetado, a amostra B teve que ser tratada com calor a 430°C durante seis horas.

7. A pena de Kathie apresentado cicatrizes sofridas durante os dois raptos na infância (veja: *Apêndice A*). **8.** A perna da mãe de Kathie mostrando uma cicatriz sofrida, ao que parece, durante um rapto na infância (veja: *Apêndice A*). **9.** Cicatriz em forma de cavidade nas costas de "Nick", sofrida durante um rapto na infância, no Brooklyn, Nova York *(não discutido nesse livro.)*

10. Desenho final realizado pelo investigador de OVNI. Gayle McBride, baseado em um caso de rapto na Carolina do Norte. **11.** Desenho final feito por Kathie Davis do ocupante que ela observou em uma série de ocasiões. **12.** Desenho final feito por "Rosemary", uma artista raptada em uma noite de 1972, em um apartamento de cobertura dentro dos limites da cidade de Nova York. Observe a pele enrugada ou manchada na parte inferior do rosto, traço este incomum, mas que já foi relatado em alguns outros casos.

13. Esboço de um caso de rapto em Nova Inglaterra. **14.** Esboço de um caso de rapto no México. A figura foi descrita usando uma espécie de vestimenta com capuz. **15.** Esboço de um rapto em Staten Island, Nova York. **16.** Esboços de um caso de rapto no Canadá.

17. Esboço feito por um raptado em um rapto ocorrido em Nova Jersey. **18.** Desenho de um caso de rapto na Pensilvânia. **19.** Desenho de um caso de rapto no Kentucky. **20.** Desenho final do perfil de um ocupante de OVNI em rapto em Truman, Kansas. O desenho foi feito pela artista Denise Mount. Como esses desenhos demonstram, as lembranças dos raptados por OVNI de cabeças de forma estranha e olhos hipnóticos são, com frequência, tão fortes, que outros detalhes faciais não são notados.

21. Um esboço do quarto de dormir feito por Robbie, o filho de Kathie, quando ele estava com quatro anos de idade. Na parte superior do desenho, Robbie explicou que "é o *ET*", que ele sonhou que havia entrado em seu quarto. Ele contou-me que tinha sido um sonho bonito, e o *ET* é desenhado com uma certa precisão e charme, do jeito que o filme o representa: parecido com uma tartaruga e com pescoço muito comprido. Entretanto, abaixo está o "homem assustador de cabeça grande e boca invisível", que Robbie explicou "entrou mesmo em meu quarto". Ele faz uma distinção bem clara, tanto no desenho como na memória, entre o sonho e a realidade (veja: *capítulo 4*).

Imagens traduzidas para fácil compreensão. **22.** O esboço preliminar de Kathie do OVNI aterrissado, vislumbrado através da porta de sua garagem, a 30 de junho de 1983. Observe a luz e o trem de aterrissagem articulado (veja: *capítulo* 2). **23.** O esboço mais aperfeiçoado do objeto de 2,40m de diâmetro. **24.** Esboço de um objeto semelhante, envolvido em um rapto em Mindalore, África do Sul, investigado por Cynthia Hind. Observe a posição da porta semelhante, o trem de aterrissagem articulado e as luzes externas. **25.** Esboço feito por Joyce Lloyd de um objeto que ela viu perto de sua casa em uma outra ocasião. *(Esse incidente não é discutido neste livro, embora o objeto seja semelhante ao OVNI recordado por Kathie.)* **26.** Esboço feito por Joyce Lloyd de um veículo que ela encontrou em um campo aberto (veja: *capítulo* 5).

27

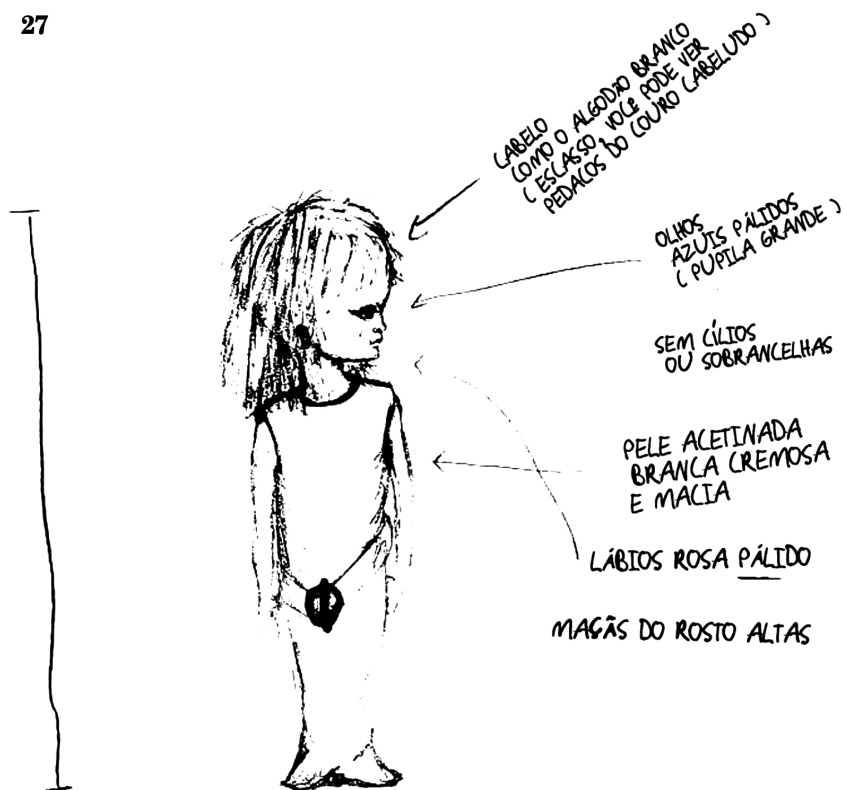



Imagem traduzida para fácil compreensão. 27. O esboço de corpo inteiro de Emily. Esse desenho foi feito logo depois de sua primeira rememoração hipnótica da apresentação do incidente.

CAPÍTULO 6

O Dia Mais Triste

A primeira reminiscência consciente de Kathie de ela ter visto um OVNI — alguma coisa voadora que nem ela nem seus amigos puderam identificar — foi no final do inverno de 1977, por volta da ocasião em que ela conheceu seu futuro marido. Como foi relatado no primeiro capítulo deste livro, Kathie contou-me que era possível que ela e as amigas “Dorothy” e “Roberta” tivessem avistado, no passado, por duas vezes, uma estranha luz cintilante que passou voando, quando elas “estavam andando de carro para farrear”. Vez por outra, o namorado de Dorothy apresentava desculpas bem esfarrapadas quando não comparecia a um encontro, de modo que de vez em quando ela ia até a zona rural, onde ele morava, para ver se seu carro estava de fato na garagem ou se estava ocorrendo alguma coisa que ele pudesse estar escondendo dela. Os adolescentes fazem coisas assim. Eu mesmo fiz quando tinha essa idade. Trata-se de uma atividade que se situa em alguma parte entre checar a própria paranoia e proporcionar ao adolescente algo quase importante a fazer para passar o tempo.

Em minha primeira viagem a Indianapolis, eu conheci e entrevistei Dorothy. Ela lembrou-se de uma noite em especial, quando elas pararam o carro para olhar uma luz que mergulhava e saltava e que, em um dado momento, pareceu descer ao solo. Kathie recordou-se da luz como inclusive tendo parecido aterrissar. Em alguns outros aspectos, as memórias das duas mulheres pareciam não concordar direito. Entretanto, ambas tinham certeza de que, nessa ocasião, a amiga Roberta escondeu-se no assoalho do assento traseiro, amedrontada demais para olhar para a estranha luz, e as duas recordam-se que era muitíssimo

tarde, quando afinal elas foram para a casa se Dorothy passar a noite. Mas a dica que eu devia ter notado de imediato foi o fato de que, em retrospectiva, as duas mulheres acharam que a experiência tinha sido não apenas estranha, mas também, por alguma razão qualquer, muito, muito perturbadora. Deveríamos estar sempre atentos para qualquer aparente disparidade entre causa e efeito, entre o que parece ser um *avistamento* inofensivo e uma reação emocional exagerada a ele. Tais disparidades indicam, com frequência, que o avistamento foi apenas a parte lembrada ao nível da consciência de um encontro mais longo e possivelmente traumático.

Foi só na segunda visita de Kathie a Nova York, em fevereiro de 1985, que eu pensei em examinar a fundo a sua experiência de "estar andando de farra com Dorothy e Roberta". Eram tantas as outras recordações que pareciam mais importantes, que, durante 16 meses, eu negligenciei por completo esse acontecimento de significado latente, com as três testemunhas. A 25 de fevereiro, nós decidimos explorar o primeiro do que Kathie passara a achar que foram dois ou talvez três encontros sucessivos, no final do inverno de 1977 e início da primavera de 1978. No princípio da sessão de hipnose, Kathie descreve que está andando de carro com as amigas, sem nada ver em volta a não ser trigais, mas que, em seguida, nota uma pequena luz que se move. Eu pergunto como ela está sentindo-se enquanto anda de carro.

KATHIE DAVIS: Bem, não estou com medo, porque Dorothy e Roberta estão aqui. Mas não estou gostando nem um pouco disso. Acho gozado. Está tão escuro e não há nenhuma outra pessoa por perto, e a coisa parece fantasmagórica. Me sinto meio arrepiada..., mas não é... é só uma espécie de... no fundo de minha mente. Estamos conversando sobre Tommy... apenas tentando imaginar o que vamos fazer depois de passar pela casa de Tommy para ver se ele está em casa... onde deveria estar. De forma que passa um pouco das duas da manhã e estão fechados os lugares em que podemos ir. Nós não poderíamos entrar em um bar... e não temos nenhum dinheiro, mas vamos achar alguma coisa para fazer. Eu só fico olhando para os lados... olho pela janela... observando... Estou observando aquilo. Elas estão conversando, e eu só observo... *(Longa pausa)*

BUDD HOPKINS: O que está acontecendo agora, Kathie?

KATHIE DAVIS: *(Após uma longa pausa)* Não sei... eu... eu... *(Solta um profundo suspiro)*

BUDD HOPKINS: Conte-me o que está acontecendo.

KATHIE DAVIS: Nada...

BUDD HOPKINS: Roberta e Dorothy ainda estão conversando?

KATHIE DAVIS: Não... só estão dirigindo bem devagar...

BUDD HOPKINS: Conte-me como você se sente enquanto anda de carro.

KATHIE DAVIS: Não sei. Estou formigando. Eu digo para Dorothy "olhe aquela coisa", e Roberta olha... ela se inclina por sobre o assento. Está um pouco para o leste, mas agora é como se estivesse à nossa frente... um pouco para a direita. Parece um... Digo para Roberta que é um OVNI. Depois eu e Dorothy caímos na gargalhada, porque Roberta ficou estatelada. Eu não... me sinto muito bem... sinto-me excitada com alguma coisa. Estou formigando toda... e ansiosa. Quero que ela pare para que possamos olhar. Não tem ninguém por perto. Não estou com medo. Só me sinto excitada. Não estou mais arrepiada. *(Longa pausa.)* Só estamos rodando pela estrada... bem devagar. Dorothy abriu a janela e está metendo a cabeça para fora... porque essa coisa ocupa todo o céu agora... está voando de leste para oeste e de oeste para leste, bem em cima de nós... e está ficando maior, mas... desaparece... como a luz de um estroboscópio. Primeiro aparece um clarão no leste e depois torna a piscar, e está no oeste, depois pisca outra vez e está bem na nossa frente, e acaba de passar por cima de nós e está ficando maior e estou... pensei que fosse um avião com as luzes de sinalização acesas, a princípio... porque estava muito distante, mas não é. Eu não estou... não estou assustada. Acho que é... esquisito..., mas estou excitada com alguma coisa... não sei com o quê. Quero sair para olhar. *(Suspira, depois pula como se tivesse levado um susto)*

BUDD HOPKINS: O que acabou de acontecer, Kathie?

KATHIE DAVIS: Não pude ver nada. Não sei. Foi como se alguma coisa tivesse disparado um *flash* no carro e agora estou mesmo com muito, muito frio... e não estamos andando mais. E eu estou... não consigo *ver* nada. Sei que ainda estou no carro... posso sentir isso..., mas Dorothy não está aqui. Não consigo ver. Está tudo tão preto... e ainda não tenho medo. Só fiquei surpresa. Quero sair do carro, mas não consigo. Minha mão está na maçaneta do car-

> ro, mas... eu gostaria de... eu quero sair Posso sentir o plástico e os pontos de costura do plástico [estofamento]..., mas não vai... não vai... *(Longa pausa)* É como se eu estivesse no carro, mas está escuro em toda parte. Lá fora eu posso ver... os trigais e o céu. E não consigo sair. *(Amedrontada e quase chorando, depois uma longa pausa)* Minhas... sinto minhas costas tão rígidas, e quero sair e não consigo sair... Não posso mexer meus braços, não posso mexer as pernas, não posso sair. Não consigo me mexer... posso sentir... posso sentir tudo. Posso respirar... posso ver... posso pensar... e sentir, mas não consigo me mexer. Sinto os braços e pernas tão frios e rígidos... pesados. Minha mão ainda está na maçaneta do carro, e eu não consigo sair. *(Falando em tom firme.)* Isso me faz mal, porque quero sair! Não quero ficar sentada aqui sozinha! Quero saber onde está Dorothy e não sei se Roberta está aqui ou não, porque não posso virar a cabeça para ver se ela está aqui atrás. Mas posso ver que Dorothy não está aqui ao meu lado. Eu nem ao menos sei se consigo falar. Mas não estou com medo, só estou mal.

Durante essa parte da experiência, Kathie parece encontrar-se no estado "desligado" de animação suspensa, que é encontrado com tanta frequência nos relatos de rapto por OVNI. Sua descrição bem precisa é de uma extrema semelhança com dezenas e dezenas de outros relatos. Por exemplo, em um caso de 1975 aludido antes, duas pessoas foram raptadas de um automóvel, ao passo que a terceira foi mantida em um estado de "animação suspensa" em um campo próximo. Sob hipnose, a jovem mulher descreveu sua experiência da seguinte maneira: "Alguma coisa... estava me segurando... uma força... que não parava de me segurar. Não me deixava mexer... eu estou grudada ali... uma força invisível." Perguntaram o que ela podia ver em volta, enquanto estava paralisada. "Só espaço aberto... eu estava parada em um campo e não conseguia me mexer... fiquei ali até que fizeram a força ir embora", e ela acrescentou, "eu estava sozinha."[60] Como Kathie, ela podia ver, tinha um certo nível de consciência, mas não tinha nenhuma liberdade de movimento. Ela havia sido neutralizada de maneira bem eficaz.

Pelo que se segue, bem como pelas observações que Dorothy fez quando a entrevistei, suponho que as duas mulheres foram raptadas

60- Lorenzen, pp. 56, 57.

naquela noite — foram levadas a bordo do OVNI que então estava aterrissado — e que foram agarradas em separado. Minha suposição — e trata-se apenas de uma suposição — é que Kathie foi agarrada primeiro, talvez momentos depois do clarão de luz dentro do carro, em seguida foi levada de volta ao carro e congelada no local. Nesse ponto, Dorothy foi raptada e, mais tarde, levada de volta à estrada. A consciência de ambas foi restabelecida, e Kathie saiu do carro para olhar a luz que desaparecia nesse momento. Não há nenhuma razão para acreditar que Roberta tenha sido levada, posto que, ao que parece, ela jamais teve reminiscências perturbadoras com relação ao acontecimento e, na verdade, mal se lembra dele. Talvez tenha ficado deitada no assoalho do carro enquanto tudo acontecia, mantida em um estado de animação suspensa um pouco mais profundo do que o das amigas. A recordação hipnótica de Kathie continua após uma pausa:

KATHIE DAVIS: Posso ver. Trigais e o céu.

BUDD HOPKINS: Você está olhando pelo para-brisa?

KATHIE DAVIS: Isso mesmo. *(Suspira)* Eu saio do carro.

BUDD HOPKINS: Você pode mexer-se de novo?

KATHIE DAVIS: Isso mesmo. Estou saindo do carro para observar. Ele está parado bem ali, e eu pergunto a Dorothy se ela ainda consegue ver. Ela está me dizendo que a coisa desapareceu.

BUDD HOPKINS: O que é "a coisa"?

KATHIE DAVIS: É a luz.

BUDD HOPKINS: Kathie, estou confuso. Dorothy estava parada do lado de fora? Onde ela estava quando você saiu?

KATHIE DAVIS: Eu saí, e ela está parada na frente do carro, na estrada, e só está observando o céu. Eu me aproximo e fico parada ao lado dela. Perguntei se ela podia ver a coisa, e ela disse que tinha desaparecido. De modo que voltamos para o carro. Roberta levanta-se no assento traseiro e pergunta se a coisa desapareceu. Nós respondemos que sim. Acabamos de partir... e eu me sinto engraçada... observando o céu.

BUDD HOPKINS: Que momento é esse, Kathie?

KATHIE DAVIS: Eu... na vez seguinte em que ela olhou para o relógio, nós estávamos na cidade, e é provável que tenhamos andado dez minutos de carro e eram quatro e meia mais ou menos. Eram mais

ou menos quatro e quinze. Hum.

BUDD HOPKINS: O que significa isso?

KATHIE DAVIS: Porque quando nós olhamos para o relógio, ela disse “o tempo voa quando a gente está se divertindo”. Não sei...

BUDD HOPKINS: Você disse-me que eram duas horas, há pouco tempo?

KATHIE DAVIS: Isso mesmo, porque tínhamos acabado de voltar da pizzaria, e ela saiu à uma, e nós estávamos indo ver se Tommy estava onde devia estar. Não sei... não sei por que fiquei sentada tanto tempo... não pareceu tanto tempo assim... Parece ter sido apenas cinco minutos. Não estamos cansadas...

Nesse ponto da hipnose, eu sugeri que retrocedêssemos ao momento em que Dorothy parou o carro pela primeira vez para olhar o OVNI. Eu disse a Kathie para concentrar-se nesse momento em que estava olhando a luz voadora parecida com as luzes de sinalização.

KATHIE DAVIS: Eu estava fazendo o que você disse, e ela estava voando em volta e... Não sei, eu vi alguma coisa preta. Foi engraçado... bem em cima do carro... O céu estava escuro, mas aquilo foi mais escuro e era grande e comprido... e a coisa... não consigo descrevê-la. Eu nunca vi uma coisa assim antes.

BUDD HOPKINS: É tão grande quanto o carro?

KATHIE DAVIS: Isso mesmo. Era maior.

BUDD HOPKINS: Tinha alguma forma especial?

KATHIE DAVIS: Não. Era apenas... era parecida com uma nuvem preta. Meio arredondada, curva... mais ou menos inchada. Não sei, não consigo descrever., Era mesmo muito grande e parecia uma nuvem preta um pouco curvada.

BUDD HOPKINS: Você tem a sensação que Dorothy também pode ver quando ela olha para cima, ou apenas você vê? Você está olhando para cima através do para-brisa, ou está olhando para fora através da janela?

KATHIE DAVIS: Estou olhando para cima através do para-brisa, mas não preciso ir muito à frente. Eu apenas me agarro e me inclino para a frente, porque a coisa está vindo pela frente, na direção do carro, acima de nós. E é tão rápida. Só que é toda preta... e não está mais iluminada.

BUDD HOPKINS: Você disse antes que estava sentindo um formigamento e que tinha dificuldade para se mexer. Isso faz parte do que está acontecendo agora ou ainda não aconteceu ou o quê?

KATHIE DAVIS: Ainda não aconteceu.

BUDD HOPKINS: Vamos continuar com isso. A nuvem preta está vindo na direção do carro pela frente? Estou certo ou errado quanto a isto?

KATHIE DAVIS: Certo.

BUDD HOPKINS: E agora o que acontece?

KATHIE DAVIS: Tem um clarão.

BUDD HOPKINS: Foi o clarão que você disse que estava dentro do carro? Como uma lâmpada de *flash*?

KATHIE DAVIS: *(Em tom suave)* Sim.

BUDD HOPKINS: Não veio de fora?

KATHIE DAVIS: Não.

BUDD HOPKINS: Dentro do carro. Estou tentando juntar os detalhes a fim de poder seguir a história. O que está acontecendo agora, Kathie?

KATHIE DAVIS: Está... *(Se mexe continuamente como se estivesse sentindo dor)* Não estou gostando disso. Eu não quero...

BUDD HOPKINS: *(A acalmo: você está bem segura, etc.)*

KATHIE DAVIS: *(Chorando)* Eu não gosto mesmo disso. Faz meu estômago doer.

BUDD HOPKINS: O que faz seu estômago doer, Kathie?

KATHIE DAVIS: Não sei. Não sei. Só que eu... eu não consigo me mexer, e é como se eu estivesse sendo apertada, e eu não gosto disso. *(Geme sentindo uma dor evidente)* Sinto como se minhas pernas estivessem sendo arrancadas do corpo... da cintura para baixo.

BUDD HOPKINS: Você está sentada no carro enquanto isso acontece ou...

KATHIE DAVIS: Eu não sei. Sim. Não. *(Gemidos)* Estou deitada... *(tremendo, gemendo)* ...estou deitada, mas minhas pernas estão flutuando. Sinto como se estivesse sendo puxada com muita força. Só que eu... eu não gosto disso... Sinto como se me estivessem puxando. Mas não dói... só que é demais... esquisito. *(Suspira)*

BUDD HOPKINS: O que está puxando?

KATHIE DAVIS: Não sei. Não tem nada me tocando. Só que é como se minhas pernas fossem... puro metal e houvesse um enorme ímã me puxando. Posso sentir esse puxão em todo corpo...

BUDD HOPKINS: Ele não dói?

KATHIE DAVIS: Não, mas não gosto disso.
BUDD HOPKINS: O que você pode ver enquanto isso acontece?
KATHIE DAVIS: Preto.
BUDD HOPKINS: Seus olhos estão fechados?
KATHIE DAVIS: Estão.
BUDD HOPKINS: Você quer ver?
KATHIE DAVIS: Não! Se eu não olhar, não vou sentir tanto medo... Estou quente da cintura para baixo e fria da cintura para cima e meu... *(Suspira, geme "oooh")* Sinto como se estivesse... *(geme)* ...sinto como se estivesse tendo um desses gine-... desses... alguém... tenho cólicas muito fortes...
BUDD HOPKINS: Tudo bem, Kathie, isso vai passar. Vai passar. É no seu intestino?
KATHIE DAVIS: Em meu... no lugar onde fica meu útero, bem embaixo, como se eu fosse ter minha menstruação... *(geme)* É forte e dói. É como uma dor de dente... um bocado de pressão... Oh!... oh, é como se alguém estivesse me pressionando com *muita força mesmo*... sacudindo e pressionando, bem lá dentro. *(Suspira de dor)* Ooh!
BUDD HOPKINS: Quando você diz que é como se fosse alguém, você sente mãos ou sente apenas uma pressão geral ou o quê?
KATHIE DAVIS: É como um dedo.
BUDD HOPKINS: Um dedo. Em seu abdome ou em você?
KATHIE DAVIS: É... sinto como se estivesse dentro de mim. *(Gemidos)*
BUDD HOPKINS: Em sua vagina ou onde?
KATHIE DAVIS: Não. Em meu... bem embaixo. *(Suspira)* Bem em cima de minha... bexiga e tecido. Bem lá dentro. *(Suspira)* Sinto-me apertada. *(Agora sussurrando)* Não consigo me mexer.
BUDD HOPKINS: Em que posição você está enquanto isso acontece, Kathie?
KATHIE DAVIS: Estou deitada. Acabou... parou.
BUDD HOPKINS: Você disse que estava fria da cintura para cima e quente da cintura para baixo?
KATHIE DAVIS: Isso mesmo. Uma espécie de sensação de ardor da cintura para baixo. Não consigo me mexer.

Nesse ponto, é evidente que terminou a parte ginecológica do ex-

ame e o que quer que tenha causado a pressão na região de seu útero — o "sacudindo e pressionando, bem lá dentro" — já foi retirado. O único desconforto que permanece nessa região é uma sensação de ardor generalizado. Eu pergunto a Kathie sobre o tipo de roupa que ela está usando durante essa provação, e, após alguns momentos, ela responde que não sabe, mas pode descrever como sente a roupa: "suave... sedosa... escorregadia é uma palavra melhor..." Pergunto como está seu estado geral, agora que cessou a pressão. Ela suspira e diz "eu me sinto arrasada". Mas, de repente, aparecem novas sensações:

KATHIE DAVIS: Agora sinto a mesma coisa do lado... e no peito. Sob meu seio direito, um pouco mais à direita... um som de sucção, um vácuo, posso ouvir, parece um canudo no fundo de um copo.

BUDD HOPKINS: Você sente ou ouve isso?

KATHIE DAVIS: Sinto pressão do lado do corpo, mas eu ouço também. Não sinto dor nenhuma. *(Suspira)* Muito vago... *(Solta um suspiro profundo)*

Eu estava muito interessado em descobrir o que Kathie podia ver nessa situação, embora ela ainda não quisesse abrir os olhos e dar uma olhada em volta. Parecia ser o momento ideal para empregar o truque da cortina, de modo que expliquei o que iríamos fazer. Na contagem de três, Kathie abriu a cortina imaginária e espiou. Perguntei o que ela viu.

KATHIE DAVIS: Um quarto.

BUDD HOPKINS: Diga-nos algumas coisas que você vê... Tem alguma mobília no quarto, portas e janelas, luzes? Você deu uma boa olhada. Ninguém lhe viu...

KATHIE DAVIS: Não sei como se chamam. Não sei o que são. Uma balaustrada... com coisas nela. Não sei... Eu não sei. *(Suspira)*

BUDD HOPKINS: Em geral, as balaustradas estão relacionadas com balcões, escadas e coisas assim. Tem alguma escada ou balcões aí?

KATHIE DAVIS: Uma espécie de balcão, mas eu não sei o que é. A balaustrada tem... alças... não sei. Parecem alças, e tem um buraco na parede com uma coisa que se projeta para fora e desce para onde se está e... *(Suspira)*

BUDD HOPKINS: Você está sozinha nesse quarto ou vê suas amigas ou o

quê?

KATHIE DAVIS: Eu não sei. Agora estou sentada em alguma coisa. Não tem ninguém aqui além de mim... está iluminado, mas não vejo lâmpadas. Acho que tem um vão de porta, mas não tem nenhuma porta e tem um tipo de curva... que dá para fora, para alguma outra coisa... É bem esquisito... Eu estou ficando cansada de verdade. Quero deitar. *(Longa pausa, suspiro, agitação)*

BUDD HOPKINS: Que está acontecendo, Kathie? Aconteceu alguma coisa. Diga-me o que foi. Você está a salvo aqui com seus amigos. Conte-me o que está acontecendo...

KATHIE DAVIS: *(Em tom suave)* Alguém falou comigo. Tem mais alguém aqui além de mim, e eu não quero olhar. Se eu não olhar, eu estarei bem.

BUDD HOPKINS: Você está bem agora, Kathie, está a salvo.

KATHIE DAVIS: Não. Não estou a salvo.

BUDD HOPKINS: *(A acalmo)* Conte-nos quem foi que entrou aí com você.

KATHIE DAVIS: Acho que eles estavam ali o tempo todo, e eu apenas não os vi.

BUDD HOPKINS: Qual a aparência deles? Quem são?

KATHIE DAVIS: Não sei! Eu não quero... eu não os vejo. Eu os ouço.

BUDD HOPKINS: Que está acontecendo, Kathie?

KATHIE DAVIS: Eu só estou deitada aqui, com as pernas para cima... eles estão em cima de um degrau. Eu estou deitada.

BUDD HOPKINS: Mas suas pernas estão em um nível mais elevado do que seu corpo?

KATHIE DAVIS: Isso mesmo. É gostoso. Eles me disseram para descansar. *(Solta um suspiro profundo)* Acabou.

Pergunto a Kathie o que ela quer dizer, e ela apenas repete a frase "acabou", com a indicação de que algum tipo de operação física terminou, acabou. Peço que Kathie descreva as pessoas que estão com ela no quarto, e mais uma vez ela se recusa a abrir os olhos e olhar. Assim, mais uma vez, usamos o artifício da cortina. Após ela espiar, eu indago sobre o que ela vê. "É só ele... é o mesmo rosto." Como ela irá explicar após o término da hipnose, trata-se da mesma figura pequena de rosto cinza que Kathie havia visto antes. Mas, nesse exato momento, ela quer acordar e pôr um fim à sessão. Kathie solta um suspiro profundo

e quando pergunto o que aconteceu, ela responde "nada, vai em frente. Eu não quero... mais..."

Sua voz está triste e resignada quando começo a contagem regressiva para tirá-la do estado de transe.

Em geral, quando realizo uma sessão de regressão hipnótica, tento ter uma terceira pessoa na condição de observador, e, nesse caso, uma mulher de nome Rosemary — também uma raptada — estava presente, observando o procedimento. Depois que Kathie saiu do estado de transe, ela conversou conosco sobre suas lembranças. Ela havia ficado muito "arrepiada" e tinha certeza de que alguma coisa havia penetrado seu útero. A presença de uma outra mulher — e Rosemary é uma ouvinte boa e simpática — facilitou que Kathie falasse acerca de sua experiência. Não houve nada de agradável naquilo tudo, nada de erótico. Ela foi penetrada por algum tipo de sonda, que achou que havia entrado bem fundo nela. A pressão que sentiu foi bem real, assim como as sensações de ardência. Kathie não tinha nenhuma ideia do que pensar da experiência, a não ser que não tinha a menor intenção de passar por outra operação como essa, nem na realidade nem em rememoração hipnótica. Tinha sido muito desagradável. Examinando o que ela se lembrou, esta parece ser a sequência dos acontecimentos: primeiro há o clarão de luz e ela se vê deitada em alguma espécie de mesa ou plataforma. Seu estômago dói, e as pernas estão sendo puxadas para longe do corpo. Recusando-se a abrir os olhos, ela descreve, em seguida, um tipo de operação ginecológica, que causa uma sensação parecida com um formigamento e uma pressão firme e profunda na região do útero. A pressão é exercida por alguma coisa do diâmetro de um dedo, mas, ao que parece, é retirada e seguida por uma sensação de ardência "da cintura para baixo". A seguir, mudando mais para o alto do corpo, para o peito, Kathie sente uma pressão semelhante e ouve o barulho de sucção, "como o barulho de um canudo no fundo de um copo". O cenário onde isso está acontecendo tem uma iluminação por igual, é um local mais ou menos sem traços definidos, com um tipo de balaustrada em torno. Ela torna a deitar-se, sentindo-se muito cansada, com as pernas erguidas acima do nível do corpo e, no final, Kathie vê uma figura pequena, de pele cinza e olhos grandes, talvez a mesma de que se lembra de outros encontros.

Uma das coisas que andei fazendo ao pesquisar a contínua série de

experiências estranhas de Kathie, fossem ou não abertamente relacionadas com OVNI's, foi manter um registro cronológico dessas experiências, que pudessem se cruzar com outros acontecimentos importantes de sua vida. Segundo os cálculos tanto de Kathie quanto de Dorothy, esse encontro especial com um OVNI ocorreu no final de 1977, por volta da época em que Kathie, aos dezoito anos de idade, começou a se encontrar com seu futuro marido. Desse modo, a data de sua primeira gravidez e a data dessa experiência com OVNI estão dentro do mesmo estreito limite de tempo. Como foi relatado no *capítulo 3*, Kathie descobriu que estava grávida no início de 1978, e, como resultado disso, a data do casamento foi antecipada do final da primavera para abril. A gravidez foi confirmada tanto pela análise da urina como pelo teste de sangue: não havia dúvida quanto a este fato, nem em sua opinião nem na opinião do médico. Mas, depois, como o leitor há de lembrar, Kathie teve um período menstrual normal em março, fez um segundo teste de gravidez e descobriu que não estava mais grávida. Ela ficou perturbada, e o médico, claro, ficou um tanto ou quanto intrigado. "Não sei o que aconteceu", ele disse para Kathie. "Acho que é melhor nós esquecermos isso."

Uma tarde, Kathie contou-me sobre essa descoberta. "Eu tive uma menstruação normal, nem mesmo tão forte como às vezes eu tinha. Eu *sabia* que tinha perdido meu bebê. Minha mãe disse que vez por outra se tem uma menstruação leve, ou fica manchada, ou seja, lá o que for, mas mesmo assim se pode estar grávida, porém eu *sabia* que não estava. Dorothy estava indo ao Planejamento Familiar nesse dia a fim de se preparar para um diafragma, e eu fui com ela. Eles fazem testes de gravidez gratuitos. Quando ela entrou, eu entrei para fazer o teste, mas já sabia qual seria o resultado. Roberta estava conosco. Eu terminei antes de Dorothy sair e quando entramos no carro dela, eu fui para o assento traseiro e não conseguia parar de chorar. Fiquei dizendo 'eles levaram meu bebê... eles levaram meu bebê'. Chorei tanto que elas não souberam o que fazer comigo. Mas eu sabia que alguém tinha levado meu bebê."

Eu estava consciente de que Kathie achava que tinha tido, pelo menos, mais uma outra experiência com OVNI durante o mesmo período, mas eu ansiava explorar isso, com uma certa dose de medo também. Um dia, Kathie mencionou que havia tido algumas sensações

muito estranhas, em uma ocasião em que tomava conta do bebê da irmã Laura. Como ocorre com frequência com os pesquisados, uma vez que eles tenham começado o processo de regressão hipnótica, as lembranças esquecidas de Kathie começaram a aflorar na superfície de modo consciente, espontâneo, sem que a hipnose fosse necessária. Muitas vezes, essas lembranças eram apenas fragmentárias, mas mesmo assim proporcionaram novas informações e novos campos específicos para a exploração hipnótica ainda mais a fundo. Entretanto, foi só em outubro de 1985, durante a terceira visita de Kathie a Nova York, que decidimos agir sobre suas sensações intuitivas e explorar a possibilidade de que alguma coisa houvesse acontecido a ela, numa noite do início de 1978, quando ela se encontrava na casa de Laura. A hipnose revelou um acontecimento crucial e pessoalmente trágico na vida de Kathie.

Quando preparamos o cenário, Kathie descreveu que estava se sentindo nervosa e apreensiva. Ela estava grávida e, para começar, não estava em um de seus melhores dias, e a região rural e isolada da casa de Johnny e Laura sempre a deixava intranquila.

KATHIE DAVIS: As crianças estão na cama dormindo, e eu estou no quarto de Laura assistindo tevê. Eu conversava pelo telefone com Eddie *(o futuro marido)*. Fiquei pensando que eu... nunca vi coisa alguma, mas tinha a sensação de que alguém estava me observando pela janela dos fundos. E fiquei com medo de que fosse um ladrão ou algo parecido que estivesse na casa. Fiquei muito nervosa. *(Longa pausa)* Fiquei muito nervosa e tive que sair do quarto. Fui deitar-me no sofá para assistir mais um pouco de tevê. Achava que a coisa não estivesse na sala de estar... só naquele quarto. *(Pausa muito longa)*

BUDD HOPKINS: Depois que você foi para a sala de estar assistir tevê, a sensação desapareceu?

KATHIE DAVIS: Isso mesmo.

BUDD HOPKINS: O que você assistiu na tevê?

KATHIE DAVIS: O *programa de Bob Newhart*. Depois *Mary Tyler Moore*. Reprises.

BUDD HOPKINS: *(Pergunta como ela sente o corpo, diz que ela pode experimentar as sensações da maneira mais exata, etc.)* No final da

noite, como você sentia o corpo? Como sentiu antes?

KATHIE DAVIS: Cansada. E pesada. *(Pausa)* E suave. *(Pausa mais longa)* Sinto como se alguém estivesse tocando em mim. Meus olhos estão fechados. Ainda estou no sofá. De uma certa maneira, é muito gostoso mesmo. *(Suspira em tom nervoso)* Assim que eu comecei a sentir, eu dei um salto, mas não abri o olho em momento algum. E depois de alguns instantes, eu já não sentia mais medo. É muito gostoso mesmo.

BUDD HOPKINS: Onde você está sendo tocada? Que parte de seu corpo?

KATHIE DAVIS: Meu rosto, acariciando meu rosto e meu ombro, é suave mesmo.

BUDD HOPKINS: Como um carinho?

KATHIE DAVIS: Só que sem parar. É bom. Muito suave mesmo. *(Longa pausa)* E eles esfregam, alguém esfrega a parte baixa de minhas costas com muita suavidade.

BUDD HOPKINS: Eles lhe viraram, ou você virou-se no sofá, ou como funciona a coisa?

KATHIE DAVIS: Estou de lado no sofá. De rosto para o encosto do sofá. E eles vieram por trás de mim, e então, a princípio, eu pulei, mas depois eu... logo em seguida eu não sentia mais medo. *(Longa pausa)*

BUDD HOPKINS: Que está acontecendo agora, Kathie?

KATHIE DAVIS: Nada.

BUDD HOPKINS: Ainda está sendo tocada?

KATHIE DAVIS: Hum, hum. *(Pausa)* Sensação meio engraçada, mas não é má. Serena, mas toda arrepiada. Muito quente e gostoso. Arrepiada mesmo. Só... tudo bem. Sinto minhas pernas engraçadas. *(Longa pausa, solta um suspiro profundo)* Sinto como se estivesse sendo rompida. Mas não dói.

A descrição que Kathie dá até aqui encontra eco semelhante com o começo de outras experiências de rapto pelas quais ela passou — a sensação quente e confortável, seguida de um formigamento geral e, em seguida, como na experiência "ginecológica" de 1977, a sensação de que suas pernas estão sendo abertas. Quando nessa sessão de hipnose, eu fiz uma série de perguntas, manipulando de modo deliberado para ver se as recordações de Kathie tinham alguma ligação com as típicas fantasias sexuais, ela resistiu a minha tentativa de conduzi-la

nessa direção; a experiência pareceu, mais uma vez, puramente objetiva e clínica, um acontecimento real e intrigante e não uma fantasia erótica. Indaguei se Kathie ainda estava deitada no sofá de Laura, e ela respondeu dizendo que não sabia.

KATHIE DAVIS: Não consigo mexer minhas pernas. Eu me sinto... meio entorpecida... posso sentir... alguma coisa... grande... grande demais..., mas que não dói.

BUDD HOPKINS: Onde você sente isso, Kathie? Essa coisa que é grande demais?

KATHIE DAVIS: *(Suspira com óbvio desconforto)* Sinto-me como uma flor aberta. *(Suspira)* Não dói. Não dói. Não, nem um pouco. Eu só estou... *(Pausa)* É esquisito demais, parece muito aberto... demais...

BUDD HOPKINS: O que parece muito aberto, Kathie?

KATHIE DAVIS: Eu.

BUDD HOPKINS: É o seu dorso ou alguma parte especial de seu corpo? Que parte de seu corpo você sente aberta demais?

KATHIE DAVIS: *(Suspira e segue-se uma longa pausa)* Todas as minhas partes femininas... Não dói. Posso sentir a coisa, mas não sinto dor. É mesmo... é gostoso, de uma certa maneira. É estranho.

BUDD HOPKINS: Você sente excitação?

KATHIE DAVIS: Não... só é agradável.

BUDD HOPKINS: Há alguma sensação em seu clitóris, a sensação de você estar sendo tocada aí de alguma maneira?

KATHIE DAVIS: Não aí.

BUDD HOPKINS: Mais para fora, ou mais para dentro, ou onde?

KATHIE DAVIS: Mais para dentro.

BUDD HOPKINS: Você se sente como se tivesse sido aberta?

KATHIE DAVIS: Hum, hum.

BUDD HOPKINS: Você sente como se houvesse alguma coisa dentro de você?

KATHIE DAVIS: Alguma coisa muito grande.

BUDD HOPKINS: Isso parece ser parte de uma pessoa, ou um instrumento, ou como é que você sente?

KATHIE DAVIS: Não sei.

BUDD HOPKINS: Sente como se fosse algo duro, flexível, ou o quê? Como você sente essa coisa?

KATHIE DAVIS: Só é dura.

BUDD HOPKINS: Sente que essa coisa está dentro de você mais para cima, ou mais para baixo, próxima à entrada de sua vagina, ou onde?

KATHIE DAVIS: Em toda parte. Em tudo.

BUDD HOPKINS: Enquanto isso acontece, você consegue ver alguma coisa?

KATHIE DAVIS: Não.

BUDD HOPKINS: Seus olhos estão abertos ou fechados?

KATHIE DAVIS: Não sei. Não sei. Só que não consigo ver coisa alguma.

BUDD HOPKINS: Alguma coisa foi dita?

KATHIE DAVIS: Não.

BUDD HOPKINS: Você disse algo?

KATHIE DAVIS: Não. Só que é tão... incomum... parece tão estranho.

BUDD HOPKINS: Kathie, você já passou por um exame ginecológico. Isso se parece? Ou é diferente? Ou em parte é parecido e em parte diferente?

KATHIE DAVIS: Um tipo de... igual quando o médico enfia a coisa e abre bem. Só que agora está mais aberto. Muito mais.

BUDD HOPKINS: Você sente algum tipo de estiramento?

KATHIE DAVIS: Isso mesmo, todo o meu quadril e tudo..., mas não dói muito. Posso sentir... é tão estranho... quase agradável. *(Longa pausa)*

BUDD HOPKINS: Quando você sente essa abertura de um jeito quase agradável, você sente que há algum tipo de movimento, ou alguma coisa que muda nisso? Ou a sensação permanece a mesma durante um longo tempo?

KATHIE DAVIS: Permanece igual algum tempo. *(Longa pausa)*

BUDD HOPKINS: Kathie, você descreveria essa sensação como sendo uma sensação sexual, do mesmo jeito que você sente quando é tocada de um modo gostoso e sexual? Ou é mais neutro, do mesmo jeito que você sentiu quando lhe esfregavam os ombros? Há algum modo de você descrever suas sensações?

KATHIE DAVIS: *(Após uma longa pausa)* Mais lento. Como que suave. *(Longa pausa)*

BUDD HOPKINS: Você tem alguma ideia do que está acontecendo, qual a razão disso?

KATHIE DAVIS: Não. Eu realmente não me importo.

BUDD HOPKINS: Você ainda está deitada de costas no sofá?
KATHIE DAVIS: *(Voz bem tranquila, como se estivesse dormindo)* Eu não sei. *(Depois de uma pausa muito longa)* Alguma coisa não está direito.
BUDD HOPKINS: O que a faz dizer isso, Kathie?
KATHIE DAVIS: Não sei. Minhas costas começam a doer.
BUDD HOPKINS: Sua coluna?
KATHIE DAVIS: Não. *(Geme, muito agitada de repente. Começa a tremer e depois a chorar)*
BUDD HOPKINS: Conte-me o que está acontecendo, Kathie.
KATHIE DAVIS: Não!

Nesse ponto, tentei acalmá-la, dizendo-lhe que as sensações iriam diminuir e que aos poucos acabariam, mas ela contorcia-se com uma óbvia dor profunda. Perguntei o que estava acontecendo, onde a dor estava localizada, etc., mas ela não estava em estado de falar. Foi um momento assustador, a pior experiência que ela já havia tido sob hipnose. No final, ela recompôs-se mais ou menos e respondeu minha pergunta sobre o que estava sentindo.

KATHIE DAVIS: Como se eu estivesse sendo esmagada... meu estômago... *(suspira)*
BUDD HOPKINS: Foi uma sensação súbita?
KATHIE DAVIS: Foi.
BUDD HOPKINS: Foi muito dolorosa, imagino.
KATHIE DAVIS: Até minhas costelas estão doloridas...
BUDD HOPKINS: *(A acalmando, dizendo que a dor desapareceria, etc.)*
KATHIE DAVIS: *(Suspira, depois geme de leve)* É... é... é...
BUDD HOPKINS: O que você quer dizer, Kathie?
KATHIE DAVIS: *(Em tom suave)* Eu só quero gritar.
BUDD HOPKINS: Gritar de dor?
KATHIE DAVIS: Não.
BUDD HOPKINS: *(Percebendo sua agitação)* Por quê? O que faz com que você queira gritar? Você devia dizer para mim, Kathie, neste exato momento, por que você quer gritar? Você se sentirá melhor depois se me contar quais são suas sensações...
KATHIE DAVIS: *(De repente, em um tom de voz alto, queixoso)*

> Não! *(Soluçando)* Não está direito, não é justo! NÃO É JUSTO! ELEÉMEU! É MEU! *(Soluçando)* EU TE ODEIO, EU TE ODEIO!... NÃO É JUSTO!

Imaginei o que havia acontecido e pouco depois que tirei Kathie do transe, ela confirmou. Eles haviam tirado seu bebê. Tentei confortá-la, dizendo-lhe que era cruel o que eles tinham feito, que não tinham nenhum direito de fazer, que ela tinha toda razão de sentir tanta raiva. Falar com Kathie nesse momento, tentar acalmá-la e ajudá-la a desabafar seus sentimentos, foi a coisa mais difícil que já fiz desde que comecei a explorar esse fenômeno estranho e, pelo menos pelos nossos padrões, cruel às vezes. Kathie continuou a soluçar desesperada, os ombros balançando e as lágrimas rolando por suas faces. Comecei a falar sobre seus filhos Robbie e Tommy e sobre como eram crianças adoráveis. Tentei lembrá-la que ela voltaria para casa dentro de pouco tempo e que seria maravilhoso rever os garotos. Havia pouca coisa que eu podia fazer, a não ser deixar que seus sentimentos fluíssem. Depois que ela se acalmou um pouco, eu perguntei se eles — aqueles que haviam feito aquilo com ela — alguma vez lhe haviam dito o motivo, se haviam apresentado alguma razão. Kathie respondeu com uma voz fria de raiva: "não". Perguntei se alguma vez ela havia dito algo para eles, se havia dito que tinha sido cruel, que eles não tinham nenhum direito de pegar seu bebê. Ela falou quase em um suspiro, em fúria calma: "eu gritei com eles". Depois, em uma triste e irônica mescla de incompreensão e profunda perda pessoal, Kathie acrescentou: "e os filhos da puta pareceram surpresos".

CAPÍTULO 7

Outras Mulheres, Outros Homens

Eu não tenho meios de transmitir nestas páginas a autenticidade emocional de centenas de cartas e telefonemas que tenho recebido e as entrevistas que realizei no decorrer dos últimos seis ou sete anos de pesquisa sobre os OVNI's. Não tenho como tentar fazer justiça ao mistério, dor e confusão que tenho ouvido de tantas pessoas diferentes, cujos relatos são, em seu centro, tão semelhantes. Este livro está sendo escrito em parte pela frustração, na esperança de que em um determinado estágio a mente particular, a voz e a presença física de um indivíduo como Kathie Davis assume a forma de realidade. Mas existem centenas, talvez milhares de homens e mulheres como ela, que também passaram por esses estranhos encontros não solicitados. Cada rapto apresenta um mistério especial e separado e, em alguma extensão, no final cada qual é uma tragédia pessoal.

Alguns meses após os momentos emocionais que vivi com Kathie testemunhando seu horror e perda privada, recebi uma carta de uma mulher do norte de Nova York. A maioria das cartas e telefonemas que recebo são de indivíduos estáveis e articulados, que quase sempre começa com um pedido de desculpa: "É provável que essa história não seja nada, mas...", ou então "Espero não estar fazendo com que você perca tempo, mas quando eu tinha cerca de sete anos, tive uma estranha experiência que nunca consegui tirar da mente..." De modo típico, uma mulher escreveu na esperança de que eu ou alguma outra pessoa pudesse ajudá-la a pôr fim a um medo especial: "Tenho quarenta anos de idade", ela disse, "e sou, em geral, uma esposa e mãe normal e feliz. Mas durante a vida inteira tive que dormir com uma lâmpada de 100

w acesa no quarto, posto que um repetido sonho de infância sobre algumas figuras pequenas de pele cinza...” E assim por diante. Algumas cartas — muito raras — são de evidentes psicóticos, que, em geral, são fáceis de se identificar e cujas histórias raramente ostentam uma semelhança superficial com o cenário básico de rapto por OVNI.

Em algumas ocasiões, eu recebo cartas de pessoas que acredito serem normais, que tiveram autênticas experiências com OVNI’s — raptos —, mas que ficaram por demais oprimidas para conseguirem lidar com essas experiências com algum grau de equilíbrio e calma. A maioria desses remetentes, tenho certeza, é sincera e sã em sua essência, mas que agora oscila à beira do colapso mental, tentando manter-se íntegra diante da radicalidade perturbadora dessas experiências traumáticas. A carta que recebi em junho de 1985, da jovem mulher da região norte de Nova York, entra nessa categoria. Ela parecia ser uma pessoa sã em cada aspecto; uma mulher que havia passado por experiências devastadoras, mas que tentava desesperadamente suportar e descobrir o que havia acontecido consigo. A carta ostentava uma forte qualidade de súplica. Ela queria — necessitava — ajuda imediata.

“Andréa” havia lido meu livro *Missing Time* e queria contar-me os vários “sonhos” de infância dos quais se recordava e que apresentavam íntima semelhança com os incidentes relatados no livro. Telefonei para ela numa noite e nós conversamos, combinando um encontro para dali a uma semana. Ela pareceu triste, honesta e com um medo profundo. Repetiu várias e várias vezes “por favor, acredite, estou dizendo a verdade. Você tem que acreditar em mim”. De fato, tudo que ela me contou pareceu plausível e bem dentro dos padrões do fenômeno OVNI, que aprendi a reconhecer. Andréa nunca havia passado por uma regressão hipnótica, mas recordava-se de vários encontros de infância, assim como de um incidente bem recente, motivo da carta. Cerca de seis semanas antes de escrever para mim, ela “sonhou” que tinha acordado no quarto com uma figura baixa e de pele cinza parada ao lado da cama. O homem com quem ela vivia estava dormindo ao seu lado, mas ela não pôde se mexer para alertá-lo de algum modo. Ela foi retirada flutuando da cama, atravessou um campo que havia atrás do apartamento e foi levada para dentro de um OVNI. Em seguida, enquanto ela estava paralisada em cima de uma mesa, a figura baixa enfiou uma agulha comprida em sua narina, causando-lhe dor ao romper o topo

da cavidade nasal. Sua memória termina aqui, mas ela despertou pela manhã com sangue na camisola e nas roupas de cama, proveniente de uma hemorragia nasal que havia sofrido em algum momento durante a noite.

Andréa também me contou sobre uma cicatriz comprida e reta, que ela tem desde a infância. Ela recordou-se que quando era muito nova, talvez com seis anos de idade, estava deitada em uma mesa, em um pequeno quarto redondo, iluminado por uma estranha luz rósea. Suas recordações acerca desse fato não eram de clareza absoluta, mas ela lembra de um homem baixo fazendo alguma coisa em seu peito. Esta e outras lembranças detalhadas sugeririam o modelo padrão das experiências de rapto por OVNI, embora ela achasse mais confortável referir-se a elas sempre como sendo sonhos. Para realizar seu desejo de ajuda imediata e para adotar minha crença no sistema de ajuda mútua, que descrevi antes, a coloquei em contacto com uma jovem de idade parecida com a sua, uma raptada cujo caso já havia sido investigado. "Louise" conversou com ela pelo telefone, e, alguns dias depois, nós dois fizemos a viagem de quase três horas até a casa de Andréa, ao norte de Nova York.

Ela é uma mulher baixa, delgada e bonita, que, como é óbvio, sofria de ansiedade aguda. Eu e Louise tentamos acalmá-la, assegurar que ela estava a salvo e que devia procurar algum tipo de ajuda terapêutica. Ficou claro que foi um grande auxílio o fato de Andréa enfim poder conversar com pessoas que levavam a sério seu relato e, quando fomos embora, era notável como ela estava mais calma do que quando chegamos. Andréa é um tanto ou quanto acanhada, de modo que saí do aposento por alguns minutos para dar chance a Louise de conversar com ela de mulher para mulher — e também para que pudesse examinar a cicatriz. Ela é horizontal, tem cerca de 5 centímetros de comprimento e está localizada bem abaixo do seio esquerdo. No decorrer da conversa, Andréa mencionou que em seu "sonho" recente um homem baixo de pele cinza e olhos brilhantes e negros também tinha feito alguma coisa em suas costas, algo que causava dor ao longo de sua espinha dorsal. Louise pediu que ela levantasse a blusa para que ela pudesse dar uma olhada e ficou espantada ao ver um diminuto corte vermelho, que corria talvez uns 8,5 cm de linha reta, no centro das costas. Era tênue, porém ainda visível, como se fosse um ferimento recente que já tivesse

cicatrizado. Esse corte — do qual Andréa não havia tomado conhecimento — era, é claro, uma nova e inesperada prova, que ajudou a dar apoio à exatidão de seus outros relatos.

Desviei-me aqui do caso Copley Woods e das várias experiências de Kathie com OVNI's por uma razão importante: para sugerir ao leitor alguns dos outros casos de rapto que examinei, que também têm as características de experiência genética. Assim que comecei a investigar o caso Kathie Davis, supus que fosse mais ou menos um dos tipos, mas esses relatos posteriores estabeleceram isso de modo efetivo como sendo típico demais. Durante minha primeira conversa telefônica com Andréa, eu trouxe à baila o tema de sua saúde física. Perguntei sobre quaisquer anomalias, quaisquer problemas médicos estranhos e não resolvidos e, como faço com frequência, acabei atirando no que via e acertando o que não via. Mencionei coração e respiração e outros tópicos deliberadamente enganadores, mas a seguir indaguei acerca de circunstâncias incomuns relacionadas com gravidez. Nós havíamos conversado um bocado antes de entrarmos nesse tema, mas Andréa anunciou rápido que alguma coisa estranha havia acontecido quando ela estava com treze anos. "Budd, eu fiquei grávida", ela disse, "mas nessa época eu não havia feito coisa alguma com um rapaz. Eu nem ao menos conhecia muitas coisas sobre sexo. Eu tinha apenas treze anos. Eu só sonhei que aquele homem estava em meu quarto e que estava fazendo sexo com ele. O homem tinha uma aparência muito gozada mesmo. Não tinha nenhum cabelo na cabeça e os olhos eram muito engraçados, não se pareciam com os meus." Perguntei se havia sido uma relação sexual normal e se os dois se tocaram. "Não", ela disse. "Eu não conseguia tocá-lo. Não podia me mexer. Eu só senti alguma coisa dentro de mim, algo pontudo e depois senti como se a vagina estivesse pegando fogo, como se meu estômago fosse explodir. Me senti como se estivesse inundada. E de manhã minha calcinha estava molhada, a cama estava molhada, e eu me sentia toda ardida.

"E depois de algum tempo minha barriga começou a crescer. Minha mãe levou-me ao ginecologista, e eu estava grávida. Eu não conseguia acreditar. Meu pai ficou furioso e perguntou quem tinha feito aquilo comigo, queria ajustar as contas. Eu contei que tinha sido um homem esquisito, em um sonho, um homem com olhos gozados e cabeça grande. E sabe, Budd, o ginecologista disse que eu ainda era

virgem. Que ainda tinha a membrana hímen." Perguntei como a situação foi solucionada, e Andréa disse que fez um aborto. Foi no ano de 1971 e ninguém suspeitou de nada a não ser de um infortúnio normal, de modo que, como é evidente, o feto não foi examinado. O Dr. John Burger, diretor do departamento de ginecologia e obstetrícia do Hospital Perth Amboy de Nova Jersey, tem atuado como meu consultor nesse tipo de questão e disse-me que era improvável que ainda existissem extensos registros médicos. Quinze anos atrás, quando esse infeliz incidente ocorreu, Andréa era apenas uma criança de treze anos; é óbvio que nem o médico nem os pais teriam sentido muita necessidade de preservar as informações sobre aquela situação infeliz. No momento atual, Andréa hesita em abordar o assunto com os pais ou com o ex-médico, que hoje se encontra em outro endereço.

O que há de mais significativo nesse contexto é a semelhança entre a descrição de Andréa e a experiência de "gravidez" que Kathie teve em 1977, que ocorreu na noite em que Kathie andava de "farra" com as amigas Dorothy e Roberta. (Veja pp. 142-146) Kathie descreveu que, dentro do OVNI, ela ficou deitada com as pernas levantadas, enquanto alguma coisa "da grossura de um dedo" era enfiada em sua vagina e, ao que parece, em seu útero. Andréa achava que a sonda que a penetrara era comprida e dura e, como é óbvio, com um diâmetro fino o bastante para não romper seu hímen. Kathie relatou ter sentido um extremo desconforto da cintura para baixo e uma sensação de ardência. Andréa sentiu como se sua vagina estivesse inundada e "pegando fogo". Tanto Kathie como Andréa sentiram que estavam paralisadas e incapazes de se mexer durante toda a parte inicial de suas experiências. Cada qual lembra-se da presença de um homem "de olhos grandes e pele cinza", responsável ostensivo pela operação. Nenhuma das duas mulheres relata algo que, mesmo remotamente, pudesse ser descrito como erótico ou de uma sensualidade agradável. O conteúdo de ambos os relatos sugere um franco procedimento médico, uma inseminação artificial, cujo objetivo podemos apenas imaginar. A diferença básica entre essas duas situações, parece, reside no fato de que no caso de Andréa o feto foi abortado por um médico antes que ele pudesse ser removido por ocupantes de um OVNI durante um segundo rapto.

Um terceiro relato semelhante chamou minha atenção em 1985. Uma artista amiga minha apresentou-me a uma de suas amigas mais

íntimas, uma psicoterapeuta, com um próspero consultório no meio-oeste da cidade. Susan Williams, como a chamarei, é casada com um cirurgião e é mãe de dois filhos. Tem inteligência brilhante, é atraente e tem um autoconhecimento animador. Susan teve um clássico encontro com tempo desaparecido, quando era jovem, em 1953, e estudava em um colégio na Áustria. Sua memória salta da recordação de uma imensa luz que ocupava seu campo de visão, mas sob a qual ela pôde ver a forma de dois pés com botas, para um momento um pouco depois, quando ela chegou a um albergue para estudantes, sentindo-se confusa e amedrontada, sem conseguir recordar-se do que havia acontecido nesse ínterim.

Conheci os Williams em um jantar dado por Jane — a artista amiga minha — e seu marido. Jane havia lido *Missing Time* e ficou perplexa com a semelhança entre a história que Susan havia contado anos antes sobre a luz e os acontecimentos relatados em meu livro; desse modo, ela planejou a noite para que nos conhecêssemos. O Dr. e a Sra. Williams chegaram tarde e, no mesmo instante, ficou óbvio que Susan estava muitíssimo nervosa. Embora ela não tivesse lido *Missing Time*, Jane lhe falou sobre a tese do livro, o que, como é natural, incitou antigas lembranças. Depois que os drinques foram servidos e o indispensável período de bate-papo transcorreu seu curso, Susan começou a me contar sua história com detalhes. Ela parecia tão tensa como é de se imaginar e quando chegou no ponto de seu relato em que viu a imensa luz pela primeira vez, de repente, caiu em prantos, levantou-se de um salto e saiu da sala. Retornou alguns minutos depois, já recomposta, e terminou o relato. Quando indaguei sobre outros acontecimentos anteriores que ela pudesse relacionar com esse, Susan contou-me um incidente que tinha ocorrido quando ela tinha cerca de dezesseis anos e morava em Vermont. Uma noite, ela estava dirigindo sozinha em uma estradinha do interior, quando parou o carro e saiu para observar uma estranha luz voadora. Ela não tem certeza de quanto tempo ficou fora do carro nem de como terminou o avistamento, mas, em resposta à minha pergunta, Susan disse que se lembrava de nessa noite ter chegado em casa mais tarde do que deveria.

Esse primeiro encontro com Susan e o marido dela levou a uma extensa exploração dessas experiências, sendo que ambas relevaram-se ter sido raptos por OVNI. Até hoje já realizamos onze sessões de re-

gressão hipnótica, que ajudaram a encher de detalhes fascinantes esses dois complexos encontros (e duas outras experiências não recordadas antes.) Entretanto, o incidente que nos interessa aqui é a recordação de Susan sobre o que aconteceu quando ela estava com dezesseis anos e parou o carro para observar a estranha luz voadora. Após o primeiro momento de assombro e surpresa, Susan começou a sentir um tipo de comunicação entre si e o OVNI, como se ele estivesse tão consciente dela quanto ela dele. E então, para sua extrema surpresa, Susan sentiu-se erguer-se, saindo da estrada em uma linha vertical, flutuando para cima em uma trajetória de curva gradual, até chegar a parar de costas em cima de uma mesa dentro do OVNI. Ela estava relaxada e sem medo — detalhe este já bem conhecido agora —, quando começou uma espécie de operação física. Havia dois ocupantes na nave, um deles um pouco diferente do outro, tanto no aspecto como na função. De repente, o relato hipnótico de Susan tornou-se vividamente físico, quando ela descreveu estar sentindo que dois pequenos *clips* eram presos aos seus lábios vaginais, separando-os, e, em seguida, uma sonda fina entrou em seu corpo. Ela não conseguia se mexer, mas podia sentir a sonda no ou dentro do cérvix, parecendo cortar ou fazer incisões. Não sentia nenhuma dor, apenas uma estranha sensação de desconforto. Ela não se lembra de ter sentido nenhuma contração uterina, mas de alguma forma sabe como era o fino instrumento de lâmina dupla e depois fez um esboço dele.

Susan recordou-se dessa operação durante uma sessão hipnótica que realizei, quando ela fez uma visita a Nova York, em 1985. Alguns dias depois, ela relatou mais duas significativas informações. No ano em que ocorreu essa experiência de rapto, 1949, ela namorava um rapaz de Vermont, com quem ainda hoje se corresponde de vez em quando. Ela decidiu telefonar para ele e perguntar se ele se lembrava de ela ter-lhe contado sobre o avistamento do OVNI naquele verão. Ele respondeu que não se recordava de ela ter mencionado, mas em seguida a lembrou de um avistamento de OVNI que os dois tinham feito *juntos* nesse mesmo verão, descobrindo então que *ela* havia esquecido por completo (mais um aparente não-acidente de memória.) À medida que ele descrevia as circunstâncias desse incidente e o que os dois tinham visto, começaram a voltar alguns detalhes, embora vagos, à memória consciente de Susan. Mas o mais significativo foi que Susan contou-me que

depois que conversou com o amigo sobre esse avistamento esquecido de OVNI, ela teve um sonho com uma sonda fina sendo enfiada em sua vagina, experiência esta que parecia totalmente nova e diferente da anterior operação de "incisões", da qual se recordou através da hipnose.

Por causa desse possível conteúdo simbólico do novo sonho, era importante saber se Susan, com dezesseis anos, e o namorado, um ou dois anos mais velho, tinham tido relações sexuais naquele verão, e a resposta de uma psicoterapeuta muito honesta, muito liberada e muito consciente foi um inequívoco "não". O conteúdo do sonho, ao que parecia, não tinha relação erótica com o namorado; pelo contrário, ele pareceu ter sido provocado pela recordação do avistamento que os dois haviam compartilhado. Susan era virgem nessa época e assim permaneceu durante alguns anos. Assim como a Andréa de treze anos, ela estava usando tampões, de modo que podia ter sido penetrada, com toda facilidade, por uma sonda fina o bastante para remover um feto diminuto sem romper a membrana hímen.

Compreendi que na ocasião em que os dois haviam avistado o OVNI, era possível que Susan tivesse sido raptada junto com o namorado e sofrido uma inseminação artificial durante o encontro. Se depois ela não tivesse um ou dois períodos menstruais, não ficaria nem um pouco alarmada, posto que não teria nenhuma razão para acreditar que estava grávida. É evidente que muitas adolescentes sofrem de irregularidade menstrual durante os anos iniciais do período pós-puberdade. Outras três sessões de hipnose, na primavera de 1986, confirmaram minhas suspeitas. De fato, houve *dois* raptos em 1949 — um deles que abordamos antes, no qual Susan foi agarrada sozinha, e o outro no qual ela e o namorado foram agarrados ao mesmo tempo. Embora eu ainda não tenha estabelecido, para a minha satisfação, que esse duplo rapto precedeu de fato o outro, no qual Susan se recordou "dos cortes uterinos", suas lembranças sobre essa experiência sugerem que assim foi.

Em agosto de 1986, conheci, enfim, e entrevistei "Al", o homem que tinha estado com Susan durante a experiência compartilhada em 1949, em Vermont. Três sessões sucessivas de hipnose revelaram os detalhes de um rapto que ocorreu quando os dois jovens estavam a caminho de

Stiles Mountain para um abrigo próximo a Griffith Lake.[61] Uma série desses detalhes, tais como as lembranças de Al sobre o que parecia ser a peça metálica e articulada do trem de aterrissagem do OVNI, repetem exatamente a descrição que eu havia recebido de Susan antes. Ela havia associado o rapto duplo com esse mesmo abrigo de Griffith Lake, e seus relatos sobre como a experiência começou e terminou, onde se encontravam quando viram pela primeira vez a nave descendo e assim por diante, tudo se encaixa à perfeição. Suas lembranças divergem um pouco quando eles descrevem o que aconteceu dentro da nave. Ao que parece, eles foram tratados em separado, aspecto este dos relatos de raptos duplos que já foi narrado em casos tão antigos como o de Betty e Barney Hill.

Mais uma vez, devo assinalar que os detalhes dessa experiência não foram passados de Susan para Al antes da hipnose dele. Assim como também as mulheres não trocaram informações em nenhum dos relatos sobre casos “centralizados na reprodução” que examinamos. Nenhuma das mulheres jamais encontrou ou falou com as outras. Nem Kathie, Andréa ou Susan jamais tiveram um aborto natural e, fora a experiência de Andréa à idade de treze anos, nenhuma delas jamais fez um aborto. Kathie e Susan, como já mencionei, têm dois filhos, ao passo que Andréa, a mais nova, não tem filhos. Andréa recorda-se de sua gravidez como sendo um “sonho”, mas tanto Kathie como Susan só descobriram suas experiências ginecológicas quando passaram pela hipnose. O Dr. John Burger ouviu as gravações dos relatos hipnóticos de Kathie e Susan e assegurou-me que tudo que elas relataram — as descrições de sensações específicas e as aparentes técnicas médicas — parecia plausível e apropriado do ponto de vista clínico.

É importante observar aqui — embora essa evidência vá ser considerada em detalhes mais tarde — que todas as três mulheres tiveram ou “sonhos” ou recordações normais, nos quais, tempos depois, lhes mostraram minúsculos filhotes, cuja aparência sugeria que eram alguma coisa diferente e não totalmente humanos... que na verdade eram híbridos, em parte humanos e em parte o que temos que chamar, em falta de um termo melhor, alienígenas. É inimaginável e inacreditáv-

61- Durante as três longas sessões de hipnose que realizei com Al, nós descobrimos uma experiência de infância, na qual ele se recorda de ter estado em um estranho “hospital” com um pessoal médico muito esquisito. Agulhas compridas foram enfiadas em suas narinas, e foi feita uma pequena incisão na parte de trás de seu couro cabeludo. Tudo dessa experiência sugere um rapto por OVNI anterior.

el — embora as evidências apontem nessa direção. Uma sistemática e contínua experiência com procriação deve ser considerada um dos objetivos centrais dos raptos por OVNI.

No início de 1985, conheci, através do artista e pesquisador sobre OVNI Richard Thompson, uma jovem chamada “Pam”, que havia tido uma interessante experiência de tempo desaparecido quando era adolescente e viajava de carro para a Califórnia com a irmã mais velha e a mãe. Os detalhes que Pam recordou sob a hipnose, quando comparados com as memórias sobre o incidente, sugestivamente ambíguas, da mãe e da irmã, formam um todo coerente e substancial, um caso de rapto que começou a ser investigado recentemente. Pam e a irmã mais velha recordam-se que o carro aqueceu demais, não se sabe como, ou teve algum outro defeito em alguma outra parte e que a mãe as deixou dentro dele enquanto ia pedir ajuda. A partir daí, suas lembranças ficam nebulosas, mas, sob hipnose, Pam descreve a chegada de um veículo baixo, cinza prateado e, em um determinado momento, ela se encontra dentro de um ambiente redondo; então suas memórias tornam-se típicas de um rapto por OVNI. Mas os detalhes dessa experiência na Califórnia e um rapto na infância que ocorreu quando Pam tinha apenas cinco anos, são por demais complexos para examinarmos aqui; o único motivo pelo qual eu trouxe seu caso à baila é sua relação com o padrão que temos estudado.

Pam nasceu em 1957. No momento é divorciada e não tem filhos; ela é uma bailarina delgada e muito atraente e, ao que parece, sua profissão está acima da ideia de se casar e constituir família. Eu disse que sempre que entrevisto alguém que tenho razões para acreditar que se trata de um raptado, eu sempre faço questão de perguntar sobre os sonhos dessa pessoa, em especial sonhos que ocorreram com frequência na infância e que possam ter um significado dentro do assunto OVNI. Pam contou-me que, em 1980, quando vivia no Novo México com o marido, ela teve uma série de pesadelos, inclusive um sonho frequente com um “trem prateado” descendo para pegá-la, levantá-la e levá-la embora. Eles moravam ao lado de um campo de golfe, bem afastados das outras casas, e, por alguma razão qualquer, o isolamento sempre a deixou nervosa. O medo que percebi em sua voz quando conversamos sobre essa casa e o sonho com o enorme trem prateado, assim como também certos outros detalhes de suas vagas meia lembranças,

levou-me a achar que ela pode muito bem ter sido raptada nessa moradia de 1980. Mais tarde, na entrevista, eu indaguei sobre sua saúde, fazendo as habituais perguntas de disfarce para depois trazer à baila o tema da gravidez. Alguma vez ela teve qualquer experiência incomum nesse campo? A resposta dela foi imediata. Ocorreu uma coisa estranha no período em que ela e o marido moraram na casa ao lado do campo de golfe. Ela fazia o controle de natalidade, tanto por razões pessoais como pela carreira, mas não teve um período menstrual e viu-se grávida de maneira inexplicável. Tanto a análise da urina como os testes de sangue foram positivos, e, nesse momento, ela optou por fazer um aborto. Quando foi à clínica para fazer a operação, Pam estava grávida havia cerca de dois meses. Depois o médico foi até ela com um ar de preocupação. Ele não havia encontrado nenhum tecido fetal, nenhum sinal de que ela havia estado grávida. Sem saber como interpretar a situação incomum, ele insistiu que ela voltasse ao ginecologista para fazer mais testes e exames, sugerindo que talvez ela tivesse tido uma gravidez tubária. Pam contou-me que o comportamento do médico a deixou muito intranquila, de modo que ela fez o que ele tinha sugerido. Todos os testes foram negativos; ela já não estava mais grávida, e, no entanto, não havia nenhum indício de que Pam tivesse tido um aborto natural.

Tenho conhecimento, é claro, de que coisas estranhas ocorrem durante a gravidez. Os seres humanos assim como os animais têm gravidez falsa; de fato, isso é muito comum nos animais domésticos. Por irônico que possa parecer, segundo Ernest Jones, o biógrafo de Sigmund Freud, até a cadela de Freud teve uma falsa gravidez! Contudo, os médicos afirmam que a análise da urina e os testes de sangue, quando feitos juntos e administrados de maneira adequada, não podem dar errado. É evidente que Pam não teve duas menstruações e só mais tarde, após o aborto, voltou a ter menstruação normal. De qualquer modo, a situação de Pam, quando vista ao lado das situações de Kathie, Andréa e Susan, é muitíssimo sugestiva. Mas como veremos, existem semelhanças ainda mais profundas.

Até aqui, temos lidado com essa questão quando relacionada ao sexo feminino, mas nem de longe os homens estão isentos a ela. Em novembro de 1985, recebi uma carta de um homem de Wisconsin, que chamarei de Ed Duvall. Ele havia lido meu livro e achou que talvez tivesse tido uma experiência de tempo desaparecido, no início da

década de 1960. A julgar pelas aparências, o incidente que ele narrou parecia ser insignificante, mas mesmo assim o tom de sua carta sugeria que havia muita ansiedade dissimulada. Ed era mecânico itinerante em uma mina e, com frequência, trabalhava no turno da noite. Após as primeiras horas de serviço, quando já havia acabado a maior parte do trabalho de rotina, Ed costumava ir de carro até uma área isolada, onde estacionava e tirava um cochilo até ser chamado de volta. Como sua caminhonete tinha um rádio transmissor-receptor, ele era acessível a qualquer pessoa que chamasse. Os invernos em Wisconsin são de um frio muito intenso, de modo que o motor tinha que ficar funcionando, a fim de que a calefação trabalhasse. Todos os motoristas de camionete sabem que devem estacionar de frente para o vento para que a fumaça do escape seja levada embora; desse modo, não correm o risco de morrer asfixiados pelo monóxido de carbono enquanto dormem. Ed descreveu sua estranha experiência dessa maneira: ele estava cochilando na camionete, quando:

> Acordei completamente paralisado. Eu estava bem acordado, mas a única coisa que conseguia mexer eram meus olhos. Meu primeiro pensamento foi que o vento havia mudado de direção e que a cabine estava cheia de monóxido de carbono. Meu segundo pensamento foi tentar esticar a mão para pegar o microfone do rádio a fim de pedir socorro. Ele estava bem ao alcance de minha mão, mas eu não conseguia me mexer. Parecia que eu já estava ali durante um longo tempo, mas é provável que só tivessem sido alguns minutos. A paralisia parou. Eu saí do carro e de repente senti uma tremenda vontade de me afastar dali. Saltei para dentro da camionete e saí da área apressado. Nunca mais voltei a dormir naquela área. Acho que até hoje nunca mais voltei lá. Esse incidente ocorreu entre a primavera de 1961 e a primavera de 1963. Eu não tive nenhuma dor de cabeça ou náusea, que se tem com o monóxido de carbono. Eu havia esquecido por completo essa história, até que li seu livro. Até hoje, só de escrever sobre isso sinto dor de estômago.

Essa última frase, em um contexto calmo e moderado, traz em si uma grande quantidade de peso emocional. Minha suposição inicial foi

que a situação de Ed era parecida com a de muitos outros que conheci — uma lembrança superficial de aparência insignificante é acompanhada de uma sensação de ansiedade e medo muito profundos. Enquanto causa e efeito, eles simplesmente não batem. Lendo nas entrelinhas, eu tomei a decisão de telefonar para ele e conversar um pouco sobre a experiência. Ed terminava a carta observando que "podia ter ficado fora por duas ou três horas. Se ninguém me chamasse pelo rádio, ninguém saberia que eu estava desaparecido. Dormi durante muitos anos em camionetes itinerantes e não consigo me lembrar de alguma vez ter ficado paralisado como dessa vez. Eu gostaria de descobrir se aconteceu alguma coisa".

Chamei-o no final dessa semana e descobri que Ed era um homem muito ingênuo e aberto, que parecia curioso apenas a respeito desse incidente. Quando lhe perguntei sobre quaisquer experiências de infância, das quais pudesse se lembrar nesse contexto, ele insistiu que não havia mais nada — havia apenas essa única recordação. Entretanto, ele contou-me que, uma noite, ele e a mulher haviam feito um avistamento de um OVNI muito interessante — um objeto muito grande e escuro, à altura das copas de árvores, com feixes de luz brilhando para baixo em intervalos regulares, como se procurassem alguma coisa. Em outra ocasião, ele e dois amigos observavam de perto, enquanto uma pequena esfera prateada manobrava em plena luz do dia. Ambos esses avistamentos, ele assinalou, ocorreram após o incidente na camionete, o incidente que de fato o perturbava.

Ed insistiu que não tinha nenhum período nítido de "tempo desaparecido", nenhuma cicatriz de origem incerta, ou qualquer outro sinal de encontros anteriores com OVNI's. Essas afirmações negativas são, é claro, indicações de sua inerente honestidade. Se ele estivesse apenas interessado em se divertir comigo, ele poderia ter-se "lembrado" de algum fato estranho para tornar sua situação mais intrigante. Quase todo mundo pode apresentar uma cicatriz misteriosa ou um sonho quase lembrado com um humanoide, caso queira impressionar um investigador. Por essa razão, muitas vezes vale a pena estender uma rede, levantar uma ou duas questões sugestivas, só para ver no que dá. Ed não mordeu a isca. Era evidente que se tratava de um homem honesto e sincero e que havia uma emoção real relacionada com sua experiência. Mais tarde, quando nos conhecemos, ele contou-me que, por causa da

analogia que ele percebeu entre sua experiência e as descritas em *Missing Time*, ele havia tido dificuldade para ler o livro. “Várias vezes”, disse ele, “eu tinha que parar de ler e entrar em um outro quarto, porque as lágrimas vinham aos meus olhos e eu não queria que minha mulher visse. O livro realmente me perturbou.”

Um convite fortuito para aparecer em um programa de tevê em Minneapolis proporcionou-me a chance de conhecer Ed algumas semanas depois que recebi sua carta. Pude entrevistá-lo durante um longo tempo e também realizei duas sessões de regressão hipnótica sobre suas experiências. Ed é um homem bonito, de cabelos grisalhos, cinquentão, e é casado há trinta anos com uma mulher também atraente. Eles têm filhos e netos e um lar muito estável e conservador. Ed ainda está empregado na mesma empresa em que estava havia mais de vinte anos, quando ocorreu o incidente da camionete. Nossas sessões de regressão hipnótica tiveram lugar no hotel de Minneapolis em que eu estava hospedado e foram de uma dramaticidade inesperada. Na primeira hipnose, a 5 de janeiro de 1986, com sua mulher na condição de observadora, nós voltamos ao episódio sobre o qual Ed me escrevera. Preparei o cenário, e nós começamos.

BUDD HOPKINS: Você pode ver a caminhonete?
ED DUVALL: Sim, posso ver.
BUDD HOPKINS: É de que cor?
ED DUVALL: Verde.
BUDD HOPKINS: Fale-me um pouco do tempo.
ED DUVALL: Nublado... um pouco nublado.
BUDD HOPKINS: O que você faz... aonde você vai?
ED DUVALL: Eu só me afasto do lugar onde acontece todo o movimento para que ninguém me incomode. E não quero ser seguido. *(Pausa muito longa)*
BUDD HOPKINS: Conte-me o que está acontecendo agora, Ed. Você parou a caminhonete ou continua dirigindo?
ED DUVALL: Estaciono o carro de frente para o vento. Me ponho à vontade. A luz... *(Começa a tremer, respira rápido, está muito assustado)*
BUDD HOPKINS: *(O conforto: agora você está a salvo. Aconteceu há muitos anos, etc.)* Mas fale-me da luz.
ED DUVALL: É mesmo uma luz que brilha muito... *(respirando rápido,*

com terror evidente) brilha de verdade... é um resplendor... bem debaixo do veículo... bem em cima da caminhonete... tudo mais está preto.

BUDD HOPKINS: *(Torna a confortá-lo, assegurando-lhe que ele está a salvo)* Qual a cor da luz?

ED DUVALL: É uma luz branca, muito, muito brilhante, muito clara e brilhante. Eu saí da caminhonete...

BUDD HOPKINS: Onde você está depois que saiu da caminhonete?

ED DUVALL: Bem ao lado do carro. Não preciso... eu não estava com medo nesse momento. Eu estava parado ali olhando aquela luz... *(aterrorizado de novo)* e bem de repente fui levantado. Tento agarrar a porta da caminhonete, mas não consegui, e já é tarde demais. Estou muito acima, não tenho peso... estou flutuando... *(aterrorizado e em lágrimas)* Não consigo parar...

BUDD HOPKINS: *(O acalmo, assegura que ele está a salvo e que ele pode parar com a hipnose no momento que quiser)* O que está acontecendo agora, Ed?

ED DUVALL: Eu flutuo. Flutuo bem no alto. Em direção à luz. A luz está brilhando de um jeito que cega. Não consigo ver direito a camionete no solo. Eu ainda... a luz ainda está brilhando, mas tudo mais está preto.

BUDD HOPKINS: *(Torno a acalmá-lo: você está sentindo-se melhor agora, etc.)* Ed, o que você está vendo, o que está acontecendo?

ED DUVALL: A porta abre-se, e eles me fazem entrar. Só vejo dois deles. *(Pausa)* Eles me ajudam a subir em uma mesa. Eu me deito.

Houve uma longa pausa, e eu aproveitei a oportunidade para dizer a Ed que ele não precisava ver nada por enquanto, que eu só estava interessado em saber como ele sentia o corpo. Eu o instruí para ele não responder na mesma hora, para se concentrar em partes de seu corpo à medida que eu ia dizendo os nomes e para dizer "normal" se sentisse a parte normal e para descrever qualquer diferença, caso a sentisse. Uso essa técnica com frequência, quando o hipnotizado parece assustado e confuso com o que vê. Isso proporciona um interlúdio de relaxamento — com os olhos fechados, por assim dizer — e o conecta com a presença tranquilizadora de seu próprio corpo. Muitas vezes também gera mais informações acerca dos acontecimentos que ele está

vivenciando. Comecei pelo pé, e ele respondeu “normal” a tudo até eu chegar em seu dorso, quando Ed disse: “estou enjoado. Meu estômago está embrulhado”. Quando perguntei pelos braços, ele disse “pesados” e o mesmo em relação ao rosto, embora estivessem normais as feições individuais, olhos, ouvidos, etc. Após essa linha de indagação um tanto ou quanto tranquilizadora, eu voltei às questões mais visuais.

BUDD HOPKINS: Ed, você poderia dizer qual a aparência dessas pessoas? Você disse que havia dois...

ED DUVALL: Não altos. Pessoas baixas. Têm a forma de gente. Baixas. Cabeças redondas... bem redondas. Traços finos. Uma espécie de cinto em volta da metade do corpo... em volta da cintura, parece um cinto. Não vejo nenhum bolso.

BUDD HOPKINS: E são dois?

ED DUVALL: São.

BUDD HOPKINS: *(Digo para ele dar uma boa olhada, porque ele se lembrará da aparência deles)* Ed, em um determinado momento você sai da mesa. Acontece alguma coisa antes de você sair da mesa ou não?

ED DUVALL: Tem uma luz brilhante no teto. Ainda estou na mesa. Eles só estão, eles estão examinando-me, imagino. Não sei o que estão fazendo. Eles tiraram todas as minhas roupas. Eles estão olhando todo meu corpo. Ouvidos, olhos, boca, olham todo meu corpo. Olham meus órgãos genitais. Olham meus pés. Olham minhas mãos... como elas têm cicatrizes. Eles me viram. Olham minhas costas. Olham meu reto. Olham a barriga da perna e depois descem para os pés. *(Pausa)* Faz frio aqui. Estou com muito frio.

BUDD HOPKINS: Eles prestam mais atenção a uma parte de seu corpo do que a outras, ou é tudo igual?

ED DUVALL: Eles olham as minhas mãos. Elas são cicatrizadas e cheias de calos.

BUDD HOPKINS: Você diz alguma coisa, ou eles dizem?

ED DUVALL: Eles não falam. Não até aqui. Ainda não disseram coisa alguma.

Nesse momento, de repente todo o antigo medo voltou a inundar Ed, como algo mais poderoso do que antes. Tentei confortá-lo, assegu-

rar que ele estava a salvo, mas ele continuou tremendo e com a pulsação acelerada, enquanto as lágrimas rolavam por suas faces. Eu senti uma enorme aflição e uma profunda raiva do que ou de quem sujeitava um homem a tamanho terror. Perguntei o que estava acontecendo, e ele respondeu "eu... eu... eu... eu não posso... eu não posso... eu não posso..." Ele não podia ou não queria me dizer o que estava ocorrendo. A coisa era tão profundamente perturbadora, que ele não conseguia descrever. Eu disse que se ele quisesse, poderia contar mais tarde. Então ele pareceu um pouco aliviado e sussurrou "talvez mais tarde..."

Após mais algumas palavras de conforto, pedi que ele me dissesse o que acontecia em seguida. "Eles tornam a colocar minhas roupas. Estou todo vestido. Dizem para eu não ter medo. Acho que de certa maneira não é uma comunicação por vozes. Acho que é... uma comunicação mental. Penso que eles não mexem a boca quando falam." Segue-se uma longa pausa, em seguida Ed continua: "Estou de volta na camionete. Estou deitado no assento. Não consigo me mexer. Quero abrir os olhos e não consigo me mexer." Após outra pausa, Ed diz: "É isso. Acho que estou bem agora." E assim eu comecei a contagem regressiva e tirei-o do transe.

A conversa que tivemos depois — o interrogatório — foi lúcida e fascinante. A primeira coisa que Ed disse foi "tem uma coisa sobre a qual não posso falar", de modo que fiquei sabendo que por enquanto não devia fazer perguntas sobre isso. É significativo que ele também disse que, no início da provação, ele pensou "de novo não", como se já estivesse familiarizado com esse tipo de experiência. Ed contou-me que quando viu a luz pela primeira vez e saiu da camionete para olhar melhor, ele estava assombrado e curioso. "Era brilhante demais para se olhar. E dei uma segunda olhada e tive que proteger meus olhos de novo e, bem de repente, puf! Eu estava sem peso. Tentei agarrar a porta do carro, mas não consegui. Depois entrei em pânico. Comecei a olhar à procura de galhos de árvore, mas é claro que não havia nenhuma por lá." Perguntei com que velocidade ele subiu. "Não foi rápido. A coisa estava a uma altura de apenas um metro e meio. Um metro e meio ou dois." Lembrei que ele havia mencionado uma porta... "Uma abertura. Ela só abriu no fundo, inclinando os lados para cima... uma escotilha. Duas cabeças, dois seres esperavam que eu entrasse através da abertura." Perguntei se eles disseram algo quando ele entrou. "Acho que

não falaram nada comigo. Nenhum movimento ou comunicação como estamos fazendo eu e você. Pareceu-me que eles não se importavam muito com o que eu pensava, o que eu queria ou sabia ou qualquer outra coisa. Eles fizeram o que queriam e depois me levaram de volta à camionete."

Perguntei como era a aparência deles. "Tinham mais ou menos 1,40m de altura, eu diria, e uma compleição delgada, magra, 35kg, talvez 34kg, magricelas. Mas a cabeça era desproporcionalmente maior do que o corpo. E umas mãos muito engraçadas." Perguntei a cor da pele. "Não sei. Acho que estavam vestidos com um tipo de... algum tipo de capa por cima do corpo. Não parecia ser pele. Não sei como era." A descrição de Ed sobre os olhos deles é bem conhecida. "É como se você tirasse o fundo de um copo preto e colocasse em cima dos olhos... eles tinham olhos esquisitos, sem pupilas. Não se pode ver nenhum lugar branco, nenhum vaso sanguíneo. Não se pode ver nada nos olhos, a não ser aquela coisa preta que olha para você. Não dá mesmo para se olhar para isso."

Indaguei se ele se lembrava de quando eles tiraram suas roupas. Em geral, as pessoas não se lembram dessa angustiante parte da cena, detalhe esse que sugere que, durante esse processo, o raptado está de fato inconsciente. A resposta de Ed adequou-se ao padrão. "Não me lembro quando eles tiraram minhas roupas e não me lembro de eu me ter despido." "Mas de repente você estava despido e mais tarde de repente apareceu vestido?", eu perguntei. Ele respondeu um tanto ou quanto nervoso "eu gostaria de examinar isso numa outra ocasião..." A pergunta e a resposta finais sustentaram minhas suspeitas. Perguntei se havia qualquer outra parte de seu corpo, fora as mãos, que seus raptores parecessem ter interesse especial em examinar. Sua resposta foi imediata e sucinta: "Eles tinham um interesse mais do que moderado em meus órgãos genitais."

Depois que Ed e sua mulher saíram para retornar ao quarto onde passariam a noite, fiz algumas anotações, sendo que uma delas dizia apenas que era provável que uma amostra de esperma tivesse sido retirada durante o rapto. O nervosismo de Ed, sua incapacidade de discutir um traço de sua experiência obviamente perturbadora e humilhante, era algo que eu já havia visto em outros casos nos quais havia sido

retirado esse tipo de amostra.[62] Senti que ele queria conversar em particular e assim não fiquei surpreso, quando, após o desjejum na manhã seguinte, Ed sugeriu à mulher que fosse fazer algumas compras. Ed disse a ela que queria discutir comigo certos outros detalhes, dos quais se lembrara pouco tempo atrás. Como ela havia expressado o interesse em comprar algumas coisas para a família, não havia nenhum problema, e nós três combinamos de nos encontrar mais tarde para almoçar no hotel.

Tão logo Ed entrou em meu quarto e sentou-se, pude notar sua profunda intranquilidade. Disse que havia algo que queria contar para mim, algo que parecia impossível de se acreditar. Falou em tom suave, com os olhos voltados para baixo, e senti que ele estava tendo dificuldade em decidir como começar. "Budd, eu nunca acreditei que um homem pudesse ser violentado. Na prática, não acredito que seja possível..." "Mas aconteceu?", perguntei, sabendo em meu íntimo que esta era a questão que ele se recusara a discutir na noite anterior. "Ao que parece", ele disse afundado na cadeira, em uma atitude de total abatimento. Eu ainda não estava certo se com a palavra "violentado" ele queria dizer o procedimento mecânico do tipo que já encontrei em outros casos de rapto ou um autêntico ato sexual. De modo que perguntei bem vago: "Aconteceu com uma... figura ou com uma pessoa ou com..." Ele respondeu no mesmo instante. "Uma fêmea da espécie, mas ela não era do jeito exato deles. Era mais alta. Tinha a constituição física mais parecida com a de um ser humano. Tinha seios, mas não tinha cabelos em nenhuma parte do corpo. A cabeça era maior do que a de uma mulher normal." Perguntei como era a cabeça. "Era maior e redonda. Mas ela não tinha nenhum cabelo mesmo. Inclusive não tinha nenhum pelo no púbis." Indaguei se ela tinha vagina, e ele respondeu com um simples "sim".

Era óbvio que ele estava aliviado por ter sido capaz de enfim falar sobre essa experiência virtualmente inacreditável, então tomei a decisão de tentar tranquilizá-lo mais ainda, mostrando que de fato havia um precedente desse acontecimento. Entreguei-lhe minhas anotações da noite anterior, nas quais fiz minha suposição de que uma amostra de

62- Os homens raptados têm dificuldade de se lembrar e descrever outros traços de seu rapto, quase sempre é impossível de se discutir esse campo particular. Ele constitui uma espécie de experiência de estupro, e a sensação de desamparo que ela engendra corta de modo profundo a autoimagem masculina convencional.

esperma havia sido retirada por algum meio artificial. Ed baixou a vista e disse quase em um sussurro: "Não foi artificial." Perguntei o que de fato havia ocorrido. Ele respondeu em tom confessional, em frases curtas, como se todo aquele assunto desagradável fosse algo que quisesse terminar o mais rápido possível. "Eles a tinham em um compartimento diferente da nave. Tiraram-na para fora. Ela não disse nada. Eu estava deitado de costas naquele banco e não estava com nenhuma roupa, e de alguma maneira eles fizeram com que eu tivesse uma ereção, e ela montou em cima de mim. Foi bem mecânico." Perguntei se ela chegou a tocar-lhe o pênis. "Não me lembro de ela ter feito isso, a menos que ela tenha introduzindo-o. Ela me montou e ficou em cima de mim até eu atingir o orgasmo. Depois ela saiu de cima e deixou o quarto, e os dois sujeitos pegaram colherinhas e rasparam o esperma que havia ficado em meu pênis, colocaram a amostra em um frasco e guardaram. Eu não consegui me mexer em nenhum momento. Ela e eles apareceram e pegaram o que bem entenderam."

Ed fez uma pausa durante alguns momentos e depois prosseguiu, tentando compreender o que havia acontecido, tentando discernir suas lembranças inimaginavelmente estranhas. "Nessa época de minha vida, meu cabelo era grosso e preto como carvão e não sei se eles me disseram ou se eu apenas tive a impressão de que eles gostavam de meu cabelo negro e que gostavam de minhas... gostavam de nossas feições. Gostavam de nossa pele, gostavam de nossas sobrancelhas e gostavam de nosso cabelo. Talvez estejam tentando aperfeiçoar sua própria espécie... porque acho que a espécie deles é horrível..., mas talvez eles pensem que nós sejamos horríveis também, mas não acredito nisso. Acho que eles pensam que somos atraentes e estão tentando aperfeiçoar a própria espécie."

Indaguei sobre as diferenças entre a fêmea e as duas figuras baixas. ''Ela era pelo menos um palmo mais alta. Suas pernas eram mais finas do que as nossas, mas tinha panturrilhas como um humano. Seus braços eram muito bem desenvolvidos, e ela tinha belos seios. Mas seu queixo era estreito. Se... se essa for uma parte de sua tentativa de mudar a espécie, eles estão fazendo aos poucos." "Quer dizer então que ela poderia ser meio a meio", eu disse, e Ed replicou: "É concebível. A mulher tinha uma linda... não sei se tinha uma boca bonita ou não. Tinha uma boca. Não sorriu em nenhum momento, nem disse coisa alguma." Ed disse que a mulher tinha orelhas, embora não se lembrasse de ter

visto orelhas nas duas figuras baixas. "Os olhos dela não eram como os nossos. Ela tinha olhos assim como nós temos, no sentido de que temos globos oculares, pupilas e a parte branca. Mas a forma deles era diferente. Eram mais redondos, como quando arregalamos os olhos. No entanto, ela não deixava de ser atraente, eu não a chamaria de bonita, mas ela não era horrível. E eu lembro-me que seus seios pareciam com qualquer outro. Ela era bem-dotada... é definitivo que tinha glândulas mamárias."

Eu queria saber com exatidão como, naquelas estranhas circunstâncias, Ed tinha ficado excitado o bastante a ponto de ter uma ereção. Tinha sido um processo mental, físico ou isso não estava claro? "Deus do céu, é ridículo, mas parece que eles colocaram algum aparelho de vácuo em meu pênis." Ele fez uma pausa e depois falou em tom muito suave: "Nunca pensei que fosse capaz de falar sobre isso, sobre ter sido..." Mas não conseguiu terminar a frase por causa das lágrimas e do desamparo recordado.

Alguns minutos depois, Ed levantou a vista e revelou uma ironia surpreendente em sua situação. "Sabe, Budd, eu sou estéril. Eles nem sequer pegaram esperma algum. Eu tinha feito uma vasectomia alguns anos antes disso." Na noite anterior, pouco depois de Ed ter saído do transe hipnótico, ele mencionou que seus raptores pareciam estar com raiva dele, e agora eu compreendi o motivo. Se havia alguma coisa nesse tipo de experiência traumática e aterrorizante que pudesse ser considerada engraçada, mesmo que de longe, então era isso. Ao que parece, eles haviam raptado um homem com o objetivo de usá-lo para a procriação, mas o homem que agarraram era estéril. "Você disse que sentiu a raiva deles na ocasião", eu disse. "Você acha que eles ficaram sabendo na mesma hora que você havia feito uma vasectomia?" Ed respondeu no mesmo instante: "Eles souberam antes de me levar embora."

Mas agora nossa conversa tomava outra direção. Havia mais uma coisa sobre a qual ele queria contar. Ed disse que, na noite anterior, pouco antes de adormecer, ele havia lembrado de outra imagem peculiar de seu passado. Ele recordava-se de uma ocasião especial, alguns anos antes do incidente na camionete, quando não estava conseguindo dormir e, por alguma razão qualquer, saiu da cama no meio da noite e foi até o pátio dos fundos. Ele não sabia por que havia feito isso, nem quando voltou, mas achava que seu comportamento era muito pouco

característico. Ed lembrou-se de ter ficado ali, de pijama, como se estivesse esperando alguma coisa. Expliquei que, ao que parecia, a hipnose havia aberto sua mente para memórias antes reprimidas e que esse processo era normal. Eu disse que talvez houvesse mais recordações e que, de fato, talvez houvesse mais coisas nessa lembrança específica. Eu disse que pelo menos devíamos tentar explorar isso sob hipnose. Ed estava disposto a tentar outra vez, de forma que, nessa tarde, tivemos nossa segunda sessão de regressão.

Não quero entrar em detalhes sobre o que ficamos sabendo. Essa experiência anterior no pátio dos fundos ocorreu no final da década de 1960 e foi um outro rapto. Os raptores saíram do bosque situado atrás da casa de Ed; ele não conseguiu se mexer, embora quisesse tentar rechaçá-los. Foi levado para dentro do OVNI, que havia aterrissado em uma clareira próxima, e colocaram-no em cima de uma mesa. Uma espécie de aparelho de sucção foi colocado em seu pênis, e retiraram uma amostra de esperma. Esse procedimento foi muito doloroso. Ao que parece, Ed não teve uma ereção e não houve nenhuma ejaculação espontânea. A amostra foi levada para uma outra parte da nave, e, após alguns momentos, as figuras baixas e cinzentas retornaram e retiraram uma segunda amostra. Ed suplicou que não fizessem isso, com uma dor e humilhação evidentes e comoventes. Seus captores não fizeram coisa alguma para mitigar seu sofrimento e inclusive retornaram para retirar uma terceira amostra. Deixaram Ed com uma profunda sensação de dor na região do osso pélvico. Ed foi consumido pela raiva que sentiu da evidente indiferença de seus captores para com seu sofrimento. “Eles pegam o que querem e sempre que querem, sem ligar para coisa alguma”, ele disse. “Não parecem preocupados com o que sentimos.”

Essa mesma sessão hipnótica proporcionou, de maneira notável, detalhes sobre mais duas experiências de rapto. Uma delas ocorreu quando Ed era adolescente, e um encontro ainda mais antigo teve lugar quando ele era uma criança de cerca de cinco anos de idade. Como Ed nasceu em 1934, isso significa que ele foi raptado pela primeira vez em 1939, anos antes dos avistamentos dos “caças malucos” na Segunda Guerra Mundial e a famosa primeira onda de OVNI’s de 1947.[63] Há

63- Para a história dos “caças”, veja o verbete de Ronald Story com esse título, em *The Encyclopedia of UFO’s*, pp. 135-136. Uma obra abrangente sobre esse tema é *Report on the UFO Wave of 1974*, de Ted Bloecher. Seu livro pode ser encontrado em *The Center for UFO Studies*, 1955 John’s Drive, Glenview, Illinois 60025 — 1615.

uma coincidência interessante envolvida nessa sequência de acontecimentos. Susan Williams, a psicoterapeuta cujo rapto eu descrevi antes, nasceu em 1933. Cronologicamente, a primeira das várias experiências de Susan com OVNI's ocorreu, ao que parece, em 1938, quando ela também estava com cinco anos. O segundo rapto de que se lembra, que foi descrito neste capítulo, teve lugar quando ela estava com dezesseis anos, em 1949. Ed acha que seu rapto na adolescência ocorreu no mesmo ano — 1949 —, quando ele tinha quinze anos, de modo que há semelhanças bem distintas entre essas experiências dos dois, fora o fato de ambos terem sido usados em algum tipo de experiência genética ou reprodutiva.

Uma das maiores descobertas descritas em meu livro *Missing Time* foi o aparente programa de repetição sistemática de raptos dos mesmos indivíduos no decorrer dos anos. A analogia anteriormente mencionada, que vem à mente, é nosso programa de estudo zoológico, no qual animais selvagens são capturados e anestesiados para permitir o implante permanente de pequenos transmissores ou mesmo de simples etiquetas, antes de eles serem soltos de novo em seu ambiente natural. Os transmissores também permitem que os cientistas sigam seus movimentos e assim conheçam os modelos de migração da espécie, hábitos de pastagem e outras informações úteis. É óbvio que essa analogia é antropomórfica, mas mesmo assim é sugestiva, em especial quando há provas de que, como já vimos, são colocados minúsculos implantes nos casos de raptos por OVNI.

A transcrição do rapto de infância de Ed contém muitos detalhes que ajudam a sublinhar a autenticidade de todo o seu relato, de modo que a apresentarei aqui. Eu descrevi, no *capítulo 4*, o rapto de infância de uma mulher em Ohio, que chamei de "Margaret Bruning", acontecimento que teve lugar quando ela estava com cinco anos de idade e que se assemelha em muito com as descrições e reações de Ed. Um dos traços mais interessantes de ambos é que cada adulto rememorou a experiência com palavras e emoções apropriadas para uma criança de cinco anos, assustada, porém inteligente. Na ocasião de seus raptos, nenhum dos dois tinha a menor ideia do que era um OVNI, de modo que as duas crianças não tinham termos para descrever a nave em si. No início da sessão hipnótica que tratou da experiência de rapto quando adulto, Ed disse que uma outra tinha acontecido antes, de modo que

perguntei se ele conseguia lembrar quando foi.

ED DUVALL: Sou pequeno. Muito pequeno mesmo. *(Muito assustado)* Uns cinco anos de idade, talvez. Muito pequeno. *(Respirando pesado, muito amedrontado)* Estou com medo. Não sei quem são eles. São horríveis. São feios. São rústicos. Estou com medo deles. Há vários deles. É de dia. Não sei onde está minha mãe. *(Chorando)* Não consigo achar minha mãe! Chamo mamãe, mas ela não responde. *(Soluçando)* Mamãe, mamãe, onde você está? Ninguém responde. *(Chorando)*

BUDD HOPKINS: Onde você está, Ed?

ED DUVALL: Estou no pátio dos fundos, brincando. Eles me levam para o bosque. *(Respira nervoso e depois fala com seu modo de ver de adulto)* É o mesmo sujeito! É o mesmo maldito sujeito que fez aquilo antes. Agora me lembro dele. *(Chorando e voltando agora para sua perspectiva de criança)* Me deixa em paz! Me deixa em paz! Se afasta de mim! Se afasta de mim! Eu não quero que você faça isso comigo. Me deixa em paz. Se afasta de mim, não quero que você faça isso comigo. Minha mãe vai ficar zangada com você.

BUDD HOPKINS: *(O conforto)* Tem um final feliz. Você voltou para casa. *(Ed continua chorando desconsolado)* O que estão fazendo com você, Ed?

ED DUVALL: Eles tiram minhas roupas e ficam olhando para mim *(chorando)*, e eu não sei por que estão olhando para mim. Eu não sei... não sei onde estou... não sei onde é isso. Quero ir para casa. Não quero ficar aqui. Quero que eles me deixem em paz. Estou com medo *(soluçando)* e quero mamãe.

BUDD HOPKINS: *(Tenta confortá-lo mais uma vez)* Quando você chegou em casa, ela estava lá, portanto, está tudo bem. Está tudo bem.

ED DUVALL: *(Suspira um tanto ou quanto aliviado. Aos poucos vai recuperando o controle de suas emoções)* Eu conto para mamãe, mas ela não compreende. Não acredita em mim, ela diz que eu estava sonhando. Ela diz "você teve um sonho ruim". *(Chorando)* Eu tive um sonho ruim. Ela me pega, faz carinhos e me consola. Eu tive um sonho ruim.

BUDD HOPKINS: Você acha que foi um sonho ruim?

ED DUVALL: Foi um sonho ruim. Agora acabou. E os homenzinhos fo-

ram embora. Foi um sonho ruim.

BUDD HOPKINS: E você está se sentindo melhor, com sua mãe lhe consolando desse jeito. Está se sentindo muito melhor, muito melhor.

Nesse ponto, pude ver que Ed estava ficando mais calmo, de modo que decidi fazer algumas perguntas. Eu estava curioso em descobrir se os homenzinhos haviam dito alguma coisa para ele, quando Ed perguntou o que estava acontecendo. Eu também queria saber se eles haviam dito onde Ed se encontrava, ou se, no que diz respeito a esse assunto, eles tinham falado alguma coisa. Sua resposta foi a mesma que tenho ouvido várias e várias vezes de pessoas que descrevem suas experiências de rapto na infância. "Eles me disseram para eu me comportar. Disseram que não me machucariam. Disseram que me levariam de volta para mamãe quando acabassem. Falaram que eu não devia ter medo."

Decidi verificar se não houve algum possível efeito físico subsequente e ao fazê-lo, descobri, de modo inesperado, uma outra informação significativa.

BUDD HOPKINS: Você sente que alguma parte de seu corpo está engraçada, ou dói, fora seu nariz? *(Essa observação revela uma certa confusão de minha parte. Quando Ed rememorou, alguns minutos antes, sua experiência de rapto na adolescência, ele descreveu que alguma coisa estava sendo enfiada em seu nariz, causando dor. Eu confundi os dois incidentes, mas no mesmo instante expliquei para ele o que eu havia feito. Entretanto, sua resposta levou para uma direção diferente)*

ED DUVALL: Cortei minha perna no arame farpado.

BUDD HOPKINS: Onde estava o arame farpado?

ED DUVALL: Ao lado da garagem, no pátio dos fundos.

BUDD HOPKINS: Como aconteceu de você cortar a perna no arame farpado?

ED DUVALL: Não sei. *(Intrigado)* Não sei como cortei a perna.

BUDD HOPKINS: Onde foi o corte, Ed?

ED DUVALL: Na parte de baixo da perna esquerda, em cima do calcanhar, na parte de trás.

BUDD HOPKINS: Estou vendo. Dói muito?

ED DUVALL: Não.

BUDD HOPKINS: Como você sabe que cortou?
ED DUVALL: Está saindo sangue.
BUDD HOPKINS: Sua mãe notou o corte?
ED DUVALL: Notou sim. Ela diz: "você cortou a perna, como você fez isso?" Eu disse que tinha sido no arame farpado. Ela disse "vou mandar papai tirar o arame farpado e jogar fora".

Sabendo o que ele havia acabado de passar e julgando por experiências anteriores que era provável que o arame farpado nada tivesse a ver com seu machucado, não pude deixar de fazer uma pergunta irônica sobre o corte na parte traseira de sua perna. "Você andou de costas e bateu no arame, Ed?" Ele respondeu apenas: "não sei". Indaguei sobre algum outro problema físico. Após uma pausa, ele disse: "Meu nariz está todo tapado." Mencionei o fato de que isto era esperado, porque ele tinha estado chorando. "Eu sei", ele disse. "Mas em outro momento ele também estava todo tapado. Doía. Eles olharam o meu nariz. Eles... eles enfiaram alguma coisa nele quando eu era pequeno. Fizeram meu nariz doer." Foi uma sessão muito longa e emocional, e nesse ponto achei que já tinha sido bastante longa. E assim, após mais algumas palavras tranquilizadoras, comecei a contagem regressiva e tirei Ed do transe.

Bem, o leitor reconhecerá muitos detalhes que relacionam essa experiência com outros relatos sobre rapto. Mas, nesse contexto, há um fato muito interessante que devia ser mencionado. Ed, é claro, havia lido *Missing Time* e, após nossas sessões de hipnose, ele me fez uma pergunta muito surpreendente. "Budd, não me lembro de nada de seu livro sobre alguém ir flutuando direto para um OVNI, como se não tivesse nenhum peso. Também não me recordo de nada sobre alguém relatar que havia tido relações sexuais com um deles, pelo que me lembro. A maioria das coisas de que me lembro é bem diferente. Alguma vez você ouviu falar sobre essas coisas?" Homem bom e honesto como era, Ed estava perturbado com a maneira como esses detalhes centrais de seu relato diferiam do que ele havia lido. Assegurei que eu tinha me deparado com esses dois detalhes em uma série de casos. Lembrei que o livro tinha sido escrito anos antes e que, desde então, eu havia investigado muitos outros raptos por OVNI's. Mas, como era natural, fiquei contente por Ed não estar apenas reproduzindo exatamente o

que poderia ter tomado conhecimento em *Missing Time*.

E, depois, havia a questão do corte na parte traseira de sua perna. Como afirmei antes, na primeira vez em que conversei com Ed pelo telefone, perguntei se ele tinha alguma recordação desconcertante da infância que ainda não tinha sido "resolvida", períodos de tempo desaparecido, sonhos estranhos e repetidos e assim por diante. Como era óbvio que ele conhecia esse aspecto dos relatos de rapto através da leitura de meu livro, fiz a pergunta específica se ele tinha alguma cicatriz visível no corpo, cujas origens fossem misteriosas, inexplicáveis, etc. Ele havia dito não a todas essas perguntas e, no entanto, sob hipnose, recordou-se do corte na parte traseira da perna, ferimento este que tinha ocorrido sem dor e em circunstâncias suspeitas. "Você tem mesmo uma marca atrás da perna?", eu perguntei. "Não que eu saiba", ele respondeu. "Podemos dar uma olhada para ver se há algo?", perguntei. Ed levantou o calcanhar e suspendeu a perna da calça. E havia uma minúscula cicatriz vertical, uma linha muito fina com cerca de 5 centímetros de comprimento, bem reta e regular, marca essa que nem ele nem a mulher haviam notado antes.

Pouco antes de eu voar de volta a Nova York, eu e Ed tivemos uma última conversa. Ele disse-me que tinha sido de extrema importância para ele descobrir o que aconteceu na noite em que foi retirado da camionete e levado para o OVNI. Isso explicava um mistério pessoal. "Sabe, Budd, eu sou bem casado e tudo tem ido muito bem, mas houve um período, mais ou menos na época em que isso aconteceu, que minha vida sexual desceu a ladeira e eu comecei a beber um pouco mais do que devia. Nunca entendi o que havia de errado comigo. Isso me incomodava. Mas agora eu sei." Eu disse a Ed que ele tinha toda razão de se sentir bem consigo mesmo. Embora ele fosse na essência um homem conservador e trabalhador, cujo lema era viver-e-deixar-viver, oriundo de uma pequena cidade do Wisconsin, Ed era exigente o bastante para insistir em descobrir o que tinha acontecido com ele durante todos aqueles anos passados e para procurar a causa de maneira resoluta. Foi um privilégio ter-me tornado seu amigo.

Ed não é o único homem que teve uma experiência como essa. Até hoje, eu já estive envolvido na investigação de quatro casos de rapto por OVNI, nos quais homens descrevem ter tido relações sexuais com

aparentes fêmeas alienígenas.[64] Um desses quatro é um oficial de polícia, o outro um fazendeiro, outro é operário de fábrica e Ed, é claro, é mecânico. Tenho razões para acreditar que três outros raptados com os quais trabalhei, um oficial da força aérea, um escritor e um advogado do governo, também passaram por essa experiência. Mas a capacidade natural da mente humana para censurar esse sensível material, para se proteger contra recordações humilhantes, pode significar que esses três, junto com certos outros homens cujos casos investiguei, simplesmente não tenham permitido que viessem à tona alguns aspectos de suas experiências com OVNI's.

Em fevereiro de 1985, eu recebi uma carta, entregue a mim por meu editor, de "Dan Seldin", um operário de um lugar próximo a Cleveland, Ohio. A carta não era uma fluente produção literária. Ao contrário, era um pedido de ajuda simples, desesperado e apaixonado. "Caro Sr. Hopkins", ele começou.

> Tenho muita dificuldade em escrever sobre isso. É como se houvesse um enorme bloqueio mental para as palavras. Há alguns anos, eu e mais seis pessoas tivemos um encontro imediato. Tenho razões para acreditar que houve um lapso de tempo... Parece também que, à medida que o tempo passa, eu estou lembrando de pequenas coisas. Permita-me dizer, senhor, que acho que às vezes fico louco e sinto medo. Um tremendo medo! Não gosto do que me lembro. Sr. Hopkins, por favor, ajude-me se puder. Cada vez fica mais difícil de aguentar... Muitas vezes eu tentei sentar e escrever para alguém que conheça essas coisas... Aconteceu alguma coisa comigo e mais seis pessoas em uma noite clara de verão. Parece que duas dessas pessoas, que tenho visto nos últimos dois anos, também acreditam que houve um lapso de tempo...

A carta de Dan prosseguiu, pedindo que eu respondesse e o ajudasse. Terminava com uma observação bem desesperada. "Não sei o

64- Em dois desses estranhos casos, as descrições da vítima sobre seus parceiros sexuais sugerem que é possível que eles fossem híbridos de algum tipo, com metade das feições humana e metade alienígena. As sensações sexuais que eles relataram pareciam ser bem normais. Entretanto, nos outros dois casos, as descrições das vítimas amoldam-se à típica Figura baixa e cinzenta do tipo alienígena. Deve-se observar que ambos esses raptados afirmaram que havia alguma coisa nas vaginas de suas parceiras que "parecia não estar certo". As sensações táteis, que eles descreveram, sugerem um material artificial e não a carne humana normal.

que fazer. Por favor, responda-me. Essa coisa maldita tem me perseguido desde que eu estava com cerca de 17 anos. Agora tenho quase 32 anos e a coisa não sossegou. Só aumenta. Estou muito assustado mesmo para enviar-lhe esta. Por favor, ajude-me se puder. Quero que minha mente fique em paz com relação a isso. Por favor, perdoe minha caligrafia. Acho que é a melhor coisa que posso fazer agora. Estou chorando como um bebê."

No final da carta, ele escreveu seu endereço e número de telefone e acrescentou um PS pedindo que o assunto fosse mantido confidencial. "Por favor, escreva ou telefone. Alguma coisa." Assinou o nome e no pé da página escreveu a expressão "por favor", sublinhada duas vezes. Liguei para ele nessa noite. O incidente sobre o qual ele me escreveu era muitíssimo intrigante por causa do número de pessoas nele envolvidas. Ao que parece, ocorreu no verão de 1969, em uma região rural próxima a Cleveland. Dan e seu amigo Jeff, um outro rapaz de dezessete ano, fizeram, depois da janta, um passeio no bosque, acompanhados de quatro moças e um adulto, a mãe de duas das garotas. No caminho de volta, quando estava ficando escuro, apareceu de repente uma enorme luz na altura das copas das árvores, acima de uma pequena clareira por onde estavam andando, e as recordações de todos começam a desvanecer-se nesse ponto. A "Sra. Warren", a adulta que participava desse passeio, explicou-me mais tarde, em uma entrevista pelo telefone, que a bola era tão grande quanto uma quadra de beisebol, que estava imóvel acima deles e que ela não a viu sair ou ir embora em nenhum momento. Ela tem conhecimento de que há, de alguma forma, um período de tempo desaparecido. Uma de suas filhas havia deixado o grupo e se dirigido para casa na frente dos outros. Como foi ficando cada vez mais tarde e eles não voltavam, a moça ficou inquieta, e quando eles chegaram depois, suas perguntas sublinharam o fato do lapso de tempo. A Sra. Warren contou-me que a luz "tinha iluminado o bosque inteiro". Ela ficou tão curiosa que no dia seguinte voltou à clareira, à procura de uma explicação, e descobriu um imenso círculo no solo, onde a grama estava "toda ressecada e marrom". Ela sabe que nessa noite "parece que perdemos uma hora mais ou menos" e que, desde então, ela tem medo de andar sozinha naquele bosque.

Na primeira vez em que conversei com Dan pelo telefone, descobri que ele era uma pessoa tímida, inteligente e dócil e muito mais literário

do que sugeria o estilo rude de sua carta. Ele tornou-se a quarta pessoa a ir a Nova York para hospedar-se em meu estúdio, com o objetivo de explorar suas experiências com OVNI's através da hipnose e de entrevistas pessoais. Chegou em meados de abril de 1985, cerca de dois meses apenas depois que Kathie deixou Nova York e retornou a Indianapolis. Como um outro raptado veio de visita entre as viagens deles, com o mesmo objetivo, o sofá-cama do estúdio mal teve tempo de esfriar.

Dan é um homem alto e bonito e pai de duas moças. Havia vários anos que ele estava divorciado e morava sozinho em um pequeno apartamento. Suas experiências de rapto, que remontam ao início da infância, revelaram-se como sendo muitas e complexas, merecendo um tratamento mais detalhado do que posso dar neste relato. Quero discutir aqui apenas aqueles detalhes que se assemelham aos acontecimentos dos encontros de Ed Duvall. A experiência de 1969, que envolveu seu amigo Jeff, a Sra. Warren e as moças, foi o primeiro incidente que exploramos através da hipnose. Começa com a descrição do passeio e o aparecimento da imensa luz de aparência sólida. Dan era a pessoa que estava mais afastada da clareira, mas pôde ver os outros parados, olhando para cima como que pasmados de horror. Ele próprio se sentiu paralisado e, em seguida, descreve a chegada de várias figuras baixas de aparência assustadora e pele branca. Pouco depois, Dan é levado para dentro do OVNI, junto com a Sra. Warren, Jeff e as outras três moças. É separado deles e conduzido a um enorme quarto circular muito iluminado, onde, de repente, toma conhecimento de que está desnudo.

> Esta mesa metálica está bem no meio... como que lustrosa, de um certo modo... Eu... eles querem que eu suba na mesa. É como se eles estivessem me ajudando a subir sozinho. Tem alguma coisa para eu colocar os pés. E tem uma coisa em cima, além de toda essa luz. Todo o teto está iluminado. Parece um desenho, mas tem algo que parece estar pendurado. Estou ficando com medo de novo. *(Respira nervoso)* Ele está parado na extremidade, ao lado de meus pés. Não compreendo isso. É uma mesa esquisita. Antes ela parecia ser sólida, mas agora parece que está se esticando. Não compreendo. Ele... vai fazer alguma experiência...

Mais tarde, Dan explicou-me que a mesa permaneceu uma peça

entre seus quadris e a cabeça, mas que, abaixo, ela se dividiu em um Y, movendo suas pernas para uma posição aberta. Mais uma vez, ele pergunta com firmeza o que estão fazendo. “Eles não dizem nada. Ele nem sequer presta atenção a mim... Um deles está à minha esquerda... Ele diz ‘fique calmo’.” Dan treme e suspira, parecendo estar muito assustado de novo. Tento acalmá-lo e depois pergunto o que aconteceu. Embora eu tenha apagado a maioria de minhas perguntas, a transcrição seguinte cobre os próximos minutos de sua experiência.

> O que está à esquerda tocou em mim... em meu ombro esquerdo... os dedos são lisos... como os de um réptil... frios... não tão frios assim, mas eram frios e como que pegajosos... úmidos... suaves... O outro põe alguma coisa... na minha região genital... Parece um tipo de forma cônica... clara... cobre toda a região... Tem uma sensação, uma vibração. Não dói. Só sinto essa vibração, e ela parece com um choque. Não sei. Parece com um choque agradável. Dessa vez, o que está a minha esquerda, move a mão até meu antebraço. Está arriando essa coisa em cima de minha cabeça. *(Pergunto se ele acha que teve ou não uma ereção, enquanto o objeto vibrador estava em cima de sua região genital)* Não tenho certeza. Parece que sim e que não... Eu podia sentir a coisa tocando a extremidade de meu pênis e bem em volta de toda a região. Parecia um pouco fria. Depois eles colocam essa coisa em cima de minha cabeça... Fizeram isso ao mesmo tempo. Enquanto um estava pondo essa coisa em cima [dos órgãos genitais], o outro arriava essa coisa em cima de minha cabeça. É clara. Tem pequenos buracos... uma luz muito brilhante... e...

De repente, Dan pula e começa a tremer. Seus olhos se enchem de lágrimas, e é óbvio que ele está muito assustado. Pergunto o que aconteceu, o que ele tinha sentido. Ele responde em tom muito suave, e eu fui obrigado a perguntar duas vezes antes de poder compreender a única palavra de sua resposta: “eletricidade”. Pergunto se ele a sente em todo seu corpo. “Só na cabeça.” Pergunto se a coisa clara e cônica ainda está em seus órgãos genitais enquanto isso acontece. Ele responde com voz suave e desnorteada: “Não sei. Não sei. Só vejo uma luz brilhante em cima de mim. Não sei. Não compreendo.”

Essa experiência tem muito mais coisas, mas como Dan reconheceu mais tarde, foi retirada uma amostra de esperma nessa parte de seu encontro. A onda de eletricidade que ele sentiu na cabeça enquanto seus órgãos genitais estavam cobertos pelo objeto claro e cônico, me sugere algum tipo de estímulo neurológico artificial para o relaxamento sexual, embora isso seja apenas uma especulação. Steven Kilburn, um raptado cujo relato foi tratado em *Missing Time*, também descreveu que uma cobertura de plástico claro foi colocada em cima de seus órgãos genitais. Sentiu uma vibração, a súbita descarga do orgasmo e depois a sensação de que havia sido retirada uma amostra de seu sêmen.[65] Ele não descreveu isso sob hipnose; era uma mulher que realizava a hipnose, a Dra. Aphrodite Clamar, e a experiência era tão humilhante e perturbadora, que Steven rememorou em silêncio. (A ideia de que uma pessoa, em um transe hipnótico, não tem vontade, nem escolha sobre o que deseja relatar, é um dos juízos falsos mais comuns em relação à hipnose. A pessoa pode permanecer em silêncio ou então comentar de um modo bem tagarela, dependendo do sentimento que tenha na hora. A hipnose é apenas um estado muito relaxado e não um inapelável soro da verdade do tipo pentotal.)

Dan ficou conosco em Nova York durante quase uma semana, e nós exploramos uma série de experiências com OVNI's, mais antigas e também posteriores. Ele lembrou-se de outras operações para a retirada de amostras de esperma, em dois incidentes anteriores a esse rapto de 1969. Muitas de suas lembranças foram conscientes, e a hipnose só nos ajudou a recuperar mais detalhes. Todas foram perturbadoras para Dan, quando ele compreendeu a maneira profunda como essas experiências traumatizantes afetaram sua vida. Ao compreender que amostras de sêmen tinham sido obtidas em três ocasiões diferentes, Dan teve um súbito lampejo de autoconhecimento. "Sabe", ele disse, "quando me casei e nasceu nossa filha, fiquei tão contente que, no mesmo instante, fui fazer uma vasectomia. Eu sabia que depois que tivesse um filho eu poderia mandar que me esterilizassem, e assim fiz, logo depois que ela nasceu." Quando penso nessa questão, não consigo imaginar dois homens obviamente menos prováveis de passar por uma

65- Steven Kilburn fez a interessante observação de que as sensações estavam totalmente localizadas. Nem seu corpo como um todo nem sua mente sentiam excitação sexual. As sensações apareceram de repente e ficaram confinadas aos órgãos genitais.

operação como essa do que Ed Duvall, em uma cidadezinha do Wisconsin, na década de 1960, e Dan Seldin, um homem de 27 anos, que recentemente se tornara pai de uma filha única. Mas, mesmo assim, considerando-se suas lembranças inconscientes, a humilhação e a sensação de estar sendo usado, de estar sendo cultivado, por assim dizer, suas decisões tornam-se compreensíveis.

Durante uma de nossas extensas conversas, Dan falou-me sobre um "sonho" que havia tido poucos meses antes de ir a Nova York. Ele lembrava-se de ter acordado na cama e visto três criaturas de cabeça grande e olhos negros em seu quarto, talvez a uns 5 metros de distância, olhando para ele. Em seguida, ele recorda-se da imagem de um rosto de mulher próximo ao seu, uma mulher com os mesmos olhos negros, cujos cabelos pretos balançavam para a frente e para trás. Seguem-se outros detalhes, mas para Dan essas são as vívidas imagens centrais. Ele achou que a experiência havia sido de um realismo completo, mas ainda assim parecendo um sonho ao mesmo tempo. O incidente parecia ser um tema lógico para uma exploração hipnótica, de modo que a 15 de abril de 1985 nós voltamos a esse sonho. O resumo seguinte começa cerca de dez minutos depois de iniciada a sessão.

DAN SELDIN: Posso ver eles três. É como se estivessem conversando entre si... Posso ver todo seu corpo... Estão vestidos de preto.

BUDD HOPKINS: Você tem a sensação de saber o que eles estão conversando?

DAN SELDIN: *(Pausa)* Sobre mim.

BUDD HOPKINS: Você consegue ouvir isso?

DAN SELDIN: Não.

BUDD HOPKINS: E qual a próxima coisa que acontece?

DAN SELDIN: A moça...

BUDD HOPKINS: Como ela entra em seu campo de visão?

DAN SELDIN: Ela apenas está aqui... sua cabeça...

BUDD HOPKINS: *(Uma pergunta intencionalmente indutora de minha parte, que Dan põe de lado com facilidade)* Ela também está vestida de preto?

DAN SELDIN: A única coisa que vejo é sua cabeça. Ela parece má, mas é bonita também. Seus olhos fazem com que pareça má. Olhos horríveis.

BUDD HOPKINS: Você sabe por que ela está aí? Tem alguma relação com as outras pessoas?

DAN SELDIN: *(Pausa)* A única coisa que vem à mente é... ela tinha uma aparência muito sensual, à exceção de seus olhos. Eram olhos que tinham um jeito bem horrendo... bem negros e brilhantes. Mas ela era bonita... Olhos horríveis. Mais pretos que o inferno. *(Pausa)* Estou sentindo-me excitado. Hum... estou sentindo que agora mesmo...

BUDD HOPKINS: Bem, você disse que ela era uma mulher de aparência sensual...

DAN SELDIN: A não ser os olhos dela. Eles são... Os olhos dela são horríveis, é como se tivessem sua própria...

BUDD HOPKINS: *(Após uma pausa)* Nesse sonho existe algum corpo que combine com esse rosto?

DAN SELDIN: A única coisa que consigo ver é o rosto dela e seu cabelo, como se estivesse sendo soprado, ou em movimento, ou alguma coisa parecida. Ela não tem nenhum dente. Está com a boca aberta, mas não tem dentes.

BUDD HOPKINS: Ela parece ser real ou parece ser alguma coisa saída de um sonho?

DAN SELDIN: *(Com firmeza)* Ela era real. Relacionada com eles... Aqueles olhos...

BUDD HOPKINS: Bem, Dan, no sonho ela está aí, diante de você. O que acontece no sonho, qual a próxima coisa que você vê, ou sente, ou seja, lá o que for? Os sonhos têm sequências. Que acontece a seguir?

DAN SELDIN: Não tenho certeza. Acho que o que estou pensando agora não é real. *(Pausa)* Estou começando a me sentir excitado...

BUDD HOPKINS: Diga-me apenas o que você se lembra. Um sonho é um sonho. Os sonhos não são reais. Você não é obrigado a decidir o que é real. Só estou interessado no que você lembra. Todos nós temos sonhos. Todos nós ficamos excitados em sonhos...

DAN SELDIN: Estou ficando com medo.

BUDD HOPKINS: Diga-me o que você está sentindo...

DAN SELDIN: Ela está em cima de mim.

BUDD HOPKINS: Em que posição você se encontra quando ela está em cima de você? Você está de pé e ela está mais alto?

DAN SELDIN: Não. Estou deitado na cama... As cobertas foram puxadas para baixo... ela... é como se eu estivesse deitado aqui e ela... *(inaudível)*

BUDD HOPKINS: Ela faz o quê?

DAN SELDIN: *(Em um tom suave, em um sussurro)* Ela está... trepando comigo...

BUDD HOPKINS: Dan, conte-me, parece ser a mesma sensação normal de quando se está fazendo sexo com alguém? É a mesma coisa?

DAN SELDIN: *(Em tom suave)* É...

BUDD HOPKINS: Ela sente a mesma coisa?

DAN SELDIN: Sim.

BUDD HOPKINS: Você pode abraçá-la? Você a abraça?

DAN SELDIN: Não. É como se eu só estivesse deitado aqui.

BUDD HOPKINS: Onde estão seus braços? Você a está tocando?

DAN SELDIN: Não.

Eu estava fazendo perguntas deliberadas, tentando sugerir que ele a tocava porque queria saber se ele podia ser manobrado. Eu suspeitava, claro, que ele não era manobrável, que não embelezaria seu relato e que, com toda probabilidade, ele não conseguia se mexer.

BUDD HOPKINS: Por que você não a está tocando?

DAN SELDIN: Não sei.

BUDD HOPKINS: Isso está acontecendo em sua cama?

DAN SELDIN: Está.

BUDD HOPKINS: Quando você olha em volta, consegue ver seu quarto? Ele parece normal, parece estranho, ou o quê? O quarto se parece com um quarto de sonho, ou o quê?

DAN SELDIN: Parece com meu quarto.

BUDD HOPKINS: E quanto a luz dele?

DAN SELDIN: Luz normal.

BUDD HOPKINS: Você consegue ver o corpo dela?

DAN SELDIN: Consigo.

BUDD HOPKINS: Com que se parece o corpo dela?

DAN SELDIN: Com o de uma mulher comum. Corpo bonito...

BUDD HOPKINS: Ela fez alguma coisa para lhe excitar?

DAN SELDIN: Não. É como se ela tivesse subido em cima de mim e colo-

cado as mãos em meus ombros.
BUDD HOPKINS: É ela que faz tudo?
DAN SELDIN: É.
BUDD HOPKINS: E você não se mexe?
DAN SELDIN: Certo.
BUDD HOPKINS: Você faz alguma coisa com ela ou é ela que faz alguma coisa com você?
DAN SELDIN: Não. *(Pausa)* Ele está parado ali.
BUDD HOPKINS: Quem é ele?
DAN SELDIN: Ele. A figura de cabeça branca. Lá no canto. Só observando.
BUDD HOPKINS: Alguém diz algo?
DAN SELDIN: Eles estão no canto, ao lado da cadeira de balanço, só observando.
BUDD HOPKINS: Você acha que sabe por que isso está acontecendo?
DAN SELDIN: Não. É só um vazio. Não penso em nada.
BUDD HOPKINS: Mas sente sensações normais?
DAN SELDIN: Sinto.
BUDD HOPKINS: Ela fez alguma coisa com as mãos para lhe deixar excitado?
DAN SELDIN: Não. É como se ela só tivesse subido em cima de mim.
BUDD HOPKINS: Quer dizer que você já estava excitado?
DAN SELDIN: Sim... só de olhar para ela... Os olhos dela. Eles são horríveis, mas são...
BUDD HOPKINS: O que você sente em relação a essa experiência? Você a acha agradável ou desagradável ou...
DAN SELDIN: Eu me sinto excitado. Intrigado.

Procurei testar várias vezes a validade das recordações de Dan, tentando levá-lo por vários caminhos. Fiz perguntas destinadas a dar a ele uma oportunidade de embelezar esse encontro com detalhes eróticos; no entanto, ele rejeitou essas chances e manteve o esboço simples, parco e intrigante de sua experiência. Dei a ele oportunidade para "editar", para proporcionar razões e um sentido para o encontro, mas ele também as rejeitou. E agora revela-se uma ironia conhecida nos momentos finais da sessão de hipnose. Dan começa a rir, um sorriso suave, para si mesmo, mas com verdadeiro prazer.

DAN SELDIN: Os enganei. *(Rindo)* Só estou pensando que eu os enganei. Eles não podem tirar o que querem. Não sou um desses touros de criação...

BUDD HOPKINS: Por causa da vasectomia?

DAN SELDIN: Sim.

BUDD HOPKINS: Você acha que eles queriam esperma?

DAN SELDIN: *(Em tom suave)* Acho. Às vezes fico com medo que eles refaçam a operação. Não quero que refaçam. *(Pausa)* Eles são estúpidos. Eles são estúpidos.

BUDD HOPKINS: Você acha que existe alguma possibilidade de que a mulher esteja sentindo algum prazer sexual?

DAN SELDIN: Não.

BUDD HOPKINS: O que você acha disso? O que você acha que ela estava sentindo?

DAN SELDIN: Apenas como se fosse uma coisa que ela tem que fazer. Seja com que objetivo for. *(Pausa)* Ela é bonita de costas... sem esses olhos estúpidos olhando para a gente.

BUDD HOPKINS: Como você a vê de costas?

DAN SELDIN: Quando ela sai de cima. Começa a ir embora andando. E esse sujeito olha para ela, e eles acabaram de sair...

Existem mais coisas nesse incidente, assim como existem, é claro, mais coisas em tudo que foi descrito até aqui nestas páginas. Eu retive, de modo deliberado, certos detalhes em muitos desses casos, com a esperança de que investigações posteriores possam fazer aparecer informações especificamente corroboradas. Como exemplo disso, parece que nesse encontro disseram a Dan o nome da mulher de olhos negros que montou em cima dele de maneira tão mecânica, em seu quarto de dormir. Seria interessante se esse nome surgisse em algum outro relato de rapto. Mas enquanto isso, não tenho como transmitir a profundeza e frieza da raiva e do ódio que Dan sente em relação a seus captores. No caso de alguns raptados, há uma curiosidade e até mesmo sentimentos ocasionais de entusiasmo e intimidade para com essas estranhas e desconhecidas criaturas "alienígenas", que se tornaram tão entrelaçadas com pessoas normais, pessoas que jamais pediram — nem sequer imaginaram — esses envolvimentos bizarros. Mas com Dan a questão era simples; ele só sentia repugnância em relação a eles.

No início deste capítulo, eu fiz alusão a outros casos que investiguei, nos quais raptados do sexo masculino descrevem esse mesmo tipo de experiência sexual. Um deles relaciona-se com um oficial de polícia de Nova York, e mencionarei apenas a angustiante sessão de hipnose realizada pela Dra. Clamar, na qual apareceram esses detalhes. O hipnotizado estava tão assustado, sentia tanta aversão pela experiência, que depois teve dificuldade até mesmo para começar a descrever o que havia acontecido. O oficial de polícia, "Sr. J. E. tinha na ocasião vinte e poucos anos, tinha um casamento feliz e era pai de uma criança nova. Assim como Ed e Dan, ele foi colocado em cima de uma mesa ou de uma cama, foi imobilizado e excitado de alguma maneira e, em seguida, foi montado por uma fêmea que não parecia ser humana. Nesse caso, entretanto, a fêmea parecia ser muito menos humana do que nos outros. "Eles puseram aquela coisa em cima de mim", ele disse, "como uma mulher, mas não era mulher. Era cinzenta e tinha um rosto, mas eu não conseguia olhar para ele. Realmente não parecia ser humana. Foi horrível. Tem que ter sido um sonho." Os olhos de J.E. são escuros, intensos e profundos. Ele virou-se para mim com um ar de súplica naqueles olhos profundos, um ar assombrado e desesperado, que jamais esquecerei. "Foi um sonho, não foi, Budd? Tem que ser um sonho. Coisas assim não podem acontecer mesmo, não? Isso não pode ser real, não?" Eu disse que ele tinha razão, que deve ter sido um sonho, que coisas assim não podem acontecer. Isso não ajudou muito, mas, naquele momento, eu teria dito para ele o que ele quisesse ouvir. E seus olhos estavam cheios de lágrimas quando ele falou; os meus também, pois ambos sabíamos a verdade.

CAPÍTULO 8

A Apresentação

No quarto de século transcorrido desde que o caso de Betty e Barney Hill chamou, pela primeira vez, a atenção internacional para a questão, o fenômeno de rapto por OVNI tem tido uma história complexa e desconcertante. O que considero o acontecimento de rapto mais importante nessa longa e estranha história ocorreu em algum momento da noite de 3 de outubro de 1983, em uma região rural nos arredores de Indianapolis, Indiana. Como relatei no *capítulo 3*, começou quando Kathie Davis foi flutuada para fora de seu quarto enquanto dormia. Em seguida, ela foi submetida a um exame físico dentro do OVNI. No entanto, o significado último dessa experiência só veio à luz meses depois, quando Kathie lembrou, pouco a pouco, através da rememoração natural, os detalhes do que se seguiu ao exame: um profundo confronto, ao mesmo tempo tão humano e tão sobrenatural como se pode imaginar.

Fui informado desse acontecimento durante a segunda viagem de Kathie a Nova York, em janeiro de 1985, cerca de quinze meses depois de haver ocorrido. Na noite do dia 26, quando estávamos sentados em minha sala de estar, conversando sobre coisas sem importância, percebi que havia algo importante que Kathie queria contar. Ela parecia nervosa e hesitante, e eu notei que algumas lágrimas brilhavam em seus olhos. "Budd, você lembra-se que eu disse que sabia que tinha uma filha?" Ela fez uma pausa e pigarreou. "Bem, eles a mostraram para mim. Eu a vi." Quando ela continuou com a história, eu estava comovido e surpreso demais para pensar em ligar o gravador. Nesse ponto, lembrei-me que meu amigo Tracy Tormé havia planejado dar uma passada para conhecer Kathie, de modo que decidi que quando ele chegasse, eu pediria a

ela para repetir o relato e assim eu poderia gravar. No momento em que ele chegou, mais ou menos uma hora depois, ela se tinha recomposto um pouco, de forma que a seguinte versão gravada é menos emocional e mais formal em seu tom do que a narrativa anterior daquela noite.

> Foi o final de algum tipo de cena. Foi como um sonho ou algo pelo estilo, antes de eu acordar na cama. Mas foi real demais para ser um sonho... Alguma coisa tinha acontecido antes, algum tipo de teste. Alguém tinha falado comigo... Eu estava naquele lugar, que era todo branco. Era como se eu estivesse me preparando para voltar ao lugar de onde tinha vindo... como se, na essência, eles já tivessem acabado comigo, a não ser por uma coisa. E havia um grupo inteiro desses sujeitos lá dentro, no quarto grande... sujeitos baixos e cinzentos, e havia muitos deles à minha volta. Acho que me lembro que um deles... é quase como se ele estivesse com o braço na minha cintura... muito reconfortante. Eu estava de pé. E todos estavam em volta de mim, e um deles tocou-me o ombro. Todos pareciam muito contentes comigo e... Não sei por que... Eu não sentia o menor medo.

Nesse ponto, Kathie começa a falar de modo lento e mais suave — em um tom quase confessional — como se as correntes submersas de emoção ficassem, de repente, mais próximas da superfície.

> E então... uma menininha entrou no quarto... escoltada por outros dois deles. E ela parou diante do vão da porta... Ela parecia ter uns quatro anos. Parecia ser mais ou menos do mesmo tamanho de Tommy. Ele tem quatro anos, e ela não era parecida com eles, mas também não se parecia conosco. Era muito bonita. Parecia um duende, ou um... anjo. Tinha olhos azuis muito grandes mesmo e um narizinho muito pequenino, mas perfeito. E a boca era tão perfeita e minúscula, e ela era pálida, à exceção de seus lábios que eram rosados e os olhos azuis. Seu cabelo era branco, cacheado e fino... delicado... muito fino e delicado. Sua cabeça era um pouco maior do que o normal, em especial na testa e na nuca... A testa era um pouco maior..., mas ela era mesmo uma boneca. E eles a levaram a mim. Ficaram parados, olhando-me. Todos estavam olhan-

do para mim. E eu olhava para ela e queria abraçá-la. Ela era tão bonita, e eu sentia vontade de segurá-la. E comecei a chorar... e eu estava chorando quando contei para Budd no início da noite... Essa é a única parte dessas coisas esquisitas que de fato me deixa emocionada. Não resta nenhuma emoção com relação a qualquer outra parte. Talvez às vezes eu sinta medo, mas estou mais ou menos...

Tracy tinha escutado, com toda atenção, enquanto Kathie relatava com dor evidente, mas a interrompeu aqui para perguntar se ela havia recordado aquilo tudo sob hipnose.

> Não. Foi quase como se eles tivessem deixado que eu me lembrasse dessa parte. Eles seguravam as mãos da menina. Cada um segurava uma das mãos e era como se ela fosse tímida, parecia um coelhinho muito tímido e quase tinha medo de mim. Ela virou-se para um deles e esticou o braço. Depois me olhou de lado e quando fez isso, seu lábio tremeu e ela quase... foi uma espécie de sorriso, por um lado. Era como se ela estivesse de fato interessada em mim, mas sentia um pouco de medo de mim. E era tão doce. Acho que inclusive eu estava chorando de verdade, nesse momento. Sei que acordei chorando. Chorei quando contei para Sue e chorei quando contei para Budd. Quase choro só de pensar nisso... não sei, a coisa foi... não foi triste, mas... eu queria levá-la comigo...
>
> Não sei o que cada um deles disse para mim, mas um deles disse alguma coisa que não consigo lembrar. Só sei que todos estavam felizes comigo e havia uma sensação muito boa... uma sensação muito satisfatória, mas ainda assim foi muito triste para mim... Estou segura de que alguém falou que eu devia ficar orgulhosa. Os olhos dela eram tão azuis e enormes, as pupilas eram tão azuis, e ela piscou para mim... foi como uma piscada, mas não foi. Foi quase como se seus olhos estivessem me chamando a juntar-se a eles. A pele dela era cor de creme... não era cinzenta. Ela era pálida, suave e cremosa...

Nós três conversamos durante alguns momentos sobre o fato de Kathie ter recordado tanta coisa de modo normal, sem que a hipnose tivesse sido empregada, mas ela apresentou uma explicação possível.

É quase como se alguém tivesse sentido pena de mim por eu ter ficado tão emocionada com a criança... como se deixassem comigo um pedacinho dela, porque tinham de levá-la embora. Sei que a verei outra vez. Eles me disseram isso. Mas gostaria que fosse antes do que acho que, é bem provável, será...

Agora Kathie estava disposta a passar pela hipnose por causa desse acontecimento, apenas pela alegria de reviver a experiência de ter estado com a menininha. Com sua menininha. Preparei o cenário, instruindo Kathie de que iríamos retornar ao local que acabara de contar, que envolvia "uma recordação maravilhosa ou experiência de sonho". Ela descreve o quarto como tendo uma sensação de felicidade. Um quarto feliz. "Tem quatro pessoas comigo e uma outra do outro lado do quarto, junto ao vão da porta." Após mais descrições, segue-se uma pausa muito longa. Em seguida, ela fala de um modo tão lento e suave ç com tanta admiração, que sua voz é apenas um sussurro. "Olhe... para... isso! Ela é linda... *(Em um tom quase inaudível)* Eu quero... segurá-la." Kathie chora bem quieta e sussurra como que para si mesma: "Ela é minha."

Segue-se uma longa pausa e, em seguida, o "homem" que ela já viu muitas vezes antes, diz que ela não pode levar a menina consigo, pois a criança não conseguiria viver. "Você não poderia alimentá-la. Ela tem de ficar conosco." É profundo e palpável o desapontamento na voz de Kathie, enquanto ela relata essas palavras para nós. Ela prossegue, citando a pequena figura cinzenta.

KATHIE DAVIS: "Um pai... um pai deve cuidar de seus filhos."

BUDD HOPKINS: É ele o pai da criança? *(Kathie suspira, e em seguida vem uma longa pausa)* Ele explica como ela foi concebida?

KATHIE DAVIS: Não. *(Kathie se desembaraça rápido da pergunta e retorna ao que para ela é a questão central)* Não quero que eles a levem embora.

BUDD HOPKINS: Fale-me como é a aparência dela.

KATHIE DAVIS: Ela é... deslumbrante. Parece um anjo. É muito pequena. Magra. *(Fala devagar, como se estivesse observando, com amor e de modo sistemático, as feições da menina)* A pele é cor de creme. Pálida. O rosto tem a forma de um coração. Ela tem uma boquinha

minúscula, bem minúscula. Lábios perfeitos. Olhos azuis. Cabelo branco... não tão cheio assim. *(Mais tarde, Kathie disse-me que os cabelos eram ralos e distribuídos em tufos desiguais pela cabeça e que, através deles, se podiam ver pedaços do couro cabeludo em certos lugares. Eles caíam embaraçados, "como se eles", Kathie disse, "não soubessem o que fazer com os cabelos")*

BUDD HOPKINS: Você pode ver as orelhas dela?

KATHIE DAVIS: Ela tem orelhinhas muito diminutas mesmo, mas estão situadas mais baixo na cabeça do que deveriam. Do que as minhas. A testa é um pouco grande. Os olhos são grandes. Lindos. Ela é tão pequenina. Ela faz com que eles pareçam grandes. Você conseguiria segurá-la em um braço. É provável que ela não pese mais do que 12kg ou 15kg.

BUDD HOPKINS: O que ela está vestindo, Kathie?

KATHIE DAVIS: *(Falando suave)* É branco. Parece tecido de seda branca, um pouco brilhante. Passa pela cabeça, tem um buraco recortado para passar a cabeça. Cobre os ombros e cai no chão.

BUDD HOPKINS: Como são os pés e as mãos dela?

KATHIE DAVIS: Não consigo ver os pés. As mãos são mesmo muito minúsculas. Finas. Os polegares... não são tão próximos da palma das mãos quanto os meus. Quando ela estende os braços para o sujeito, parece que os polegares estão mais para os lados das mãos deles. Mas têm uma aparência normal, em geral. Ela é tão atraente.

BUDD HOPKINS: Ela sabe que você é a mãe dela?

KATHIE DAVIS: *(Fala suave, após uma pausa)* Sabe, mas não compreende o que é "mãe". Ela é muito novinha.

BUDD HOPKINS: Que idade ela tem... que idade pode ter?

KATHIE DAVIS: Não sei dizer. Ela poderia ser muito velha ou poderia ser muito criança. Não sei. De certo modo, ela parece um adulto anão e, por outro lado, tem a aparência de um bebê. Ela tem mais ou menos a altura de uma criança de três ou quatro anos. Como Tommy. Talvez não seja tão alta quanto Tommy.

BUDD HOPKINS: Como ela olha para você?

KATHIE DAVIS: Isso é uma coisa que também me incomoda. *(Triste)* Ela me olha quase como se tivesse medo de mim. Não com tanto medo a ponto de fugir, mas com medo o bastante para virar-se para eles.

BUDD HOPKINS: Tem mulheres aí também?

KATHIE DAVIS: Tem. São as fêmeas que estão com ela.
BUDD HOPKINS: Que diferença elas apresentam com relação aos homens?
KATHIE DAVIS: No físico, de fato não são muitas. Mas, sim, na maneira como pensam, no modo como falam com você.
BUDD HOPKINS: Você consegue falar olhando para eles?
KATHIE DAVIS: Se você olha nos olhos deles...
BUDD HOPKINS: Quantos se encontram nesse quarto?
KATHIE DAVIS: Dois com ela, quatro comigo. E tem um parado no vão da porta.
BUDD HOPKINS: Eles compreendem que você a quer pegar?
KATHIE DAVIS: *(Com firmeza)* Sim! Mas ele tem razão. *(Suave)* É melhor assim.
BUDD HOPKINS: Kathie, eles explicam alguma coisa para você, algo sobre como isso ocorreu ou o porquê?
KATHIE DAVIS: Ele só diz que ela era uma parte de mim.
BUDD HOPKINS: Ele diz se há outros como ela?
KATHIE DAVIS: Não diz.
BUDD HOPKINS: Você pergunta?
KATHIE DAVIS: Não.
BUDD HOPKINS: Tem alguma outra menininha aí dentro? Você vê mais alguém?
KATHIE DAVIS: Só vejo ela...
BUDD HOPKINS: Eles explicam o motivo pelo qual a fizeram?
KATHIE DAVIS: Não. Por que haveriam de explicar?
BUDD HOPKINS: Eles dizem para onde ela vai agora?
KATHIE DAVIS: Com eles.
BUDD HOPKINS: Você sabe onde isso é?
KATHIE DAVIS: Não.
BUDD HOPKINS: Eles dizem que você a verá outra vez?
KATHIE DAVIS: Eles me prometeram.
BUDD HOPKINS: Você acha que isso acontecerá em breve?
KATHIE DAVIS: *(Suspira)* Não.
BUDD HOPKINS: Você acha que ela consegue compreender seus pensamentos quando você olha para ela?
KATHIE DAVIS: Sim, porque eu pensei comigo mesma que ela era linda, que eu queria segurá-la, e ela sorriu para mim. E fiquei sabendo que ela consegue me ouvir.

BUDD HOPKINS: Kathie, dê uma boa olhada nela para que mais tarde você seja capaz de fazer um desenho dela. Você conseguirá lembrar-se dela pelo resto da vida...

KATHIE DAVIS: *(Muito suave)* Eu conseguirei.

BUDD HOPKINS: Nós voltaremos a ela de novo. Mas agora quero que você me diga como termina essa cena, como ela chega ao fim.

KATHIE DAVIS: *(Pausa, suspira)* Todos estão indo embora. Estão saindo pela porta.

BUDD HOPKINS: Eles lhe deixam sozinha no quarto?

KATHIE DAVIS: Só eu e ele.

BUDD HOPKINS: Você fala com ele?

KATHIE DAVIS: Pergunto por que a estão levando... Ele disse que ela estava segura e que sempre estaria. Torno a perguntar se eu poderei vê-la outra vez e ele diz que sim. Ele disse que já era hora de eu ir embora. Que eu ficaria doente se ficasse mais tempo.

BUDD HOPKINS: Você se sente mal?

KATHIE DAVIS: Não mesmo.

BUDD HOPKINS: Então o que acontece?

KATHIE DAVIS: Ele me leva na direção daquela... plataforma... é redonda. *(Pausa)* Segura minha mão. *(Pausa)* Sinto todo tipo de coisa. É engraçado, eu não... ele não diz nada para mim, mas só segura minha mão, olha para mim e eu sinto todo tipo de coisa... triste, aquecida, cuidada e distante... e adeus... e solitária... eu me sinto solitária também. Tudo ao mesmo tempo. Faz com que eu queira chorar. Não é tão mal assim.

BUDD HOPKINS: Quer dizer que vocês estão juntos na plataforma?

KATHIE DAVIS: Só eu. Ele não está nela. Não é tão alta... cerca de 2 centímetros e meio. Ela parece diferente do resto do assoalho. Cor diferente. Ele solta minha mão... dá um passo para trás. O quarto inteiro começa a... começa a brilhar... parece luz de fogo... calor...

De repente, Kathie dá um salto, sua respiração está rápida e desigual. Pergunto o que aconteceu, e ela diz que o peito doeu de repente, por um momento. Pergunto se a dor está situada fora ou dentro do peito, e Kathie diz que foi dentro, “como se fosse um puxão de dentro para fora... em meu peito”. Perguntei a mim mesmo se ela não havia acabado de passar por algum tipo de câmara de compressão, de

um ambiente com um tipo de pressão atmosférica para outro com uma pressão diferente, mas não fiz nenhuma observação a esse respeito. Indago se ela ainda se encontra na pequena plataforma redonda. "Não. Estou deitada na grama." Ela estava no pátio dos fundos, próximo à piscina, vestida apenas de pijama e sentindo muito frio. Ao que parece, o OVNI estava indo embora. Ela disse: "Não consigo vê-lo, mas agora está indo embora... uma luz... como uma fita de cabelo com pequenas luzes... um pregador de cabelo."

O próximo problema é que Kathie está trancada do lado de fora. "Estou cansada e quero ir para a cama." Ela chama a mãe, que, como se ainda estivesse sob algum controle externo, desce e abre a porta para ela. Nenhuma fala com a outra, não são feitas perguntas, e ambas sobem a escada para os quartos como se tudo fosse perfeitamente normal. Este me pareceu ser um ponto natural para terminar, então preparei para tirar Kathie do transe. Considerando a gravidade do que havia acontecido, percebi que devia proporcionar a Kathie os tipos mais positivos de sugestão pós-hipnótica. Elogiei sua força interior, seu amor pelos filhos e pela família. Dei ênfase à sua capacidade de suportar uma experiência emocional tão forte como essa e mesmo assim levar uma vida doméstica como de hábito. Assegurei que ela veria a filha outra vez e que jamais se esqueceria dela. A seguir, comecei a contagem regressiva e a tirei da hipnose.

Ficamos sentados em silêncio durante alguns momentos. Nem Tracy nem eu queríamos romper o complicado ânimo de admiração, tristeza e alegria que o relato de Kathie estabeleceu em todos nós. Mas depois as perguntas levantadas pela experiência passaram, de repente, a insistir por respostas, e nossa conversa pós-hipnose começou de uma só vez. Kathie foi a primeira a falar. "Aquele homem", ela disse referindo-se à figura baixa e cinzenta que ela havia visto muitas vezes antes, "não pode ser o pai. Talvez ele tenha doado algumas células ou algo assim. Talvez tenha sido isso que ele me disse." Ela insistiu que jamais havia tido algum tipo de experiência sexual em que ele estivesse envolvido e que só essa ideia era perturbadora — "pesada" foi a palavra que ela usou. Mas Kathie prosseguiu observando que "quando ele disse para mim algo parecido com isso, que era o doador voluntário ou algo pelo estilo, tive a impressão de que ele estava dizendo isso porque era a única maneira de eu compreender... Eu sempre achei que eles me trat-

avam como se eu fosse uma criança". E em seguida, ela acrescentou modesta: "Mas, outra vez, talvez eles estejam certos.

"Acho que minhas emoções realmente os tocaram. E quando ele... segurou minha mão e ficou olhando para mim... eu estava olhando para ele, seu rosto, seus olhos... Ele não disse nada, e eu tive aquela explosão de todos os tipos de emoções... bem desconcertantes... de uma só vez. Talvez ele estivesse tentando sentir alguma coisa." Perguntei a Kathie se ela achava que essas emoções estavam vindo dele, se eram as emoções dele. "Sim. Ele estava tentando fazer com que eu sentisse alguma coisa ou tentando fazer com que eu compreendesse que *ele* estava tentando *me* compreender... compreender meus sentimentos."

Observei que isso dava uma nova virada nas coisas. Isso significava que quando um raptado relatava o que pode parecer ser emoções inadequadas, tais como, a tristeza e a solidão no final de uma traumática experiência de rapto por OVNI, talvez essas emoções *venham*, na realidade, *de seus raptores* mais do que dos raptados. Kathie respondeu em tom baixo e introspectivo, como se só tivesse escutado a metade de minha observação. "Sabe, quando ele olhou para mim e segurou minha mão, tive essa explosão de emoções, que eu não sabia de onde vinham. Foi solidão, tristeza e pena, mas também amor, cuidado, felicidade e satisfação — e culpa — tudo de uma só vez. Não achei que estivessem saindo de mim. Por que eu haveria de sentir culpa?"

Eu disse que devia ser a culpa dele, que com certeza ela não era culpada de coisa alguma. "Sim", ela respondeu. "Não foi minha culpa. Ele se sentia triste e solitário, mas se sentia satisfeito e feliz e se preocupava comigo enquanto uma coisa viva. Ele iria sentir saudades de mim, tanto quanto eu sentiria dela."

"Mas ele se sentia culpado! Se sentia culpado pela tristeza que eu sentia quando fui obrigada a deixá-la ir embora. Ele não queria que eu me sentisse desse jeito. Queria que eu me sentisse feliz com o sucedido, assim como ele se sentia, e sentia-se culpado porque eu me sentia desse jeito... Eu estava dizendo adeus, e de repente houve essa explosão de emoções em meu íntimo, e foi amor, tristeza, culpa e felicidade e todas essas coisas misturadas... foi como se alguém que não era real costumasse sentir todas essas coisas..."

Fiz a observação de que eu conseguia compreender a solidão do alienígena. Nós temos um planeta rico, com formas de vida muito var-

iadas e talvez o mundo deles seja, ao contrário, muito estéril. Tracy mencionou o fato de que, em geral, os ocupantes de OVNI's são descritos como não tendo nenhuma emoção, mas Kathie teve uma réplica imediata. "Eles têm, mas não usam muito." E acrescentou com ironia: "Acho que emitimos as piores para eles. Sabe, as emoções são capazes de nublar o pensamento científico."

No entanto, Kathie tinha certeza de que eles reagiram de modo positivo em relação às suas emoções quando ela viu a criança. "Acho que eles ficaram surpresos, mas também acho que era mais ou menos isso que eles queriam." Tracy perguntou se havia alguma interação entre a menininha e as outras pessoas da nave, se Kathie notou algum tipo de afeto. Ela disse que parecia haver algum tipo de relacionamento com as duas "fêmeas" que cuidavam dela. "Ela agarrou-se nelas." Tracy estava curioso em saber se Kathie achava que a menina conseguia entender o que estava acontecendo. "Ela tinha mentalidade de criança ou era capaz de compreender o que estava acontecendo?" Penso que a resposta de Kathie demonstra sua objetividade. Nossas perguntas eram cheias de possibilidade de projeção da parte dela; contudo, suas respostas não são as que uma mãe adorada mais gostaria de dar. De fato, algumas de suas respostas devem ter sido dolorosas. "Ela sabia quem eu era", disse Kathie, "mas acho que a minha visão a deixava com medo. Ela parecia assustada, quase chocada com a ideia de que ela era parte de mim".

Tracy perguntou se em algum momento Kathie a tocou e, se não, a que distância estava uma da outra. Kathie não estava próxima o bastante para tocar a filha, ela disse, indicando que estavam a uma distância de cerca de um metro e meio. "Em nenhum momento eu cheguei mais perto..., mas eu queria." Houve mais algumas perguntas sobre a aparência da menininha, e Kathie fez outra observação. "Acho que ela não tinha nenhum dente. Não tenho certeza... embora seus lábios se tivessem separado um pouco quando ela me viu pela primeira vez, como se estivesse chocada. O cabelo dela parecia algodão e ia até os ombros, mas era desigual. As pontas eram um tanto ou quanto entrelaçadas. Mas ela era perfeita. Você formigava só de olhar para ela... ela era *tão atraente*." (Veja: *ilustrações*)

E assim, essa era a aparente resposta para o problema da gravidez de Kathie, que terminou de modo misterioso no final de 1977. Se o relato do *capítulo 6* estiver correto e Kathie foi raptada em algum momento

em dezembro de 1977, ocasião esta em que foi submetida a uma inseminação artificial, então todas as peças se ajustam perfeitamente. Supondo, mais uma vez, que as lembranças de Kathie são precisas, o feto foi removido durante o rapto seguinte, em março de 1978. Se ele foi levado até o fim, de alguma maneira qualquer, pelos ocupantes do OVNI, então a criança deve ter "nascido", supondo-se um período de gestação de nove meses, no final do verão ou início do outono de 1978. A apresentação a Kathie ocorreu no início de outubro de 1983, de modo que nessa época ela devia estar com cinco anos de idade. Kathie descreveu a criança como sendo um pouco menor do que Tommy — um garoto de quatro anos de idade na época da rememoração hipnótica. E, assim, temos mais uma razão para ver a criança como um híbrido, fora a descrição de Kathie sobre seus cabelos ralos e dispersos, os olhos muito grandes e o crânio de forma incomum. Ela também era bem menor do que uma criança de cinco anos de idade; ao que parece, com um tamanho mais próximo dos relatados ocupantes de OVNI's do que dos humanos típicos.

As implicações teóricas desse tipo de experiência genética são, como é evidente, profundas, mas assim como todas as descobertas que fizemos até aqui sobre o fenômeno OVNI, elas levantam quase tantas perguntas quanto respostas. Se sabemos que um de seus objetivos é o cruzamento de humanos com seres de sua espécie, por que estão produzindo esses híbridos? Eles estão reduzindo de modo sistemático as diferenças entre "eles" e "nós", de forma a poderem aclimatar sua espécie ao nosso planeta e à nossa atmosfera? Ou apenas querem adquirir algumas de nossas características genéticas para levar de volta à sua terra natal, seja esta o que for e onde for, a fim de enriquecer sua prole? Ou essas duas suposições são apenas antropomórficas, sendo que nenhuma delas atinge a verdade, a situação complexa? Suspeito que esta última seja a suposição mais segura, mas quem sabe?

De sua parte, Kathie não tem o menor interesse em tal especulação. Ela só sabe que tem uma filha que quer ver outra vez. Em um certo ponto da hipnose, Kathie disse o seguinte para a minúscula e perfeita criança diante dela: "Vou sentir saudades de você. Eu sequer lhe conheço, mas vou sentir sua falta." E depois perguntou como se fosse para o ar: "Será que podemos amar alguém que nem sequer conhecemos?" Kathie teve outra chance de ver a filha, em um encontro ainda mais

surpreendente que ocorreu em março de 1986. Três outras mulheres — Andréa, Susan Williams e Pam, todas as quais foram tratadas no *capítulo 7* — têm lembranças que se parecem com sonhos, nos quais lhes são mostradas crianças muito pequenas e que fizeram com que elas achassem que eram seus filhos. Essas lembranças complexas, porém, semelhantes, serão descritas mais tarde, mas o que se deve assinalar é que seus relatos, quando reunidos, formam um padrão distinto. Não estamos lidando apenas com um ou dois incidentes relatados de modo vago. E os casos que descrevi, nos quais homens foram raptados, imobilizados e submetidos a um tipo literal de estupro, tampouco são um ou dois acontecimentos isolados. Quer nós gostemos ou não, os padrões existem — padrões claros e inequívocos, que, com frequência, são corroborados pela existência de provas médicas. Sabemos agora muitas coisas acerca do conteúdo desses raptos feitos, a longo prazo, por OVNI's e que abarcam várias gerações. O que nós *não* sabemos é, claro, a pergunta mais importante: qual o objetivo último disso tudo?

CAPÍTULO 9

Mais Peças do Quebra-Cabeça

Em 1983, antes de eu saber qualquer coisa sobre os relatos de Kathie ou das outras mulheres, eu estava dando minha primeira olhada no que acabaria sendo a “síndrome do bebê desaparecido”. A deixa surgiu durante uma conversa telefônica com “Lisa”, uma testemunha de um raro incidente com OVNI. Após ouvir sua versão sobre o avistamento, eu fiz, como de praxe, algumas perguntas acerca de qualquer outra coisa, da qual ela pudesse recordar-se e que talvez tivesse uma relação com o caso em questão. Por causa da natureza de seu relato, eu queria descobrir se ela era, de fato, apenas uma observadora acidental ou se, quem sabe, ela podia ser mais partícipe do que pensava. Formulei minha pergunta da seguinte maneira: “Existe em seu passado alguma coisa mais que você queira mencionar e que lhe pareça relacionado, mesmo que apenas de modo superficial, com os OVNI’s — qualquer lembrança estranha, pendente, ainda não resolvida, que lhe incomode e que não faça muito sentido?” Trata-se da típica pergunta ilimitada, que serve para “fisgar” coisas, que faço antes de terminar uma entrevista; e, desse modo, já andei pescando alguns peixes estranhos. A utilidade da pergunta situa-se no fato de que se pode supor que qualquer resposta possa estar associada — talvez de modo inconsciente — na mente da testemunha com o fenômeno OVNI. A testemunha faz a relação, não o entrevistador.

Em situações assim, na maior parte das vezes, a testemunha ou diz que não tem tais lembranças ou então leva tanto tempo tentando apresentar alguma coisa, que suspeito que ela ou ele esteja apenas tentando me agradar. Mas, nesse caso, quando fiz a pergunta, Lisa pediu-me de

imediato que esperasse no telefone, enquanto ia para um outro aposento "em busca de uma linha melhor". Em seguida, ela retomou a conversa em um tom bem próximo ao sussurro, explicando que não queria que o marido, que estava muito perto, ouvisse o que ela tinha a me dizer. "Sei que vai parecer maluco", ela disse, "mas acho que tive um outro filho que perdi de alguma maneira qualquer." Meu pensamento não externado foi: mas que coisa isso pode ter a ver com os OVNI's? Ela prosseguiu: "Uma noite, eu acordei de um sonho com a certeza absoluta de que eu tinha um bebezinho e que o havia perdido. Saí da cama e fiz uma busca pela casa. Sei que isso parece uma loucura, mas me pareceu totalmente real. Cheguei a olhar dentro dos armários e debaixo da cama. Sei que isso não faz nenhum sentido e inclusive não faz sentido para mim, mas eu *sabia* que havia perdido um filho de alguma maneira qualquer. Pensei que o tinha visto de fato. E fiquei achando isso durante várias semanas. Às vezes, eu parava de fazer o que estava fazendo, desligava o aspirador de pó e tornava a procurar pela casa."

A afirmação dela foi tão estranha, que eu não soube realmente o que fazer. Perguntei se algum dia ela havia tido um aborto natural ou se havia provocado um ou se tivera um natimorto, qualquer coisa dessa natureza que pudesse fornecer uma razão para sua sensação de perda, e a resposta dela foi não. Na realidade, ela dera à luz a uma filha saudável antes de ter esse sonho. Contudo, apesar da passagem do tempo e do nascimento de mais dois filhos, persistiu sua sensação de ter um filho perdido.

Minha reação, depois que terminamos a conversa, foi que, por mais vívidas que fossem as sensações de Lisa, não havia como elas terem alguma coisa a ver com os OVNI's. Há uma grande possibilidade, é claro, de que não tenham, mas hoje em dia, depois de Kathie, Susan Williams, Pam e Andréa, já não tenho tanta certeza. No contexto de minha pergunta, foi ela, não eu, que associou de imediato essas sensações intensas e de aparência irracional com o fenômeno OVNI. Depois disso, entrevistei alguns dos parentes e amigos de Lisa, e eles asseguraram-me que ela era vista por todos que a conheciam como uma pessoa muito sã e normal. Então, nessas circunstâncias, tanto a natureza como a tenacidade incomum de suas lembranças constituem um mistério psicológico de algum tipo. Mas, em retrospectiva, sabendo o que sei agora, o sonho peculiar de Lisa com o "bebê desaparecido" tem que ser considerado

como tendo um significado potencial.[66]

Para se julgar sua possível importância, sua lembrança deve ser vista no contexto de outros relatos semelhantes. A primeira vez em que me encontrei com a psicoterapeuta Susan Williams, no verão de 1985, e começamos a hipnose sobre sua experiência de tempo desaparecido de 1953, eu pedi que ela anotasse quaisquer sonhos estranhos ou persistentes, que pudessem ajudar a decifrar seus primeiros encontros suspeitos. *(Veja pp. 158-161)*. Como parte de sua formação, Susan foi psicanalisada, de modo que seus sonhos e outras memórias inconscientes de anos foram trazidos à superfície de maneira sistemática. Ela é, de natureza, uma mulher de extrema inteligência e consciente. Em resposta a meu pedido, ela escreveu uma fascinante carta de doze páginas, detalhando esse importante material. Fiquei perplexo, em especial, com uma referência que ela incluiu sob o título:

Os sonhos do Bebê Sábio

> Eles têm ocorrido desde cerca de 1978. Adoro os sonhos do Bebê Sábio. Os detalhes sobre o tamanho do bebê podem variar de sonho para sonho. Em uma série deles, o bebê é *muito* pequeno — cerca de 30 centímetros de comprimento — e está deitado em um recipiente metálico. A maravilha é que o bebê fala com detalhes, com eloquência, e a sensação que tenho no sonho é que estou ouvindo a verdade. Eu sinto-me bem quando acordo — porque o sonho era um sonho com uma sensação boa —, mas me sinto triste também, pois ao acordar, não estou com o Bebê Sábio e jamais consigo me lembrar do conteúdo do que ele disse. Esse conteúdo é, foi, era uma revelação; mas ao mesmo tempo, no sonho, eu tenho a sensação perfeita de que, de qualquer modo, eu sei, sabia daquilo. O fato de o bebê falar, me faz sentir íntegra enquanto o sonho

66- Desde minha entrevista com Lisa, encontrei mais duas mulheres — raptadas cujos casos foram investigados em parte, em ocasiões anteriores — que descreveram esse sonho com um “bebê desaparecido”. Espero algum dado futuro para explorar esses sonhos sob hipnose.

dura... Os sonhos do Bebê Sábio com o minúsculo bebê, *tão pequeno*, são muitíssimos preciosos para mim (aqueles Bebês Sábios não apresentam nenhuma gordura no corpo). [*Ênfase dela*]

Susan tinha plena certeza de que se tratavam de sonhos de verdade, lembranças adormecidas que nela despertam com frequência; eles ocorreram de modo periódico no final da década de 1970 e variavam um pouco de momento para momento. No princípio, eu não estava inclinado a examinar esses sonhos filosóficos e um tanto ou quanto abstratos, mas no contexto das recordações das outras mulheres, em um dado momento, achei que deviam ser explorados. Em junho de 1986, nós começamos uma sessão de regressão hipnótica com esse propósito.

Preparei o cenário, dizendo apenas que agora iríamos explorar seus sonhos com os Bebês Sábios. No primeiro detalhe surpreendente que emergiu, Susan descreve o local do encontro com o Bebê Sábio como sendo o portão da casa de sua infância em Vermont — o lugar onde vivia, quando sofreu os dois raptos em 1949. Embora seus *sonhos* com o Bebê Sábio datassem de quase trinta anos atrás, o ambiente agora recordado coincide sugestivamente com suas lembranças sobre o OVNI. Pergunto como, no sonho, ela encontra o Bebê Sábio, e ela diz: "Foi uma descoberta... ou talvez eu tenha sido atraída até ele." Ela prossegue: "Tive uma sensação de admiração e encanto. Tenho consciência do tamanho e de um certo tipo de fragilidade, mas não é isso a essência do que é maravilhoso, em absoluto... é a conversa, é o conhecimento, é a eloquência. É a verdade não censurada. É a beleza e a preciosidade."

Pergunto se o bebê está sozinho, e se estiver, preocupa a Susan o fato de ele estar longe da mãe. Ela responde de imediato que está sozinha com o bebê, mas que o bebê está a salvo. "O bebê [no pequeno recipiente metálico] não corre nenhum perigo físico. Ele está bem, porque sabe que pode falar sobre isso." Indago se Susan acha que tem alguma relação com o bebê, e a pergunta parece surpreendê-la: "Achei que ele não tinha relação com nenhuma outra pessoa."

BUDD HOPKINS: E quanto à mãe?

SUSAN WILLIAMS: ... fico hesitante sem saber se ele sou eu, ou se sou sua mãe, ou se sou sua futura mãe. Em todo caso, há um laço muito, muito íntimo... com certeza quando eu o encontrar... é um tesouro.

BUDD HOPKINS: Dê uma boa olhada no bebê...

SUSAN WILLIAMS: *(Pausa)* Hum... Ele é pequeno *demais*. Não está em uma posição fetal. A pele é muito fina... muito fina, mais fina do que... você sabe como são as mãos dos bebês recém-nascidos, parecem tecido de papel. Mais fina do que isso. A pele é muito fina. O estranho quanto ao aspecto físico é que as proporções não são de um bebê. São as mesmas proporções de um recém-nascido ou de um feto... a cabeça grande. O estranho em relação a esse... e ele... "essa coisa" parece mais adequado... é que as proporções são as de um adulto... como a miniatura de um adulto. Não me pareceu estranho na época, mas agora parece estranho. E a posição... ele não estava enroscado ou algo assim, como um bebê.

BUDD HOPKINS: *(Usa o artifício da cortina negra: o bebê está apenas um metro do outro lado da cortina, você vai dar uma boa e rápida olhada. Será capaz de vê-lo com clareza, etc. Conta até três.)* O que você viu?

SUSAN WILLIAMS: *(Pausa)* Vejo uma pulsação... acima da clavícula, no pescoço. Vejo seu rosto agora. *(Surpresa)* Hum, as feições são concentradas abaixo, na parte inferior... Na verdade, o bebê tem uma aparência um pouco velha. Hum. E a pele não é de cor forte... não é nem um pouco rosa-bebê. É engraçada... acinzentada... pálida, que acho que seria repulsiva, como a vejo agora. As feições... não consigo ver os olhos... bem, posso mais ou menos. Estão lá. Tudo concentrado embaixo, de modo que a região da cabeça... a cabeça desce para um ponto... o queixo. Tudo é miniatura.

BUDD HOPKINS: Vamos tentar fazer uma experiência, uma experiência com sua capacidade de visualizar e sentir. Quando eu contar até três, quero que você faça a experiência de estender os braços para baixo, levantar esse pequeno bebê e segurá-lo, à maneira como uma mãe segura um bebê. Você já segurou um bocado de bebês em sua vida. Dois deles são filhos seus. Isso é apenas uma imaginação. Quero que você só imagine que está segurando o bebê e que me diga o que sente ao segurá-lo... seu tamanho, peso e tudo mais em relação a ele. *(Conta até três)*

SUSAN WILLIAMS: *(Pausa)* Foi bem nítido. Enfiei meus dedos com todo cuidado... ele era muito frágil. Na verdade, fiz isso em minha mente com uma das mãos. Com cuidado, apoiando a cabeça com meus

dedos. Muito, muito leve. Esse bebê não pesa meio quilo... Não é robusto... também não está doente. Ele apenas não é... eu ia dizer bem formado, mas isso não é verdade, decerto que existem braços e pernas e muito pequenos... não que seja pele e osso, porém tudo é tão miniaturizado, mas onde quer que haja músculos, estes são minúsculos e ainda não têm forças. Ele tem a qualidade de um passarinho muito pequeno... *(Com firmeza)* Está vivo. Sinto que há vida... tinha vida.

BUDD HOPKINS: O bebê olha para você?

SUSAN WILLIAMS: Eu olho... pude ver suas feições. O rosto não apresenta nenhuma animação. Estive a ponto de dizer que havia um vazio... *(Intrigada)* Isso não está de acordo com a riqueza da experiência.

BUDD HOPKINS: Susan, é possível que a incrível conversa não proceda do bebê, mas que esteja vindo de uma outra parte ou então de sua mente quando você olha para o bebê? Ou essa é uma interpretação errada?

SUSAN WILLIAMS: *(Longa pausa)* Eu pensei... há sempre essa sensação de que o bebê sou eu ou então minha voz ou minha voz oculta ou algo pelo estilo. Mas eu ia dizer uma outra coisa. De uma certa forma, o que nós fizemos agora com o *olhar*... Eu separei o olhar que acabamos de dar... O fato de pegar e examinar, separou de certa maneira, ou divorciou a fisicalidade do bebê do conteúdo daquilo que ouvi. Nesse ponto, o que parece ser menos real é meu sonho original, em que o bebê externava essas verdades sábias, profundas e lindas. O que parece ser menos real é o fato de o bebê, como o vejo agora, ter falado comigo daquela maneira. Isso não parece possível agora.

Susan descreve seu sentimento em relação ao bebê e às coisas ainda não recordadas associadas a ele, como estando resumido nessa frase: "procurado durante longo tempo". Ela disse que havia uma qualidade de reconhecimento, como se ela "já soubesse disso o tempo todo".

Terminamos nesse ponto nossa exploração dos sonhos de Susan com o Bebê Sábio e passamos para um outro tópico antes de encerrar a sessão e eu tirá-la do estado de transe. Foi uma hora muitíssimo sugestiva e rica em emoções, como indica essa transcrição resumida. Acredito que o mais crucial seja a metamorfose do Bebê Sábio, que passa de

uma presença oracular quase mítica a uma criança frágil e de realidade física, com um tamanho e estrutura facial decididamente incomuns. A cor da pele era acinzentada e sua expressão era quase vazia — bem diferente das crianças róseas, murmurantes e choronas, com as quais estamos acostumados. Um elemento muito importante e que não foi explorado nas rememorações de Susan foi o cenário do encontro, além de sua posição em relação ao bebê e do minúsculo recipiente metálico próximo ao portão de sua casa de infância em Vermont. Parece que ninguém mais estava presente, dando ao incidente uma qualidade ainda mais abstrata, mas nos perguntamos que outros detalhes ainda podem estar escondidos na memória de Susan. As lembranças de Kathie, afinal de contas, vieram aos poucos, foram feitas peça por peça. Nós começamos a sessão com uma série de sonhos relacionados com um Bebê Sábio — Susan sempre capitalizou as duas palavras — muitíssimo loquaz: mas o final foi um confronto com um bebê de realidade perturbadora, de pequenez anormal, desamparado e mudo. Uma agradável imagem de sonho era agora uma imagem física, perturbadora.

Nosso segundo caso afim *(descrito no capítulo 7)* envolve Andréa, a mulher de Nova York que se viu grávida à idade de treze anos, depois de um “sonho” estranho. Quando a visitei em junho de 1985, perguntei se ela se recordava de quaisquer outros sonhos ou lembranças que pudessem ser pertinentes com suas experiências com OVNI. Para minha surpresa, ela narrou um sonho perturbador e frequente, no qual lhe mostravam um bebê que parecia ser seu, mas que foi afastado dela. Eu sabia, claro, que sua antiga gravidez havia acabado em um aborto, de modo que fiquei alerta para qualquer nuance de culpa ou pesar em seu relato. Mas depois de ouvir, achei que sua história parecia mais próxima da de Susan do que de uma invenção cheia de remorso de uma jovem mãe perturbada.

Mencionei antes que Andréa não passou por nenhuma sessão de regressão hipnótica; todas as suas lembranças vieram à tona de modo “natural”, sem o uso de hipnose. O sonho com “o bebê perdido”, ela explicou, ocorreu uma série de vezes quando ela estava mais ou menos com 16 ou 17 anos e de novo quando tinha 22 ou 23 anos. O cenário é o de um sonho, embora eu pense que a maneira como Andréa externa, à luz de muitos relatos sobre OVNI, tem um certo quê conhecido. “Estava ocorrendo em uma casa que eu nunca tinha visto antes. A casa estava

situada em um campo aberto. Estacionei o carro, entrei e lá estava meu bebê em um berço. Havia uma senhora de aparência estranha com ele. Pude ver seus pés, que eram muito estranhos. Ela não estava com sapatos. As pernas eram muito magras. Ela disse: 'você não faz parte daqui e não tem nada a ver com essa criança'."

Pedi a Andréa para descrever o bebê. "Parecia-se comigo, só que seus olhos eram muito brilhantes e negros. Tinha cabelos longos, finos e negros. A senhora ficou dizendo para mim: 'Esse não é seu bebê, e você não faz parte daqui.' Ela estava com o bebê. Todas as vezes em que eu quis segurar o bebê, ela não deixava. Budd, esse bebê era muito pequeno. Era como se você precisasse colocá-lo em uma incubadora. O bebê era pequeno. E, sabe, depois que isso me aconteceu, sonhei muitas vezes com um bebê...

"Não sonhei muito com isso quando era adolescente, mas quando eu tinha 22 ou 23 anos, passei a sonhar com constância e costumava acordar perguntando-me onde estava o bebê. Parecia verdade. Parecia que era a mesma senhora que segurava o bebê nos sonhos anteriores."

Andréa tornou a enfatizar a estranheza do bebê. "O cabelo não era como de um bebê normal. Era muito, muito fino. E quando o bebê olhava para mim, seus olhos eram muito brilhantes. Eu olhava para ele, estendia os braços em sua direção, e a mulher dizia: 'Esse bebê não é seu, você não faz parte daqui."'

Perguntei se ela tinha alguma ideia de quem era o pai. "Não. Nenhuma. Até hoje eu me pergunto onde..., mas quando eu estendia os braços para pegar o bebê, para segurá-lo, para abraçá-lo e adorá-lo, a mulher dizia apenas: 'Esse bebê não é seu, você não faz parte daqui.' Ela se afastava, e eu não conseguia vê-la direito. Acho que eu me concentrava mais no bebê do que nela. É como se meus olhos estivessem enfocados... é como se alguma coisa me hipnotizasse com aquele bebê, porque, quando o bebê olhava para mim, acontecia alguma coisa comigo. Eu só ficava olhando para ele. Pensando como esse bebê é diferente de um bebê humano normal. Esse bebê devia estar em uma incubadora. É *muito pequenino*. É muito pequenino. E me assustava. Não sei... era como se, oh, meu Deus, isso está acontecendo de verdade. Foi quando passei a sentir medo de dormir à noite."

O frequente sonho de Andréa com o estranho bebê terminava com um caráter curioso. Quando ela estava na velha casa que "se situava

em um campo aberto", ela dizia que "o assoalho subia e as paredes começavam a entrar. Eu corri para fora. No sonho, eu não conseguia dar a partida no carro. Não conseguia ligá-lo".

Por causa da grande ansiedade de Andréa — ansiedade esta que era inclusive incapacitante — não se tentou nenhuma hipnose, e assim, infelizmente, seu relato não foi explorado mais a fundo. Eu reluto até mesmo em lhe fazer perguntas mais abrangentes acerca de qualquer uma dessas lembranças, que, como é óbvio, são muito perturbadoras. Mas se — como suspeito — as lembranças de Andréa do rapto de infância são acuradas, então tudo que ela descreve se adequa ao padrão de um contínuo envolvimento com OVNI's. Para nossa tristeza, nesse caso, a pesquisada é uma jovem mulher angustiada e muito vulnerável, que parece ser menos capaz do que a maioria de suportar o processo.

O terceiro rapto de mulher, que descrevi no *capítulo* 7, é o de Pam, a jovem bailarina. Em 1979, ao ver-se grávida "por acidente", ela tomou a decisão de fazer um aborto, só para o médico lhe dizer depois da operação que não havia nenhum sinal de tecido fetal e que ele não conseguia compreender o que acontecera. À luz das lembranças das outras mulheres, um dia perguntei a Pam se ela tinha qualquer sonho incomum com bebês. Ela respondeu que quando vivia com o marido no Novo México — na mesma época da gravidez e do "não-aborto" —, teve uma série de sonhos repetidos sobre um diminuto bebê. Em geral, os sonhos começavam em um cenário desconhecido, com Pam percebendo uma minúscula coisa viva perto do solo. A princípio, parecia-lhe que era um animal de algum tipo, mas, em um determinado momento, ao perceber que era um bebê, ela o levantava e segurava. Ela o descreveu para mim como sendo "minúsculo e patético, tão pequeno e fino, que não parecia que sobreviveria". Ela o segura e sente pena dele porque "parece tão patético". Quando narrava o sonho, Pam não parecia estar sentindo nenhum tipo de remorso pessoal ou culpa em relação à triste criaturinha, emoções estas que devemos esperar se as lembranças tivessem sido causadas por um aborto. Em vez disso, ela expressou uma espécie de pena afastada e assombro porque aquela diminuta criança estava viva.

No outono de 1986, nós exploramos o "sonho" de Pam através da hipnose, e os resultados ficaram extraordinariamente próximos das lembranças de Susan e Andréa. As palavras de Pam saíram de modo

lento e cuidadoso, como se a criança estivesse bem diante dela e ela a descrevesse pela primeira vez. Ela disse que, a princípio, o bebê "parecia um cordeirinho recém-nascido caído aqui, uma coisinha muito pequena com perninhas muito magras, e quando eu o levantei, acabou sendo um bebê..., mas era um bebezinho de aparência patética. Era um tipo meio humano, meio seja lá o que fosse antes, com perninhas muito magras. E a pele é branca... é tão fina... é tão fina... a pele é tão fina que é transparente... e eu pensei que se puxasse a pele, ela se romperia. É meio esquisito... e eu senti... uma espécie de repugnância por ele. Senti pena também". Perguntei se estava vivo. "Está vivo, mas é um tipo de, bem, ele se parece quase com um esqueleto. Tem uma cabeça grande e só fica deitado... e as pernas são muito magras, quase como se não tivesse ossos por dentro... Foi por isso que eu disse que se parecia com algum tipo de animal, porque tem essas perninhas tão magras... elas não são humanas. São mais compridas do que seriam as pernas de um bebê dessa idade, mas mesmo assim ainda é uma coisa muito pequena. As proporções não estão corretas. Tem um corpo muito pequeno, como um corpo quadrado e depois tem essas pernas compridas, braços longos e não tem nenhum peso. A única coisa que parece ser pesada é a cabeça. Tem uma cabeça muito grande e só fica deitado aí... Parece uma boneca Ann de Trapo, só que a cabeça é pesada e daria para pensar que a cabeça se desprenderia..." Pedi a Pam para descrever as feições faciais, e ela fez uma pausa antes de responder "...não quero olhar". Perguntei se ela estava segurando o bebê. "Estou segurando sim, mas a cabeça dele está atrás da minha, do jeito que se segura um bebê."

Eu quis saber como ela chegara a segurá-lo. "Alguém me deu." Ela suspirou e depois tornou a dizer: "Não quero olhar." Em um detalhe que se mostraria significativo, Pam disse que a pessoa que lhe deu a criança a observava com toda atenção. "A pessoa é muito pequena, está usando um robe, um longo robe... tem uma cabeça redonda, igual a desses outros... é uma cabeça assustadora... e pele brilhante..." A próxima observação de Pam foi um choque, mesmo nesse estranho contexto. "A pessoa quer que eu amamente o bebê... parece estar querendo observar para ver o que eu faço." E, em seguida, falando em tom suave, como se falasse consigo própria: "Esse bebê é tão estranho, eu realmente não... ele é esquisito. Posso ver o corpo, mas não quero olhar para o rosto e não o vejo. Não vem à minha mente com o que ele se

parece..."

Perguntei se de fato ela havia amamentado o bebê. "Bem, parece que estou tentando", ela replicou, "mas não tenho leite". Pam riu dessa estranha ingenuidade alienígena. "Eles não entendem que você não pode ter leite se o bebê não foi gerado dentro de você. Parece que eles pensam que a gente tem uma quantidade infinita de leite. Que coisa mais estúpida!' Ela levou o bebê ao peito, mas ele não pegou o mamilo. "Estou como que rindo por dentro, porque sei que não vai dar certo. Mas acho que farei o que for... mostrarei a eles como deve ser!'

Embora sejam mais ou menos diferentes as descrições das três mulheres sobre as crianças que lembraram, muitas das semelhanças são impressionantes. O Bebê Sábio de Susan tem a pele muito fina, "mais fina do que... as mãos de um bebê recém-nascido, parece tecido de papel... mais fina do que isso", ao passo que a criança que Pam viu, tinha a pele branca, "tão fina que é transparente. É esquisito, e eu sinto uma espécie de repugnância por ele". O minúsculo bebê que Susan descreveu tem uma "engraçada... palidez acinzentada que acho que seria repulsiva". Seus braços e pernas também são "muito pequeninos", e elas lembram-se das proporções dos bebês como não sendo as de um bebê normal. Andréa, Susan e Pam, todas elas mencionaram a extrema leveza dessas crianças, como se estivessem bem abaixo do peso de um bebê humano normal, e as três comentaram o fato de as crianças não parecerem saudáveis.

Quando reunidos, esses três grupos de rememorações (e, como veremos, em um dado momento Kathie Davis fornecerá um quarto.) ecoam-se de maneiras notáveis. A primeira vez que tomei consciência desse padrão de bebês "perdidos" e da posterior "apresentação" de minúsculas e estranhas crianças, eu decidi que tentaria descobrir se esse tema é comum na psicologia. Perguntei a dois psiquiatras e dois psicólogos — amigos, cujos conselhos sobre questões afins eu havia pedido no passado — se alguma vez eles haviam encontrado pacientes mulheres, que relatassem esse tipo de sonho ou lembrança. Nenhum deles tinha encontrado. É óbvio que circunstâncias especiais podem levar a esse tipo de recordação, mas todos os quatro experientes terapeutas asseguraram-me que em sua vida profissional jamais tinham ouvido falar em um "bebê desaparecido", ou em sonhos com "bebê

minúsculo” como eu descrevi.[67]

Eu descrevi, no *capítulo 4*, um “sonho” que Kathie Davis me narrou em novembro de 1983. Em resumo, ela se lembrava de estar acordando em cima de uma mesa, com a camisola puxada até os seios. Está bem relaxada e quando abre os olhos de novo, toma consciência de uma figura baixa de pele cinza, parada perto dela, com as mãos em sua barriga. Ele pergunta como ela está sentindo-se, e Kathie responde que está “muito cansada e com um tipo de formigamento”. Ele dá tapinhas suaves em seu estômago, perto do umbigo, e diz “está bem”. Por um momento, ela cai no sono outra vez. No dia seguinte, ela sofreu de um sangramento vaginal incomum e de cólicas dolorosas na barriga e, ao checar seu calendário, descobriu que o incidente tinha coincidido com sua ovulação mensal. Há mais coisas em seu sonho, mas na ocasião eu coloquei a questão em uma prateleira temporária e persegui outros assuntos. Foi só em maio de 1986, dois anos e meio depois, que eu explorei suas recordações desse sonho através da regressão hipnótica. O que aprendemos acerca do aspecto físico da experiência de Kathie é de extrema importância para nossa compreensão do fenômeno do rapto.

Comecei preparando o cenário daquela noite de novembro, quando “você teve um sonho de especial interesse”. Instruí Kathie para “levar alguns minutos para ter aquele sonho outra vez”. Ela virou-se de um lado para o outro, como se estivesse em grande desconforto.

BUDD HOPKINS: Você parece estar sentindo dores, Kathie. É isso?

KATHIE DAVIS: É muito estranho mesmo. *(Suspira)* É como se meu estômago estivesse cheio de ar. Não meu estômago... meus quadris... sinto tudo inchado... intumescido. Até mesmo meu reto. Tudo. Minhas partes femininas, tudo em volta do baixo-ventre... é como se tudo estivesse sendo bombeado com ar. É de um extremo desconforto. Faz com que minhas pernas fiquem meio esquisitas... e eu estava dormindo e me sentindo muito relaxada mesmo e depois começo a me sentir como se estivesse sendo enchida como um balão... tudo abaixo de meus quadris e tudo... bem para baixo... *(Suspira)* E não consigo... *(Pausa. Suspira)* A parte bem abaixo de

67- Um psiquiatra relatou que, em uma ocasião, uma de suas pacientes pode ter sonhado que estava grávida depois que ele a informou que era hora de encerrar o relacionamento terapêutico. Um outro psiquiatra — um freudiano estrito — disse que era “óbvio” que o sonho com o bebê desaparecido representava o desejo da mulher por seu pênis desaparecido!

meu abdome está muito fria mesmo... é estranho... um formigamento.

BUDD HOPKINS: Formigamento? Você quer dizer que está sendo tocada ou é apenas dentro ou o quê?

KATHIE DAVIS: É só... uma comichão.

BUDD HOPKINS: Você abre os olhos para dar uma olhada em volta?

KATHIE DAVIS: *(Com firmeza)* Não! Porque não quero. Eu só... quero dormir.

BUDD HOPKINS: Kathie, você tem alguma ideia do que está ocorrendo? Fora a sensação que isso causa?

KATHIE DAVIS: *(Suspira)* Acho... eu só estou... sonhando. *(Pausa)* Tem cheiro de água. Tem cheiro de água salgada aqui... muito forte. Essa é a única coisa na qual consigo pensar. Tem um cheiro frio aqui.

BUDD HOPKINS: Você acha que isso está ocorrendo em seu quarto de dormir?

KATHIE DAVIS: Não sei. *(Pausa. Suspira)* Estou com cólicas. Sinto como se minhas entranhas estivessem se revirando. Como... espasmos ou algo pelo estilo. Na verdade, não dói, mas faz com que eu sinta um pouco de frio nas pernas. *(Suspira)* Só me sinto pesada e entorpecida.

BUDD HOPKINS: Alguma vez você já sentiu algo parecido antes, Kathie?

KATHIE DAVIS: Não. Não igual a isso.

BUDD HOPKINS: Qual a sensação mais parecida?

KATHIE DAVIS: Quando eles puxaram o tubo para fora do corte da minha cesariana, mas não é bem a mesma coisa. Estou contraindo-me na parte de baixo da cicatriz. Estou toda contraída, e isso dói, mais ou menos.

BUDD HOPKINS: No centro ou para um dos lados ou onde?

KATHIE DAVIS: Mais para a direita, é só um pingo... só um pouquinho. Como um beliscão. *(Se mexe em evidente desconforto, depois fala em um sussurro)* Só... só quero dormir. *(Salta de repente)*

BUDD HOPKINS: (Supus que nesse ponto Kathie houvesse aberto os olhos e visto a figura baixa de pele cinzenta. Mais tarde, ela confirmou que era verdade) O que acabou de acontecer?

KATHIE DAVIS: Oh, bem, eu não preciso me preocupar, só isso.

BUDD HOPKINS: Como você sabe disso?

KATHIE DAVIS: Eu não preciso me preocupar. Estou bem. Só vou voltar a dormir.
BUDD HOPKINS: Você diz isso para si mesma só para se tranquilizar?
KATHIE DAVIS: *(Evita minha pergunta deliberadamente indutora, mas continua a falar, como se as palavras tranquilizadoras estivessem vindo de uma fonte exterior)* Estou ficando acostumada com isso. Não é nada. Vou ficar boa. Sou uma boa menina. Estou indo bem. Muito bem. Excelente.
BUDD HOPKINS: Você está dizendo isso para si mesma ou está dizendo para mim?
KATHIE DAVIS: É só isso.
BUDD HOPKINS: Quando você me contou o sonho, disse que havia uma parte em que você abria os olhos.
KATHIE DAVIS: Já abri.
BUDD HOPKINS: O que você viu?
KATHIE DAVIS: Eu... só... eu não vi...
BUDD HOPKINS: O que você viu, Kathie?
KATHIE DAVIS: Só um sorriso.
BUDD HOPKINS: Só um sorriso?
KATHIE DAVIS: Não consegui ver direito.
BUDD HOPKINS: Mas você disse alguma coisa sobre um sorriso.
KATHIE DAVIS: Acho... que achei parecido com um sorriso.
BUDD HOPKINS: Como se você estivesse sorrindo, ou como se alguém sorrisse para você?
KATHIE DAVIS: Ele estava sorrindo para mim.

Kathie diz que precisa relaxar, que quer dormir, de modo que lhe digo que ela estará dormindo dentro de um instante. Mas, primeiro, eu tento descobrir quando exatamente esse "sonho" ocorreu em novembro de 1983. A resposta de Kathie me surpreendeu. "Foi mais de uma vez... Antes, eu não estava bem preparada, mas dessa vez estou pronta." A implicação era inconfundível, e quando tirei Kathie do estado de transe, ela confirmou: essa mesma operação tinha sido realizada nela uma série de vezes. E dentro de pouco tempo nós teríamos uma boa ideia sobre seu aparente propósito.

O rapto duplo de Susan Williams e seu namorado, em 1949, é uma história complexa e fascinante, que, por desgraça, só pode ser referida

de leve aqui.[68] Mas é essencial conhecê-la por causa de suas impressionantes semelhanças com o "sonho" de Kathie, o que acabamos de discutir. Em uma sessão de hipnose de junho de 1986, Susan descreveu-se dentro de um quarto branco e redondo, deitada em uma mesa, sem conseguir se mexer. Quando perguntei sobre sensações físicas especiais, ela mencionou uma "coisinha minúscula ou algo assim" embaixo, perto da pélvis, um pouquinho para um dos lados.

Após alguns momentos, ela diz que seu abdome "parece que está começando a inchar, como se um bocado de coisas estivesse ocorrendo... no abdome, abaixo do umbigo. Coisas estão sendo mexidas, como se fossem os órgãos. Sinto um leve borbulhar dessa sensação no lado direito e alguma coisa que sobe e desce, que entra em posição vertical em meu corpo. Não sei o que é... talvez o cólon. Mas não foi desagradável. Foi de leve..., mas de coisas sendo deslocadas, tiradas daqui para ali". Ela continuou a descrição dessa "dilatação" abdominal e perguntei com que se parecia a sensação. Mencionei a sensação de uma dilatação causada por indigestão, por gravidez, por constipação e assim por diante, mas a resposta de Susan foi um eco perfeito da de Kathie: "É como se eu estivesse sendo enchida de ar. Não o intestino em si, mas o espaço."

Durante toda a provação de Susan, as sensações que ela descreve são de uma extrema especificidade e quase idênticas às de Kathie. Fiquei quase certo que as duas mulheres devem ter sido submetidas à mesma estranha operação e, na ocasião, eu não tinha a menor ideia de qual pudesse ser o objetivo dela. Eu nunca antes tinha ouvido uma mulher descrever a sensação de ter tido a cavidade abdominal enchida como um balão e os órgãos internos "rearrumados". Outra vez, assim como minha ida aos psicoterapeutas por causa dos "sonhos com bebês", procurei uma opinião médica abalizada.

A pedido meu, o Dr. John Burger, diretor do departamento de ginecologia e obstetrícia do Hospital Peath Amboy, de Nova Jersey, ouviu a fita gravada da experiência de "sonho" de Kathie. Perguntei como ele interpretaria, se é que podia, as sensações físicas que ela descrevia. O Dr. Burger perguntou-me com toda calma o que eu sabia sobre a laparoscopia e os procedimentos empregados para a retirada de

68- Sob hipnose, Susan descreveu que estava nua e, ao que parecia, paralisada perto de uma mesa, na qual se reclinava seu namorado Al. Ela podia ver apenas suas pernas desnudas, mas quando o ouviu gemer, começou a chorar por causa de sua incapacidade de fazer alguma coisa para ajudá-lo. A sessão de hipnose foi muito detalhada e de um emocionalismo intenso tanto para Susan como para mim.

óvulos das mulheres, com vários propósitos médicos e experimentais. Um desses objetivos, ele disse, é a coleta de óvulos a fim de que eles possam ser usados para a produção dos chamados "bebês de proveta" — óvulos fertilizados fora do útero e depois reimplantados em úteros de mães-hospedeiras para o desenvolvimento normal e posterior parto. Admiti que, de fato, eu não tinha nenhuma informação específica sobre o assunto. O processo é delicado, ele explicou. Através de uma agulha inserida na cavidade abdominal da mulher, um gás — em geral o dióxido de carbono — é introduzido para encher o espaço e levantar e afastar os órgãos vitais da sonda do laparoscópio. Em seguida, esse instrumento longo e fino, que se assemelha a uma agulha e contém fibras óticas, penetra no umbigo e é conduzido para baixo. Após localizar o minúsculo óvulo, um segundo instrumento é inserido dentro do abdome e é usado para colher o folículo amadurecido por meio de um processo de sucção. "Parece-me", ele disse, "que seus amigos dos OVNI's podem estar retirando óvulos de mulheres, que nem ao menos sabem disso, e estão usando um método muito parecido com o nosso."

É instrutiva uma comparação entre essa conhecida prática médica e as lembranças de Kathie e de Susan. No começo da experiência, ao que parece, Kathie foi tirada de seu quarto enquanto ainda estava dormindo ou estava anestesiada. Portanto, não é nenhuma surpresa que, a princípio, ela não se recorde de ter sentido uma agulha penetrar em seu abdome. Susan, por outro lado, esteve consciente durante toda a operação e descreve a sensação de "uma coisinha minúscula" na região pélvica, um pouco para um dos lados. Kathie diz sentir-se "cheia de ar... inchada... intumescida... em todo meu baixo-ventre... como se eu estivesse sendo enchida como um balão". Susan descreve essa mesma sensação de dilatação abdominal: "é como ser enchida de ar. Não o intestino em si, mas o espaço".

Uma sonda do tipo laparoscópio pode ser a causa das sensações de desconforto que Kathie descreve como sendo "um formigamento" e "uma comichão". "Sinto como se minhas entranhas estivessem revirando-se." Susan coloca da seguinte maneira: "Coisas estão sendo mexidas, como se fossem os órgãos... tiradas daqui para ali." (Há mais uma outra reação física que as duas mulheres mencionam no mesmo ponto de suas narrativas separadas e que descrevem em uma linguagem quase idêntica. Optei por não a revelar aqui, a fim de me prover de um

meio para testar a veracidade de futuros relatos de situações semelhantes. Apaguei detalhes específicos em outras partes destas páginas pela mesma razão, procedimento este que recomendo a todos os pesquisadores.)[69]

Quando essa operação abdominal é realizada por um médico como o Dr. Burger, emprega-se, de praxe, a anestesia geral; a paciente não sente nada "mexendo-se por dentro". É de se supor que os ocupantes de OVNI's empreguem um método diferente; seus pacientes permanecem conscientes e quase não sentem dor. E existe uma segunda diferença importante entre a laparoscopia e as lembranças dessas mulheres: nem Kathie nem Susan descrevem ter visto ou sentido um instrumento parecido com uma agulha penetrando em seus umbigos. O foco de Kathie parece ser mais embaixo, na "cicatriz da cesariana", onde ela menciona sentir um "beliscão". Susan, durante a rememoração hipnótica, descreveu "uma coisinha minúscula ou algo assim" quase no mesmo lugar. Se, de fato, seus propósitos são os mesmos, essas duas tecnologias — a nossa e a deles — são de uma extrema semelhança, mas não idênticas.

Contudo, o Dr. Burger ficou tão impressionado com os paralelos entre certos detalhes das descrições das mulheres e o procedimento médico básico, que quis saber se alguma das mulheres havia se submetido de fato a uma laparoscopia por qualquer razão. Verifiquei com as duas e nenhuma delas tinha sido submetida. Em verdade, nem Kathie, nem Susan e nem eu sabíamos que esse processo implica, em geral, no "enchimento do abdome como se fosse um balão" para levantar e afastar os órgãos vitais da sonda. Susan tinha sido submetida a uma amigdalotomia quando criança, mas, fora isso, não havia feito qualquer operação séria ou invasiva parecida com a que se lembrava sob hipnose. Os dois filhos de Kathie nasceram por meio de parto cesáreo. Após o segundo filho, ela submeteu-se à ligação das trompas, mas a operação foi feita no momento do parto. Parece não haver nenhum precedente médico pessoal para suas recordações físicas quase idênticas.

Em maio de 1986, o Dr. Burger conheceu Kathie e a entrevistou du-

69- Um campo de prova muito importante que retirei de modo deliberado implica em sinais ou símbolos, que vários raptados se recordam de ter visto no interior dos OVNI's. Eu reuni amostras desenhadas por seis diferentes raptados, e é notável a congruência dessas imagens. Após muito exame de consciência e luta mental, tomei a decisão de não publicar essa prova no momento, com a esperança de que ela possa proporcionar um meio de testar a autenticidade de futuros relatos sobre rapto.

rante uma hora mais ou menos, indagando-lhe tanto sobre essas lembranças, como sobre seu histórico médico geral. Depois ele contou-me que estava muito impressionado com a inteligência e integridade evidentes de Kathie. Admitiu que, como ginecologista e obstetra, estava fascinado com esses casos e que até ali não era capaz de apresentar qualquer tipo de teoria médica para explicar esse mistério — fora a ideia inimaginável de que esses acontecimentos tenham ocorrido de fato.

Ao que parece, durante muitas décadas, o fenômeno OVNI esteve educando seus observadores mais pragmáticos e atentos. Nesse processo, nossas ideias delimitadoras da natureza do fenômeno foram sendo refutadas aos poucos, uma por uma.[70] Desde o início, nossas teorias sobre o fenômeno OVNI procederam de um compreensível impulso para estreitar e controlar esses relatos verdadeiramente perturbadores. Por exemplo, quando foram vistos pela primeira vez, pensou-se que os OVNI's fossem aeronaves de algum tipo ou então a arma secreta de alguma nação. Quando se verificou que essa explicação era insustentável, pouco a pouco nós fomos permitindo pensar que eles *podiam ser* — ousamos dizer — espaçonaves extraterrestres. Esta, claro, é uma ideia radical e "inacreditável" de se cogitar. Mas mesmo dentro desse conceito perturbador, ainda fomos capazes de nos garantir um mínimo de afastamento e segurança, pensando que os OVNI's eram algum tipo de máquina não-tripulada, manobrada por controle remoto, que nos observava de uma distância confortável. Essa ideia começou a desintegrar-se com a constante acumulação dos "avistamentos de humanoides", relatos sobre estranhas figuras vistas dentro ou próximas dos OVNI's. (É interessante o fato de que, durante algum tempo, o grupo civil que realizava a investigação dos OVNI's, na década de 1960, de sigla NICAP, recusou-se a aceitar que *qualquer* relato sobre humanoides pudesse ter validade.) Em um determinado momento, nós pensamos que — esperamos que —, mesmo se esses relatos fossem verdadeiros e houvesse ocupantes de OVNI's, pelo menos eles estavam mantendo a distância e nos deixando em paz. O caso Betty e Barney Hill abalou essa complacência: um terrível rapto e um "exame físico" forçado, acompanhados de um período de amnésia, imposto de fora, ao que tudo indicava.

Em cada passo do caminho, pesquisadores sérios de OVNI's esti-

70- *The UFO Controversy in America* de David Jacobs detalha essa evolução com cuidadosos pormenores.

veram operando com um perímetro de teoria o mais estreito possível, só para acabar descobrindo que o fenômeno OVNI, através de novos relatos, nos forçava a ampliar a esfera de nossas ideias. Na década de 1960 e no início da década de 1970, muita gente ainda supunha que o rapto dos Hill tinha sido um acontecimento quase único — até que começaram a vir à tona centenas de relatos de raptos semelhantes. Em 1975, quando comecei a me envolver de modo ativo na investigação dos avistamentos de OVNI's, eu não tinha nenhuma teoria sobre o assunto, fora os relutantes conhecimentos relacionados acima. "Parece que eles só estão nos examinando — a uma série de pessoas — de uma maneira bem objetiva", eu me permiti pensar, até que as descrições de implantes físicos, de coleta de amostras de esperma e óvulo tornaram-se por demais comuns nos relatos de rapto. Mas à medida que eu ouvia, observava e estudava novos relatos, como os de Kathie e Susan e todos os outros que narrei aqui, minhas ideias sobre a natureza e os propósitos do fenômeno OVNI estenderam-se em extensões bem desconfortáveis. Hoje eu acredito que o objetivo central dos raptos por OVNI seja o cruzamento de uma espécie alienígena com a nossa. E parece que esse processo tanto é escondido quanto muito disseminado.

Eu afirmei, no início deste livro, que talvez a credulidade do leitor sofresse uma pressão insuportável. Fiz esta afirmação só porque os limites de meu próprio sistema de crença foram dilatados de modo tão extremado pela revelação desses casos. Sei muito bem o que o magistrado Frankfurter quis dizer ao anunciar sua incapacidade de acreditar no fato histórico do Holocausto, apesar das testemunhas oculares. Nossa mente só consegue ir até um certo ponto, depois assume uma espécie de censura autoimposta: "Não me importa quantas provas você me mostre... não vou levá-las em consideração! Não me permitirei ter esses pensamentos."

O desejo de *não* entender, de *não* nutrir essas ideias verdadeiramente perturbadoras, mesmo que por apenas um momento, é um desejo compartilhado tanto por pesquisadores como por céticos comprometidos. Ninguém — e, em especial, aqueles que vivenciaram raptos por OVNI's — consegue andar à vontade pelas estradas da vida diária, com essas imagens assustadoras sempre pairando sobre sua cabeça, enquanto possibilidades reais e percebidas. A maioria dos raptados encontra meios, em um determinado momento, de se ajustar às suas

formas particulares de medo e incerteza. Os métodos com os quais eles lidam com suas experiências incluem a negação, a repressão, a raiva, o compromisso de ajudar outros através de grupos de apoio e investigações, assim como qualquer outra coisa que a mente consiga inventar para manter represadas as lembranças traumáticas.[71]

O método de autoproteção mais eficiente de Kathie implica em neutralizar acontecimentos perturbadores com OVNI's, primeiro rotulando-os de sonhos e, a seguir, armazenando-os em uma espécie de prateleira dos fundos da mente. Lá, sob essa designação, ela pode tolerá-los, sem romper sua rotina diária. Não importa o quão extensa seja a evidência física e a corroboração externa, quase sempre Kathie opta por referir-se às suas experiências com OVNI's como sonhos. Trata-se de uma ficção útil e pactuada, que eu apoio de todo coração. Nessas situações sem precedentes, quase todo artifício que ajude a mitigar a ansiedade e a tensão é preferível às lembranças da própria impotência e vulnerabilidade.

E assim, quando Kathie me ligou de Indianapolis na primavera de 1986 para contar mais um "sonho", o significado subjacente do termo foi compreendido por ambos. Foi de uma realidade total, ela disse, ignorando a contradição óbvia. Quando ela descreveu esse sonho novo para mim, eu ainda não havia tomado conhecimento das experiências de "laparoscopia" de Kathie e Susan, acontecimentos es s que acabamos de discutir. Mas uma conclusão natural dessas experiências é a ideia de que óvulos podem ser retirados com facilidade de qualquer mulher em particular e mais de uma vez. Andréa, como já vimos, tem dois grupos de sonhos com "apresentação" de minúsculos bebês — uma vez à idade de 16 ou 17 anos e depois de novo aos 22 ou 23 anos. Susan Williams lembrou-se de ter tido sensações de "alguma coisa mexendo-se na parte inferior da cavidade abdominal", durante dois aparentes raptos diferentes.[72] Kathie recordou-se, sob hipnose, de que essa operação abdominal havia ocorrido mais de uma vez; tratava-se de um procedimento com o qual ela estava familiarizada e que disseram que só podia acon-

71- Existe uma semelhança interessante entre os raptados por OVNI's e os sobreviventes de outros acontecimentos traumáticos "inimagináveis". *Death in Life*, do Dr. Robert J. Lifton (Nova York: Touchstone, 1967), um estudo sobre os sobreviventes de Hiroshima, proporciona muitos conhecimentos psicológicos que também podem ser aplicados àqueles que passaram por repetidas experiências de rapto por OVNI.

72- Essas sensações de movimento interno foram descritas durante sua primeira sessão de hipnose, que cobriu o rapto de 1953 na Áustria, de modo que há razão para acreditarmos que ela também pode ter sido submetida a mais de uma operação para retirada de óvulo.

tecer quando ela estivesse pronta. Se a produção de híbridos for um dos objetivos dos raptos por OVNI e, como já vimos, os indivíduos são, em geral, agarrados mais de uma vez, então pode muito bem ser repetida uma bem-sucedida experiência de procriação com um homem ou uma mulher em especial.

Tudo na longa história de experiências com OVNI's de Kathie Davis encerra um intenso interesse nela por um grupo específico de ocupantes de OVNI's. Por quaisquer razões que sejam, esses ocupantes têm-se envolvido, várias e várias vezes, na vida de Kathie e de outros membros de sua família. E assim não fiquei muito surpreso quando Kathie disse-me que esse novo sonho continha uma segunda "cerimônia de apresentação", semelhante à sua lembrança de lhe terem mostrado uma menininha durante o rapto de outubro de 1983. Ela lembrou-se dele mais ou menos por completo, quando acordou em seu quarto por volta das quatro da manhã, sentindo uma felicidade maravilhosa e cheia de admiração. Na manhã seguinte, ela disse-me muitos detalhes que mais tarde emergiram de uma forma um pouco mais plena sob a hipnose.

O acontecimento central de seu sonho ocorreu quando lhe mostraram um diminuto bebê na presença da mesma menininha — agora mais velha e mais alta — que ela havia visto antes. Mas o detalhe mais estonteante de tudo foi: disseram a Kathie que aquelas crianças — é de se supor que filhos seus — eram duas de *nove*. A conclusão era que, desde 1978, *nove* de seus óvulos tinham sido retirados, fertilizados com sucesso e levados até o fim. E em um comentário estranhamente pessoal e humano, disseram que ela teria permissão para dar os *nomes* das crianças! Nesse ponto, todos os leitores podem ter a reação de Felix Frankfurter. Talvez seja esta a única resposta apropriada para aqueles cujo senso das coisas não aceite como viável a possibilidade de intrusão de inteligência extraterrestre. Contudo, caso se aceite essa possibilidade, a fertilização de nove óvulos retirados da mesma mulher não é menos plausível que outras formas de intervenção.

A sessão de hipnose que tratou dessas memórias ocorreu em maio de 1986, em Nova York. Uma ou duas vezes, eu formulei perguntas baseadas nas palavras que Kathie havia usado em relação a essa experiência, durante nossa conversa telefônica. Preparo o cenário, mantendo nosso acordo tácito de que essas lembranças, assim como as outras,

serão vistas apenas como um sonho. Durante toda a sessão, a voz de Kathie foi de uma suavidade incomum e cheia de admiração. Ela parecia estar por completo sob o encanto da cena e de sua inegável magia.

BUDD HOPKINS: Você contou-me um sonho que teve há pouco. Só foi um sonho..., mas você disse que havia um bebezinho nele... Você se lembra desse sonho?

KATHIE DAVIS: Lembro.

BUDD HOPKINS: Pode contar-me um pouco dele? Onde você está quando o sonho começa?

KATHIE DAVIS: Estou em um aposento enorme. Tem que ser um sonho...

BUDD HOPKINS: Sei que é apenas um sonho, mas estou interessado em ouvir.

KATHIE DAVIS: *(Longa pausa)* Tem nove.

BUDD HOPKINS: Você vê nove, ou apenas lhe dizem isso, ou o quê?

KATHIE DAVIS: Vejo dois.

BUDD HOPKINS: Quer descrevê-los para mim?

KATHIE DAVIS: A mais velha e o mais novo. *(Pausa)* Eles querem me observar... segure esse bebê. Eles querem... sentir o quanto o amo. *(Sussurrando como que para si mesma)* Eles querem... sentir o quanto o amo. Eu não devo me preocupar, porque eles tomarão conta. *(Pausa)* Tenho uma coisa que eles não podem dar ao bebê.

BUDD HOPKINS: Kathie, o que é que você tem?

KATHIE DAVIS: Uma coisa... tem a ver com o toque e a parte humana... e eles não compreendem, mas aprenderão. E disseram que eu podia dar os nomes. Escolherei. E fico com Andrew... e Elizabeth e Sarah e Peter e Caleb e Rebecca e Emily e Paul e Larry.

BUDD HOPKINS: Os dois que estão aí são Andrew e Elizabeth?

KATHIE DAVIS: Andrew e Emily.

BUDD HOPKINS: Andrew e Emily. *(De repente, Kathie fica muito agitada. Eu a acalmo)* É só um sonho, Kathie, só um sonho. Os sonhos são engraçados... acontece todo tipo de coisa em um sonho. Está tudo bem. Kathie, o que acabou de acontecer? É melhor você me contar. O que aconteceu?

KATHIE DAVIS: Acabaram de sair. Eles estavam aqui e acabaram de desaparecer.

BUDD HOPKINS: Você se refere a Andrew e Emily? *(O estranho "desapa-*

recimento" foi discutido mais tarde, após o fim da hipnose)
KATHIE DAVIS: Sim.
BUDD HOPKINS: Mas você segurou Andrew?
KATHIE DAVIS: Sim.
BUDD HOPKINS: Fale-me um pouco sobre o fato de tê-lo segurado.
KATHIE DAVIS: Segurei apertado... bem junto de meu peito... e fiz carinhos nele... na cabeça pequenina. Era deplorável. Segurei a cabeça dele com a mão. Beijei-lhe a cabeça. Ele estava todo pálido... parecia morto, mas não estava.
BUDD HOPKINS: Ele parece um bebezinho recém-nascido ou um pouco mais velho ou o quê?
KATHIE DAVIS: Ele parecia um velho e tinha um ar tão sábio. Olhei nos olhos dele... ele era tão... inteligente... mais sábio do que qualquer pessoa do mundo. E compreendeu meu toque...
BUDD HOPKINS: Sentir isso é uma coisa maravilhosa. *(Nesse ponto, a intuição me levou a apoiar e reforçar o evidente sentimento maternal profundo de Kathie)*
KATHIE DAVIS: E ele se sente forte de novo.
BUDD HOPKINS: Essa foi a maneira como ele respondeu a você... você deixou-o forte.
KATHIE DAVIS: *(Suave)* Meu toque.
BUDD HOPKINS: *(Pausa)* Kathie, Emily está observando isso?
KATHIE DAVIS: Está.
BUDD HOPKINS: Você pode contar-me um pouco sobre a maneira como ela parece estar respondendo ou sentindo?
KATHIE DAVIS: Ela só estava... ela estava aprendendo.
BUDD HOPKINS: Ela é a mesma menininha que você viu antes ou é diferente?
KATHIE DAVIS: É a mesma. Mais alta. Já não sente mais medo de mim.
BUDD HOPKINS: Que bom.
KATHIE DAVIS: Está muito curiosa em relação a mim.
BUDD HOPKINS: Como você pode dizer isso?
KATHIE DAVIS: Pela maneira como ela olha para mim...
BUDD HOPKINS: Ela lhe toca, ou você toca em Emily ou você só toca em Andrew?
KATHIE DAVIS: Ela tocou em meu rosto. Queria senti-lo. *(Rápido)* Agora ela cedeu... Parece que foi quase agradável quando ela tocou meu

rosto e depois retirou-se... e ela queria tocar outra vez, mas estava um pouco arredia. Depois ela... pôs-se a me observar, por dentro e por fora. Igual a uma esponja.

BUDD HOPKINS: Kathie, como termina o sonho? Às vezes, os sonhos simplesmente param e às vezes há uma pequena parte no final...

KATHIE DAVIS: Eu... no sonho, disseram-me para não me preocupar com ele. Ia ser tudo como fora planejado. Estava tudo muito bem. E eu iria... vê-los outra vez.

BUDD HOPKINS: Você sabe quem lhe diz isso?

KATHIE DAVIS: Esse sujeito *(a mesma figura baixa e de pele cinzenta, com quem ela havia lidado tantas vezes antes, como Kathie deixou claro após o término da hipnose).*

BUDD HOPKINS: Ele tem algum nome?

KATHIE DAVIS: Não sei pronunciar. Quase que é mais uma sensação do que um nome. Tenho que ir logo... caso contrário, ficarei doente. Portanto, é hora de ir embora.

BUDD HOPKINS: Então, em seu sonho, como você vai embora?

KATHIE DAVIS: Vou dormir. Deito e durmo. Acordo em minha cama. E começo a anotar todos esses nomes, várias e várias vezes...

BUDD HOPKINS: *(Prepara para acordá-la, dá sugestões reforçadoras: você terá sentimentos fortes e bons em relação a esse sonho. Boas e vívidas lembranças de Emily e Andrew, etc.).*

KATHIE DAVIS: ...Quando beijei a cabeça dele, vi que era macia. Era muito macia mesmo. Mais macia do que já foram as cabeças de Robbie e Tommy.

BUDD HOPKINS: *(Tiro Kathie do estado de transe.)*

Quando acordou de vez, Kathie bocejou, espreguiçou-se e sorriu para mim, ostentando no rosto uma expressão muito feliz e satisfeita. “Que sonho”, ela sussurrou. “Sabe, a cabeça dele era mesmo muito macia, parecia *marshmallow*. Não era maior do que isso”, e ela indicou mais ou menos o tamanho de uma maçã. “No sonho, eu fui dormir, depois acordei e comecei a anotar todos aqueles nomes. Eram mais ou menos quatro da manhã e não consegui voltar a dormir, pois me sentia muito bem.” Perguntei como era a menininha. “Ela parecia mais... um bocado melhor. Estava mais parecida com uma menina pequena, com uma pessoa mais normal. O cabelo estava bem mais grosso... ain-

da louro... esbranquiçado. Tem cerca de um metro de altura... mais ou menos a altura de Robbie." Perguntei sobre a cor da pele. "Era pálida, mas bem normal. Muito, muito pálida. Está mais cheinha em toda parte, ainda magra, mas não..." "E quanto à boca?" "Pequena, porém normal. Lábios pequenos. Mínimos. A boca com mais ou menos a forma de um coração."

Eu estava muitíssimo curioso quanto à sua presença atenta ali, enquanto Kathie segurava o minúsculo bebê. Repeti sua observação de que a menina estava como que aprendendo a maneira como Kathie sentia. "Sim. Tenho dificuldade em descrever. É como se eu já *soubesse* o que ela estava fazendo, de modo que tentei facilitar para ela. Eu estava tão cheia de emoção por aquele bebezinho. Sabe, foi como se ela pudesse entrar dentro de mim e sentir o que eu estava sentindo."

Mencionei o juízo de Kathie de que o minúsculo bebê era sábio, que seus olhos pareciam sábios. Perguntei se os olhos do bebê eram iguais aos da menininha. "Não, eram mais escuros. Maiores, mais escuros, como que castanho púrpura, como os de um bebê recém-nascido. Uma cor mais ou menos púrpura; no entanto, havia algo mais. Eu caí dentro deles. É difícil descrever. É como se o mundo inteiro estivesse nos olhos daquele bebezinho. Era como, meu Deus, ele *sabia*, ele sabia o que eu estava sentindo. Ele sabia. Não consigo descrever. Foi tão intenso, tão eufórico, ou algo pelo estilo. Eu estava tão excitada, tão para cima."

Restava uma última coisa a ser trabalhada. Mencionei que Kathie havia pulado quando disse "eles desapareceram". "Minha mente ficou branca por um minuto. Eu me senti dissociada de meu corpo. Sob a hipnose, eu estou consciente desse quarto aqui, dos sons e assim por diante, mas dessa vez, por um momento, eu me senti dissociada de meu corpo e pulei, mais ou menos para me trazer de volta. Eu não sabia o que estava ocorrendo. Por um instante, eu não tive braços nem pernas nem nada. Era só... um ser..." Sua descrição sugeria alguma espécie de ruptura mente-corpo, que já encontrei antes ou como produto evidente da própria hipnose, ou como mais um novo e estranho elemento no cenário do rapto. Perguntei-me, claro, se isso não estaria relacionado de alguma maneira com a sensação que Kathie teve que a menininha estava, por assim dizer, *dentro* dela, sentindo as emoções de Kathie como se fossem suas próprias emoções.

É de grande valia inserir a descrição de Kathie sobre "Andrew" no

contexto de relatos semelhantes de outras mulheres. Pam descreve o diminuto bebê de seu sonho recorrente como sendo “patético, tão pequeno e fino que parece que não vai sobreviver”. Andréa recorda-se de um bebê tão pequenino, que devia estar em uma incubadora, uma criança com olhos escuros, brilhantes, quase hipnóticos... “...Quando aquele bebê olhou para mim, aconteceu algo comigo. Eu só fiquei olhando para ele.” Kathie olhou fixo nos olhos do bebê e disse que “caiu dentro deles. Não consigo descrever. É como se o mundo inteiro estivesse nos olhos daquele bebezinho”. Ela disse que a criança era sábia, “mais sábia do que qualquer pessoa do mundo”. Contudo, esse “bebê sábio” era “deplorável também. Era todo pálido... parecia morto, mas não estava”. Susan descreve seu Bebê Sábio como tendo um olhar “vazio” e uma “engraçada... uma palidez acinzentada... que penso que seria repulsiva, do jeito que vejo hoje”. Ele era “muito frágil”. Ela segurou o bebê com uma das mãos, com a cabeça dele ajustada na palma. Kathie também afirmou que a cabeça do bebê se ajustava à palma de sua mão e que era do tamanho de uma maçã. Seu comprimento, em consonância com os outros, era de uns 30 centímetros.[73]

Todo relato detalhado sobre OVNI requer algum tipo de explicação coerente. Não se pode simplesmente descartar os relatos de seres humanos de comprovada honestidade e sanidade, apenas porque achamos o conteúdo dos relatos intragável. Resumindo, são estes os fatos que temos examinado: duas mulheres, Kathie Davis e Susan Williams, descrevem sob hipnose experiências mais ou menos típicas de rapto — à exceção do fato de incluírem um tipo especial de operação abdominal. Um ginecologista obstetra é consultado e acha os detalhes das operações recordadas de uma surpreendente semelhança com o procedimento de retirada de óvulo em uso hoje em dia. Os detalhes dessa operação atual são desconhecidos das duas mulheres (que jamais se encontraram, nem se comunicaram e nada sabem sobre o caso da outra.)

Duas outras mulheres, Pam e Andréa, que também descrevem experiências de rapto por OVNI, veem-se grávidas sob circunstâncias in-

73- Um dos menores bebês humanos que sobreviveu é Trent Petrie, que nasceu após uma gestação de apenas 22 semanas. Ao nascer, ele pesava apenas 340 gramas, e sua cabeça do tamanho de uma maçã ajustava-se, de fato, à palma da mão de sua enfermeira. Mas mesmo sem esse exemplo, parece possível que um híbrido alienígena-humano recém-nascido — que quando adulto terá cerca de 1,20m de altura — seja tão pequeno assim e pese tão pouco e que, mesmo assim, sobreviva.

comuns. *Muito* incomuns no caso de Andréa, posto que ela estava com apenas treze anos na ocasião e "sonhou" que, de fato, tinha sido inseminada artificialmente por uma estranha figura de pele cinza e olhos grandes, que lhe enfiou um implemento fino, parecido com um tubo. O feto foi abortado, mas, no primeiro exame, o ginecologista descobriu que, apesar da gravidez, o hímen ainda estava intacto. Pam também procurou um aborto *(após um rapto suspeito)*, só para o médico que realizou a operação anunciar que, apesar dos testes positivos de gravidez, não restava nenhum tecido fetal e, de modo inexplicável, ela já não estava mais grávida.

Cada uma das quatro mulheres — Kathie, Susan, Pam e Andréa — em vários momentos, ou "sonhou" ou lembrou-se sob hipnose que lhe haviam mostrado um bebê de pequenez anormal, de pele de cor cinza, de proporções estranhas e, ao que parece, só em parte semelhante a um bebê humano. As descrições das mulheres desses bebês diminutos são de um paralelo extraordinário e, mais uma vez, nenhuma delas jamais se conheceu nem se comunicou. Todos os psicólogos que consultei sobre a questão acharam os relatos surpreendentes, posto que não se adequam aos padrões psicológicos normais. De modo que nos restam duas possíveis linhas de explicação. A primeira requer a existência de um fenômeno psicológico novo e antes desconhecido, no qual mulheres têm "alucinações" com cenas quase idênticas, que envolvem bebês semi-humanos quase idênticos. E, ao que parece, esse fenômeno psicológico antes desconhecido afeta os resultados de testes químicos de gravidez, transformando os negativos em falsos positivos. (Jung ficaria orgulhoso em conhecer essa nova manifestação poderosa do "inconsciente coletivo".) A outra explicação que resta é simples, porém "insustentável": essas mulheres, Pam, Susan, Kathie e Andréa estão de fato lembrando o que viram. Suas experiências foram reais. Ambas as explicações, é seguro dizer, violam a ciência convencional.

Agora já é tempo de se examinar algumas das implicações teóricas desses relatos muito perturbadores e não queridos e de tentar mais testes de sua veracidade.

CAPÍTULO 10

Um Resumo

Quando Kathie descreveu que lhe mostraram o minúsculo bebê de aparência híbrida, ela relatou um novo detalhe impressionante: pelo visto, os ocupantes do OVNI queriam que ela segurasse a criança, a fim de eles poderem observar algo em relação ao toque e à emoção humana. Por alguns momentos, o papel de Kathie foi de instrutor; seus raptores — assim como o bebê — precisavam de algo que só ela poderia proporcionar. "Tem alguma coisa a ver com o toque e com a parte humana... Eles não compreendem, mas aprenderão." Ocorreu-me depois que essa necessidade de uma demonstração do sentimento maternal podia ser a razão pela qual os ocupantes de OVNI mostraram a várias raptadas sua prole semi-humana, isto se esse termo é aproximadamente correto. Algo desse tipo pode explicar os encontros de Susan com seu minúsculo Bebê Sábio ou a descrição de Pam sobre o fato de lhe pedirem, após lhe entregarem a patética criaturinha de pele branca, para demonstrar como uma mãe amamentaria um bebê recém-nascido! Em julho de 1986, quando eu tentava encaixar essa informação em um quebra-cabeça já estranho, recebi um telefonema de "Lucille Forman", uma nova-iorquina que estava passando o verão em Provincetown, Massachusetts. Mais tarde, descobri que sua experiência com OVNI acrescentava detalhes fascinantes a essa nova ideia.

Na noite de 20 de agosto de 1985, Lucille encontrava-se em seu apartamento de Provincetown, assistindo um filme em seu vídeo. Pelo que ficou sabendo no dia seguinte, ela estava sozinha no prédio; nenhum dos outros proprietários estavam em casa nessa noite. O prédio vitoriano restaurado, em que ela vivia, contém quatro apartamentos e

repousa em um morro quase todo cercado de árvores. No bosque atrás, há uma área plana, que pouco tempo antes tinha sido limpa para o erguimento de mais um edifício.

A primeira coisa estranha que Lucille notou nessa noite foi o comportamento de seu gato, que começou a uivar como se estivesse muito assustado. Lucille estava absorta com *Gandhi*, o filme que assistia, e optou por ignorar o gato. Mas, depois de alguns minutos, ela começou a sentir uma "presença marcante, envolvente, misteriosa". Como ela me disse mais tarde, seu próprio comportamento estava incomum. Ela não se levantou para dar uma olhada pela casa, como em geral teria feito, mas, em vez disso, começou a repetir para si mesma: "Não se levante, não olhe para cima. Não faça coisa alguma, fique sentada nessa cadeira. Se você se levantar, vai acontecer alguma coisa. Não olhe para cima. Mantenha os olhos na tevê." Lucille é psicoterapeuta de profissão, portanto, como é natural, ela é observadora quanto ao próprio comportamento e é clara ao descrevê-lo. Ela viu-se dizendo em mente, como se fosse para alguém ou alguma coisa: "Por favor, deixe-me em paz. Estou sozinha. Não quero uma experiência desse tipo nesse exato momento."

No essencial, isso é tudo de que se lembra sobre essa noite. Quando acordou pela manhã, o gato ainda uivava de vez em quando, e Lucille descobriu que a eletricidade do apartamento estava desligada. Tinha havido falta de energia nessa parte de Provincetown, afetando cerca de 2.500 pessoas.[74] Ela sentiu uma grande necessidade de ficar do lado de fora da casa, "ao sol, onde as coisas eram conhecidas". Ficou sentada do lado de fora durante algum tempo e quando voltou para dentro de casa, anotou tudo que conseguiu se lembrar sobre a noite anterior. "Eu estava convencida de que havia acontecido algo profundo, mas não tinha certeza do que seria."

Provincetown fica a pouca distância de Wellfleet, onde está situado meu estúdio de verão, de modo que uma amiga de Lucille sugeriu que ela me contactasse em relação a sua estranha experiência. Havia várias razões para eu interromper meu trabalho no caso Kathie Davis. Lucille era uma mulher muito digna de crédito, e sua experiência ocorrera mais ou menos pouco tempo atrás, em uma região à qual eu tinha acesso imediato. Mas eu também estava curioso em saber se os padrões da

74- Tem havido muitos relatos de casos nos quais os OVNI's são avistados perto de regiões que tiveram falta de energia, de modo que essa conjunção de acontecimentos não pode ser coincidência.

aparente experimentação genética podiam surgir em mais um caso.

Minha primeira entrevista com Lucille rendeu vários detalhes significativos. Em resposta a minha pergunta sobre quaisquer estranhas lembranças de infância não-resolvidas, que ela pensasse que podiam ter uma relação com a questão dos OVNI's, Lucille relatou uma lembrança perturbadora de um visitante de olhos grandes, que foi ao seu quarto quando ela era muito pequena. Havia outras recordações semelhantes. Mas o mais importante nesse contexto foi a observação que sua amiga fez. "Lucille", ela disse, "talvez fosse melhor você mostrar essa marca redonda que surgiu em seu abdome no verão passado." Trata-se de uma cicatriz pequena e circular, localizada mais ou menos acima da região do ovário direito, e, em um dado momento, a recordação hipnótica revelou sua causa provável.

Mais uma vez, não é esse o lugar de nos aprofundarmos no caso do rapto de Lucille, além de um simples esboço. Três sessões de regressão hipnótica e mais algumas recordações normais, que surgiram de modo espontâneo entre as sessões, revelaram o seguinte: Lucille desviou o olhar da tevê e viu várias figuras de cabeça grande e pele acinzentada na varanda em frente. Disseram-lhe, por telepatia, que se ela não saísse, eles entrariam no apartamento e a agarrariam. A tevê apagou, e ela viu na tela, em vez do filme que estava assistindo, um rosto que era "branco, com imensos olhos negros e brilhantes, sem orelhas, boca pequena... e que estava furioso. A mensagem era: *OLHE PARA MIM!* Eu pensei em resposta: 'não, não vou olhar para você'. *(Olhei para o chão)*"[75] Mas é tal a aparente capacidade de os ocupantes de OVNI's superarem nossa resistência psicológica, que, em um dado momento, Lucille se levantou e andou até a varanda. A seguir, ela sentiu-se flutuando pelo atalho, com duas figuras a flanqueando, ao passo que mais duas permaneciam na frente e atrás. O OVNI estava na clareira atrás do prédio. "Eu não sentia calor. Eles não me tocaram, senão que permitiram que eu entrasse, sozinha... Eu me vejo entrando com a pessoa cujo rosto apareceu na tela da tevê. Na minha opinião, o comportamento dele era mais ou menos o de nossos militares durante uma missão... transmitia-se um certo senso de urgência." Colocada em cima de uma mesa de exame, Lucille descreve em um determinado ponto uma "súbita dor aguda na

75- Essa e outras citações diretas foram tiradas da reconstrução que Lucille escreveu com esmero e zelo sobre sua experiência de agosto.

região onde em geral sinto dor quando estou menstruada".

Como terapeuta experiente, Lucille é uma ótima observadora psicológica. Julguei que eram confiáveis seu senso intuitivo sobre os *propósitos* dos ocupantes do OVNI e a situação geral deles. Uma coisa é recordar com precisão de detalhes apenas *visuais*, tais como, a altura, a cor e a aparência física. Mas o território mais impressionista das "intenções dos OVNI's" proporciona um julgamento, que tende muito mais para a simples projeção à moda antiga, em que podem vir à luz todos os tipos de preconceitos emocionais com relação ao fenômeno. Contudo, eu acredito que as impressões de Lucille são dignas de confiança e que parece que ocorreu algum grau de comunicação filosófica.

Mais tarde, Lucille escreveu que aquela sociedade alienígena parecia ter "milhões de anos de idade, dominava uma tecnologia e uma inteligência proeminentes, mas não apresentava muita individualidade e calor". Ela sentiu que "a sociedade estava morrendo, que as crianças nasciam e viviam até uma certa idade, talvez a pré-adolescência, e depois morriam". Havia "uma necessidade desesperada de sobreviver, de continuar sua raça. Trata-se de uma cultura sem toque, sem sentimento, sem criação... é basicamente intelectual. Alguma coisa estava dando errado do ponto de vista genético. Qualquer que fosse o corpo que tinham agora, eles se tinham desenvolvido a partir de uma outra coisa. A impressão que tenho é que, de uma certa maneira, eles queriam compartilhar sua história, seus progressos e as dificuldades atuais de sobrevivência. Mas eu não sei mesmo o que eles estão procurando". Lucille recordou-se que seus captores lhe mostraram uma série de imagens realistas (holográficas?) durante a experiência de rapto, como se fosse para ilustrar sua má situação. "Vi uma criança de um metro e vinte de altura mais ou menos, cinza, bem da raça deles, balançando os braços... sentia dor e estava morrendo. Disseram-me que era isso que estava acontecendo agora.

"Conversamos sobre a falta de toque. Eu contei para eles que certos animais daqui podem morrer um dia depois do nascimento, caso não sejam lambidos e tocados pela mãe ou outros protetores queridos, posto que isso afeta sua percepção das funções orgânicas, bem como de si próprios." E ali, naquele contexto extraterrestre, Lucille, a psicoterapeuta, a salvadora por compromisso, fez uma proposta mais improvável. "Por mais estranho que possa parecer, eu sugeri que eles

traduzissem *Touching*, o livro de Asley Montague. Sei que isso parece de um extremo ridículo, mas quando voltei a Nova York após nossas sessões de hipnose, no mesmo instante coloquei o livro do lado de fora do peitoril da janela. Parece algo estranho, mas eu pensei: quem sabe? Não sei o que mais eles precisam saber, mas penso que se pudermos, devemos ajudar."

Mais uma vez quero sublinhar o fato de que a Sra. Forman não tinha o menor conhecimento do relato de Kathie Davis sobre a demonstração do tocar e segurar humanos na minúscula criança cinza. A criança "compreendeu meu toque", Kathie disse, "e se sentiu forte de novo". Ela também relatou que enquanto fazia carinhos nela, a menina (híbrida) mais velha "estava observando-me, por dentro e por fora". Ela sentiu que a menina estava absorvendo tudo "como uma esponja" — as emoções de Kathie, seus gestos, pensamentos e reações — assim como Pam sentiu que a criatura que lhe entregou o diminuto bebê híbrido, observava com todo cuidado a maneira como ela fazia a criança mamar. Parece-me que Kathie, Pam e Lucille estão descrevendo, a partir de diferentes pontos de vista, a mesma e estranha situação extraterrestre. Nesse cenário inesperado, os ocupantes de OVNI's — apesar de sua evidente superioridade tecnológica — estão em busca desesperada tanto de material genético humano *como* da capacidade de sentir emoções humanas — em especial, as emoções maternais. Por mais improvável que possa parecer, é possível que a própria sobrevivência desses extraterrestres dependa de seu sucesso em absorver as propriedades químicas e psicológicas recebidas de raptados humanos.

Todas essas especulações são impensáveis, embora sejam de notável lógica à luz do material que temos examinado. E existe mais um dramático paralelo entre as experiências de Lucille e Kathie com OVNI, que ajuda a corroborar sua veracidade. Durante a primeira sessão de hipnose de Lucille, algum tempo depois de ela ter descrito que foi retirada da mesa de exame, ela vê uma figura que "parece ter um sexo... e é muito pálida... não cinza como os outros, mas se trata de um ser mais pálido, que parece ser feminino... Parece também que há um calor emanando dela, um calor que parece ser muito especial. Talvez ela seja inclusive um pouco mais alta. Lembro-me de ter tomado conhecimento de um queixo pontudo e de olhos grandes..., mas as feições eram mais arredondadas... eram mais redondas, de certo modo. Muito quente e

delicada. E eu também tive a ideia de que... seja aquilo o que for... eu a chamarei de ela... era um ser muito especial. Muito etérea, de uma aparência muito estética".

Durante a segunda sessão hipnótica de Lucille, ela ampliou a descrição desse ser especial: ''Talvez ela seja uma adolescente. Não vejo suas orelhas... Há a leve protuberância de um nariz. Seus olhos são iguais aos dos outros que têm olhos negros, só que seus olhos são enormes e azuis. Não tem sobrancelhas... um crânio enorme... e feições mais redondas. Há uma certa delicadeza e também... um calor que, sabe... já que talvez ela seja um cruzamento... em parte, terrestre, em parte, eles... Ela não era totalmente 'eles'... uma alienígena completa." Em outras palavras, uma híbrida muito parecida com a menininha que Kathie descreveu antes e que viu mais uma vez, quando ela já estava com mais idade. (Veja: *ilustrações*) Os enormes olhos azuis, o crânio imenso, o minúsculo queixo pontudo e o nariz pequeno, tudo isso é descrito de modo semelhante. A diferença básica é que a criança que Kathie viu tinha cabelos finos e brancos, tão finos que o couro cabeludo aparecia aqui e ali, ao passo que Lucille descreveu uma adolescente que não tinha nenhum cabelo. Entretanto, ambas as mulheres disseram que as crianças que tinham visto, não tinham nenhuma sobrancelha. Ao contrário de Kathie, Lucille não teve um profundo sentimento maternal durante o encontro, embora lembre-se que, em um dado momento, estava sentada de pernas cruzadas no chão, embalando a criança no colo. "Eu pensei: o que é isso... o que é exatamente essa criatura... e fiquei perguntando-me: o que você está fazendo aqui? Eu me senti desamparada, porque queria ajudá-la e não sabia o que fazer."

O relato de Lucille contém muito mais coisas, inclusive uma área ou cena de extrema dramaticidade, que, ao que parece, permitiram que ela visse e que tem relação direta com os temas que estivemos examinando. Não obstante, não entrarei nisso aqui. Como eu já disse antes, é importante guardar certos detalhes, a fim de ter um meio de testar a veracidade de futuros relatos. Entretanto, a cena que ela descreveu é tão incomum e de um significado tão potencial, que aguardo ansioso qualquer corroboração que apareça um dia.

Durante décadas, a ficção científica popular apresentou, em essência, duas versões de contacto com vida extraterrestre. Na versão mais comum, como a versão que Orson Welles fez para o rádio de *A Guerra*

dos Mundos ou no filme *Invasion of the Body Snatchers*, os alienígenas chegam como tropas de assalto cósmicas para nos devorar e conquistar estupidamente. O cenário alternativo benigno, exemplificado por filmes populares como *O Dia em que a Terra Parou*, retrata os alienígenas como seres bondosos e espirituais, que chegaram aqui para nos salvar de nossa própria autodestruição. Essas duas situações contrastantes são, como é evidente, de natureza religiosa; em ambas as versões, os seres humanos e os alienígenas têm papéis opostos, enquanto deuses e demônios. No filme *Contatos Imediatos do Terceiro Grau*, os deuses todo-poderosos trovejam do alto, acompanhados por música de órgão, ao que parece para nos salvar de nossos problemas e iniciar uma nova era cósmica de bons sentimentos.

Mas ocorrem discernimentos muito instrutivos, quando comparamos esses dois mitos básicos da ficção científica com o que examinamos nos vívidos relatos de Kathie, Susan e Lucille — ou, no que diz respeito a esse assunto, nos relatos dos homens que abordei no *capítulo* 7. Nenhuma dessas recordações sugerem, de maneira alguma, os deuses e demônios da ficção científica tradicional. Esses homens e mulheres nem são devorados nem salvos. São tomados por empréstimo, contra sua vontade. Seu físico é usado, e depois eles são devolvidos, amedrontados, porém não machucados de modo deliberado. E os alienígenas não são descritos nem como presenças todo-poderosas e nobres, nem como monstros satânicos, mas, em vez disso, como seres complexos, controladores e de físico frágil, que, ao que parece, necessitam de alguma coisa para a própria sobrevivência, que eles são forçados a procurar entre seus vários raptados.

E por trás do fenômeno do rapto, à maneira como tem sido descrito por verdadeiras centenas de testemunhas, parece haver uma posição ética muito peculiar e consistente. Em nenhum dos casos que investiguei jamais encontrei nem mesmo a insinuação de dano deliberado ou maldade. Aparentemente os raptados são capturados com a maior calma possível e parece que sofrem apenas uma mínima dor física — situação esta não diferente de um consultório dentário bem administrado. Pessoas são agarradas, examinadas, amostras são retiradas e assim por diante e, em seguida, elas são devolvidas, mais ou menos intactas, ao lugar onde o rapto começou. Parece haver um esforço definitivo de parte dos ocupantes de OVNI's para fazer as operações do modo mais

rápido, eficiente e indolor possível. Há razão para acreditarmos que a amnésia parcial que acompanha com frequência essas experiências, tem o objetivo de ajudar os raptados a continuar sua vida normal, assim como o de dissimular as atividades dos OVNI's.[76]

E, no entanto... todo pesquisador de OVNI que lida com casos de rapto e todo psicoterapeuta que já teve um raptado como paciente sabe o dano que essas experiências provocam de maneira inevitável em pessoas inocentes. É quase inevitável que eles sofram, segundo o termo do Dr. Robert J. Lifton, de cicatrizes psicológicas (bem como de cicatrizes *físicas*, como já vimos.) Uma mulher que sofreu vários raptos de infância, não recordados ao nível da consciência — quando tinha oito, nove e dez anos de idade —, contou-me que quando estava com dez anos, seu medo era tão profundo, que ela fez uma tentativa quase bem-sucedida de se matar. "Mas só quando meus filhos chegaram à idade de dez anos, foi que pude compreender de fato o quão estranho era o fato de uma criança querer se matar à essa idade." Hoje em dia, ela conhece a causa do medo insuportável que ela sofreu durante aqueles anos de infância, mas seu exemplo sugere a possibilidade de que outros, sem conhecer a fonte de seu terror, possam ter sido bem-sucedidos de fato em suas tentativas de suicídio.

E, assim, chegamos a um paradoxo central: parece que os ocupantes de OVNI's, com sua aparente capacidade hipnótica de moldar e controlar pelo menos nosso comportamento de curto prazo, ao mesmo tempo não compreendem quase nada em relação à psicologia humana básica. Em um caso que investiguei, um homem de Minnesota e sua mulher foram raptados juntos; o marido foi forçado a assistir sem nada fazer, enquanto uma agulha comprida era enfiada no umbigo de sua mulher paralisada. Os raptores ficaram surpreendidos por completo com sua fúria e ódio. "Mas nós *queremos* que você veja o que estamos fazendo", eles explicaram com toda ingenuidade. "Não estamos machucando sua companheira. Por que você está com raiva?" A explosão de dor e angústia de Kathie, quando seus raptores retiraram o feto que ela carregava, ao que parece, também os pegou de surpresa. Esses inci-

76- Durante uma sessão de hipnose que observei alguns anos depois, a raptada, ao reviver um rapto que havia sofrido quando tinha sete anos de idade, disse a seus captores que queria contar tudo que tinha visto para seus pais, amigos e professores. Os ocupantes do OVNI explicaram, com toda paciência, que ninguém acreditaria e que seria melhor se ela "esquecesse" a experiência. Esse tipo de explicação para a amnésia imposta é relatada com frequência nos informes sobre rapto por OVNI.

dentes, nos quais os ocupantes de OVNI's parecem incapazes de compreender até mesmo os sentimentos humanos mais óbvios e previsíveis, nada mais são do que alguns em uma longa, longa relação. É como se eles fossem de fato alienígenas à maior parte da psicologia humana, embora possam compreender bastante a *fisiologia* humana, a ponto de se preocuparem com a dor física e o meio de mitigá-la.

Tenho insistido várias e várias vezes nestas páginas que os relatos sobre rapto por OVNI — por causa de sua semelhança de conteúdo e detalhes — têm que ser aceitos por uma das duas maneiras: ou eles representam algum fenômeno psicológico novo, quase universal e desconhecido antes — teoria esta que não leva em conta a prova *física* que o acompanha — ou então representam tentativas honestas de relatar acontecimentos verdadeiros. É óbvio que é de importância absoluta saber se os extraterrestres existem e se estão fazendo experiências com a humanidade, como os relatos indicam — ou se os relatos representam alguma nova aberração mental muitíssimo radical. Quando se considera a complexidade ética que acabei de discutir, é de extrema relevância sua relação com a questão da fantasia *versus* realidade. Porque antes de se ajustar ao previsível esquema antropomórfico do bom e mau, deuses e demônios (que é, afinal de contas, a estrutura básica tanto da fantasia psicológica como da ficção popular.), os ocupantes de OVNI's, como são descritos, existem em um mundo ético de estranha mistura, quase incompreensível. Sua moralidade intrigante, porém, consistente, não cruza em parte alguma com as certezas preto-e-branco da fantasia e da imaginação popular. Sua psicologia, se é que se pode usar este termo, não faz nenhum sentido para nós, assim como, ao que parece, a psicologia humana não faz para eles. A imagem que permanece é a de que duas inteligências diferentes carecem de um nível comum de entendimento. Mas há um outro fator inverossímil aqui — parece que o grupo de tecnologia superior aparentemente se vê como tendo uma necessidade mais genuína do que a cultura mais "primitiva". Simplesmente não se pode conciliar a ideia dos Irmãos do Espaço gentis, prestativos e todo-poderosos — um lugar-comum da ficção científica, que hoje em dia é apreciada pelos cultos espiritualistas —, com a realidade ética complicada desses relatos perturbadores sobre OVNI's. Mas é igualmente impossível conciliar a imagem familiar dos "Invasores do Espaço", que caem em cima de nós para conquistar e colonizar

nosso planeta, com o padrão de há muito existente das interações sutis e dissimuladas dos OVNI's com nosso povo. Em qualquer modelo de comparação, o fenômeno OVNI, como vem sendo descrito, parece ser menos parecido com um produto simplista da fantasia popular do que com uma realidade externa, de extrema complexidade, de moral ambígua e encerrada em si mesma. Realidade esta, eu acrescentaria, que nenhum de nós compreende.

Enquanto isso, deveria ser evidente que o fenômeno de rapto por OVNI não apenas afeta a fundo a vida daqueles por ele atingidos, mas também envolve um maior número de pessoas do que jamais imaginamos. Os indivíduos que examinei nestas páginas constituem apenas uma amostra diminuta e podem levar a uma interpretação errada, já que acentuei os casos de raptadas à custa dos casos de homens. (Em realidade, a proporção de raptados masculinos e femininos está mais ou menos em torno de 50% para cada.) Uma indicação do evidente número enorme de pessoas que foram raptadas pode ser obtida, considerando-se, por exemplo, a resposta de um programa de tevê especial sobre o fenômeno de rapto por OVNI, transmitido localmente em uma cidade do Meio Oeste, em 1986. Apareceram comigo dois raptados por OVNI's para discutir o assunto durante cerca de uma hora, enquanto um inteligente apresentador conduzia as entrevistas com todo respeito. Mais tarde, o produtor do programa contou que, depois do programa, houve um número quase sem precedentes de cartas e telefonemas, e uma série de cartas foi entregue a mim. Destas eu respondi cerca de dez e, durante uma viagem que fiz depois à região, contactei três dos casos que me pareceram os mais prometedores. Um dos três casos, como eu suspeitava, confirmou ser de uma pessoa raptada — mas seu caso envolvia outros membros de sua família. Conheci e entrevistei sua mãe e irmã, e ambas descreveram, através da recordação normal e da hipnótica, experiências de raptos anteriores. Em um segundo caso, ao contactar e entrevistar um homem que havia escrito para mim aos cuidados da estação de tevê, levou a mais quatro relatos de rapto entre os membros de sua família. Meu terceiro contacto foi com um jovem que também havia escrito e que também acabou confirmando, como eu suspeitava, tratar-se de um raptado. Foram gastas nesses casos muitas horas de investigação e regressão hipnótica, embora eu só os apresente aqui como mera estatística; cada qual representa uma série de experiências de

extrema complexidade, perturbadoras e emocionais. Mas minha afirmação é a seguinte: o programa de tevê gerou um enorme número de telefonemas e cartas; no entanto, só pude acompanhar três casos. Após a investigação, esses três casos envolviam um total de nove indivíduos, que tinham toda razão em acreditar que estavam descrevendo genuínas experiências de rapto. Portanto, um programa de tevê acompanhado um tanto ou quanto ao acaso rendeu, até aqui, *nove* casos de rapto de extrema probabilidade. Penso, de imediato, naqueles que *não* contactei e no que pode estar enterrado em suas memórias. E quanto aos outros que apenas ligaram para a estação e cujos nomes se perderam? E quanto àqueles que, por várias razões, carecem do impulso ou do tempo para escrever ou telefonar, apesar do que podem ter lembrado? E o mais significativo de tudo, quantos raptados pode haver entre as centenas de milhares de pessoas daquela região, que não assistiram aquele programa particular de tevê naquela manhã particular?

Mais uma vez, quero descrever o padrão geral desses relatos: um indivíduo, homem ou mulher, é raptado pela primeira vez quando criança, em uma idade possivelmente tão tenra quanto os três anos. Durante essa experiência, com frequência é feita uma pequena incisão no corpo da criança, ao que parece com o objetivo de retirada de amostras; em seguida, a criança é submetida a um exame físico. Segue-se, com frequência, uma série de contatos ou raptos, que se estendem pelos anos da puberdade. Em alguns casos são retiradas amostras de esperma de jovens — conheço apenas um caso no qual esse processo começou quando a pessoa tinha 13 anos de idade — e amostras de óvulos de mulheres. Como vimos em três casos tratados neste livro, uma autêntica inseminação artificial também pode ter sido tentada bem cedo — no caso de Andréa aos 13 anos; no de Susan, ao que parece, aos 16 e no de Kathie aos 17. (Também tenho outros dois casos, não incluídos aqui, nos quais a prova um pouco menos nítida sugere que a inseminação artificial ocorreu quando essas mulheres estavam com as idades de 16 e 21 anos, respectivamente.)

Nos casos em que é tentada a inseminação artificial, as mulheres são raptadas outra vez após dois ou três meses de gravidez, e o feto é removido do útero. Não obstante, parece que algumas dessas mesmas mulheres foram agarradas em momentos mais adiantados da ovulação para a remoção do óvulo das trompas de Falópio. Depois que os óvu-

los são retirados por esse processo, ao que parece eles são fertilizados e levados ao fim fora do útero, sob circunstâncias que mal podemos supor. Não está claro o motivo pelo qual esses dois procedimentos reprodutores bem diferentes têm sido usados em algumas das mesmas mulheres. Mas, de modo semelhante, alguns dos raptados do sexo masculino que foram submetidos à retirada de amostras de esperma, mais tarde também foram submetidos a uma espécie de relação sexual involuntária. Parece que não há uma razão lógica para dois métodos de reprodução diferentes terem sido empregados tanto nos raptados como nas raptadas, mas é isso que os dados sugerem. A curiosidade genética dos ocupantes de OVNI's parece não se estender a todos os raptados, embora os relatos que tenho recebido indiquem que ela pode ser aplicada à metade deles e, é concebível, a uma porcentagem ainda mais elevada, caso essas operações estejam sendo sub-relatadas por razões óbvias de embaraço e hesitação.

Talvez a ideia mais perturbadora disso tudo seja a possibilidade de que um filho nascido de parto normal de uma raptada possa ter sido submetido a alguma forma de adulteração genética, antes da concepção. Não disponho de nenhuma prova para sustentar tal suspeita indutora de paranoia, embora ache que duas coincidências sugestivas devam ser descritas aqui. Durante minha investigação do rapto simultâneo de um homem e sua mulher, em Nova Inglaterra — caso que não mencionei antes —, a mulher contou-me que se lembrava da data e da hora com toda clareza. "Aconteceu na noite em que meu filho foi concebido", ela relatou. Ela observou esse fato em um tom muito descuidado e parecia encará-lo como mera e interessante coincidência. Em um caso semelhante ocorrido em um estado do sul, a mulher contou-me a mesma coisa, que acreditava que sua experiência com OVNI — o avistamento de um OVNI pairando atrás das árvores de sua propriedade (e um provável rapto subsequente.) — ocorreu na noite em que seu filho foi concebido. Mais uma vez, ela mencionou o fato apenas enquanto uma coincidência e como ajuda para identificar a noite do encontro com o OVNI. Em ambos os casos, os bebês nasceram de parto normal e hoje são crianças normais e saudáveis; não parecem ser diferentes de seus irmãos de uma maneira óbvia e imediata. Por várias razões, nenhuma das duas mães foi submetida à regressão hipnótica, de modo que suas experiências com OVNI's permanecem, em grande parte, inexploradas. É provável

que a coincidência de um aparente rapto por OVNI ter ocorrido na mesma noite da concepção seja apenas isso — coincidência —, embora eu pense que essa informação deva ser, pelo menos, mencionada aqui em uma tentativa de incluir todos os dados pertinentes.

A consequência de longo prazo dessas complexas experiências com rapto é psicológica. Embora certos comportamentos resultantes possam ser semelhantes, os raptados por OVNI's não são iguais às pessoas que passaram por uma única experiência traumática, tais como as vítimas de acidentes de automóveis ou as dos assaltos brutais. São pessoas que, em intervalos, durante anos, foram submetidas contra a vontade a uma assustadora e agressiva "vida secreta", usando a expressão de um jovem raptado. As emoções engendradas por essa vida secreta podem incluir o medo, o pavor, o desamparo, uma profunda confusão materna, a perda, a sensação de vulnerabilidade física — e até sexual — e milhares de outras coisas, que variam até à incerteza básica quanto ao lugar a que a pessoa pertence, ao lugar que é de fato seu lar. Situa-se, em toda essa rota, um terrível senso de autodesconfiança, um questionamento da própria sanidade. Uma jovem de Minnesota que foi raptada quando criança e depois de novo quando adulta, registrou alguns de seus pensamentos e emoções, tanto como tentativa de esclarecer as coisas para si mesma, quanto com a generalização de sua experiência para fornecer um possível apoio a outros raptados:

> Para a maioria de nós, tudo começou com as memórias. Embora alguns de nós se lembrasse de partes ou do todo de nossas experiências, era mais comum nós termos que procurá-las onde elas estavam — ocultas na forma de amnésia. Muitas vezes fazíamos isso por meio de hipnose, que era, para muitos de nós, uma nova experiência. E que sentimentos mesclados tínhamos, quando nos defrontávamos com essas memórias! Quase sem exceção, nos sentimos aterrorizados ao reviver esses acontecimentos traumáticos, uma sensação de estar sendo oprimido pelo impacto. Mas havia a descrença também. Não pode ser verdade. Eu devo estar sonhando. Isso não está acontecendo. Desse modo, começava a vacilação e a autodesconfiança, os períodos alternados de ceticismo e crença, enquanto tentávamos incorporar nossas memórias ao nosso senso de quem somos e o que sabemos. Com frequência, nós achávamos

loucos; continuávamos a busca atrás de uma explicação "verdadeira". Tentávamos imaginar o que havia de errado conosco para essas imagens estarem vindo à tona. Por que minha mente está fazendo isso comigo?

E depois havia o problema de conversar sobre nossas experiências com outras pessoas. Muitos dos nossos amigos eram céticos, claro, e embora nos doesse o fato de não sermos acreditados, que outra coisa podíamos esperar? Nós mesmos éramos céticos, às vezes, ou com toda probabilidade o fomos no passado. As respostas que recebíamos dos outros refletiam as nossas próprias respostas. As pessoas com quem conversávamos duvidavam de nós e acreditavam em nós, ficavam confusas e procuravam outras explicações, do mesmo jeito que tínhamos feito. Muitas eram rígidas em sua negação da possibilidade de rapto por mais leve que esta fosse, e quaisquer que fossem as palavras que usassem, a mensagem subjacente era clara. Sei mais do que você o que é verdade e o que não é. Eu estou certo, e você está errado. Nós nos sentíamos prisioneiros de um círculo vicioso, que parecia imposto a nós enquanto raptados por uma sociedade cética

Por que você acredita que foi raptado?
Você acredita nisso porque é louco.
Como sabemos que você é louco?
Porque você acredita que foi raptado!

Nossa própria crença era um processo menos intelectual do que experimental e o que enfim se manifestava em nós era o fato de que os outros não tinham nenhuma prova que os raptos não eram verdadeiros. Se a ideia dos raptos era tão ameaçadora para eles, o problema era deles, não nosso. Aprendemos da maneira mais difícil, por meio da tentativa e erro, a saber em quem podíamos e em quem não podíamos confiar. Aprendemos a diferença sutil entre segredo e privacidade. Mas muitos de nós sentimos uma forte sensação de isolamento. Sentimos a dor de ser diferente, como se apenas estivéssemos "passando" por normal. Alguns de nós chegamos à difícil compreensão de que não havia ninguém com quem pudéssemos ser nossa personalidade completa, e isso parece ser um lugar bem solitário para se estar.

Era comum passar por reações de estafa depois que os raptos

> vinham à tona. Sentíamos insônia, dores de cabeça, exaustão, mudanças no apetite e uma renovada sensação de medo e impotência. Se o rapto aconteceu uma vez, poderia acontecer de novo, a qualquer hora, sem aviso prévio, e não havia nada que pudéssemos fazer para impedir. Aqueles de nós que tinham filhos pequenos sentiam o peso do nosso medo por eles e, às vezes, um vago sentimento de culpa diante de nossa incapacidade de protegê-los. Nada na vida nos preparou para essas experiências, e tudo parecia ser impossível de se compreender.

Uma das reações que os raptados externam com mais frequência é pura e simplesmente esta: "Por que vocês, alienígenas, ou ocupantes de OVNI's, ou sejam lá quem vocês forem, não me *pedem* para fazer o que vocês querem? Peçam minha permissão. Respeitem-me enquanto pessoa. Cheguem pela porta da frente em vez de se aproximar em silêncio para sequestrar. Se vocês fizessem isso, eu poderia ir de livre e espontânea vontade, em especial se me explicassem o que querem." Pedido este razoável, mas, pelo que sei até aqui, jamais foi honrado... talvez porque nunca foi entendido.

E qual é o propósito último desses raptos, desses exames e implantes, dessas tentativas genéticas de produzir híbridos, que criaram, como era inevitável, uma devastação emocional entre muita gente inocente? Será que os ocupantes de OVNI's querem diminuir a distância entre a nossa raça e a deles, a fim de aterrissar e, em um dado momento, juntar-se a nós em nosso planeta? Se assim for, essa seria uma operação realizada de uma maneira aberta ou de um modo mais sinistro e dissimulado? Ou será que esses alienígenas só estão querendo enriquecer a própria espécie para depois partir de jeito tão misterioso quanto chegaram, após terem atingido seu objetivo, revivificando a própria espécie ameaçada? Ou será que existem ainda outros objetivos que nós sequer imaginamos, algo incognoscível em nossa etapa de evolução intelectual? No momento atual, nenhuma dessas perguntas tem uma resposta, assim como nenhum raptado consegue de fato, mas, *de fato mesmo*, compreender e dominar sua estranha experiência. Como eu disse antes, a situação é o polo oposto de um culto — temos todos os misteriosos *milagres* que se podiam desejar, mas nenhuma fé, nenhum dogma. Pelo que sabemos até aqui, não temos nem deuses nem demônios, nem ética

nem maldade. O objetivo e significado disso tudo estão tão incertos quanto antes.

As palavras finais deste livro devem ser de Kathie. Em uma noite de primavera de 1986, eu, Kathie e cerca de quinze raptados nos reunimos em meu estúdio para conversar sobre o que esses acontecimentos significaram a nível pessoal para cada um de nós. Cada qual lutou com a descrença interna — e natural. Cada qual exprimiu sua versão do lamento do magistrado Frankfurter, sua incapacidade de, apesar da prova, aceitar o inimaginável. Cada qual lidou com o inegável custo emocional dessas experiências. Nessa reunião de companheiros sobreviventes, Kathie optou por falar enfim sobre seu segredo mais íntimo — a lembrança da menininha.[77] Mas primeiro discorreu sobre a realidade de suas experiências com OVNI, falando em tom tranquilo, em um devaneio lento e cuidadoso. De tempos em tempos, a tristeza do que estava descrevendo quase subjugava suas palavras.

"Tenho muita dificuldade em aceitar isso. Uma parte de mim aceita de fato... e vem sabendo disso talvez durante nove anos. Mas a coisa é tão forçada e ultrajante, que tenho extrema dificuldade de aceitar de verdade. Não espero que qualquer outra pessoa aceite e acredito que se eu ouvisse isso de algum de vocês, eu tampouco aceitaria... pelo menos não no princípio. É muito ultrajante mesmo... para mim, em todo caso. Talvez seja porque vem de mim. E eu não sei... só tem uma coisa relacionada com essa coisa toda e é o fato de que eu *estava* grávida. Havia provas médicas de que estava grávida, um exame, um teste de sangue e um teste de urina.

"E, de repente, eu não estava mais grávida, e jamais apareceu nada que me explicasse que..., mas, em todo caso... eu tinha dezessete anos... Eu queria pensar que foi uma dessas coisas que acontecem..., mas por dentro eu sempre *soube*... que tinha um filho em alguma parte... uma menina. Sempre pensei isso, mas jamais externei para ninguém. Depois, quando me divorciei e fui fazer terapia... o mais próximo que pude chegar a mencionar isso foi que eu sentia... nós conversávamos como se fosse um aborto normal. Mas até mesmo meu médico dizia: 'Por que nós não fingimos que isso jamais aconteceu?' Era só um médico do

77- Essa conversa ocorreu antes de Kathie ter o sonho com o outro "filho". Ainda não lhe haviam falado de Andrew, Elizabeth e os outros, de modo que, aqui, seu testemunho se centra na menininha, da maneira como Kathie se lembrava dela, desde a experiência de sua apresentação original em 1983.

interior... ele também ficou desconcertado..., mas eu sempre soube que tinha uma filha... e... Isso é muito duro mesmo...

"Nunca relacionei isso com qualquer dessas coisas, jamais. Nem mesmo quando minha atenção foi voltada para o fato de que era possível que estivesse relacionado (com os OVNI's.), mesmo assim eu não aceitei. Mas em minha última sessão de hipnose... penso que foi a pior que já tive... a princípio eu nem sequer queria lembrar de coisa alguma... eu sempre soube que alguma coisa tinha acontecido comigo naquela noite, na casa de minha irmã. Eu sempre soube. E sempre que retorno àquele lugar... isso passa pela minha mente, e eu descarto..., mas eu sempre soube que alguma coisa tinha acontecido lá. E eu simplesmente não conseguia... eu só... bloqueava." Kathie continua a descrever o acontecimento mais doloroso de sua vida, a retirada de seu útero do bebê em desenvolvimento. Ela manteve sua compostura tranquila, mas as lágrimas revelaram sua emoção.

"De modo que quando exploramos isso na hipnose e foi muito duro mesmo... Não sei o que eles tiraram de mim... Não sei... como dizer... eu não sei o que eles tiraram de mim..., mas... eu *sabia* o que eles haviam tirado de mim e isso... me perturbava... um bocado... Fiquei quase histérica... e furiosa. Gritei com eles e disse que não era justo e que aquilo me pertencia. Eu disse a Budd que não conseguia acreditar que eles tivessem ficado surpresos com minha reação... esta deixou-os atônitos...

"E depois, em outubro de 1983, quando eles vieram... quando eu tive os sonhos... e ouvi meu nome sendo chamado... e aquela experiência, quando terminei em meu pátio dos fundos e minha mãe me deixou entrar... então, sob hipnose eu estava com... seja lá o que for esse povo... e de novo... nós estávamos no quarto, eu estava sentada em uma mesa, e o meu amigo, ou seja lá o que for que vocês queiram chamá-lo, estava comigo... havia um bocado deles por lá, e eles estavam muito contentes... Queriam mostrar alguma coisa para mim... e eu olhei para uma das extremidades do aposento diante de mim, e dois deles entraram pelo vão da porta... Entre eles, segurando as mãos estava uma pequenininha... pessoa... mais ou menos dessa altura, e eu sabia que era menina... Não sei porque... Não sei se eles me disseram ou não... não compreendo um bocado de coisas nisso... e... eu não sei se eles me estavam mostrando para ela ou se ela para mim, mas ela estava com

um medo extremo de mim e tudo que eu queria fazer era segurá-la. Ela parecia tão patética... e eu fiquei... um tanto ou quanto desconcertada..." Nesse ponto, Kathie fez uma pausa de mais ou menos um minuto antes de conseguir continuar com o relato.

"Eles disseram-me que eu a veria outra vez. Este é o motivo pelo qual não desejo que eles não voltem... pela chance mínima de que isso não seja... apenas um sonho. Essa é uma coisa que não quero perder... e eles disseram-me que eu não podia cuidar dela, porque não conseguiria alimentá-la, e ela morreria se ficasse comigo... E ela seria muito bem cuidada, e eu a veria outra vez. Depois eles a levaram embora. Foi... muito triste mesmo... muito triste. Não era assim que devia terminar. Eles não imaginavam que eu reagisse da maneira como reagi. E eles ficaram surpresos com o modo como agi... Sinto isso.

"Não há nada na minha vida... eu nunca tive esse tipo de experiência ou esse tipo de sentimento... assim, como é que você vai saber o que sentir se nunca antes vivenciou nada disso? Como sentir isso com intensidade? *Agora* eu sei qual o sentimento de ser mãe... Tenho meus dois garotinhos e não há, no mundo inteiro, nenhum outro sentimento parecido como quando você vê seu bebê... mesmo antes. Eu não tinha nenhum filho, no entanto, quando eles me tomaram... pensei que eu fosse morrer. Eles tiraram uma parte de mim. E como eu ia saber a maneira de sentir isso? Na época, eu nem ao menos tinha filhos..., no entanto, eu sabia como sentir. Foi tão intenso, e agora eu compreendo, pois tenho filhos. É realmente... o sentimento é tão forte que eu tenho... um outro. O sentimento é tão forte e foi tão forte nos últimos nove anos, que uma parte de mim desapareceu... É muito forte mesmo... e uma parte de mim não quer acreditar em nada disso, porque é, de fato, a coisa mais maluca que já ouvi em minha vida. E não faz o menor sentido..." Kathie foi possuída pela tristeza e amargura, e durante algum tempo ficamos sentados em silêncio.

Alguns momentos depois, ela acrescentou algo sobre seu sentimento de raiva para com os raptores do OVNI... "Quando falo em sentir raiva pelo que eles estão fazendo, isso sempre tem a ver com crianças... Quando eles começam a se divertir com crianças... como meus garotinhos, Robbie e Tommy. Fico furiosa, muito furiosa mesmo. Não por mim, ou pelo que fizeram comigo. Mas por causa de meus filhos..."

Nenhum de nós sabe o que é de fato o fenômeno OVNI, ou qual

pode ser seu objetivo último, mas, na ausência de respostas, devemos pelo menos atuar sobre nossos sentimentos. Em lugar do ridículo e recusa simplória que encontramos com tanta frequência, devemos oferecer a compreensão e o sincero apoio emocional a esses companheiros seres humanos, que suportaram tais experiências, que perturba de modo tão profundo e insondável, e que são experiências verdadeiramente estranhas. Eles são, em todos os sentidos da palavra, vítimas. E, todavia, também são pioneiros, contra a própria vontade. Para o bem ou para o mal, eles viram o futuro.

APÊNDICE A

Cronologia dos Incidentes com OVNI's na Família Davis

Kathie Davis nasceu em Indianapolis, Indiana, a 2 de fevereiro de 1959. Terminou a escola secundária e se casou em 1978. Em julho de 1979, deu à luz seu filho Robbie. Tommy nasceu em setembro de 1980. Kathie divorciou-se em 1981, e a situação financeira disso resultante obrigou que ela e os dois filhos muito novos voltassem para a casa de seus pais. Em 1984, ela entrou para uma escola técnica e aprendeu uma profissão. No verão de 1986, ela mudou-se com os filhos para um apartamento e desde então começou a obter uma existência independente e autossustentável do ponto de vista financeiro. A relação seguinte de incidentes relacionados com OVNI's é apresentada em forma de esboço. Alguns — mas não todos — desses incidentes já foram tratados em capítulos anteriores, e assim estão indicados.

1. Provavelmente no inverno de 1966; Detroit, Michigan. Kathie e a irmã Laura visitam amigos da família, que se mudaram para a região de Detroit. Kathie sai para brincar e após um clarão de luz e um barulho alto, ela se perde. Fica perdida, mas vê o que lhe parece ser a casa dos amigos. Apesar de fazer frio e de o solo estar coberto de neve, a porta da casa está aberta. Ela entra e se depara com uma família de aparência estranha; um "garotinho" a leva para seu "quarto de brincar", um lugar redondo, branco e sem janelas, onde ele pede que Kathie se sente no chão. "Vou fazer um truque com você", ele diz, e um pequeno aparelho parecido com uma máquina,

próximo a ela, faz um súbito corte penetrante na parte inferior da perna de Kathie. Por um momento, o garotinho transforma-se em uma figura baixa, de cabeça grande e pele cinza, que está parada ao lado de uma mesa. Após um momento não recordado, ela é levada, pela estranha família, para fora dessa "casa". Ainda perdida, ela vê a irmã Laura aproximando-se, andando como se estivesse dormindo. Sem dizer uma palavra, Laura pega sua mão, faz a volta, e as duas retornam à casa dos amigos. A maior das duas cicatrizes de Kathie, a situada mais em cima, é o resultado dessa experiência. Kathie fez duas sessões de hipnose em relação a esse incidente; mas Laura, que nada se lembra sobre ele, vem declinando até hoje de ser hipnotizada. (Talvez Kathie tenha tido uma experiência com OVNI anterior, ainda não explorada, quando estava com dois ou três anos de idade. Ela tem um sonho repetido com sua mãe escondendo-se com ela em um armário, porque "alguma coisa no céu" as ameaçava. Veja capítulo 1.)

2. Julho de 1975; Parque Nacional de Rough River, Kentucky. Kathie, com dezesseis anos de idade, visita o parque com a amiga Nan, de dezessete anos e outros. Após ter visto quatro luzes em espiral, Kathie encontra um homem de aparência normal — que lembra em muito a própria Kathie — e seus dois companheiros altos e silenciosos, que se comportam da maneira mais estranha. A hipnose foi empregada duas vezes para explorar esse incidente, que é tratado aqui no capítulo 6.

3. Dezembro de 1977; Indianapolis, Indiana. Em uma região rural, Kathie, com dezoito anos de idade, e suas amigas Dorothy e Roberta estão andando de carro tarde da noite. É avistada uma luz de brilho estranho, que, em um determinado momento, desce ao solo. Dorothy para o carro a fim de investigar, enquanto uma assustada Roberta se esconde no assento traseiro. Kathie é levada para um OVNI aterrissado e é submetida a uma operação ginecológica. Esse acontecimento-chave é tratado no capítulo 7.

4. Março de 1978. Na casa da irmã Laura, nos arredores de Indianapolis, Kathie é raptada e levada para dentro de um OVNI, onde ocorre uma segunda operação ginecológica. Esse incidente é tratado no capítulo 7.

5. Primavera ou verão de 1979. Grávida de Robbie, Kathie é reti-

rada de seu apartamento em Indianapolis e levada para um OVNI. Enquanto está deitada em uma mesa, ela experimenta, entre outras coisas, a sensação de uma sonda fina estar sendo pressionada dentro de suas narinas. Mostram-lhe uma pequena caixa preta, que ela se lembrará para que serve. Esse incidente é tratado no capítulo 3.

6. 1980. Kathie recebe uma série de telefonemas enigmáticos e indecifráveis em intervalos regulares, durante os nove meses da gravidez de Tommy. Não se tentou nenhuma hipnose com relação a esses estranhos telefonemas, que continuam inexplorados. Veja capítulo 1.

7. 30 de junho de 1983. Um OVNI aterrissa próximo à casa de seus pais. Kathie é imobilizada e irradiada de luz. Uma sonda é inserida em seu ouvido e ela sofre o que parece ser o efeito de uma leve intoxicação radiativa. Esse incidente, que provocou sua carta inicial, é assunto do capítulo 2.

8. 3 de outubro de 1983. Kathie sofre um rapto em dois estágios. Ao dirigir-se para uma loja, o carro é parado, e ocorre uma conversa com uma figura baixa de pele cinza. Um pouco mais tarde, ela é retirada de seu quarto e levada para um OVNI. Após uma espécie de exame físico, mostram-lhe uma criança pequena. Detalhes dos dois estágios do rapto emergem em duas sessões de hipnose, bem separadas no tempo. Os detalhes anteriores vieram à tona em outubro de 1983, pouco depois de ocorrer o incidente. As lembranças de Kathie sobre a criança só vieram à luz meses depois, de modo espontâneo, sem o uso da hipnose; de fato, só em janeiro de 1985 é que a hipnose foi empregada para reanimar as recordações posteriores. Os acontecimentos anteriores são tratados no capítulo 3, e as lembranças sobre a menininha no capítulo 8.

9. 26 de novembro de 1983. A casa dos Davis é invadida por uma figura baixa e de cabeça grande, que paralisa Robbie, enquanto aparentemente coloca um implante nasal no pequeno Tommy. Enquanto isso, Kathie é raptada outra vez. O incidente que envolve os filhos de Kathie é tratado no capítulo 4. A hipnose em relação ao aparente rapto simultâneo de Kathie só foi realizada em maio de 1986. Esse relato aparece no capítulo 9.

10. Fevereiro de 1986. Kathie é acordada por Robbie, que descreve ter sido assustado por uma luz vermelha, que deslizou pela pare-

de de seu quarto, “como uma aranha”. Minutos depois, Kathie vê uma figura baixa de pele cinza, passando com calma pelo corredor, ao que parece, depois de sair do quarto onde Tommy estava dormindo sozinho. Esse incidente não foi explorado por hipnose. Está escrito em detalhes no capítulo 4.

11. Abril de 1986. Kathie é raptada outra vez da casa dos Davis, e lhe mostram um minúsculo bebê. Nessa apresentação, a menininha que ela havia visto antes, observa a maneira como Kathie trata da pequena criança. Esse acontecimento extraordinário é tratado no capítulo 9.

12. Setembro de 1986. Ao dirigir-se de carro, tarde da noite, para seu apartamento, com Robbie e Tommy, Kathie avista, em dois momentos e lugares diferentes, um enorme objeto oval e brilhante pairando por cima das árvores. De maneira inexplicável, ela chega atrasada mais de uma hora. Várias horas depois, Robbie entra em seu quarto, sofrendo de séria hemorragia nasal — sua primeira. Fora esse escrito, os acontecimentos dessa noite não foram explorados, mas o relato sugere que pode ter ocorrido mais um rapto, que com toda possibilidade se centrou em Robbie e não em seu irmão e que talvez tenha havido um implante nasal.

As doze experiências esboçadas acima abrangem uma relação nem um pouco completa dos possíveis encontros de Kathie Davis com OVNI’s. Em pelo menos dez outras ocasiões, entre 1984 e 1986, Kathie telefonou ou escreveu para me contar certos sonhos perturbadores, *flashbacks* sugestivos ou condições físicas peculiares. Ela disse, uma série de vezes, que se sentia como se estivesse grávida, situação esta “impossível”, que hoje, à luz de uma compreensão tardia, nem chega a parecer surpreendente.

Eu excluí, de modo deliberado, da relação acima, uma série de acontecimentos anômalos relacionados com isso, na vida de Kathie. Alguns foram apagados por uma razão tática — para proporcionar um meio de checar a veracidade de qualquer relato semelhante que esse livro possa trazer à tona no futuro. Também omiti uma série de relatos menos importantes e de potencialidade perturbadora, que não são claros o suficiente para ter sua inclusão garantida no que já pode ser uma história de extrema complexidade. (É óbvio que esse material se-

cundário está à disposição de qualquer pesquisador sério e qualificado, que o requeira.)

Laura Davis, a irmã mais velha de Kathie, nascida em 1947. Laura está empregada em uma indústria de prestação de serviços, assim como seu marido Johnny. O casal tem quatro filhos e mora em uma região rural, nos arredores de Indianapolis.

> ***13. 1949-1950*** - O testemunho tanto de Laura como da mãe sugere que é possível que ambas foram raptadas quando se escondiam em um armário, para fugir de "dois homens", que as ameaçavam de fora da casa — embora esse incidente tenha sido explicado no *capítulo 1*, ele é muito ambíguo.
> ***14. 1965***. Ao voltar de carro para casa, em uma tarde de domingo do início do outono, Laura se vê compelida a sair da rua principal e estacionar atrás de uma igreja. De repente, fica escuro, e quando ela olha para cima, vê um OVNI todo iluminado afastando-se de seu carro. Ela volta para casa e percebe que esteve perdida durante cerca de duas horas. Em duas sessões de hipnose — em novembro de 1984 e em maio de 1985 — Laura recorda-se de que foi levantada, ao que parece com carro e tudo, e levada para dentro do OVNI. Ela vê o estacionamento abaixo, mas seu carro não está lá. Dentro da nave, observa uma mesa comprida e três figuras cinzas e sombrias, paradas perto dela, mas suas memórias terminam aí. Como Laura foi contra passar por mais regressões hipnóticas, encontra-se parada a investigação sobre esse rapto, que é discutido no *capítulo 1*.

Stevie, O filho de Laura, nasceu em 1976. Por volta das 3h00 de uma madrugada de março de 1985, Stevie acorda, quando uma luz branca e redonda, quase duas vezes maior do que uma bola de basquete, flutua do lado de fora da cozinha e entra na sala de estar, onde ele dormia no sofá (por coincidência, o mesmo sofá de onde Kathie foi raptada quando tomava conta do bebê de Laura, em março de 1978.) Stevie observa a luz deslocar-se até o corredor, onde faz uma pausa de momentos do lado de fora de cada porta de quarto. Após retornar à sala de estar, a luz assenta-se em uma mesa próxima ao seu sofá. Nesse momento, Stevie se vê com muito medo e não consegue se mexer — e,

um instante depois, ele "passa a dormir". Acorda quase de imediato e vê dois homens baixos de pele cinza, vestidos com macacões cinzentos de uma peça e que estão parados perto dele. Stevie fica aterrorizado, mas ainda se encontra paralisado. Os homens agem como se estivessem conversando sobre ele, mas ele nada ouve. Eles têm "olhos enormes, engraçados e negros, de cantos meio pontudos", não têm cabelos, nem orelhas e "as bocas são uma linha". Um deles "diz meu nome". Stevie "torna a dormir" e quando acorda, a luz ainda está lá, mas os homenzinhos desapareceram. A luz sai flutuando pelo lugar de onde entrou, e as lembranças terminam nesse ponto. Em maio de 1985, foi realizada uma hipnose para explorar esse incidente, mas apareceu muito pouca informação nova. Stevie é uma criança bem normal, digna de confiança e basicamente sem imaginação. Ele sentiu um medo autêntico durante a sessão, e eu acredito que essa experiência tenha mais coisas, das quais ele não está se lembrando. (Esse incidente não foi mencionado em nenhum capítulo anterior.)

APÊNDICE B

Comentários sobre o Uso da Hipnose

A primeira vez que tomei conhecimento da hipnose foi em 1977, quando fui hipnotizado pelo Dr. Robert Naiman, um psiquiatra com clínica na cidade de Nova York. Ele me ensinou a técnica da auto-hipnose, que, no decorrer dos anos, se tem mostrado muito benéfica. Observei os procedimentos do Dr. Naiman uma série de vezes, com várias testemunhas de encontros com OVNI's, e, desde então, assisti o que devem ser centenas de horas de sessões de hipnose realizadas por outros psiquiatras e psicólogos. (Entre eles estão incluídos o Dr. Don Klein do Hospital Presbiteriano de Columbia, em Nova York, a Dra. Margaret Brennaman, e os psicólogos Gerard Franklin e, em especial, Aphrodite Clamar.) Nas palavras do Dr. Ernest Hilgard do Laboratório de Pesquisa Hipnótica da Universidade de Stanford, "as qualidades para um hipnotizador ser bem-sucedido são muito, muito mínimas. A hipnose é uma técnica, igual ao uso do estetoscópio, e o que você faz com ela é mais importante do que a técnica de rotina".[78] Eu aprendi essa "técnica de rotina", tanto através de anos de observação cuidadosa como pela auto-hipnose que me foi ensinada pelo Dr. Naiman. O Dr. Don Klein também me ajudou a refinar essa técnica. Acredito que o discernimento simpático da alma de um ser humano seja o fator crucial para o uso bem-sucedido da hipnose.

Durante décadas, essa técnica tem sido empregada por psicólogos, policiais, fumantes, pessoas com insônia, gordos, dentistas, médicos, pesquisadores de OVNI's e outras inúmeras profissões, tanto como um meio de se recuperar memórias "perdidas", quanto como um proced-

78- *Psychology Today*, janeiro de 1986, p. 24.

imento quase médico — às vezes, um substituto de anestésicos mais convencionais. Nos últimos anos, o testemunho extraído através da regressão hipnótica tem sido, em certas ocasiões, apresentado como prova em tribunais e é aí, no cenário jurídico, que surgiu a controvérsia em relação a sua validade. Em dezembro de 1984, em uma tentativa de tratar, em particular, o problema forense, o Conselho de Assuntos Científicos da Associação Médica Americana publicou um complexo relatório sobre o tema, que ajudou a validar seu uso em casos de tempo desaparecido. Após um extenso estudo, o Conselho declarou que apesar de seu valor em muitas áreas, a hipnose não representa um atalho automático para certa verdade, como alguns demandantes haviam sugerido. A AMA questionou com vigor a conveniência do uso da hipnose em situações jurídicas. O raciocínio que está por trás dessa reserva devia ser óbvio. Posto que *toda* observação humana e memória podem ser defeituosas e a hipnose apenas traz à mente consciente mais lembranças do que aquelas que o hipnotizado se recordava antes, essas novas rememorações também estão limitadas de modo inevitável tanto pela precisão *como* pela imprecisão. Por exemplo, digamos que a testemunha de um roubo não percebeu direito, no momento, a cor do casaco do assaltante, e, mais tarde, o choque e o trauma fazem com que ela reprima a maioria dos detalhes do roubo. Entretanto, sob a hipnose, ela pode recordar-se agora de uma grande quantidade dessas memórias antes esquecidas — inclusive de sua percepção errônea. A hipnose não pode garantir a acurácia, uma vez que ela não aperfeiçoa a observação original — possivelmente falha — da pessoa, ela apenas aumenta o número dessas observações. E é óbvio que, em uma situação jurídica, a precisão de um detalhe tão pequeno e "insignificante" como a cor do casaco de um assaltante é crucial, com frequência, na resolução de um caso. Em um julgamento dessa natureza, a questão não é se a hipnose ajudou a recordação geral de uma testemunha sobre um assalto a banco "esquecido de modo traumático" — este fato pode ser garantido. O que é importante, em meu exemplo, é a precisão de um pequeno detalhe, e aí a AMA recomenda que se tenha extrema cautela.

Entretanto, em situações que envolvam a amnésia e períodos de "tempo desaparecido", o relatório da AMA aceita a eficácia da hipnose. Em contraste ao meu exemplo jurídico acima, a questão de se um rapto por OVNI de duas horas ocorreu ou não, não depende da acurá-

cia de um detalhe específico e trivial. Aqui, nós estamos tentando recuperar um período de *horas* esquecidas na vida de alguém, envolvendo miríades de detalhes e sensações físicas, que antes de serem mundanos e de esquecimento fácil, são de uma estranheza memorável. A forma de amnésia com que lidamos nesses casos de OVNI é muito mais do clássico tipo de "fuga". E sobre situações como essa, o relatório da AMA afirma o seguinte: "No caso de fugas (no qual um indivíduo esquece sua identidade.), a hipnose pode ser um procedimento clínico eficiente para ajudar a pessoa a recuperar sua identidade. Quando usada dessa maneira, a hipnose pode servir para restabelecer as lembranças antigas do indivíduo."[79] A lógica da posição da AMA, portanto, seria confiar na hipnose para restabelecer as recordações gerais de um raptado sobre sua experiência, embora não seja recomendado que o raptado testemunhe sob juramento sobre sua memória de um pequeno detalhe particular — a exata tonalidade do cinza da pele de um alienígena, talvez. Minha atitude está em consonância com a da AMA. Confio por completo na precisão desses pequenos detalhes muito específicos, apenas quando eles tornam a ocorrer em caso após caso, mas não tenho dúvida quanto à utilidade da hipnose em desvendar o cenário geral do rapto.

Mas deve ser assinalada uma última e importante concepção errônea: em geral, acredita-se que a validade do fenômeno do rapto por OVNI em si tenha, de certa maneira, um vínculo intricado com a técnica da hipnose. Essa ideia falsa começou, eu acredito, com o caso de Betty e Barney Hill, situação em que a hipnose *foi* necessária para deslindar o mistério. Mas até hoje já trabalhei com quatorze raptados, que se recordaram por completo de suas experiências de rapto, de maneira normal, sem o uso da hipnose. (Na literatura sobre OVNI, por exemplo, alguns dos casos de rapto mais conhecidos — o caso Hickson-Parker em Pascagoula, Mississippi, e o caso Travis Walton em Snowflake, Arizona — também foram recordados de modo natural, sem o uso da hipnose.) Embora a hipnose se tenha demonstrado útil na maioria dos casos de rapto por OVNI, para ajudar os raptados a superar o que parecia ser uma amnésia imposta de fora para dentro, existem muitos casos em que ela não foi necessária. A hipnose é apenas mais uma ferramenta de investigação, que os pesquisadores sobre OVNI usam para examinar nosso mistério moderno mais perturbador.

79- *Journal of the American Medicai Association*, 5 de abril de 1985, Vol. 253, N? 13, pp. 1918-1923.

APÊNDICE C

Hipnose de Joyce Lloyd sobre os Acontecimentos de 30 de Junho de 1986

BUDD HOPKINS: *(Prepara o cenário baseado no que Joyce havia descrito antes: é o fim de semana antes de 4 de julho de 1983... você está assistindo tevê... é uma noite quente e úmida... você está na sala de jantar, arrumando, etc.)* Você consegue se ver na sala de jantar, vestida com roupas leves de verão?

JOYCE LLOYD: Hum, hum.

BUDD HOPKINS: Conte-me o que você está limpando... uma sala de jantar bagunçada?

JOYCE LLOYD: Estou tirando tudo das prateleiras da sala de jantar.

BUDD HOPKINS: E leva algum tempo fazendo isso?

JOYCE LLOYD: Isso mesmo, eu tinha um bocado de bugigangas para limpar. Tirar o pó da mesa.

BUDD HOPKINS: O que acontece enquanto você faz isso... a tevê está ligada?

JOYCE LLOYD: A tevê da sala de estar está ligada.

BUDD HOPKINS: Você consegue ver que programa está assistindo?

JOYCE LLOYD: Na verdade, eu não estou prestando atenção na tevê... só ouvindo... tirando o pó da mobília... e escuto esse barulho, que é alto, e há luzes. O cão fica com medo... eu me pergunto o que será. A casa inteira treme. As luzes se apagam. Olho para a sala de estar... a tevê... a tevê fica toda vermelha... não tem nenhum som. Deve ser um relâmpago. As luzes se acendem, apagam. Luz... há

luz em minha janela. Pergunto-me se devo telefonar para os Davis... *(Pausa, suspira)* Hum...

BUDD HOPKINS: O que está acontecendo, Joyce?

JOYCE LLOYD: Não sei o que pensar. Não sei... só um barulho alto... treme a casa. Não estou com medo... só estou curiosa.

BUDD HOPKINS: Como você se sente quando isso acontece?

JOYCE LLOYD: Só calor.

BUDD HOPKINS: Calor? Você vai até a janela e olha para fora? *(Essa foi uma pergunta deliberadamente indutora de minha parte, posto que supus, pelo que Joyce havia dito antes, que, com toda probabilidade, ela não conseguiria se mexer, se levantar e ir até a janela. Seu testemunho posterior sugere que é provável que tenha sido este o caso)*

JOYCE LLOYD: Da mesa da sala de estar eu vejo a luz do lado de fora da janela e ouço o barulho. É um barulho alto.

BUDD HOPKINS: De que direção vêm as luzes que você vê?

JOYCE LLOYD: Da casa dos Davis. Tenho medo que talvez alguém se machuque, o barulho é tão alto. Penso que devia ligar... *(Nota: um bosque bem denso ocupa a região entre as duas casas; é possível ver luzes brilhando por entre as árvores, mas as casas em si são muitíssimo obscuras)*

BUDD HOPKINS: Por que você não telefona?

JOYCE LLOYD: Não sei... alguma coisa... alguma coisa me interrompe. Sinto meu corpo muito quente mesmo.

BUDD HOPKINS: Onde você se encontra nesse exato momento em que isso acontece?

JOYCE LLOYD: Estou na sala de jantar, acho. Só fico olhando para o telefone. Fico pensando "espero que Bernie se apresse e volte para casa". Penso que talvez seja um relâmpago. Não me sinto quente agora. O cachorro acalmou-se... o cachorro cai no sono. Fico perguntando-me o que é isso... pergunto-me se alguém mais escutou...

BUDD HOPKINS: É alto o suficiente para mover qualquer coisa de sua casa?

JOYCE LLOYD: A lâmpada em cima da mesa. A casa tremeu como se todo terreno estivesse tremendo.

BUDD HOPKINS: Parecido com um terremoto?

JOYCE LLOYD: Isso mesmo... só que eu não conseguia imaginar o que

isso podia ser para tremer a terra com tanta força.

BUDD HOPKINS: Por que você não liga para os Davis e pergunta?

JOYCE LLOYD: Não sei... eu quero e penso nisso e não sei por que... acho que devia telefonar. Eu não sei.

BUDD HOPKINS: Você notou a hora em que isso acontece?

JOYCE LLOYD: Tenho que olhar... 22h45.

BUDD HOPKINS: 22h45. Em que relógio você olhou?

JOYCE LLOYD: No relógio da sala de jantar, na parede, na sala de jantar.

BUDD HOPKINS: A que horas Bernie chegou em casa?

JOYCE LLOYD: Bem, pouco depois... 25 minutos.

BUDD HOPKINS: Você contou isso para ele?

JOYCE LLOYD: Assim que ele entrou em casa.

BUDD HOPKINS: O que você diz a ele?

JOYCE LLOYD: Ele não iria acreditar no que aconteceu. Por que aconteceu? Ele me diz: “Nada, não fique excitada, é provável que tenha sido só um carro que bateu em um poste.” Eu disse que não, não podia ser, o choque foi forte demais, o som foi alto demais. De modo que simplesmente eu desisti, não pensei mais na coisa. Ainda não sei por que eu não telefono. Eu estava com muito medo mesmo de que alguém pudesse ter-se machucado. Não sei por que não telefono...

Outras obras publicadas pela RECORD

AS APARIÇÕES
Erich Von Däniken

O GRANDE ENIGMA
Erich Von Däniken

A TERRA OCA
Raymond Bernard

COMUNHÃO
Whitley Strieber

EM BUSCA DE NOSSOS ANTEPASSADOS CÓSMICOS
Maurice Chatelain

Se estiver interessado em receber sem compromisso, e de forma absolutamente grátis, pelo correio, notícias sobre os novos lançamentos da Record e ofertas especiais dos nossos livros, escreva para RP Record Caixa Postal 23.052 CEP 20922-970, Rio de Janeiro, RJ, dando seu nome e endereço completos, para efetuarmos sua inclusão imediata no cadastro de Leitores Preferenciais. Seja bem-vindo! Válido somente no Brasil.

Impresso no Brasil pelo
Sistema Cameron da Divisão Gráfica da
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.
Rua Argentina 171 — 20921-380 Rio de Janeiro, RJ — Tel.: 585-2000